

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

SUMÁRIO DO NÚMERO DE JULHO-SETEMBRO DE 1944

APRESENTAÇÃO,

pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES 311

ARTIGOS

GEOGRAFIA: CIÊNCIA MODERNA AO SERVIÇO DO HOMEM,

pelo Prof JORGE ZARUR, da Comissão de Redação da *Revista Brasileira de Geografia* 313

GEOGRAFIA AMAZÔNICA: NAS FRONTEIRAS DO NORTE,

pelo Comte BRÁS DIAS DE AGUIAR, Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia 327

COMUNICAÇÃO SOBRE APARELHOS DE ESTEREOFOTOGRAMETRIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO,

pelo major BENJAMIM ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI, do Serviço Geográfico do Exército 349

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

JOAQUIM NABUCO,

pelo Prof JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA 364

THEODORE ROOSEVELT,

pelo Prof JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA 369

COMENTÁRIOS

AS RESOLUÇÕES DA II REUNIÃO PAN-AMERICANA DE CONSULTA SOBRE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA,

pela Redação 375

NOVA METODOLOGIA NO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA,

pela Redação 380

EXPOSIÇÕES: DE CARTOGRAFIA PAN-AMERICANA E DE ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO BRASIL E DE GEOGRAFIA,

pela Redação 382

SANTA-CATARINA NA EXPOSIÇÃO DO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA,

pelo Eng VÍTOR PELUSO JÚNIOR 392

NOTICIÁRIO

II REUNIÃO PAN-AMERICANA DE CONSULTA SOBRE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA 404

CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA 429

X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA 430

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano VI

JULHO-SETEMBRO DE 1944

N.º 3

APRESENTAÇÃO

Feliz foi a iniciativa da Comissão de Redação da Revista Brasileira de Geografia, dedicando o seu número 3 — Ano VI, referente ao trimestre de julho a setembro de 1944, especialmente ao registo adequado dos importantes certames de cultura geográfica, havidos no Brasil durante aquêlê período um, de larga projeção continental, a “II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia”, outro, de feição e finalidade nacional, o “X Congresso Brasileiro de Geografia”.

Em ambos coube ao Conselho Nacional de Geografia missão importante, pois, na assembléia internacional, promovida pelo prestigioso Instituto Pan-Americano de Geografia e História, foi o Conselho o seu organizador, pesando-lhe responsabilidades imensas; e na conferência nacional, de iniciativa da benemérita Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, foi o Conselho patrocinador vigilante e incansável

Um fato concreto, que se processou em seqüência espontânea dos acontecimentos, reflete bem a dedicação com que se houve o Conselho Nacional de Geografia no preparo das duas importantes reuniões culturais geográficas de 1944. em ambas foram eleitos Presidente e Secretário-Geral, respectivamente, o Presidente e o Secretário-Geral do Conselho.

Na atitude uniforme dos técnicos estrangeiros e nacionais, reunidos para estudos, sente-se não tanto a homenagem, carinhosa e desvanecedora, senão o reconhecimento funcional, de que o Conselho está bem desempenhando a grandiosa missão de coordenar e desenvolver organicamente as atividades geográficas no país

O presente número da Revista marca um trimestre excepcional e, ao apresentar as duas grandes reuniões geográficas nêlê havidas, faz-lhes sobretudo um registo cultural, divulgando a matéria mais ao sabor de leitores de revista científica.

Dentro dessa orientação foi preparado êste número da Revista, que, na secção de Noticiário divulga sumariamente todos os fatos

ocorridos nos dois certames, na secção de Comentários apresenta as deliberações tomadas, e na secção de Artigos oferece algumas das principais comunicações técnicas e científicas nêles formuladas.

Evidentemente, apresenta a Revista apenas uma pequena parte da grande produção cultural movimentada, a qual só poderá aparecer integralmente nos respectivos Anais, cuja elaboração está iniciada, com o propósito de aparecimento o mais breve possível

Rio-de-Janeiro, setembro de 1944

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
*Presidente do Instituto Brasileiro
de Geografia e Estatística*

GEOGRAFIA: CIÊNCIA MODERNA AO SERVIÇO DO HOMEM

Prof Jorge Zarur

Da Comissão de Redação da
REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Tenho a grande responsabilidade de continuar uma tradição, a tradição começada pelo meu grande mestre, o professor DELGADO DE CARVALHO. Há quatro anos, no Congresso de Santa-Catarina, êle falou aos congressistas sôbre a Geografia Moderna e sua conceituação. Hoje, um dos seus discípulos vos falará sôbre a possibilidade de se pôr a Geografia a serviço do Homem, torná-la uma ciência aplicada

Assim, sinto-me com a responsabilidade de quem continua uma obra, por isso quero prosseguir, da melhor maneira possível, o trabalho iniciado pelo Mestre

Nos últimos quatro anos da minha vida profissional, tive oportunidade de observar como a ciência geográfica progrediu. Trabalhando, não só aqui, no Brasil,

como também no estrangeiro, tive a feliz oportunidade de, nos Estados-Unidos, acompanhar de

perto o movimento renovador, essa luta tremenda dos geógrafos modernos que pretendem tirar a Geografia das lides puramente acadêmicas ou dos laboratórios, pondo-a a serviço do homem e tornando-a uma ferramenta útil e básica para os administradores e planejadores. Voltei um entusiasta dessa batalha e, agora, quero ser um dos seus soldados aqui na minha terra, que é, na realidade, o paraíso e grande laboratório dos geógrafos ativos.

Desejo começar a minha palestra pela

conclusão. Pela conclusão, de modo muito informal e fazendo com que o desenvolvimento, que espero ser de 30 minutos, seja a justificação desta conclusão

Iniciando as brilhantes palestras programadas para o X Congresso Brasileiro de Geografia e devidamente noticiadas noutro local desta REVISTA, o Prof JORGE ZARUR proferiu, no dia 8 de setembro, a conferência aqui transcrita

Apresentando-o, assim se expressou o Dr CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO:

Cabe-me a tarefa de apresentar o conferencista de hoje Vou apresentá-lo com duas palavras — o geógrafo moderno Mas, para que seja bem entendido, preciso esclarecer o que entendo por geógrafo e o que entendo por geógrafo moderno

O QUE ENTENDO POR GEÓGRAFO

Podemos considerar três grupos de atividades geográficas — a medição do território, a representação do território e a interpretação do território

A MEDIÇÃO DO TERRITÓRIO

A medição do território exige a atuação de astrônomos, geodestas topógrafos e de aerofotogrametristas ou, se quiserem, de fotogrametristas

A REPRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO

A representação do território exige a colaboração de cartógrafos, ou melhor, de desenhistas cartógrafos

A INTERPRETAÇÃO DO TERRITÓRIO

Finalmente, na interpretação do território é que atua o que se chama — geógrafo

O QUE ENTENDO POR GEÓGRAFO MODERNO

Entendo por geógrafo moderno aquele que faz a interpretação dentro de três características fundamentais: primeira, o caráter científico, isto é, a explicação dos fenômenos; segunda, tenha a interpretação, como fundamental, a consideração do homem — é a tendência moderna da Geografia; terceira, haja na interpretação um sentido de utilidade

Apresento-vos JORGE ZARUR, geógrafo moderno

Depois da palestra que vai fazer, quero merecer de cada um de vós um pronunciamento sôbre se acertei ou não na apresentação

Depois dêste período de ausência, volto convicto da necessidade de se desenvolver no Brasil, de maneira intensiva, os estudos sôbre o Brasil e procurar conhecer a sua Geografia nos detalhes mínimos para podermos defendê-lo e tirar de suas riquezas um nível de vida decente para o seu povo

Pela minha labuta e trabalhos através dos arquivos e do material acumulado em nossa terra e pela experiência que o trabalho no campo me deu, reconheço naturalmente o grande esforço feito pelos que nos antecederam, porém, sinto falta de coordenação e devida manipulação na matéria acumulada e muitas vêzes as descrições não estão de acôrdo com a realidade. Sinto que precisamos formar geógrafos especializados em Brasil, conhecedores profundos dos detalhes regionais, dos problemas locais e que não fiquem nas largas generalizações. Por isso, o meu voto é que êsses especializados em Brasil — podemos dizer catedráticos em Brasil — possam ser especialistas nas diferentes regiões homogêneas do Brasil. Ficaria satisfeito se, dentro de algum tempo, nesse século renovador, os Congressos de Geografia, as Conferências Pan-Americanas, as Universidades, o nosso Conselho Nacional de Geografia, tôdas essas organizações e certames trabalhando pelo objetivo comum, dando-nos um melhor conhecimento do Brasil e também um corpo de especialistas conhecedores profundos das diversas regiões do Brasil capazes de nos fornecerem um verdadeiro retrato geográfico do Brasil.

Poderia começar esta palestra especulando sôbre a escola regionalista ou qualquer outra corrente geográfica, mas preferi concluir apelando para que o Geógrafo possa trazer elementos ao Administrador, que precisa conhecer mais que todos as realidades da nossa Terra — o Geógrafo, instrumento do Administrador; o fornecedor dos fatos básicos da vida nacional — o Geógrafo é o cientista que tem olhos especiais e que vê certas coisas de maneira bem diferente. Colhe o material das várias regiões, interpreta-o e o oferece, já completamente manipulado e trabalhado, ao Administrador, que, então, poderá fazer seus planos, realizar as tarefas de direção, baseado em conhecimentos reais das coisas do Brasil

Nos últimos dez anos, as nossas universidades se têm esforçado em formar professores de Geografia. *Geógrafos* no verdadeiro sentido da palavra são poucos e quase todos auto-didatas. Tenho esperança de que, no futuro, teremos também o técnico de Geografia, o Geógrafo profissional, como eu vi nas várias regiões americanas por onde passei, pesquisando e não sòmente ensinando Geografia, mas indo ao campo para realizar pesquisas, construindo a Ciência Geográfica e dando-nos um conhecimento maior do mundo em que vivemos.

Tornar-se um geógrafo verdadeiro é trabalho de uma vida inteira e requer sacrifícios, principalmente no nosso país

Poderemos ensinar aos futuros geógrafos, quero dizer, aos técnicos em Geografia, algumas das facêtas desta ciência, algumas das suas partes como, por exemplo: fazer um mapa, nêle representar um detalhe cultural; manipular um dado estatístico e transformá-lo num cartograma; visitar uma região e pô-la num relatório. Mas na realidade damos ao técnico, no período de sua formação, conhecimentos parciais ou elementos metodológicos. Acho que, ao mesmo tempo que transmitimos êsses fatos, devemos ministrar ao futuro técnico a filosofia básica da ciência geográfica, apesar de não ser esta ainda bem conhecida, a fim de que aprenda a saber por que tal método é o mais indicado para tal situação e que na região X quais os fatores, físicos ou culturais, dão-lhe a personalidade.

A Geografia moderna, portanto, minhas senhoras e meus senhores, não é uma evolução completa da Geografia clássica, da Geografia tradicional. Pelo contrário, ela procura renovar, tendo a região por base, pois a tradicional divisão de Geografia Física e Humana não cabe mais. A Geografia, hoje é, em outras palavras, o estudo dos contrastes regionais.

Sinto, quando discutimos entre técnicos, a dificuldade que temos para definir claramente e delimitar precisamente o campo da Geografia Humana. Sinto muitas vezes, e vejo na face de cada técnico, a dificuldade até de definir a Geografia Física. Por que? Porque nos esquecemos de que a Geografia Humana é um título geral e é constituída na realidade de Geografia Econômica, Política, etc. Na Geografia Física acontece a mesma coisa e consideramos a climatologia, o relêvo, etc., como se fôsem títulos à parte.

Mas, nas nossas universidades e programas oficiais temos a Geografia Humana nua e crua e vemos os professores entrarem em conflito, com os de Antropologia e Sociologia, isto porque não especificamos bem a parte da Geografia Humana que queremos ensinar e, ainda mais, nos prendemos à parte doutrinária ou "tópica", esquecendo-nos de que a distribuição, e portanto a região, é o fim principal da ciência geográfica. Realmente, no senso mais lato, a Geografia de hoje examina a localização, ou melhor, a distribuição dos fenômenos na terra e os contrastes que cada grupo de fenômenos homogêneos possam apresentar. Portanto, a definição muito sumária de que a Geografia é o estudo dos contrastes regionais, poderia dar causa a uma série de divagações, que não vou fazer. Entretanto, a Geografia Regional tornou-se quase sinônima de Geografia Utilitária, devido ao método de estudar os problemas e às conclusões a que chega e às sugestões de caráter evolutivo que apresenta. A Geografia hoje começou a adquirir um caráter dinâmico.

A Geografia pode estar ao meu e ao serviço de todos. A Geografia saiu da academia, está passando para a rua e está sendo praticada e usada por todos. A Geografia traz os elementos de uma região e dá ao administrador a possibilidade de transformá-los. Um dêstes exemplos

é o T. V. A.,* uma das realizações do século, a qual vou ter o prazer de mostrar num filme de 20 minutos, exibindo o que se fez com os conhecimentos reais de uma região e onde se poderá aquilatar a contribuição eficiente e prática dos geógrafos modernos.

A Geografia utilitária fez milagres nesta guerra. Só quem acompanhou, de perto, os trabalhos do batalhão de geógrafos mobilizados pelo Governo norte-americano, poderá saber da eficiência e da grandeza da contribuição que trouxe o Geógrafo à causa da guerra moderna: desde o mapa até à análise, quilômetro por quilômetro, das regiões invadidas. Entretanto, essa Geografia que está prestando já tantos serviços, hesitante na sua delimitação e nos seus objetivos, só agora começa a ter os seus filósofos e precisa ainda que a sua filosofia seja feita.

A filosofia da Geografia ainda não foi escrita, ou melhor, não foi devidamente escrita. Várias contribuições vieram. Por isso é que, muitas vezes, Geógrafos menos avisados invadem as searas das outras ciências. E os Geógrafos "imperialistas", podemos dizer, invadem o campo dos Geólogos ao fazerem Geografia Física e a seara dos economistas, políticos e sociólogos, quando fazem Geografia Cultural. Estas invasões ocorrem porque, na realidade, não possuímos ainda uma filosofia clara, um campo delimitado. Não sabemos bem onde acaba a Geografia e onde começam as outras ciências.

Por isso é que sou favorável a uma campanha de "puritanismo" científico na Geografia, isto é, procurar fazer Geografia verdadeira e ajudar a construir a sua filosofia trazendo e acumulando dados seriamente obtidos e manipulados, distribuindo, localizando fatos, transferindo-os, se possível, para o mapa; distinguir as regiões homogêneas e examinar os fatos das relações entre o Homem e a Terra, para trazê-los, depois de interpretados ao conhecimento do administrador, dos cientistas, dos professores e de todos os interessados. Em outras palavras, tornando a Geografia útil; pondo-a a serviço do Homem, procurando para ela uma aplicação.

Tive a ventura de trabalhar num projeto desse tipo. Fui treinado pelos chefes da escola regionalista, e depois de dois anos de estudos com os professores FINCH e TREWARTHA, de Wisconsin, com o professor WAIBEL, de Bonn, um dos diletos discípulos do professor HETTNER, que teve grande influência na Geografia alemã e americana modernas, e é o continuador, por assim dizer, dos trabalhos de RITTER, principalmente na parte regionalista. Em minha opinião RITTER foi o maior regionalista que até agora o mundo teve; basta compulsar os seus trabalhos. Mais tarde, na National Planning Association de Washington, D C, trabalhei 18 meses sob a orientação do meu bom amigo o professor CLARENCE JONES, num projeto de grande envergadura que compreendia toda a América La-

* Tennessee Valley Administration (Administração do vale do Tennessee)

tina e onde tive a oportunidade de observar o continuado uso da Geografia como um instrumento da administração, da guerra e do capital.

Verifico que o regionalismo geográfico não é uma novidade do nosso tempo, mas é na realidade um “*revival*” da corografia com métodos e aplicações novos. Já estava em RITTER, que foi, mais tarde, seguido por HETTNER e GRONÖ, que escreveu um famoso artigo sobre regionalismo no *Pettermans Mitteilungen*, no ano de 1935. Nesse artigo, êle mostra quanto a escola regionalista tem desenvolvido, nos últimos anos e quanto ela deve aos alemães e americanos.

Na realidade, é uma formação alemã, acadêmica, posta na prática em grande escala pelos americanos e com certa reserva pelos franceses que, entretanto, prestaram notável contribuição ao estudo regional da França e do Mundo. Tive a felicidade, como disse atrás, de trabalhar num projeto dêsse tipo. Esse projeto é o meu trabalho sobre o vale do São-Francisco.

Vou descrever, em alguns minutos, o que fiz no São-Francisco, para mostrar como dos estudos regionais a técnica se desenvolveu, para as análises regionais. Faço esta exposição com a esperança de que os senhores delegados possam tirar alguma coisa de útil dessa técnica e, ao mesmo tempo, pô-la em uso, em suas regiões. Porque, se cada um de nós, voltando ao seu Estado ou região em que vive, fizer um estudo paciente, mas objetivo, observando dentro de uma sistemática mais ou menos prática, no fim de certo tempo, teremos uma Geografia do Brasil, em tamanho maior, coisa que infelizmente não possuímos.

No entanto, não constitui vergonha não têmos uma Geografia do Brasil. Os americanos também não possuem a deles, apesar do material abundante disponível. A melhor Geografia dos Estados-Unidos foi escrita por um francês. Daí, fácil é concluir que não representa uma vergonha para nós não dispormos ainda de uma Geografia do Brasil de nível superior. Entretanto, devemos fazê-la e não poderemos progredir social e economicamente sem ela.

O meu trabalho sobre o vale do São-Francisco é um exemplo da técnica moderna regionalista. O trabalho foi feito na National Planning Association sob a direção de CLARENCE JONES e sob o controle técnico de um comitê composto de CHARLES COLBY, PRESTON JAMES e ROBERT PLATT. Com o auxílio de tais mestres me foi possível pôr em prática o que tinha aprendido nas escolas. Assim, quero hoje mostrar alguns pontos do meu estudo e salientar o que se pode fazer em Geografia aplicada ou, em outras palavras, como se pode pôr esta ciência a serviço do homem.

O meu objetivo foi estudar uma região com potenciais econômicos não explorados e não bem conhecidos; uma região possuidora de uma literatura abundante, porém sem fundamento científico. Os autores compilavam sem atender às realidades da região e deixavam-se entrar

pelas divagações literárias sobre a beleza do céu, a grandeza do rio, repetindo os lugares-comuns que os cientistas verdadeiros repudiam; uma região considerada com muito patriotismo e, portanto, passível de interpretações perigosas, às vezes desviando-se da verdade, o que trazia grande prejuízo para a sua compreensão e seu desenvolvimento; uma região com problemas econômicos sérios, encravada dentro do Brasil, que oferecia, dentre os vários problemas, a seguinte questão: o Brasil estende a sua população para o oeste, porém quando galgarmos o platô vamos deparar com a bacia do São-Francisco. Que faremos? Ocupar esta região com problemas que encarecem a colonização ou deixaremos o São-Francisco e ocuparemos as terras mais fáceis de povoar?

Essa região é cheia de problemas que podem levar a soluções perigosas e prejudiciais. A nossa missão foi ver o que de fato existe e o que se pode fazer.

Fomos aos velhos textos, aos arquivos; fichamos todo o material existente e realizamos uma crítica de primeira mão, que não podia ser profunda, porque não conhecíamos a região. Aceitávamos, e selecionávamos com certa reserva, os elementos Fomos ao campo e do campo voltamos com uma impressão mais segura. Aí, então, começamos a ver, dentro da literatura geográfica e estatística, qual a que poderia trazer uma contribuição valiosa ao nosso trabalho. O nosso maior esforço foi compor devidamente o material colhido e preparar a sua apresentação numa língua estrangeira.

Não preciso dizer, quanto à parte estatística, que o meu trabalho parou em 1940. Infelizmente, não possuímos ainda uma máquina estatística montada, que nos ofereça dados mais recentes.

Depois dêsse trabalho de campo e de coleta do material nas fontes autorizadas, estabelecemos o plano a seguir. Somos contrários à velha e tradicional tendência de levar um esquema previamente feito no gabinete para o campo e aí passar a responder às perguntas que, previamente, sem conhecimento da região, introduzimos no esquema. Às vezes, a pergunta não cabe; a região não oferece aquela questão, mas, como levamos para o campo um questionário feito no gabinete, baseado na imaginação, transformamos completamente a feição do problema ou entramos em divagações desnecessárias, procurando criar situações inexistentes.

Não apresento aqui os resultados do meu trabalho porque muito em breve sairão duas edições sobre o São-Francisco, uma em inglês, nos Estados-Unidos, e outra aqui, em português, editada pelo C. N. G., e aí poderão ver com mais detalhe os resultados obtidos com o método das análises regionais modernas

Entretanto, para ilustrar o caráter deste trabalho, vou projetar alguns mapas que fiz para o meu livro, do São-Francisco.

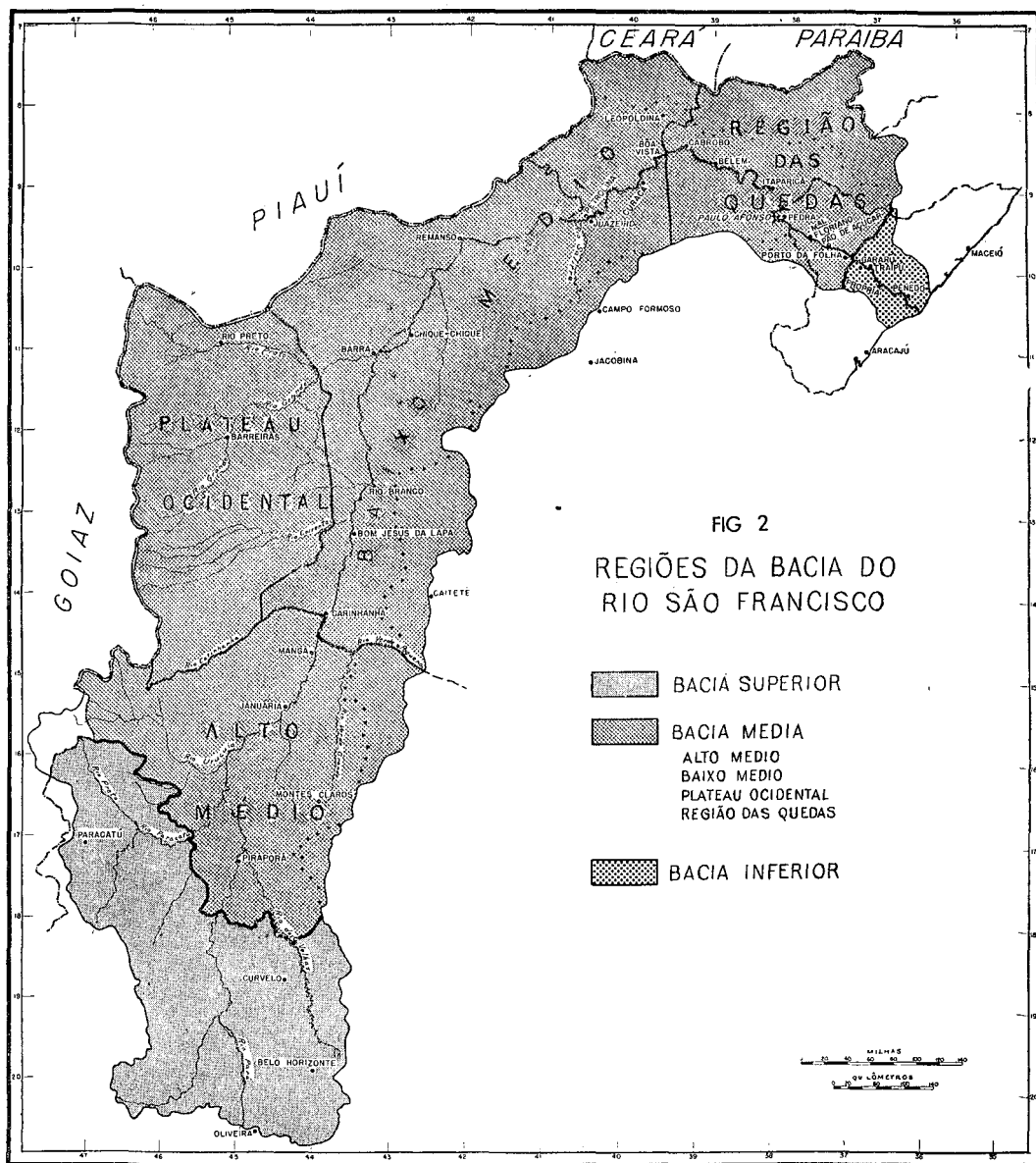


Fig. 2 — Regiões da Bacia do São-Francisco (Mapa de identificação)*

A Bacia do São-Francisco segundo as condições físicas e atividades econômicas pode ser dividida em três partes principais: Bacia Superior, Bacia Média e Bacia Inferior. Como as linhas que separam estas regiões foram traçadas de acordo com as diferenças físicas e econômicas, os detalhes das linhas acompanham os limites dos municípios, principalmente para fins de manipulação dos dados estatísticos. Naturalmente, os limites são apenas uma aproximação, pois as diferenças naturais e as atividades econômicas não mudam subitamente — são zonas de transição.

A Bacia Superior, comparativamente extensa, e a diminuta Bacia Inferior são regiões de população bastante densa e nelas as atividades econômicas estão bem adaptadas às condições ambientais. Isto não significa entretanto, que uma utilização mais eficiente dos recursos destas duas áreas não melhorasse grandemente a sua economia e as suas condições de vida.

Em virtude da extensão da baía e do curto espaço de tempo concedido para o trabalho, esta análise se refere de modo especial à Baía Média do São-Francisco, uma região em que os recursos, tanto naturais como humanos, são mal conhecidos, e considerada um dos maiores problemas do Brasil. Para finalidades de exploração, a Baía Média do São-Francisco é dividida em quatro sub-regiões: Alto Médio, Baixo Médio, Planalto Ocidental e Região das Quedas. Considerando as condições naturais e as atividades econômicas, estas podem ser depois subdivididas em unidades geográficas. Notar a linha pontilhada na porção leste da baía e na parte norte da região em Pernambuco. Estes pontos separam regiões da baía que diferem um tanto das outras partes da Baía Média e cujos contactos económicos, em virtude da localização e das facilidades de comunicação, se relacionam mais com regiões exteriores do que com o próprio vale do São-Francisco.

* Foram êsse e os a seguir os mapas projetados

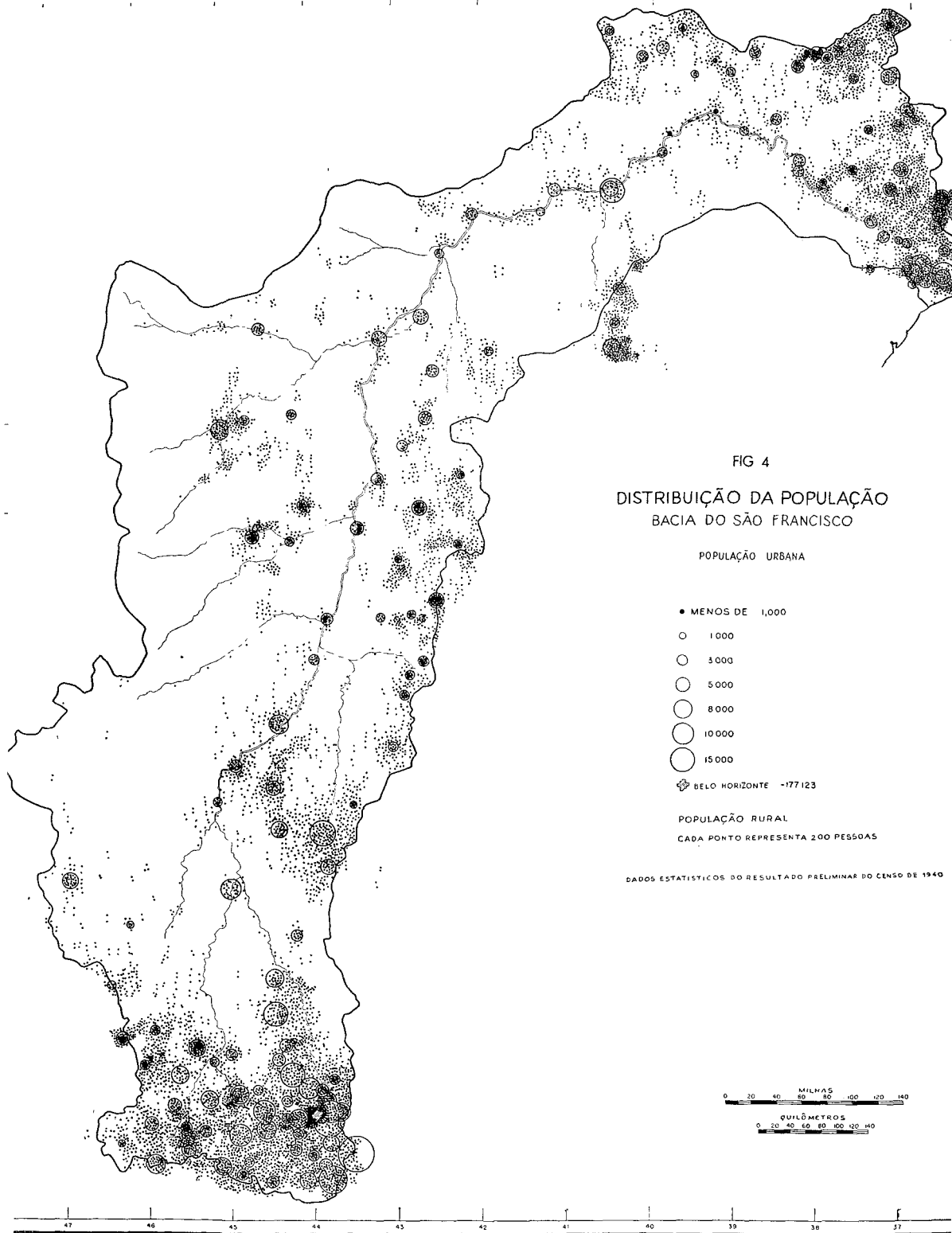


Fig 4 — Distribuição da população

Este mapa refere-se à primeira distribuição cartográfica detalhada da população rural e urbana da Bacia do São-Francisco. Em muitos municípios da região, os pontos que representam a população, estão colocados de acordo com os mapas municipais, a menor, que mostravam a localização de todas as vilas, cidades (sedes de distritos, sedes de municípios), fazendas, no ponto, perfis hidrográficos e relevo. Os círculos que representam a população urbana incluem em cada caso toda a população ou suburbana do município que está geralmente situada na sede municipal.

Ao longo dos limites da bacia, há lugares onde as linhas pontilhadas aparecem fora do divisor de águas; tais pontos encontram-se em municípios que são cortados pelo divisor de águas e nos quais povoados importantes estão localizados fora da bacia. Por exemplo, os aglomerados e vilas em Campo-Formoso e Jacobina. Evidentemente, os aglomerados não terminam no divisor de águas, mas tais povoados não são em geral representados no mapa.

O traço mais marcante da distribuição da população na bacia é o da aglomeração em núcleos. Na Bacia Superior e na Bacia Média, os núcleos acham-se reunidos e dão um padrão muito mais denso ao povoamento. Através da Bacia Média do São-Francisco, os grupos populacionais são menores e separados por grandes extensões com poucos habitantes ou vazias. A leste da bacia, os núcleos estão situados principalmente nas áreas mesopotâmicas perto do divisor de águas; estão em trechos com um clima relativamente considerável de precipitação, quase sempre um ao longo do rio São-Francisco e outro nas bacias e nas áreas adjacentes. Os povoados estão localizados quase sempre ao longo do rio principal e dos tributários, que constituem os meios mais usados de transporte. A Região das Cachoeiras tem 2 núcleos de povoamento: um ao longo do Rio São-Francisco e outro nas bacias e áreas adjacentes. A população deste último grupo de núcleos tem sua vida econômica e social mais ligada à povoação do leste de Pernambuco do que ao vale do São-Francisco.

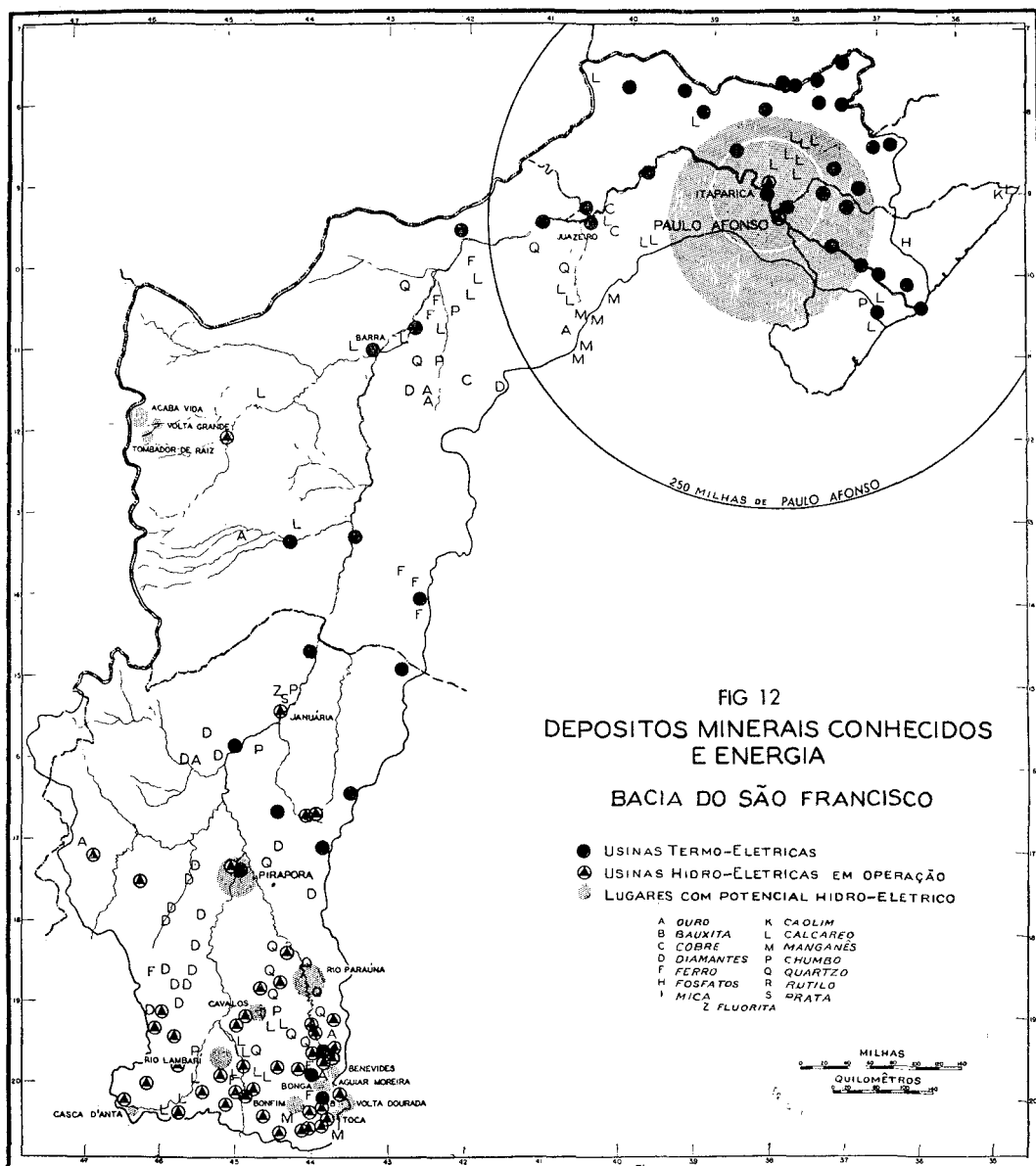


Fig 12 — Fôça hidráulica e depósitos minerais conhecidos

Este mapa se baseia no mapa "Bacia hidrográfica do rio São-Francisco", (Escala 1:2 000 000), da Divisão de Águas, Ministério da Agricultura, 1943, sobre dados fornecidos pela Divisão de Águas e informações várias obtidas de outras fontes.

As letras indicando a ocorrência de depósitos minerais não indicam a importância relativa das diferentes jazidas.

Sobrelevam três regiões principais de depósitos conhecidos: a Bacia Superior do São-Francisco, a Bacia Média Superior e as áreas de Aquiuá, Sento-Sé e Campo-Formoso, na parte leste da Bacia Média Inferior. Com exceção de poucas minas, os depósitos minerais da Bacia do São-Francisco, em geral, não são bem conhecidos, a despeito do fato de que a mineração tem sido efetuada de maneira irregular em diversos pontos por longo tempo. Os empecilhos principais à utilização das jazidas da região são: a falta de conhecimento do volume dos depósitos e do teor dos minérios; a falta de transportes adequados e de combustível mineral, e o fato de que os recursos hidráulicos permanecem completamente inaproveitados.

Apesar de que a Bacia do São-Francisco possui cerca de 8% do potencial hidráulico do Brasil, a maior parte das usinas dos centros urbanos e estabelecimentos manufatureiros são termo-elétricas. Estas usinas queimam lenha. Grande parte do potencial hidráulico da Bacia se localiza na Região das Quedas, em Itaipica e Paulo-Afonso, mas a maior parte da fôça hidráulica explotada está nas pequenas quedas da Bacia Superior. O potencial da Região das Quedas representa uma riqueza considerável, inaproveitada. Modernas usinas hidro-elétricas nestas quedas seriam suficientes para fornecer luz e fôça a quase toda a zona densamente povoada de leste de Pernambuco, parte de Paraíba, a totalidade de Alagoas e Sergipe, Salvador da Bahia e pontos ao longo do São-Francisco, até Sento-Sé para leste.

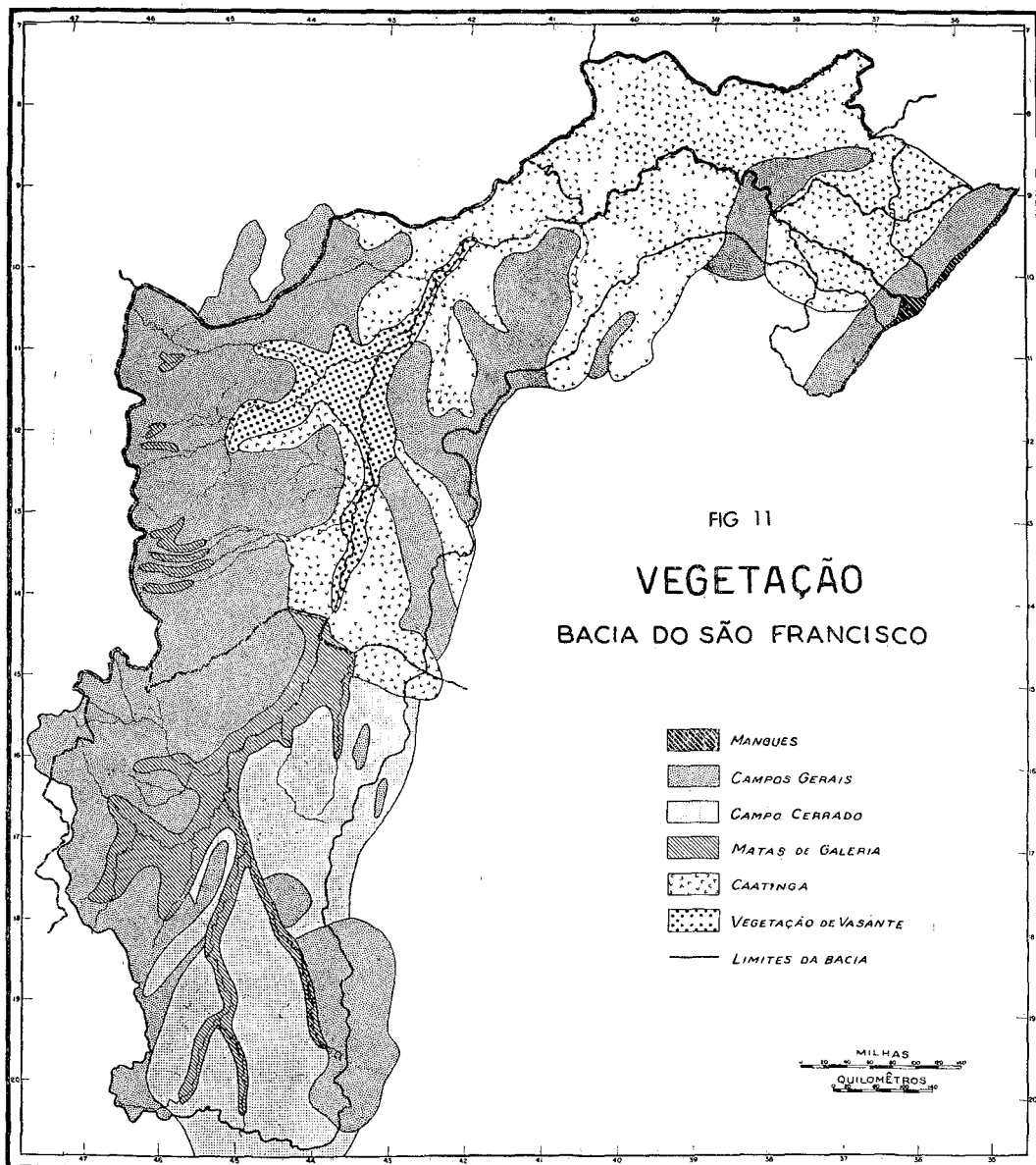


Fig 11 — Vegetação.

Os tipos principais de vegetação na Bacia do São-Francisco são os campos, as caatingas, as matas de galeria e a vazante. Os diferentes tipos resultam principalmente da precipitação anual, relativamente insuficiente, da brevidade da estação chuvosa e da longa duração da seca, da irregularidade na ocorrência e na quantidade da precipitação, principalmente na caatinga, e dos tipos de solo formados de matérias válias. O mapa representa as vastas áreas nas quais predomina um determinado tipo. Os limites de todas estas áreas são generalizações; os diferentes tipos se interpenetram. Dentro de cada zona há intromissão de outros tipos. Por exemplo, na Bacia Superior, dentro dos campos cerrados e dos campos gerais, há estreitas faixas, não representadas no mapa, de florestas-galeria ao longo dos pequenos rios. Na vazante encontram-se faixas de florestas-galeria, nas planícies aluvionais dos rios principais. Nos solos pouco espessos do Planalto Ocidental, na parte leste da bacia e nos campos gerais há manchas de caatinga verdadeira. Na Bacia Inferior a caatinga é designada pelo termo local de *agreste*, considerada um tipo de transição entre os campos gerais e a caatinga.

Em toda a Bacia Média do São-Francisco a forragem e a floresta constituem uma fonte de riqueza apreciável. Ainda, o uso das árvores e dos arbustos tem caráter de exploração destrutiva e pouco se fez para melhorar as pastagens. O desflorestamento se processa rapidamente para fornecer lenha, enquanto a força hidráulica continua inaproveitada. O pastoreio intensivo e continuado reduziu a qualidade e a quantidade da forragem.

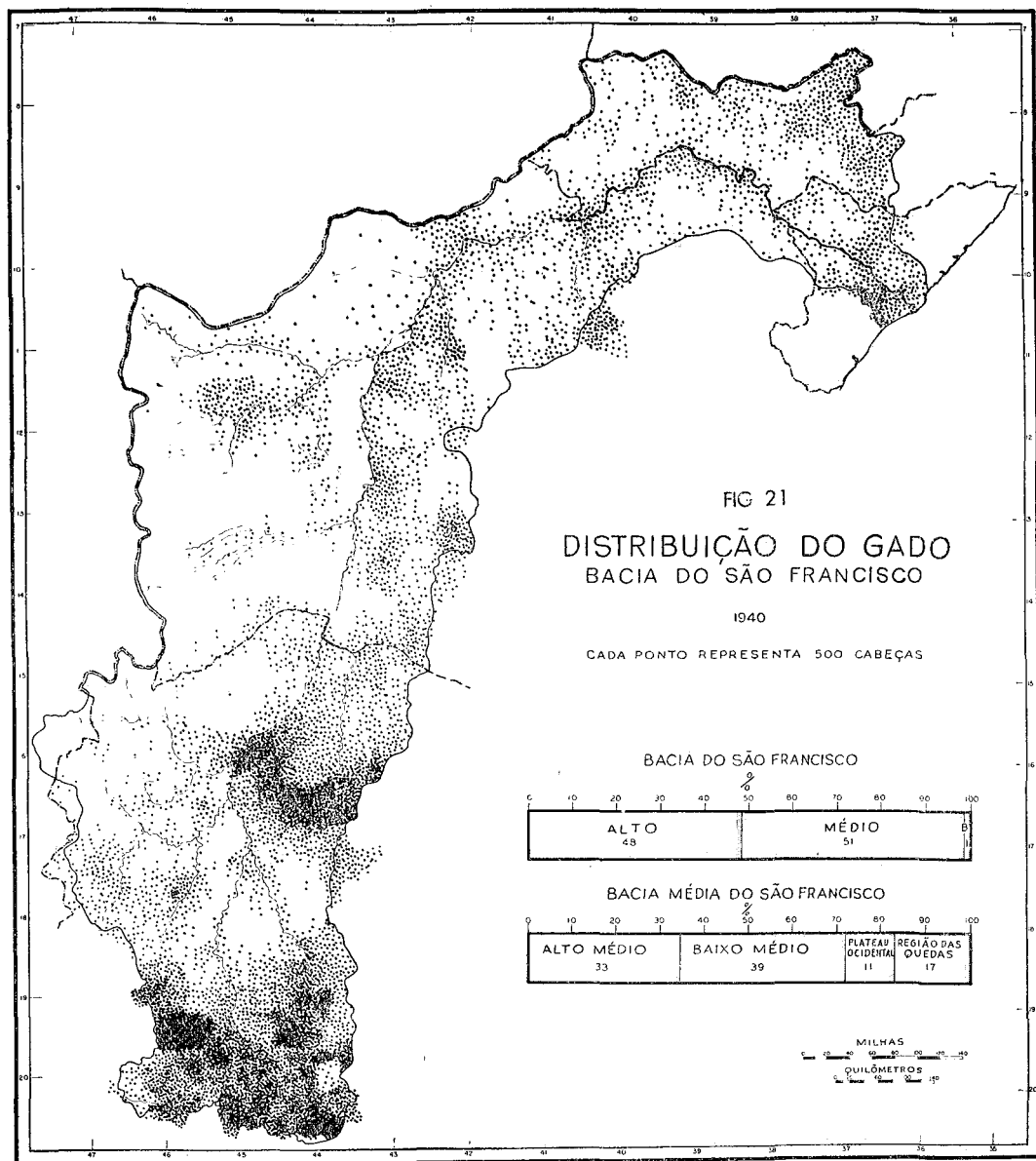


Fig 21 — Distribuição do gado

Com exceção de duas grandes zonas, o gado é distribuído de maneira uniforme em toda a Bacia do São-Francisco, o que salienta a dominância do gado na economia da região. A área da Bacia Superior, relativamente pequena, possui perto da metade do número total de cabeças. Esta área é apenas parte de outra muito maior, a importante zona de criação em Minas-Gerais e Goiás. Não só possui boa forragem, em razão da precipitação suficiente, como também tem grandes plantações de milho para a engorda do gado, consumido quase todo no local.

A região que sobressai na criação e engorda do gado na Bacia Média do São-Francisco é a área São-Francisco-Brasília-Montes-Claros. Nos trechos altos, entre cursos d'água, há ótimas pastagens naturais e também muitos campos plantados especialmente para o gado. Esta área é importante para a invernagem do gado, que é trazido a pé da parte oeste da bacia de Goiás, e mesmo do Piauí. Depois da engorda, o gado é transportado por via férrea para os mercados urbanos, tais como Rio-de-Janeiro e outros.

Note-se a distribuição geral do gado na zona da caatinga. Na parte mais seca da caatinga, o gado é encontrado ao longo do São-Francisco e dos afluentes principais em virtude da existência de água durante todo o ano. Note-se também que os tabuleiros de arenito no Platô Ocidental e da Bacia Média Superior possuem relativamente pouco gado.

Nesses mapas, minhas senhoras e senhores congressistas, procurei retratar cartograficamente o vale do médio São-Francisco em tôdas as suas fases. Ainda, para facilitar ao administrador, que às vêzes não tem o tempo necessário e interêsse para ler quatrocentas páginas e contemplar mais de trinta mapas, procurei resumir o trabalho em quatro mil palavras, fixando os problemas principais.

Eis, minhas senhoras e meus senhores, a bacia da Esperança... (*Riso*).

Nos Estados-Unidos, havia uma bacia mais ou menos idêntica, mas sete vêzes menor que a do São-Francisco — a bacia do Tennessee, com problemas mais simples, por certo. O problema do latifúndio não existia no Tennessee. E isto facilitou muito o planejamento e a execução dos planos. Acresce aí ainda que as chuvas são regulares e caem em média 1 000 milímetros por ano. A bacia do Tennessee, em 10 anos, conseguiu ter perto de 20 barragens, produzindo mais de dois milhões de kws, em números redondos e servindo também para controlar as enchentes e facilitar a navegação. Trata-se de uma das grandes realizações do Governo americano, e quiçá do século em que vivemos, onde os Geógrafos prestaram uma grande contribuição prática e foram os pioneiros da obra executada.

Vou exhibir um filme sobre o Tennessee, falado em inglês. Durará apenas vinte minutos.

Eis o Tennessee, uma região mais ou menos parecida com a do São-Francisco, com problemas menores, é claro. Em dez anos, foi transformada completamente. Estas são as realizações do Tennessee. Para o nosso São-Francisco ainda um sonho e uma esperança.

*

RÉSUMÉ

"La Géographie: science moderne au service de l'homme" est le titre de la Conférence qui a été proferée par le Prof. JORGE ZARUR à l'occasion du Xème Congrès Brésilien de Géographie, où l'auteur cheiche à présenter quelques fondements philosophiques de cette science.

En faisant mention des grands progrès réalisés par cette science, l'auteur décrit ce qu'il a vu et appris aux États Unis, où les Professeurs ont fait de la Géographie: "un instrument de grande utilité pour l'administration".

Tout en reconnaissant l'effort fait, au Brésil, par ceux qui l'ont précédé dans la nouvelle orientation de la Géographie, l'auteur observe qu'il y avait "un certain manque de coordination dans le travail de la manipulation et de l'interprétation des données accumulées". Il démontre, ensuite, d'une manière très claire, qu'en substitution à la traditionnelle division entre la Géographie Physique et la Géographie Humaine, la Géographie moderne consiste plutôt dans l'étude des contrastes régionaux.

En disant ce que doit être le Géographe Brésilien, l'auteur fait ressortir combien il est urgent d'avoir une connaissance plus exacte et plus détaillée du pays, de manière à pouvoir fournir à l'administration les données dont elle nécessite. Comme exemple, d'une excellente collaboration prêtée par la Géographie Moderne, l'auteur rappelle les travaux exécutés par les États Unis dans la région comprise par la vallée du Tennessee. Étant donné la similitude des problèmes, un travail analogue pourrait être fait pour la région du São Francisco. L'auteur communique qu'il paraîtra prochainement un livre, en anglais et en portugais, écrit à la suite d'une étude qu'il a faite de la région du São Francisco.

Pour montrer la manière dont les problèmes du São Francisco peuvent être résolus, l'auteur a fait l'exhibition d'un film de la région du Tennessee, à l'occasion de la Conférence.

RESUMEN

"La Geografía: ciencia moderna a servicio del hombre" es el título de la conferencia hecha por el Prof. JORGE ZARUR en ocasión del X Congreso Brasileño de Geografía, donde el autor buscó presentar algunos fundamentos filosóficos de esta ciencia.

Refiriéndose a los grandes progresos observados en la ciencia geográfica, cuenta lo que ha visto y aprendido en los Estados Unidos, donde los profesores buscan hacerla "una herramienta útil y básica para los administradores".

Dice reconocer el esfuerzo de los precursores, en el Brasil, de aquella nueva mentalidad geográfica, pero notó que "había falta de coordinación y de la debida manipulación" del material acumulado

En una clara argumentación demuestra que la Geografía Moderna es el estudio de los contrastes regionales, en sustitución a la tradicional división de Geografía Física y Humana. Trazando rumbos al que debe ser el geógrafo del Brasil, dice de la premente necesidad del conocimiento, exacto de nuestro país; de sus regiones, en sus mínimos detalles, de manera a ser un "instrumento del Administrador", suministrándole análisis y datos, traéndole, enfin, las realidades de nuestra Tierra

Dando el ejemplo de los trabajos en el valle del Tennessee, de problemas más o menos semejantes a los del São Francisco, muestra como fué grande la contribución de la moderna ciencia geográfica en la grandiosa obra que el gobierno norteamericano allá efectuó

Todavía sobre el valle del São Francisco, describe los estudios que hizo allá y establece interesantes paralelos con el del río norteamericano y añade que, en breve, estará circulando, en inglés y en portugués, el trabajo que entonces escribió, presentando ilustraciones elucidantes incluidas en dicho trabajo.

Para una demostración práctica de lo que fué hecho en el Tennessee, exhibe una cinta de las obras que allí se han realizado

RIASSUNTO

"La Geografia, scienza moderna a servizio dell'uomo": così s'intitola una conferenza tenuta dal prof JORGE ZARUR in occasione del X° Congresso Brasiliano di Geografia, nella quale l'autore si propone di presentare alcuni principi fondamentali di quella scienza.

Accennando i grandi progressi della scienza geografica, riferisce ciò che vide ed imparò negli Stati Uniti, dove i professori cercano di renderla strumento utile e necessario per la pubblica amministrazione

Riconoscendo i meriti dei precursori della nuova mentalità geografica nel Brasile, nota però che è mancato finora il coordinamento e l'adeguato sfruttamento del materiale accumulato

Dimostra che la Geografia moderna si dedica allo studio dei contrasti regionali, abbandonando la tradizionale divisione tra il settore fisico ed il settore umano

Traacciando direttive per il geografo brasiliano, insiste sulla necessità che questi conosca a fondo il paese, nelle sue caratteristiche regionali, in modo da poter divenire strumento efficace della pubblica amministrazione, fornendole dati ed analisi che riflettano la realtà nazionale

Richiamando, ed illustrando con una proiezione cinematografica, l'esempio dei lavori nella valle del Tennessee, dove si presentavano problemi analoghi a quelli del São Francisco, mostra l'importanza dell'aiuto dato dalla scienza geografica alla grandiosa opera ivi compiuta dal Governo degli Stati Uniti

Rende conto degli studi in corso sulla valle del São Francisco, confrontandoli con quelli sul Tennessee, ed annunzia che sarà presto pubblicato un suo lavoro sull'argomento

SUMMARY

"Geography, a modern science at the service of men" is the title of a lecture by Prof JORGE ZARUR on the occasion of the 10th Brazilian Congress of Geography in which the author tried to present some philosophical foundations of this science

Referring to the considerable advancement that can be observed in geographical science, Mr ZARUR tells what he has seen and learnt in America, where professors try to make out of it "a useful and basic tool for administrators"

Mr. ZARUR says he recognizes the endeavours of forerunners in Brazil of that new geographic mentality, but he noticed "there was want of co-ordination and of the due manipulation" of materials accumulated

Through a clear argumentation Mr ZARUR demonstrates that Modern Geography is the study of regional contrasts taking the place of the traditional division of both Physical and Human Geography

Outlining the course to those who should be Brazilian geographers, Mr ZARUR speaks about their urging necessity of acquiring an accurate knowledge of our country; of her regions, in their minimum details, so as to be "an instrument for administrators", supplying them with analyses and data, also bringing them, at last, the realities of our country.

Quoting the example of Tennessee valley works with problems more or less similar to those of the São Francisco valley, he shows to what extent the help of modern geographical science has been useful to the huge works American government has made there

Further on the São Francisco Valley Mr ZARUR describes the studies that he carried out there and establishes interesting parallels with the American stream; he reports that in a short time the work he has written both in English and Portuguese, containing explanatory illustrations, will be put into circulation

In a practical demonstration, Mr ZARUR presented a moving picture of the work accomplished in Tennessee

ZUSAMMENFASSUNG

"Die moderne wissenschaftliche Erdkunde im Dienste des Menschen" ist der Titel des Vortrags, welchen DI JORGE ZARUR während des X. Brasilianischen Kongresses für Erdkunde gehalten hat. In demselben versuchte der Sprecher einige philosophische Grundlagen dieser Wissenschaft zu geben

Er erwähnte zuerst die enormen Fortschritte dieses Zweiges der Wissenschaft in Nordamerika und stellte fest, was er in dieser Beziehung gesehen und gelernt hatte, denn dort, so sagte er, versuchen die Lehrer sie zu "einem nützlichen und grundlegenden Werkzeug der Verwaltung" zu schaffen

Wohl erkennt er die Vorkämpfer dieser neuen Denkungsweise immer auf die Erdkunde bezüglich hier in Brasilien an, aber er stellte fest, dass "ein gewisser Mangel von Koordination und Handhabung" des angesammelten Materials noch zu beobachten sei

In einer klaren Ausführung beweist er, dass die moderne Lehre der Erdkunde ein Studium der regionalen Kontraste als Ersatz der traditionellen Teilung der physischen und menschlichen Erdkunde sei.

Indem er neue Wege für diese Wissenschaft in Brasilien festlegt, sagt er, dass momentan die hauptsächlichste Notwendigkeit in dem genauesten Kennen unseres Landes liegt; aller Gegenden in ihren kleinsten Details, damit sie dann "ein Werkzeug der Verwaltung" sei, der sie Analesen und Tatsachen vermittelt und ihr, kurz gefasst, die Wirklichkeiten unseres Landes übermittelt.

Als Beispiel erwähnt er die Arbeiten im Tale des Tennessee, mit Problemen die den unsrigen des São Francisco-Flusses ähnlich sind und zeigt wie gross die Hilfe der modernen wissenschaftlichen Erdkunde bei diesen grossartigen Bauten, welche von dem Nordamerikanischen Staat realisiert wurden, war.

Immer noch über den S. Francisco-Fluss sprechend, beschreibt er die Studien, die dort gemacht worden sind und zieht interessante Parallelen mit den des amerikanischen Flusses. In diesem Zusammenhang erwähnt er dann auch, dass in kürzester Zeit die Studien, welche er dazu geschrieben hätte, sowohl in Englisch wie auch Portugiesisch veröffentlicht werden und dass dieselben erläuternde Illustrationen haben. In einer praktischen Demonstration von alldem, was in Tennessee verwirklicht wurde, zeigte der Vortragende dann einen Film der gesamten schon realisierten Bauten.

RESUMO

"La Geografia: moderna ciencia por la utilo de l' homo" estas la titolo de la parolado farita de profesoro JORGE ZARUR okaze de la Deka Brazila Kongreso de Geografio, en kiu la aŭtoro serĉas prezenti kelkajn filozofiajn fundamentojn de tiu scienco.

Priparolante pri la grandaj progresoj observitaj ĉe la geografia scienco, li priskribas tion, kion li vidis kaj lernis en Usono, kie la profesoroj serĉas igi ĝin "utila kaj baza ilo por la administrantoj".

Li diras, ke li rekonas la klopodon de la antaŭuloj, en Brazilo, de tiu nova geografia orientado, sed li notis, ke "estis manko de kunordigo kaj la necesa manipulado de la amasigita materialo".

Pri klara argumentado li elmontras, ke la Moderna Geografio estas la studo de la regionaj kontrastoj, anstataŭe de la tradicia dividado inter la Fizika kaj la Homaj Geografio.

Skizante direktojn sekvojajn de la brazila geografiisto, li parolas pri la urĝega neceso, kiun li devas havi pri la ekzakta kono de nia lando; pri ties regionoj, en siaj plej malgrandaj detaloj, por ke ĝi povu esti "instrumento de la Administranto", transdonante al li analizojn kaj konitaĵojn kaj, fine, alportante al li la realaĵojn de nia Lando.

Citante la ekzemplon de la laboroj ĉe la valo de Tennessee, de problemoj pli malpli similaj al tiuj de rivero São Francisco, li montras kiel estis granda la helpo de la moderna geografia scienco ĉe la grandioza laboraĵo, kiun la usona registaro tie realigis.

Ankoraŭ pri la valo de São Francisco li priskribas la studojn, kiujn tie li faris kaj starigis interesajn paralelojn kun tiu de la usona rivero kaj informas, ke baldaŭ cirkulos, en la angla kaj portugala lingvoj, la verko, kiun tiam li skribis, prezentanta klarigajn ilustraĵojn pri ĝi.

Kiel praktika elmontrado de tiu, kiun oni faris ĉe la valo de Tennessee, li projektas filmon pri la tie realigitaj laboroj.

GEOGRAFIA AMAZÔNICA: NAS FRONTEIRAS DO NORTE*

Comte *Brás Dias de Aguiar*
Consultor Técnico do
Conselho Nacional de Geografia

A Amazônia, desde os primeiros tempos coloniais, tem sido um vasto campo das atividades de inúmeros exploradores e cientistas que perlustraram rios, subiram serras, vararam intrincadas florestas, estudando a sua geografia física e humana, a sua flora e fauna, examinando, enfim, os seus múltiplos aspectos. Grande e agressivo espaço do gigantesco quadro territorial do Brasil, mundo misterioso, que sob muitos pontos de vista continua ignorado, tôda contribuição que nos conduza ao conhecimento integral de sua natureza, do seu feitio geográfico, de seus tipos humanos, deve ser bem aceita. Será sempre um subsídio facilitando a obra de incorporação científica e econômica das regiões que compõem o todo nacional, à qual se vem dedicando o Brasil.

A Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — Primeira Divisão, tendo a seu cargo a identificação e definição de um imenso trecho da fronteira política, que os nossos maiores estabeleceram pela expansão e pelos ajustes diplomáticos no grande vale amazônico, empenhada em bem executar os encargos que lhe foram confiados, sentiu, desde logo, o imperativo que se lhe proporcionava no estudo dos pormenores fisiográficos das zonas de suas operações

Não levando em conta os grandes sacrifícios que a região acarreta, a Comissão de Limites remontando rios, atravessando vales e montanhas, entrando em contacto com grande número de tribos indígenas, estudando, enfim, essa região sob o prisma físico e humano, vai delineando uma nova carta e outra fisionomia geográfica da região vem surgindo.

Desde o ano de 1938 que a Comissão de Limites — Primeira Divisão vem executando trabalhos de grande amplitude na região compreendida entre a serra de Pacaraima, ao norte; rio Branco, a leste; rio Negro, ao sul; e a oeste, a serra de Parima.

Com os seus trabalhos a Comissão de Limites vem incorporando à geografia do Brasil aquêlo vasto território que resistiu à tenacidade dos exploradores do século XVIII e, ainda na carta geográfica do illustre barão de PARIMA, em 1882, aparece com a inscrição: "Sertão desconhecido e habitado por numerosas tribos de índios bravios".

A serra de Pacaraima, a partir das cabeceiras do rio Surumu, segue na direção geral de oeste até o seu limite ocidental, nas proximidades das cabeceiras do rio Auaris, braço setentrional do Uraricoera e onde tem origem o sistema Parima. Esta última cordilheira corre na direção geral de sueste, e depois de formar um arco de círculo, com a abertura para o ocidente, prossegue para o sul até às nascentes do rio Parima. Nessa altura volta-se para leste até atingir as cabeceiras do rio Catrimani, quando inflêta bruscamente para oeste, formando um

* Com este verdadeiro fêcho-de-ouro encerrou o illustre Comte BRÁS DE AGUIAR a série de conferências do X Congresso Brasileiro de Geografia

bolsão, que envolve as cabeceiras do rio Orinoco. Continua nessa direção até o meridiano de 64° . Daí segue no rumo geral de sudoeste até o seu extremo ocidental, no cêrro Cupi

Entre os numerosos picos da região Parima se destaca o de Ferdinando-Lesseps, descoberto, em 1880, pelo explorador francês CHAF-FANJON, que em suas faldas situou os manadeiros principais do Orinoco. Esse monte, que tem uma forma tronco-cônica, foi visto em 1924-1925, desde a região das cabeceiras do Parima, pelos técnicos da expedição Rice, sob um azimute de 236° . Posteriormente (em 1942) os exploradores brasileiros, da Comissão de Limites, que atingiram as nascentes do rio Catrimani, observaram-no e deduziram, por intersecção, as suas coordenadas geográficas latitude $2^{\circ} 15'$ norte, longitude $63^{\circ} 15'$ W. Gw.

Da serra de Pacaraima partem divisores secundários estabelecendo a separação das águas entre os vários rios da bacia amazônica e da bacia do Orinoco. Do lado brasileiro esses divisores se prolongam, quando muito, até os cursos médios dos rios, rebatendo-se, a partir daí, no peneplano dos extensos vales.

Dos divisores secundários poderemos citar o que separa as águas do curso superior do Mucajá das que vão para o seu afluente, da margem direita, que a Comissão denominou Couto-Magalhães, e o que divide as águas do Mucajá das do Catrimani. São esses divisores duas serras correndo na direção geral de leste-oeste e com mais de 50 quilômetros de extensão.

Geralmente a parte superior dos rios que descem do maciço guianense é inteiramente obstruída por cachoeiras, rápidos e travessões, os quais, ao lado do reduzido volume d'água, tornam impraticável a navegação. Mesmo o acesso por terra é penoso por causa do forte acidentado do terreno. Nesses trechos, as margens dos rios são formadas por íngremes encostas de montanhas.

As dificuldades são de tal natureza que muitas vezes a viagem entre a foz e as nascentes de um rio tem durado quatro e cinco meses, como no Jari e no Mucajá.

As bruscas diferenças de nível observadas na seção superior dos rios atingem, por vezes, a alturas consideráveis, como acontece com o rio Aracá, afluente do Demeni, que num percurso de 27 quilômetros, entre o último ponto atingido por canoas e as nascentes, elevou-se de 1 078 metros. Ordinariamente o leito dos rios na zona superior é cavado sobre uma camada de granito e arenito, é muito tortuoso, cheio de depressões e pequenos canais.

E' esse o cenário em que a Comissão de Limites vem cumprindo a honrosa missão que lhe foi confiada.

Durante o período, relativamente curto, de cinco anos, foram explorados e levantados até às suas fontes, os rios Surumu, Majari, Pacu, Uraricaá, Surubai, Mucajá, Catrimani, Demeni e seus afluentes. Mapulau, Toototobi, Mariduu e Aracá, finalmente, o Marari, afluente do Padauri. Os resultados das explorações dos rios Surumu, Majari, Pacu,

Uraricaá e Surubai, tivemos a oportunidade de relatar na *Memória* apresentada ao Nono Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em Florianópolis, no ano de 1940, na qual foram condensados os serviços geográficos que a Comissão de Limites efetuara no período de 1930 até àquela época, quando das operações de demarcação de nossas fronteiras com a Venezuela e as Guianas Britânica e Neerlandesa.

No limitado tempo de uma palestra não nos é possível fazer uma exposição completa dos serviços que a Comissão de Limites vem realizando na região setentrional do rio Amazonas e de seu afluente o Negro. Esses trabalhos serão divulgados numa série de monografias que farão parte de um documentário que a Comissão está preparando, para registro de todas as atividades que, desde a época colonial, se tem desenvolvido na Amazônia para determinar definitivamente as nossas fronteiras com os países vizinhos. Aqui faremos um resumo dos que foram levados a efeito nestes últimos quatro anos nos rios Mucajá, Catrimani, Demeni e cabeceiras do Orinoco.

DEMENI

O rio Demeni, afluente da margem esquerda do rio Negro, foi visitado em 1786, pelo ilustre naturalista brasileiro ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA que se encaminhou para o Aracá, que entra no Demeni pela margem direita. Mais tarde, já em nossos dias, o explorador americano DESMOND HOLDRIDGE subiu o Demeni, não indo muito além da parte média do rio. Em seu mapa, que está impresso, mostra o Demeni vindo do norte e com a nascente muito próxima da cabeceira do rio Parima, o que não é verdade.

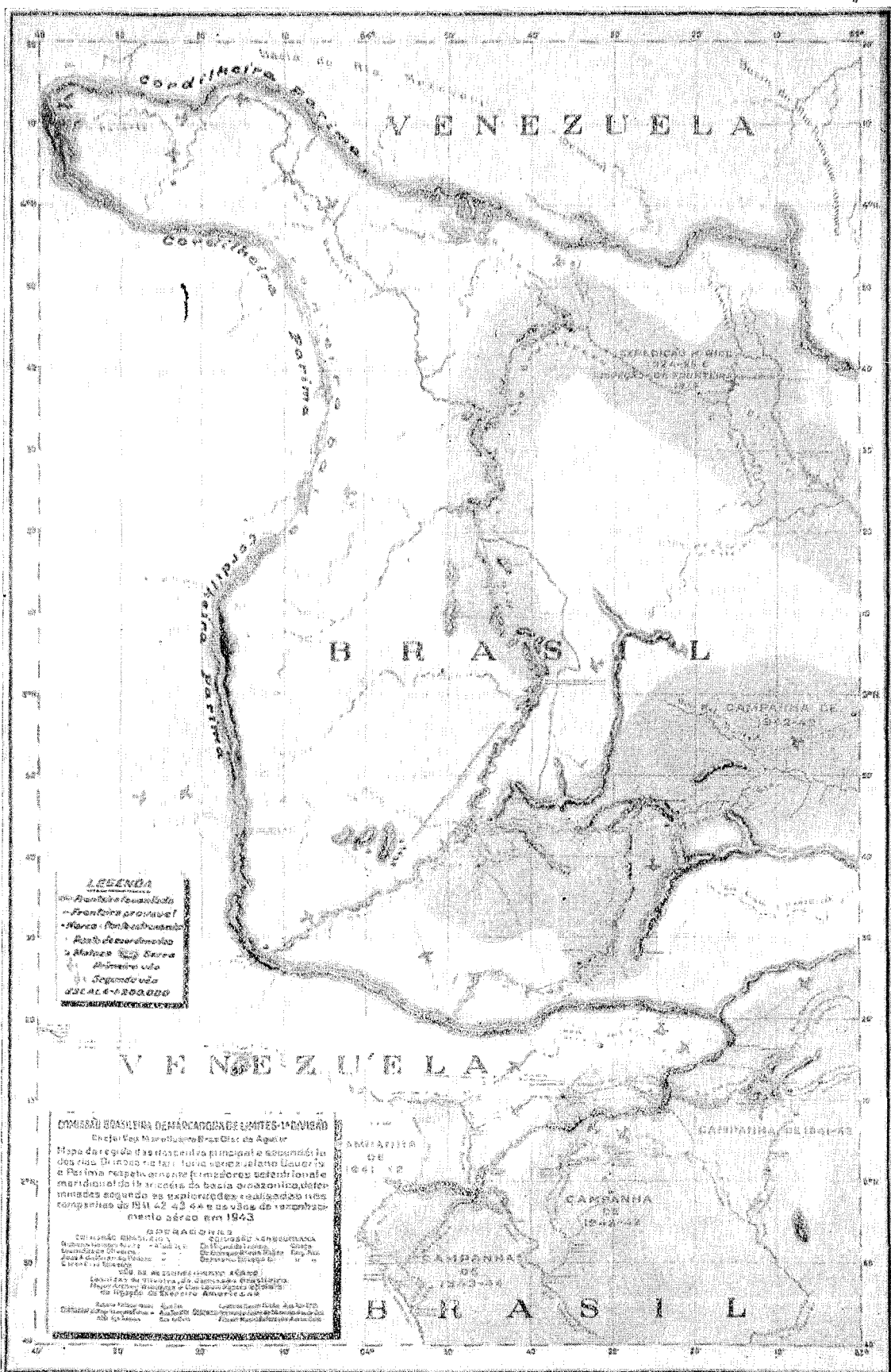
Antes dos trabalhos da Comissão de Limites o Demeni só era conhecido até à foz de seu afluente Mapulau, da margem esquerda, lugar onde estiveram, em pescaria, o colombiano PALMA em companhia de alguns homens, entre os quais o índio JOÃO ARINOS que lhe serviu de guia.

A Comissão de Limites iniciou as suas explorações no Demeni, em 1940 e as prolongou até 1943.

O rio Demeni nasce na vertente meridional da cordilheira Parima, num terreno baixo, onde o divisor de águas é uma larga chapada. O seu galho principal desce de uma pequena elevação, que não chega a 50 metros, acima do terreno circunvizinho, a sua altitude, porém, é de 700 metros acima do nível do mar. As coordenadas geográficas da nascente principal, são as do marco internacional, construído no divisor fronteira Amazonas-Orinoco, na latitude 1° 59' 19" norte e longitude 63° 53' 32" W Gw.

O trecho da serra de Parima que separa as águas do Demeni das que vão para o Orinoco, é cheio de depressões e formado por uma grande série de serras não muito altas. Na vertente oposta ao Demeni, têm origem muitos cursos d'água que, se dirigindo ao norte, levam a sua contribuição ao caudaloso rio venezuelano.

Demeni - 2 — O curso do Demeni é de 664 quilômetros e pode ser dividido em três secções.



A primeira constituída pelo trecho de 62 quilômetros entre as nascentes e o acampamento Base-das-Canoas, último ponto atingido pelas embarcações da Comissão, na latitude de 1° 03' norte e longitude de 63° 58' W. Gw. Nesse acampamento a Comissão, em seu primeiro ano de exploração, foi atacada pelos índios Uaicá, que feriram todos os cinco homens que lá estavam.

A segunda secção, com 233 quilômetros se estende de Base-das-Canoas até à cachoeira de Auatsinaua.

A terceira compreende o trecho de 369 quilômetros entre a cachoeira de Auatsinaua e a foz do rio

São três os galhos formadores do rio Demeni, que ao se juntarem, a curto intervalo um do outro, engrossam de maneira apreciável o seu volume d'água.

Na distância de 10 quilômetros a partir das nascentes, o rio entra num terreno coberto de denso tabocal, que chegando a ocultá-lo, muito dificultou o seu levantamento e avança até o tópo dos alcantilados contrafortes através dos quais o Demeni modelou o seu curso.

O clima é bastante úmido, oscilando a temperatura, durante o dia, entre 23 e 24 graus e à noite baixando até 17 e 18.

Transposto o tabocal, a que nos referimos, o Demeni começa a descer a grande escadaria de granito, cujos degraus variando entre 5 a 80 metros de altura, formam as cachoeiras superiores do rio. São dignas de referência duas quedas, uma no rio Demeni, com 78 metros de altura, conhecida, entre os índios, com o nome de Uaiapotamu; e outra em um afluente da margem direita e que tem 80,5 metros. Ambas estão situadas em pontos aproximadamente equidistantes da confluência.

Demeni - 3 — Esta grande diferença de nível ainda continua em outras quedas menores, num percurso de dois mil e seiscentos metros até onde está Base-das-Canoas.

Este trecho do rio Demeni corre todo entre altas serras e barrancos, havendo lugares onde é difficilima a escalada

A secção média fica compreendida entre a Base-das-Canoas e a cachoeira de Auatsinaua, podendo-se subdividi-la em duas: a primeira, daquela Base até à foz do Mapulau; e a segunda, dêste rio até Auatsinaua. A primeira se caracteriza por ser o rio muito pouco profundo e estreito, sendo raros e pouco extensos os poços e pedras que aparecem. As margens são baixas e flanqueadas por séries de montanhas, cujas encostas, algumas vêzes, tocam o rio. Entre elas há uma que se eleva muito mais que as outras, fazendo supor tratar-se do pico Rondon, assim chamado pelo explorador DESMOND HOLDRIDGE em seu relatório da viagem que fez ao Catrimani, Aracá e Demeni. Há uma certa dúvida nessa identificação porque o azimuth que a Comissão tomou da serra Tauriba para aquêle ponto não combina com o do citado explorador.

A secção do Demeni compreendida entre a foz do rio Mapulau e a cachoeira de Auatsinaua é a que maiores obstáculos oferece à nave-

gação, em razão das cachoeiras e inúmeros pedrais. Dentre as cachoeiras, podemos citar as do Raúl, Tibi, Aguada, Matapi, Tracuá e Auatsinaua. As margens do rio são acompanhadas por pequenas elevações.

Entre a cachoeira de Auatsinaua e a foz, o Demeni é habitado e navegável por batelões a motor, durante a estiagem. Na época da cheia podem subir embarcações até cinco pés de calado.

O baixo Demeni é entrecortado de ilhas que formam vários paranás de profundidade e largura variáveis. É um rio de caráter divagante. Como os terrenos marginais são frouxos o barranco cai assustadoramente e, nas partes em que as curvas são muito fechadas, o rio se liga fazendo passar por aí o seu novo leito, formando assim um *sacado*, que mais tarde se transforma em lago.

Abaixo da cachoeira de Auatsinaua, num ponto acima do rio Cuieiras, possivelmente o rio mudará o leito para o paraná de Meruim, onde já se nota a enorme erosão que as águas têm produzido em suas margens, sendo grande a quantidade de paus caídos e a força extraordinária da corrente.

O aspecto das margens do rio muda à medida que se desce. Elas são baixas em alguns pontos, altas em outros. Abaixo da embocadura do rio Cuieiras, o terreno é alto e arenoso, sustentando plantas de porte baixo, características de "catíngas". Isso parece indicar que seja esta faixa de terreno a mesma que se estende até os campos de Limão, no rio Aracá.

Em Sumaúma — ponto situado a 81 quilômetros acima da foz do rio, o terreno é alto e argiloso, com árvores de grande porte. Nos lugares baixos, principalmente na beira dos lagos e igapós, a vegetação é, na maioria, composta de janarizeiros — palmeiras muito comuns nas ribas do rio Negro e seus afluentes.

As águas do rio Demeni são claras. O Demeni mede na foz um quilômetro de largura. Antes de sua junção com o Negro desdobra-se em vários paranás. A parte do rio Negro onde ele se lança é conhecida pela denominação de Baía-do-Aracá, devido ao fato de ser considerado este último rio como a corrente principal.

De acordo com as explorações feitas pela Comissão de Limites pode-se conferir definitivamente ao Demeni a supremacia a que tem direito. O Demeni tem a direção geral do tronco, tem maior volume d'água, mede 606 quilômetros acima da foz do Aracá, enquanto que este tem apenas 551 quilômetros da foz à nascente. No nosso mapa passamos a denominar Baía-de-Demeni.

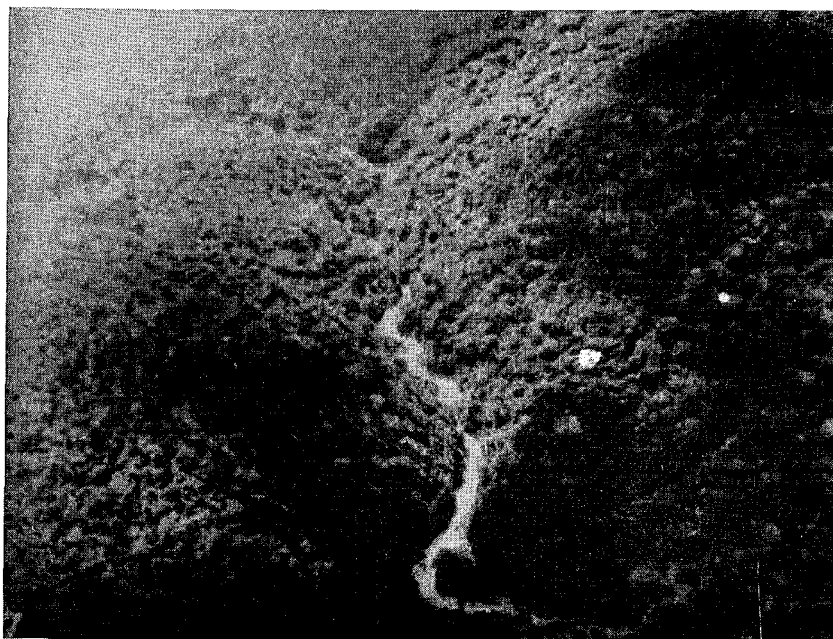
Num ponto do divisor de águas Amazonas-Orinoco, próximo à nascente do Demeni a Comissão de Limites construiu um marco assinalando a linha de fronteira Brasil-Venezuela.

Nessa zona o divisor fronteira corre na direção geral este-oeste e o Demeni paralelo a ele, até o meridiano de 63° 57' W. Gw. quando se volta para sudoeste.

Na região das cabeceiras e na margem meridional do Demeni, foi aberto no terreno um sinal aerofotogramétrico em forma de triângulo equilátero de 60 metros de lado.



Rio Catrimani — Inscrições rupestres descobertas na cachoeira Casa-Velha



Em território brasileiro: cachoeira Purá, no rio Parima — Vista geral

(Vôo de reconhecimento em 9 de dezembro de 1943)



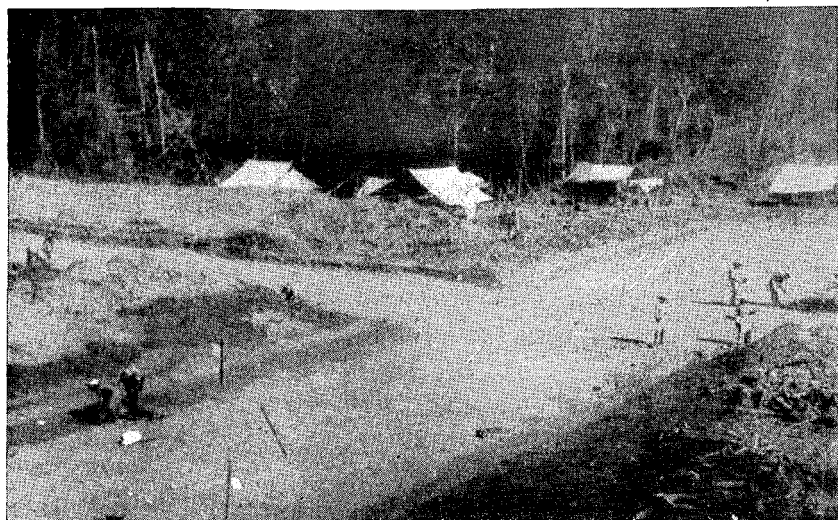
*Marco e sinal das nasce
do rio Catrimani*

*Rio Catrimani —
Cachoeira Piranteira.*



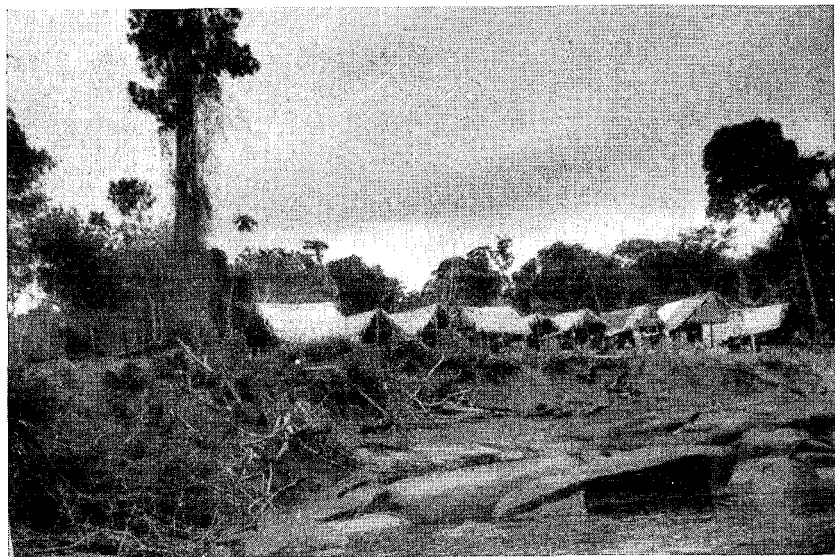
Sinal de Surumu

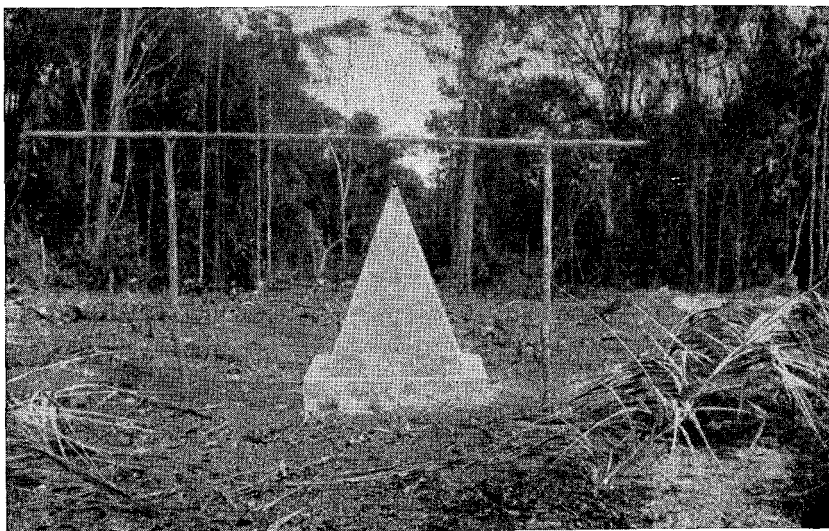
Sinal do Majari



Sinal de Surubai

*Rio Dementi — Acam-
bamento de Auatsinaua*





Marco das nascentes do rio Pacu.



Sinal do Pacu.

Os mais importantes tributários do Demeni são os seguintes, a partir das nascentes: Mariduu, Toototobi, Mapulau, Aiauí, Ananaliua e Fila-Filau, da margem esquerda, Taraçu, Jutai ou Inouí, Uauai, Mani-neua, Cuiufite, Cueiras e Aracá, da margem direita.

Afim de melhor localizar o divisor fronteira entre o Brasil e a Venezuela, a Comissão de Limites fez ainda as explorações dos afluentes Mariduu, Toototobi, Mapulau e Aracá.

Ao contrário do que se esperava o Mariduu, não tem as suas fontes no divisor fronteira. Nasce num contraforte que se estende na direção de leste até encontrar o rio Toototobi. O seu contravertente é um afluente dêste último, o qual a Comissão batizou com o nome de Cunha-Vilar, em homenagem ao seu velho servidor que, retirado do campo gravemente enfermo de béri-béri, faleceu ao chegar a Belém, depois de mais de dez anos de dedicados serviços.

A nascente principal do Mariduu é na intersecção do paralelo de $1^{\circ} 58'$ norte e meridiano de $63^{\circ} 46'$ W. Gw e na altitude de 582 metros.

Depois de 56 quilômetros de desenvolvimento, o Mariduu desemboca na margem esquerda do Demeni na latitude de $1^{\circ} 44'$ norte e longitude de $63^{\circ} 54'$ W Gw. O seu curso é muito sinuoso e somente navegável por pequenas canoas nos vinte primeiros quilômetros.

O segundo afluente da margem esquerda do Demeni é o Toototobi cujo galho principal nasce num contraforte e não na fronteira. Nas proximidades dessa nascente a Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana construiu um sinal aerofotogramétrico com a forma de uma coroa circular de seis metros de largura e tendo a circunferência maior 30 metros de raio.

O curso do rio Toototobi é de 174 quilômetros.

A 82 quilômetros acima da foz o Toototobi se divide em dois braços proximamente iguais e, por isso, esse lugar é denominado Repartimento. A Comissão seguiu o formador ocidental, que recebe pela margem direita o afluente Cunha-Vilar. Este rio, com 39 quilômetros de curso, tem um galho que é contravertente do Mariduu, como vimos. A sua nascente principal, porém, é no divisor fronteira. Nas proximidades dessa nascente e no divisor de águas foi construído um marco de fronteira. O rio contravertente da bacia venezuelana foi denominado Tigre. Das explorações levadas a efeito pela Comissão Mista, das quais falaremos adiante, chegamos à conclusão que são águas do galho principal do rio Orinoco.

Outro afluente da margem esquerda do Demeni explorado pela Comissão foi o Mapulau. Nasce numa região de grande número de serras, ligadas umas às outras formando uma verdadeira muralha destacadada da Parima na direção de leste. Essas montanhas caem abruptamente e são de escada difícil e perigosa. Para os lados de seu contravertente, que é o Catrimani, a descida da serra é mais atenuada.

Todos os braços formadores do Mapulau trazem água em abundância, são muito encachoeirados e correm em grande extensão sobre o leito pedregoso. Encaminha-se, então, o Mapulau por uma de-

pressão do terreno circundada por altos contrafortes, oferecendo uma linda paisagem. Do alto da serra onde nasce o galho principal, pode-se ver à grande distância uma planície que se perde de vista para leste, e nordeste, isto é, para os lados do rio Branco, na qual se divisam serras isoladas de grande altura, fazendo-nos crer, pela distância, serem as serras Ajarani, Mucajaí, Grande e outras.

O aspecto da região em que corre o baixo rio, é completamente diferente. Esta é uma vasta planície, só de quando em quando interrompida por serras isoladas.

O Mapulau tem origem na latitude de 2° 09' norte, longitude 63° 12' W. Gw. e altitude de 728 metros. Recebe pela margem direita um grande afluente, o Pococimaú, também explorado pela Comissão até suas cabeceiras.

O desenvolvimento do Mapulau é de 196 quilômetros e desemboca no Demeni com 50 metros de largura. Corre na direção geral NE-SW. O seu curso está naturalmente dividido em duas secções: a primeira indo da foz até o último ponto navegável, em canoas, com 158 quilômetros; a segunda desse ponto até à nascente com 37 quilômetros.

O Taraú é um rio de águas pretas, afluente da margem direita do Demeni. Sua direção geral é NW-SE e suas nascentes parece se encontrarem próximas das do rio Padaurí. Na foz é um rio largo quanto o Demeni. Ainda não foi explorado.

Até a época anterior aos trabalhos da Comissão de Limites o rio Aracá ou Uaracá foi considerado tributário do rio Negro. Os resultados obtidos, como já dissemos, indicam que o Demeni é o rio principal e o outro seu afluente. Excetuando a exploração feita no ano de 1786 pelo Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, o Aracá, até 1940 só fôra visitado pelos piaçabeiros cujas incursões raramente se estenderam à parte superior do rio.

Nesse ano a Comissão de Limites executou o seu levantamento até a sua origem e determinou vários pontos astronômicos.

É mais um tributário da bacia do rio Negro que passa às cartas geográficas com o seu curso totalmente explorado.

Não procede êle diretamente da vertente meridional da cordilheira de Parima, por sobre a qual passa a linha de limites do Brasil com a República de Venezuela, mas de um divisor secundário constituído de serras altas.

Até a chamada cachoeira dos Índios e num pequeno trecho a montante desse obstáculo, o Aracá apresenta bastante profundidade e largura.

No trecho de montante o rio se subdivide em numerosos canais que se confundem em seguida num único, lençol d'água extenso e pouco profundo.

As margens do Aracá são geralmente baixas, circunstância esta que vem em favor do desdobramento na época da cheia. O canal principal se perde totalmente em semelhante labirinto hidrográfico

Acima do trecho em que a caudal se expande, observa-se uma redução da largura da bacia, em razão da qual o rio retoma a sua forma para, em seguida, bifurcar-se.

Os dois ramos assim formados são largos e profundos, mas pouco extensos. Tem lugar então fenômeno semelhante ao mencionado atrás: o rio alarga a seção, diminui em profundidade e invade os terrenos baixos da margem.

Em um ponto situado sob o paralelo de 1° 03' norte e meridiano de 63° 58' W. Gw. foi possível reconstituir a corda líquida tão confusamente estrangulada. Do mencionado ponto para montante o volume do rio diminui consideravelmente e não mais permite subi-lo em canoas. Um longo caminho aberto na floresta conduziu às suas nascentes, que são numa encosta excessivamente escarpada, na altitude de 1 179 metros.

O desenvolvimento total do rio Aracá é de 551 quilômetros, dos quais os 44 primeiros, entre a sua desembocadura e o último ponto navegável por canoas, tem um declive muito pequeno. Os 27 últimos quilômetros são fortemente inclinados, havendo aí um desnível de 1 179 metros.

A única queda d'água existente no baixo rio (cachoeira dos Índios) dista 376 quilômetros da foz.

A vegetação em suas margens é de pequeno porte. Somente na região das nascentes, onde o terreno se eleva abruptamente, observa-se uma floresta de árvores vigorosas e altas.

O Aracá, que é um rio de água preta vai desaguar no Demeni na latitude de 0° 25' sul e na longitude de 62° 54' W. Gw. com a largura de 160 metros.

Na época da enchente o Aracá é acessível a lanchas ou batelões até cachoeira dos Índios. No período da vazante, porém, apenas embarcações de pequeno porte, (canoas, ubás, etc.) podem trafegar em razão das numerosas praias e da pouca profundidade.

Partindo da foz notam-se os seguintes afluentes: rios Marari, Jauari e Igarapés Monteiro, Beija-Flor, Viraí, Demenzinho e dos Índios, na margem esquerda, na margem direita o afluente de maior importância é o rio Curuduri

Existem muitos lagos em ambas as margens do rio

Numerosas serras são avistadas ao longe, de um e outro lado. A grande distância da margem esquerda ergue-se a cordilheira de Marari, de cujas faldas parece provir o rio do mesmo nome, tributário do Aracá

Ao longo das margens do Aracá ainda se notam vestígios de um grande incêndio que devastou considerável trecho das matas da zona fronteira.

Nas suas margens é abundante a piaçaba, cuja fibra tem larga aplicação industrial. A exploração da piaçaba é muito intensa e é essa a razão principal de o rio ser habitado por civilizados, na seção inferior.

RIO CATRIMANI

Procede o Catrimani de um ponto da vertente brasileira da cordilheira Parima, a 1 230 metros de altitude e definido pela intersecção do paralelo de 2° 11' 41" norte com o meridiano de 63° 23' 46" oeste de Gw. Essa posição é materializada por um marco construído na linha do *divortium aquarum* Amazonas-Orinoco.

O reconhecimento desse importante tributário da margem ocidental do caudaloso Branco foi iniciado na segunda metade do século XVIII, e constituiu um dos pontos do vasto programa de explorações geográficas delineado e executado pelo então governador da Província de São-José-do-Rio-Negro, general MANUEL DA GAMA LÔBO D'ALMADA.

Devemos, entretanto, esclarecer que a penetração levada a cabo pelos engenheiros que compuseram a expedição enviada ao Catrimani pelo citado governador, não logrou atingir os manadeiros do rio, estendendo-se até um ponto denominado Repartimento, situado na altura da confluência daquele com o Arapari que o encontra pela margem esquerda nas proximidades do paralelo de 1° 50' norte

A preocupação que sempre animou os portugueses de estabelecer com segurança e precisão os limites da jurisdição, em terras da América, da Coroa que eles tanto amavam e a que serviam com a mais edificante lealdade, se encontrava em harmonia perfeita com o espírito do tempo e bem definido o eterno anseio de neutralizar a influência do imperialismo das outras potências européias empenhadas como se achavam, em firmar também o seu domínio nesta parte do mundo.

Era preciso que se possuísse uma noção positiva de um vasto patrimônio territorial que se estendia para o norte até às alcantiladas fraldas da Pacaraima e Parima, abrangendo um rede potâmica considerável, cheia de obstáculos e defendida por um mistério tão impenetrável e profundo que não poderia ser — e os tempos no-lo demonstraram — totalmente decifrado no decurso de uma única partida de exploração. A penetração, pela sua própria natureza, seria um empreendimento lento e cheio de sacrifícios, caracterizado pela inevitável perda de vidas e material

A LÔBO D'ALMADA devemos os primeiros trabalhos de natureza científica precisa no sentido de projetar nas cartas geográficas a fisionomia dessas regiões tão fantasiadas pelas lendas.

Os trabalhos que levou a cabo e que se iniciaram dez anos depois da assinatura do *Tratado de S Ildefonso*, tiveram o mérito de estabelecer em bases firmes a consciência geográfica tão imprescindível a um país que vinha de aparecer no cenário do mundo, como fruto dos grandes empreendimentos marítimos de Portugal.

Podemos encarar essas penetrações como uma afirmação da mentalidade que orientou a vasta irradiação portuguesa na direção do *hinterland* brasileiro, operada desde a segunda metade do século XVI quando a união pessoal entre Portugal e sob o governo de FILIPE II,

surgiu como uma solução da disputa que, depois do desastre de Alcacerquibir, se levantou entre as duas grandes casas reinantes da Áustria e França.

Militar e estadista, LÔBO D'ALMADA sempre estava à altura dos problemas do seu tempo, assim no domínio político como no terreno técnico, e foram inúmeras as vezes em que êle se viu forçado a empreender ações enérgicas para fazer respeitar os nosso lindes

Por uma ironia do destino, LÔBO D'ALMADA que tanto fizera pela defesa e conservação do patrimônio da província que governava e pela geografia física do Brasil, sucumbiu esquecido no local onde hoje se ergue a cidade de Barcelos

A sua obra, porém, atravessou os tempos e hoje se encontra focalizada em suas grandiosas proporções no magistral livro de ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, grande historiador brasileiro que, sem favor algum, deve ser considerado como um dos mais eminentes pesquisadores de nossos fatos históricos na Amazônia.

Feitas as necessárias e justas referências à obra de LÔBO D'ALMADA, diremos que o rio Catrimani corre, inicialmente, através de terrenos de formação algonquiana (complexo cristalino) sôbre a qual também repousa o imenso e majestoso edifício arenítico do monte Roraima. É através de uma camada de arenito sustentada por outra de granito e xisto infinitamente mais antiga, que outro rio, — o Uraricoera, modela o seu tortuoso leito.

Transpostos os terrenos pertencentes à formação geológica mais antiga do planeta, o Catrimani se projeta, em quase tôda a totalidade do seu curso, sôbre uma vasta zona de formação arqueana, indo, finalmente, e já na secção inferior, drenar os terrenos aluviais que se estendem numa faixa paralela às margens do rio Branco

A direção geral do seu curso é SE e o seu ponto mais setentrional se encontra um pouco ao norte do paralelo de 2° 20' N

O desenvolvimento total do rio aqui discutido atinge a 649 quilômetros e pode ser dividido em três distintas secções e da maneira seguinte: da foz à cachoeira da Piranteira, num percurso de 204 quilômetros; dêste local até o ponto terminal da navegação em canoas, numa distância de 394 e, finalmente, o trecho ao longo do qual o rio se projeta sôbre uma vastíssima escadaria de granito e é o que vai desde a Base-das-Canoas, até as nascentes, com um desenvolvimento de 50 quilômetros, em números redondos.

No último trecho o leito do rio elevou-se 900 metros, fato êsse que bem atesta o seu fortíssimo declive nas proximidades do Parima

Na secção média, que vai desde a cachoeira da Piranteira até à chamada Base-das-Canoas, na latitude 2° 15' norte, longitude de 63° 09' W Gw e 325 metros de altitude, o Catrimani recebe pela margem direita as águas dos afluentes. Lôbo-d'Almada ou Aiamopo e Jundiá, igarapés Pedro-Barbosa, Gordulho, Sumaúma, Pauxiana e Caju. Esta secção é a mais extensa e a que possui o maior número de obstáculos. As margens são altas, sustentando uma vegetação de pequeno porte. O trabalho de erosão lateral é nitidamente acusado na secção inferior do

rio. No trecho, a que nos referimos, há numerosas ilhas e canais (paraná), de preferência nos espaços perturbados pelas cachoeiras. Em consequência, a navegação, é feita à custa de grandes sacrifícios e com uma perda considerável de tempo. Nos lugares em que as condições do rio não permitem o trânsito por água, canoas e carga passam através de varadouros abertos na margem.

A descida nesse trecho do rio, no período das águas máximas oferece grande perigo. Inúmeras pedras que atulham o leito ficam submersas, às vezes, a pequena distância abaixo da superfície das águas, constituindo, dessa maneira, uma grande ameaça às embarcações e vidas dos tripulantes.

A história das Comissões tem registado, por diversas vezes, o desaparecimento de homens na voragem de cachoeiras como as que ocupam a secção média do Catrimani.

Vindo de montante para jusante são as seguintes as cachoeiras existentes: Barro, Jupiim, Machado, Apuí, grupo Uruçu ou Duarte, Bacuri, Sucuriçu, Tanga, Casa-Velha, Jamaru, Pupunha, Boi-Açu, Itapaiuna e Piranteira.

Paralelamente à margem esquerda do rio, no trecho que estamos descrevendo, ergue-se a cordilheira do Matrinchão, constituída de serras bastante elevadas. Esse acidente opera a divisão das águas entre o Catrimani e o rio Água-Boa do Univini, ainda não explorado totalmente pela Comissão de Limites que tenho a honra de chefiar.

A largura do rio medida no período da vazante máxima, nesse trecho, oscilou entre 50 e 80 metros, a profundidade média podendo ser considerada de 1 metro.

O rio apresenta notável abundância de peixes e nas matas adjacentes às margens, a fauna é igualmente rica.

A Comissão de Limites determinou, ao longo da secção média do Catrimani, cinco posições astronômicas, assim como efetuou observações hipsométricas para determinação da altitude do maior número possível de pontos.

A extensão do rio foi cuidadosamente levantada a telêmetro.

Ocorreu-nos mencionar que, em 1932, uma expedição chefiada pelo explorador norte-americano DESMOND HOLDRIDGE navegou o Catrimani até à cachoeira denominada Poraqué, daí regressando.

A secção inferior do rio, estendendo-se da foz até a cachoeira da Piranteira tem um declive quase insensível, pois a diferença de nível que se observa entre os dois pontos extremos é apenas de 12 metros. A navegação aí se faz com absoluta segurança e rapidez, pela ausência completa de obstáculos.

No curso inferior do Catrimani notam-se os seguintes afluentes: igarapés Uxi-de-Cima, Bacuri, Arapixi, Bom-Jardim, Calado, Leôncio-Velho, Boa-Vista e outros de menor importância, na margem direita; na esquerda vemos os igarapés do Marinheiro, Castanho, Nurara, Peixe-Boi, Bahia, Chega-e-Volta, Mambira, Patauatuba, Cemitério e vários outros.

O vale do Catrimani é habitado por tribos de índios Uaiacá localizadas na secção média e Jauari na parte superior, constituindo estes últimos o grosso da população autóctone. O elemento civilizado é muito rarefeito e os poucos núcleos existentes estão situados na parte inferior do rio.

As reservas florestais são constituídas das mais variadas madeiras de construção e árvores produtoras de goma.

O clima é quente e úmido.

Coube à Comissão de Limites a tarefa honrosa e gigantesca de completar o reconhecimento do rio que, no decurso de mais de dois séculos, permaneceu desafiando a coragem e tenacidade dos exploradores. Os mapas anteriores à penetração levada a efeito, em duas etapas, pela Comissão de Limites, figuram a nascente do Catrimani, inteiramente fora da posição que tem realmente sobre a superfície da Terra. Mas de todos o mais fantasioso é o de O. R. WALKEY, que faz derivarem as águas de um grande lago situado nas proximidades da cordilheira divisória. Esta região, digamos de passagem, fazia parte dos domínios do El-Dorado que tanto preocupou o Mundo europeu nos começos do século XVI.

Os nossos trabalhos, porém, não terminaram na linha de fronteira, mas se estenderam à outra vertente da cordilheira, de onde afluem os numerosos formadores do caudaloso Orinoco.

MUCAJAÍ

Dos rios da banda ocidental do Branco é, sem dúvida alguma, o Mucajaí o que maior interesse tem despertado, pelo mistério que envolvia as suas nascentes e grande parte do seu curso.

A penetração civilizada não tinha ido além da cachoeira denominada Paredão, situada a 170 quilômetros da foz. Daí para cima o rio era totalmente desconhecido.

Inúmeras hipóteses se formularam sobre a individualidade do Mucajaí como rio (alguns pensavam tratar-se de um simples braço do Uraricoera) e a propósito da localização de sua nascente que, para muitos, derivava de um grande lago às proximidades da cordilheira Parima e junto das fontes do Catrimani, às quais se ligava por intermédio de um canal através do qual os peixes e tartarugas passavam.

A exploração realizada há bem pouco tempo pela Comissão de Limites, veio alterar profundamente o traçado do rio tal como se achava nas cartas geográficas, baseadas em dados fantásticos. Uma comparação feita entre o traçado teórico e o real dêsse grande tributário da margem direita do Branco nos conduziu àquela evidência.

Mede o Mucajaí na foz 250 metros de largura, sendo a altitude dêsse ponto de 76 metros sôbre o nível do mar.

A sua margem esquerda se estendem as savanas tropicais do Rio-Branco que o acompanham até à cachoeira do Paredão.

Numerosos lagos, onde vive grande variedade de peixes, existem nos terrenos adjacentes às margens.

A vegetação da margem direita é constituída de campinaranas e árvores de pequeno porte, formações que predominam até à confluência do igarapé Grande, acima da qual a floresta se apresenta densa e vigorosa.

As margens são, ora deprimidas, ora cortadas a prumo, abruptas e inacessíveis. Estamos num trecho do rio ao longo do qual se pode positivar um intenso e incessante trabalho de erosão lateral.

O Apeaú é o primeiro grande afluente da margem direita, cuja foz, que se encontra na latitude de 2° 41' norte, mede 80 metros de largura

Acima dêsse grande tributário o Mucajaí se apresenta cheio de baixios e de extensos pedrais que tornam muito difícil a navegação. Nessa altura dois grandes canais (paranás) se abrem para dar vazão às águas do rio e origem a uma ilha rochosa de regular perímetro, ostentando densa vegetação.

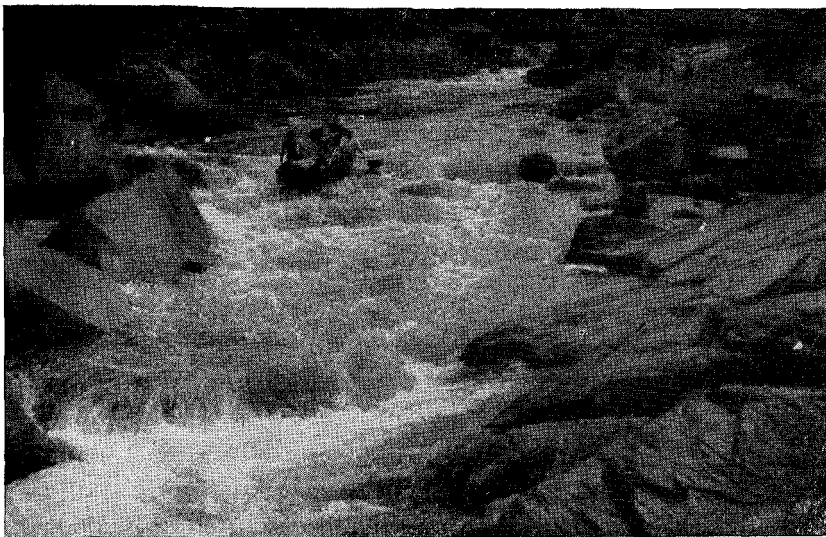
Ao Apeaú seguem-se os igarapés Grande e Pedral. Na margem oposta encontram o rio os de nome Araras, Tauari e Água-Verde.

As condições de navegação agravam-se à medida que se progride para montante. A forte inclinação do leito, os rápidos e os numerosos canais de paredes rochosas, semeados de blocos irregulares de granito, cujas arestas cortantes rompem fàcilmente o fundo das embarcações, exigem grande cuidado e perícia dos expedicionários

Mas o mais notável estrangulamento do rio é o que se observa num trecho semeado de ilhas, onde a grande quantidade de canais pelos quais se distribuem as suas águas levanta incertezas no espírito do explorador desavisado. A profundidade, aí, é pequena, em razão da grande dispersão do elemento líquido.

O ponto mais setentrional do Mucajaí, situado na cachoeira do Jacaré, dista, apenas, 30 quilômetros da ilha de Maracá, formada pelos canais do norte e do sul (Santa-Rosa e Maracá), em que se divide o Uraricoera.

A altitude de um ponto do rio situado na latitude de 2° 40' norte e longitude de 62° 33' oeste de Gw, foi determinada igual a 259 metros. Esse número, comparado com o desenvolvimento do rio até esse ponto (372 quilômetros), confere ao declive o valor de 0m49 por quilômetro.



*Rio Surumu — Passando
através de uma cachoeira
existente na parte superior
do rio*



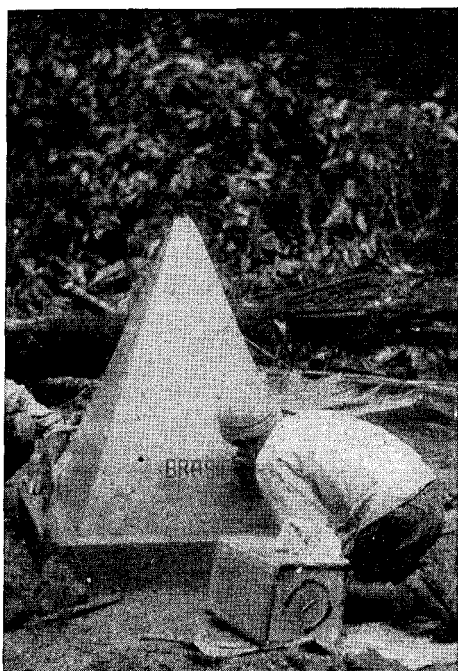
*Rio Demeni —
Cachoeira da Aguada*



*Rio Mucajai —
Serra Mucajai*



Vista parcial do sinal Paraguaimã



Marco das nascentes do rio Majari

Na intersecção do paralelo de 2° 46' norte com o meridiano de 62° 48' W. Gw. entra na margem direita do Mucajaí um rio de grande volume de água que recebeu a denominação de Couto-Magalhães. Nessa altura o rio principal mede, apenas, 62 metros de largura.

Estamos num trecho onde o Mucajaí se apresenta bastante raso e se desenvolve em grande número de curvas, fluindo comprimido entre altos contrafortes.

Mais acima entra na margem esquerda do rio um tributário de apreciável volume, ao qual foi dado o nome do demarcador MELO NUNES.

O ponto terminal da navegação no Mucajaí dista 565 quilômetros de sua foz. Ao longo do trecho inavegável abriu-se uma extensa picada que se prolongou até às nascentes, situadas nas faldas da cordilheira Parima.

Seria ocioso recordar e descrever as operações técnicas executadas na zona das cabeceiras dêsse grande rio e na dos formadores do Orinoco que procedem da vertente oposta daquele sistema de montanhas. O mapa geográfico que resultou dessas longas e penosas operações fala por si mesmo. Diremos, apenas, que 12 pontos astronômicos foram determinados para corrigir uma poligonal topográfica de 690 quilômetros de extensão.

Finalmente, uma observação feita sôbre o mapa nos mostra que o Mucajaí corre sensivelmente ajustado a um paralelo e em harmonia com a direção do seu vizinho — o Uraricoera.

ORINOCO

As fontes dêsse grande rio que atravessa a República de Venezuela têm sido, desde o comêço do século XVIII, a preocupação de geógrafos e exploradores.

A inacessibilidade da zona onde estão situadas, a sua distância e aparente impenetrabilidade, aliadas à existência de índios canibais, segundo as lendas, constituíam invencíveis barreiras à aproximação civilizada.

O rio descrito pelo padre GUMILA em 1743, atraiu a atenção dos que se entregam a investigações geográficas.

As suas nascentes foram inútilmente buscadas por MICHELENA e o explorador francês CHAFFANJON que, em 1886, navegou o Orinoco, situou-as nas faldas do pico Lesseps que, segundo êle, pertence ao sistema orográfico da cordilheira Parima.

Trinta e oito anos após a viagem de CHAFFANJON, encaminhou-se ao alto Parima uma grande expedição chefiada pelo geógrafo ALEXAN-

DER HAMILTON RICE, a qual também objetivava os famosos manadeiros do grande rio venezuelano. Circunstâncias supervenientes obrigaram a expedição a regressar sem haver logrado decifrar tão tentador mistério.

As Comissões de Limites estava, entretanto, reservada a palavra final. Com o progresso dos trabalhos de delimitação de nossos lindes com a Venezuela, as expedições de exploração foram, cada vez mais, se aproximando da região de onde procede o Orinoco.

Em dezembro de 1939 a Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana, da qual fazia parte o técnico brasileiro LUÍS DE SOUSA MARTINS, efetuou os primeiros reconhecimentos da região das precitadas nascentes, utilizando para isso, um monoplane, pilotado pelo norte-americano JIMMIE ANGEL.

A base de onde partiram os exploradores ficava à margem do rio venezuelano Canaracuni, tributário do Caura.

Do relatório apresentado pelo técnico brasileiro, destacamos os seguintes trechos:

“A 10 de dezembro, em companhia do técnico da Aerpostal Venezuelana, Sr. CIRILO AUZEAU e do explorador FELIZ CARDONA, saí de Canaracuni com o fim de identificar as nascentes do rio Orinoco. Voávamos sob o rumo magnético de 5° SW.

“Após 197 quilômetros de vôo nessa direção, encontramos-nos sobre uma região constituída de pequenas savanas e de altas montanhas, de aproximadamente 1 000 metros de altitude.

“A fisionomia do terreno coincidiu com as informações que o explorador CARDONA havia colhido de índios conhecedores da região.

“O aparelho baixou muito, voando em círculo e inclinando-se de um ângulo suficiente para permitir o reconhecimento do terreno e o apanhado de vistas fotográficas do mesmo.

“Estávamos a tal altura do solo que podíamos distinguir perfeitamente qualquer tronco de árvore que sobre ele estivesse deitado.

“Divisamos vários igarapés saindo das chanfraduras das montanhas. As águas desses pequeninos braços eram coletadas por um braço maior que atravessa uma savana ligeiramente inclinada e se dirige para NW.

“Em tórno e num raio de mais de 30 quilômetros, notam-se montanhas parcialmente despidas de vegetação, algumas deixando a nu uma encosta constituída de rocha e argila vermelha.

“Existem caminhos atravessando a savana, e pudemos ver claramente zonas de mata tombada pelos índios para as suas plantações.

“Tudo o que observamos nos conduziu à evidência de que a região das nascentes do Orinoco, cuja posição geográfica aproximada é 2° 44'

de latitude norte e 64° 16' de longitude W. de Gw. é habitada por numerosas tribos de índios. Não vimos casas, mas a só existência de caminhos e campos de cultura nos assegura a presença deles”.

Mais tarde, isto é, em 1942 e 1943, durante as operações terrestres executadas na região das nascentes do Demeni e Catrimani, foram fixados alguns pontos pertencentes a diversos formadores do grande rio de que nos ocupamos.

Necessitava-se, entretanto, de um trabalho mais amplo, ou de uma visão de conjunto que só se poderia obter do ar. Os cursos d'água que saem de ambas as vertentes da cordilheira correm, no seu início, para todos os quadrantes e, somente alguns quilômetros abaixo das nascentes, começam a se orientar numa direção perfeitamente definida, a qual conservam, geralmente, até à desembocadura.

Sob a mata o horizonte visual se limita a algumas dezenas de metros e quando se quer dissipar qualquer dúvida que porventura surja na identificação de tal ou tal curso d'água, procede-se a um levantamento que atinge, às vezes, dezenas e dezenas de quilômetros.

Do ar, porém, nos é possível, de um plano situado a alguns milhares de pés de altura, dominar grandes trechos dos rios cuja existência é indicada, na parte superior, pelos tortuosos corredores que eles abrem na floresta.

Uma noção exata do conjunto e da própria nascente principal do rio se obteve durante os reconhecimentos aéreos realizados em fins de 1943 pelo major da arma aérea norte-americana, ARTHUR JAMES WILLIAMS, com a assistência do ajudante técnico da Comissão Brasileira de Limites, engenheiro LEÔNIDAS DE OLIVEIRA.

Esse técnico, em seu relatório, expõe o seguinte:

“Os vôos efetuados em novembro foram ótimos do ponto de vista de exploração e durante os mesmos tivemos ocasião de fotografar pontos conspícuos da fronteira, trechos característicos de rios, malocas e roçados de índios. Tivemos também ensejo de verificar que as nascentes do rio Parima estavam cêrca de 60 quilômetros a sudoeste da cachoeira Purá, até então considerada como um dos degraus do Parima no lugar de sua fonte principal, na cordilheira que tem o seu nome.

“A 8 de dezembro, ultimados todos os preparativos e em condições de tempo muito favoráveis, levantamos vôo do campo de Boa-Vista rumo à Base-de-Canoas do rio Mucajaí. Este rio foi alcançado após 30 minutos de vôo e depois sobrevoado até o ponto denominado Base-das-Canoas, situado na latitude de 2° 46' 43" norte e longitude de 63° 25' 24" oeste de Gw. Daí rumamos para o local do marco e sinal aerofotogramétrico das nascentes do rio Catrimani que não pudemos encontrar de pronto. Em razão disso tomamos a direção do sinal construído nas proximidades das nascentes do rio Toototobi, afluente da margem

esquerda do Demeni da bacia do rio Negro, cujas coordenadas foram por nós determinadas em março de 1943.

“O percurso foi coberto em 10 minutos e no fim dêsse tempo tínhamos identificado com segurança não sòmente o sinal, como a maloca e o roçado dos índios Uaiacá ali existentes.

“Do sinal principal do rio Toototobi, continuamos na direção de outro ponto de coordenadas conhecidas. Esse ponto cujas coordenadas foram por nós igualmente determinadas, seria facilmente identificado em razão da existência, em suas proximidades, e à margem do rio, de uma maloca de índios, à frente da qual foram executadas as observações astronômicas.

“Esse rio constituía o principal objetivo de nossa exploração, pelas dúvidas que suscitara em relação à sua identificação. Nosso trabalho iria levar seguros elementos de orientação à turma da Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana que se dirigia àquela zona.

“O rio, a princípio, corre para SW, infletindo, após, para NW, direção esta que conserva até encontrar um grande braço que vem da direita o qual, a julgar pelo volume e largura, parecia ser o principal e que passamos a acompanhar por cerca de 25 milhas. O último trecho por nós avistado mede cerca de 40 metros de largura, é bastante inclinado e semeado de cachoeiras, algumas de regular altura.

“O vale que avistamos na direção NW e que é o do mencionado rio, passa ao norte de três montes isolados, um dos quais, pela sua configuração arredondada, parece ser o pico Lesseps. Essa circunstância nos convenceu de que o rio em questão é o próprio Orinoco.

“Em favor dessa hipótese existe o fato de que rio algum da bacia do Amazonas poderia atingir aquela latitude com semelhante volume d'água e correr naquela direção. Examinando, mais tarde, o mapa do Orinoco organizado pela expedição H. Rice, chegamos à conclusão de termos estado próximo de um ponto astronômicamente determinado por aquê explorador, o qual marcou o término de sua arriscadíssima viagem em busca das nascentes do caudaloso Orinoco

“No regresso sobrevoamos o braço principal até à sua nascente na cordilheira Parima, cuja altitude acima do nível do mar é, aproximadamente, 1.300 metros

“Determinada a fronteira, seguimos sôbre a crista da divisória real até um certo ponto e depois passamos a sobrevoar as águas do rio Mucajaí. O braço principal dêsse rio foi seguido até à sua nascente e aí tivemos um novo contacto com o divisor de águas.

“Tomando a direção NW a partir dêste último ponto, atingimos o rio Parima cujo levantamento estimado efetuamos até à nascente, na cordilheira de igual nome.

“Determinado mais êsse ponto pertencente à linha de fronteira, sobrevoamos um igarapé venezuelano que corre no quadrante SW, no rumo do Orinoco.

“Acima da cachoeira Purá, último ponto atingido pela Expedição Rice e pelo major POLIDORO, da Inspeção de Fronteira, mede o Parima cêrca de 20 metros de largura, e o seu desenvolvimento entre a mencionada cachoeira e as suas nascentes é, mais ou menos, de 80 quilômetros. Em certos trechos é perfeitamente navegável.

“A cachoeira Purá é o principal obstáculo existente nessa parte do rio. Numa extensão de mais ou menos cinco quilômetros as águas rolam com extraordinária velocidade comprimidas entre escarpados paredões de acesso extremamente difícil.

“A exploração dêsse trecho do Parima foi demorada para que se pudesse adquirir uma noção exata de sua direção, origem e extensão.

“A 9 de dezembro realizamos mais um vôo. Nosso objetivo era a nascente do rio Auaris, formador setentrional do Uraricoera.

“Após duas horas de vôo atingimos a cachoeira Purá que havíamos visto na véspera e seguimos o rio Parima, para jusante, até atingir um grande afluente da esquerda. A partir dêsse ponto rumamos para NW até cortar a fronteira num ponto em que o divisor de águas é constituído de serras baixas.

“Uma vez aí chegados reconhecemos os rios que se dirigem ao Parima e os que fluem para o Orinoco.

“Reconhecida com segurança essa faixa de fronteira, seguimos sôbre a crista do divisor real até atingir as águas brasileiras que correm para o Auaris. Daí passamos ao próprio Auaris que acompanhamos, na direção de montante, até um ponto em que o rio se apresenta com uma largura de cêrca de quatro metros. Uma chuva torrencial que desabou nessa ocasião, impediu-nos de prosseguir na direção das nascentes do Auaris, as quais se encontram, apròximadamente, a 20 milhas daquele ponto.

“Daí seguimos completando o levantamento do Parima, tendo, antes, sobrevoado o Aracasa até à nascente e um trecho do divisor de águas até próximo da serra Urutani, que é uma das grandes elevações da cordilheira Parima”.

Na mesma ocasião em que o engenheiro LEÔNIDAS procedia a êsses vôos de exploração, uma outra turma da Comissão de Limites, chefiada pelo ajudante RUBENS NÉLSON ALVES, e com a assistência do engenheiro venezuelano HILÁRIO ITRIAGO, atingia, as nascentes do rio Mariduú, afluente do Demeni e reconhecia a sua contravertente.

Essa turma, prosseguindo os trabalhos que a Comissão vinha executando desde 1940, na região contravertente das águas dos rios Mu-

cajaí, Catrimani e Demeni, explorou e levantou um braço secundário do Orinoco, que recebeu o nome de "Tigre". Depois de 19 quilômetros chegou à sua foz, num ramo maior, que é contravertente do Catrimani. Continuando as explorações para jusante, êsse novo tributário, após 10 quilômetros e já com 27 metros de largura, foi cair num outro braço, muito mais volumoso que vinha de leste. Êste novo curso d'água que media 55 metros de largura e uma profundidade de 4,5 metros, foi identificado, como sendo o braço principal do Orinoco determinado pelo reconhecimento aéreo. Descendo por êsse novo rio a turma exploradora o acompanhou durante 45 quilômetros, deixando-o com 80 metros de largura e grande volume d'água.

Essa região é um emaranhado de rios das duas bacias e de montanhas em tôdas as direções, mas tudo nos leva a crer que estamos certos e que essas águas são as do braço principal do majestoso rio venezuelano.

A missão a que se impôs a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — Primeira Divisão ainda não está terminada. Outros rios serão incorporados à nossa geografia e ainda no próximo mês partirá a expedição que deverá subir o Padauri até às suas origens, que ainda se conservam em mistério.

A cartografia da planície amazônica vem de entrar numa fase de retificação; tarefa ingente e grandiosa que requer tempo e pertinácia. Hoje podemos afirmar que a periferia setentrional do Brasil e grande número de cursos d'água que rolam para o sul, procurando o Amazonas, estão cartografados com rigor, graças aos trabalhos da Comissão de Limites. Os elementos que entram na formação desses mapas, são obtidos por meio de uma topografia cuidadosa apoiada em operações astronômicas executadas com precisão, critério e experiência.

Obra de legítima brasilidade, levada a bom termo entre mil dificuldades, a Comissão de Limites se sente feliz por vir contribuindo com uma parcela, embora pequena, para um melhor conhecimento do nosso querido Brasil.

*

RÉSUMÉ

Dans la Conférence intitulée "Géographie de l'Amazonie — Dans les frontières du Nord", prononcée à l'occasion du Xème Congrès Brésilien de Géographie, le Comandant BRÁS DE AGUIAR a fait un exposé des travaux techniques et des études de Géographie Physique et Humaine, qu'il a fait, depuis 1938, comme Chef de la Commission Brésilienne de Démarcation des Limites entre l'Amazonie et les Pays voisins comprenant la région délimitée par la Serra de Paracaima, au Nord, le Rio Branco, à l'Est, le Rio Negro, au Sud, et la Serra de Paíma à l'Ouest

L'auteur dit que: "La Commission de Limites, en ne prenant pas garde aux grands sacrifices que la région impose, en remontant les rivières, en traversant les vallées et les montagnes, en entrant en contact avec un grand nombre de tribus indigènes, en étudiant, enfin, cette région sous son aspect physique et humain, une nouvelle carte et une nouvelle physionomie surgissent pour cette contrée"

En analysant, d'une manière spéciale, les travaux qui ont été effectués pendant les quatre dernières années, l'auteur décrit les rivières: Demeni, Catrimani, Macajai et Orinoco, en donnant les principales caractéristiques physiographiques de chacune d'elles

La ratification, entre le Brésil et la République de Venezuela, des frontières de L'Orinoco, qui n'avaient pas encore été déterminées représente un notable effort, vu les difficultés qui ont dû être surmontées

RÉSUMÉ

En esta conferencia, "Geografía amazónica: En las fronteras del Norte", hecha en ocasión del X Congreso Brasileño de Geografía, el Comandante BRÁS DE AGUIAR se refiere a los notables trabajos técnicos y concienzudos estudios de Geografía Física y Humana que, desde 1938, viene efectuando la Comisión Demarcadora de Límites — Primera División, de que es su competente jefe, en un vasto territorio comprendido entre la sierra de Paracaima, al norte; río Branco, al este; río Negro, al sur, y la sierra de Parima, al oeste

"No llevando en cuenta los grandes sacrificios que la región acarreta, la Comisión de Límites subiendo ríos, atravesando valles y montañas, entrando en contacto con gran número de tribus indígenas, estudiando enfin esa región bajo el prisma físico y humano, va delineando una nueva carta y otra fisionomía de la región va surgiendo", dice el autor

Analizando, especialmente, los servicios que se llevaron a efecto en los últimos cuatro años, describe, con sus principales características fisiográficas, los ríos Demeni, Catrimani, Mucajai y Orinoco

El reconocimiento de las nacientes de este último, hasta entonces indeterminadas, y ahora debidamente establecidas en costosas y detalladas búsquedas, en las cuales hasta el avión fué empleado, tuvo notable repercusión en el exacto trazado de nuestra línea limítrofe con la hermana República de Venezuela

RIASSUNTO

In questa conferenza, "Geografia amazzonica: Al confine settentrionale", tenuta in occasione del X° Congresso Brasiliano di Geografia, il Comandante BRÁS DE AGUIAR ricorda i notevoli lavori tecnici e gli accurati studi di Geografia Fisica e Umana, eseguiti, a partire del 1938, dalla Commissione Brasiliana di Delimitazione dei Confini, Prima Divisione, sotto la sua competente direzione. Questi lavori e studi si riferiscono ad un vasto territorio, compreso fra la Serra de Paracaima a Nord, il Rio Branco ad Est, il Rio Negro a Sud e la Serra de Parima ad Ovest

"Affrontando serenamente le privazioni, inevitabili in quella regione, la Commissione dei Confini risale fiumi, attraversa valli e monti, entra in contatto con tribù indigene, insomma studia la regione nei suoi aspetti fisici ed umani, e prepara una nuova carta, ponendo in rilievo nuovi aspetti della regione" afferma l'autore

Analizzando, specialmente, il lavoro compiuto negli ultimi quattro anni, descrive, coi loro principali caratteri fisiografici, i fiumi Demeni, Catimani, Mucajai e Orinoco

L'accertamento delle sorgenti di quest'ultimo, prima sconosciute ed ora ben determinate, mercé coscienziose ricerche, nelle quali furono impiegati anche aeroplani, ebbe notevoli ripercussioni nel tracciamento della nostra linea di confine con la repubblica di Venezuela

SUMMARY

In this lecture "Amazon geography: in the Northern boundaries" delivered on the occasion of the 10th Brazilian Congress of Geography, Commander BRÁS DE AGUIAR refers to the outstanding technical works and conscientious studies on Physical and Human Geography which have been made by the First Division of the Brazilian Borders Demarcation Committee, of which he is the capable chief, on a vast territory extending between Paracaima range of mountains at the North; Branco river at East; Negro river at South; Parima chain of mountains at West

"Not considering the great sacrifices the region involves, the Boundary Committee by going up rivers, crossing valleys and mountains, getting in touch with a large number of Indian tribes and finally studying that region from the physical and human standpoints is outlining a new map, and another feature of the region is coming out" — states the author

By making a special analysis of works carried out during the last four years, Commander AGUIAR describes rivers Demeni, Catimani, Mucajai and Orinoco with their main physiographic features

As to surveys in the beginning of the latter one, until then not well fixed up, but now duly established through tiresome and detailed research works in which even the airplane has been used, they had a notable echo in the exact making of our frontiers with our sister republic — Venezuela

ZUSAMMENFASSUNG

In seinem Vortrag "Die amazonische Erdkunde: An den Nordgrenzen", welche während des X Brasilianischen Kongresses für Erdkunde von dem Comte BRÁS DE AGUIAR gehalten wurden, bezieht sich der Vortragende auf die bedeutenden technischen Arbeiten und wissenschaftliche Studien der physischen menschlichen Erdkunde, welche seit 1938 von der Brasilianischen Kommission, die die Grenze feststellen soll, gemacht worden sind. Dabei bezieht er sich auf Arbeiten, welche von der ersten Division dieser Kommission die er selber leitete, in einem riesengrossen Bezirk, welcher zwischen dem Gebirge des Paracaima, im Norden; des Rio Branco-Flusses, im Osten; des Rio Negro-Flusses im Süden und der Gebirge des Parima im Westen liegt.

Der Vortragende behauptet, das "wenn man die grossen Opfer, welche die Gegend an sich schon von der Kommission forderte, nicht in Rechnung stellt, so war diese Arbeit doch von solcher Bedeutung, dass eine neue Landkarte und neue Physionomie dieser Gegend die Folgen dieser Tätigkeit sind; eine Tätigkeit die alle zwang, Flüsse zu überqueren, Täler und Berge zu erforschen, wobei man oft mit einer grossen Zahl Eingeborener zusammentraf."

Dann analysiert er besonders die Arbeiten, die in den letzten vier Jahren geleistet worden sind, und beschreibt die Flüsse Dementi, Catrimani, Macajai und Orinoco in ihren physiographischen Charakteristiken.

Die Feststellung der Quellen des Orinoco, bislang nicht festgelegt, jetzt aber wissenschaftlich durch genaueste Untersuchungen klar gelegt, wobei alle Mittel bis auf das Flugzeug benutzt wurden, hatten grossen Wiederhall in der genauen Festslegung unserer Grenzlinien mit der Republik von Venezuela.

RESUMO

En tiu ĉi parolado "Amazona Geografio: Ĉe la nordaj landlimoj", dirita okaze de la Deka Brazilia Kongreso de Geografio, Komandanto BRÁS DE AGUIAR preparolas pri la notindaj teknikaj laboroj kaj zorgegaj studoj pri Fizika kaj Homa Geografio, kiujn, ekde la jaro 1938a, realizadas la Unua Divizio de la Limfiksanta Brazilia Komisiono, kiun li majstre estias, sur vasta teritorio entenata inter la montaro Paracaima, norde; rivero Branco, oriente; rivero Negro, sude; kaj montaro Parima, okcidente.

"Ne kalkulinte la grandajn oferojn, kiujn la regiono sekvigas, la Limkomisiono supreniante riverojn, trairante valojn kaj montarojn, ekkontaktante kun granda nombro da indigenaj triboj, fine studante tiun regionon laŭ la fizika kaj homa flanko, skizadas novan karton, kaj alia fizionomio de la regiono montiigas", diras la aŭtoro.

Analizante, speciale, la seĝojn faritajn dum la lastaj kvar jaroj, li prikskribas, kun iliaj ĉefaj fiziografiaj ecoj la riverojn Dementi, Catrimani, Macajai kaj Orinoco.

La esploro de la defluejoj de tiu ĉi lasta rivero, ĝis tiam ne fiksita, kaj nun precize determinita post penigaj kaj zorgegaj esploradoj, en kiuj eĉ la aviadilo estis uzata, havis notindan eŝon ĉe la ekzata plano de nia limlinio kun la frata Respubliko de Venezuelo.

COMUNICAÇÃO SÔBRE APARELHOS DE ESTEREOFOTOGRAMETRIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO*

Major *Benjamim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti*
Do Serviço Geográfico do Exército

Senhores Delegados das Nações Americanas. Minhas Senhoras e meus Senhores.

Há mais de uma década que no Serviço Geográfico do Exército Brasileiro se realizam esforços no sentido de criar uma aparelhagem de estereo-aerofotogrametria, para o desenho das cartas topográficas, de utilização fácil, de ótica simples, e de construção acessível a qualquer oficina mecânica de precisão. Esta palestra tem por finalidade divulgar os resultados desses esforços.

Em 1932, alguns oficiais do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro foram incumbidos de realizar levantamentos expeditos e, como já era comum fazer-se nessa época, apoiaram o seu trabalho em fotografias aéreas.

De regresso à sede, aqui no Rio de Janeiro, esses oficiais, em conversa com o consultor técnico da instituição a que pertenciam, major EMÍLIO WOLF, lembraram a vantagem que traria, para a execução de tais levantamentos, um pequeno aparelho, ligado a um estereoscópio, que permitisse medir as altitudes, embora com pouco rigor.

Essa idéia calou profundamente no espírito do major WOLF, e de tal forma, que ele se dedicou inteiramente à sua realização.

Destarte, uma simples conversa despreocupada, foi o estímulo para o estudo, projeto e construção no Serviço Geográfico do Exército Brasileiro, de novos aparelhos de estereofotogrametria.

Antes de continuar, devo dizer, em poucas palavras, quem foi o major EMÍLIO WOLF.

Era austríaco de nascimento. Foi oficial do exército de seu país e serviu no Instituto Geográfico de Viena, onde se distinguiu como topógrafo exímio e como técnico de fotogrametria. Dotado de gênio inventivo, possuía grande cultura técnica, abrangendo todos os ramos da cartografia.

Contratado em 1922 para o cargo de consultor técnico de Fotogrametria do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro, aqui se identificou com os hábitos da terra, naturalizou-se brasileiro e viveu como bom brasileiro, pondo ao serviço de sua nova pátria, com lealdade e extrema dedicação, sua invulgar cultura e sua operosidade, até o seu falecimento em 1941.

Menos de um ano depois de iniciadas as suas pesquisas, em meados de 1933, o major WOLF apresentou o seu primeiro aparelho, que aparece na figura 1.

* Comunicação feita no dia 24 de agosto de 1944, perante a II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia

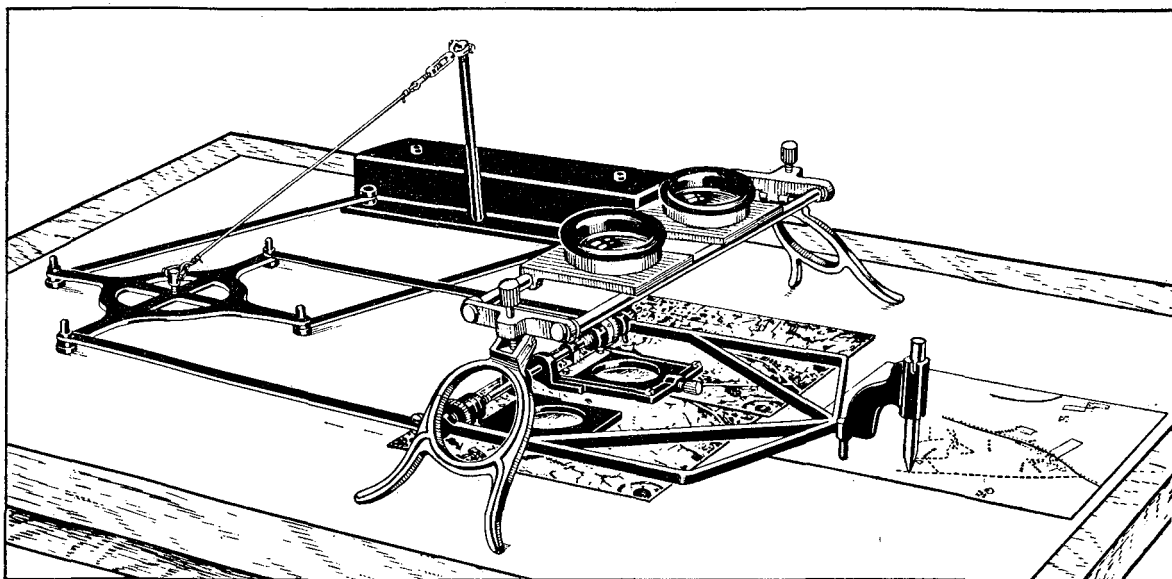


Fig. 1

Era apenas um pequeno estereômetro, como os muitos que têm sido construídos em diversos países.

Esse aparelho não satisfez o major WOLF, em 1934 ele apresentou um outro, a que deu o nome de “ESTEREÓGRAFO” e que está representado em esquema na figura 2.

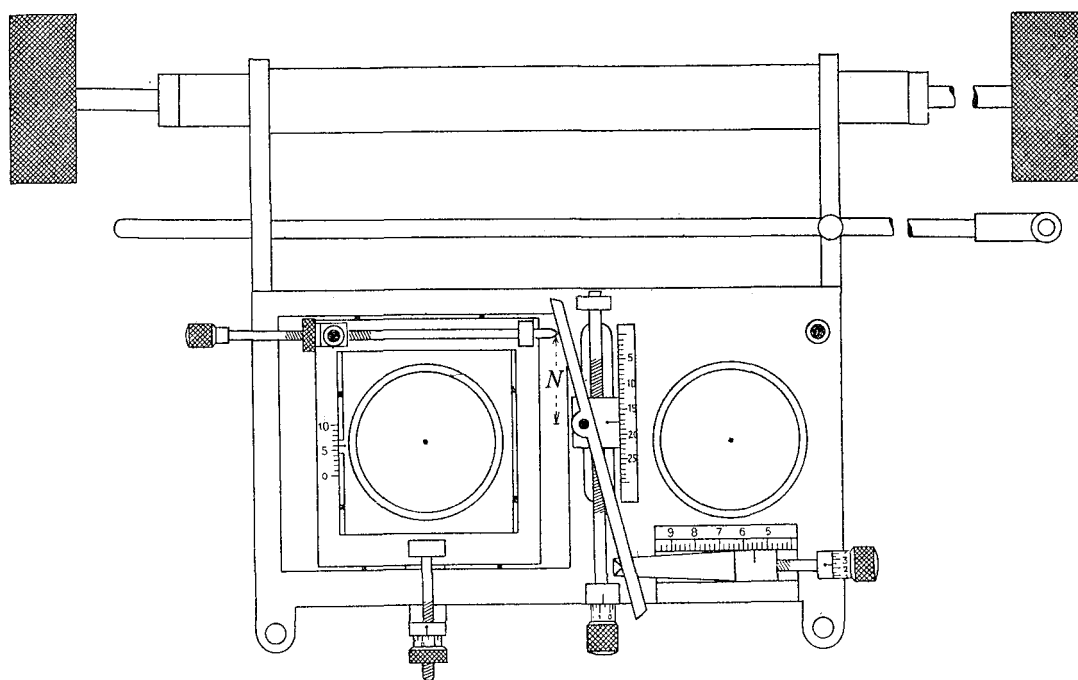


Fig 2

Da mesma categoria dêsses dois aparelhos são o "ESTEREOCOMPARÁGRAFO FAIRCHILD", o "ABRAMS CONTOUR FINDER", o "ESTEREÔMETRO ZEISS" e muitos outros que têm aparecido, construídos sob os mesmos princípios. São pequenos estereocomparadores, por meio dos quais se medem as diferenças de altitude do terreno.

O estereógrafo apresenta, todavia, uma particularidade interessante, que revela o espírito extremamente prático do seu inventor.

Ele possui um dispositivo, do qual as principais peças são uma alavanca inter-fixa e um micrômetro, que se vêem na figura 2. A alavanca reduz ou amplia pequenos deslocamentos lineares, por meio dos quais, nos aparelhos dessa categoria, são calculados os desníveis do terreno, transformando-os em comprimentos iguais a êsses desníveis reduzidos a uma escala prefixada. O micrômetro, cuja finalidade é medir êsses comprimentos, é graduado de maneira a dar diretamente as grandezas reais dos desníveis a que correspondem. Êsse micrômetro, além disso, soma automaticamente aos desníveis medidos a altitude do ponto tomado para referência dando, assim, diretamente, as altitudes dos pontos do terreno.

Tal dispositivo fornece as altitudes do terreno diretamente em metros. Poderá também fornecer em pés, se fôr graduado para isso. A sua única ajustagem está em fixar a posição do eixo dessa alavanca, que pode ser deslocado transversalmente, variando os comprimentos dos seus braços. Essa ajustagem depende apenas da altura de vôo sobre a altitude média do terreno fotografado e do comprimento da base do par estereoscópico de fotografias utilizado.

Nos aparelhos congêneres as leituras no micrômetro são feitas em milímetros e frações de milímetro, sendo necessário empregar tabelas e fazer cálculos, para a redução dos comprimentos medidos a diferenças de altitude e vice-versa.

Êsse dispositivo do estereógrafo é de uma comodidade extraordinária e é, realmente, o seu característico.

Tanto o estereógrafo como os outros aparelhos semelhantes, só realizam condições geométricas para fotografias rigorosamente verticais e tomadas à mesma altura de vôo, o que ainda não se obtém na prática. As inclinações dessas fotografias e as variações da altura de vôo provocam erros grandes, que podem atingir duas e mais centenas de metros, quando as inclinações são da ordem de 3° ou pouco maiores. Por isso, êsses aparelhos, logo que apareceram, só serviam para interpolar cotas entre pontos próximos, de altitude conhecida e, assim mesmo, com pouco rigor.

As fotografias destinadas aos levantamentos estereofotogramétricos, de uma maneira geral, como bem conhecem os técnicos, são tomadas de tal forma que cada uma delas recobre pelo menos 60 % do terreno abrangido pela fotografia anterior, constituindo cada duas fotografias consecutivas um par estereoscópico.

O sonho do major WOLF era criar um pequeno aparelho que, em qualquer circunstância, apenas apoiado em poucos pontos do terreno,

assegurasse o levantamento de toda a área desse terreno recoberta no par estereoscópico.

Com a sua constância habitual, desenvolveu a teoria referente aos efeitos das inclinações, chegando a fórmulas diferenciais simples, aplicáveis a inclinações muito pequenas, que o conduziram a descobrir, ainda em 1934, duas leis com as quais é possível definir a superfície representativa dos erros na zona recoberta do par estereoscópico, por meio de curvas de igual erro, tomadas como curvas de nível.

Essas duas leis são as seguintes:

- 1.^a — Os cortes da superfície que define os erros, segundo planos perpendiculares à linha da base do par estereoscópico de fotografias, são linhas retas;
- 2.^a — Os cortes da superfície que define os erros, segundo planos paralelos ao plano vertical que contém a linha da base do par estereoscópico de fotografias, são linhas retas ou são curvas do 2.^o grau (parábolas, hipérboles, elipses) que muito se aproximam de arcos de circunferência.

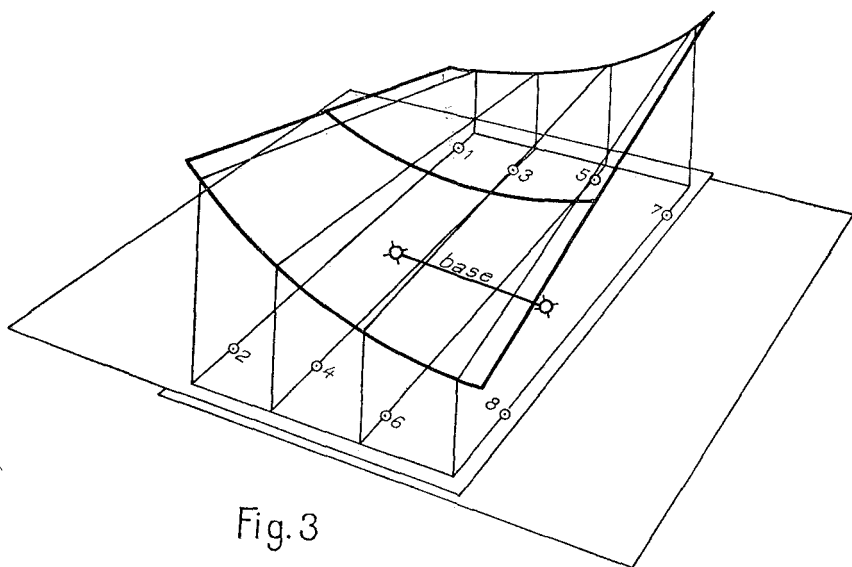


Fig. 3

Escolhendo-se pontos de referência no terreno, dispostos segundo a maneira indicada no plano de apoio da figura 3, é fácil o emprêgo dessas leis. Esse plano de apoio é constituído pelas fotografias de um par estereoscópico, tendo as zonas de recobrimento em superposição.

Os cortes dos pares de pontos 1, 2 — 3, 4 — ... 7, 8, situados perpendicularmente à direção da linha da base, são construídos conforme a 1.^a lei. Os cortes paralelos à linha da base são construídos aproveitando cotas fornecidas pelos primeiros. A figura 3 representa uma superfície de erros definida em função dos cortes longitudinais e transversais.

Interpolando-se nas projeções 1,2 — 3,4 — ... 7,8 dêsses cortes, cotas de uma mesma eqüidistância e ligando-se os pontos de igual cota, têm-se as curvas de nível da superfície que define os erros, as quais constituem o “gráfico das curvas de êrro das inclinações”, conforme denominação dada pelo próprio major WOLF. A figura 4 representa um dêsses gráficos.

Gráfico das curvas de êrro

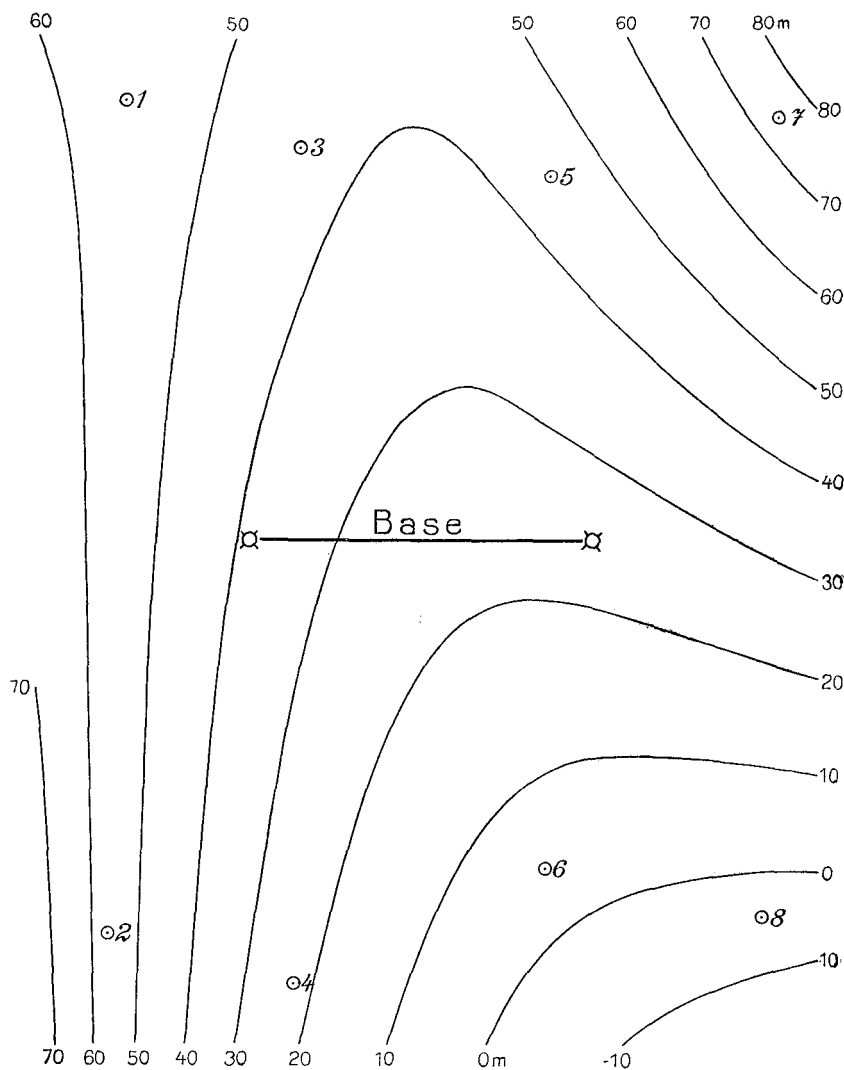


Fig 4

Dessa maneira, tendo-se a altitude de um ponto fornecida pelo aparelho e subtraindo-se dela o valor do êrro no ponto correspondente do gráfico, obtém-se a altitude certa do ponto.

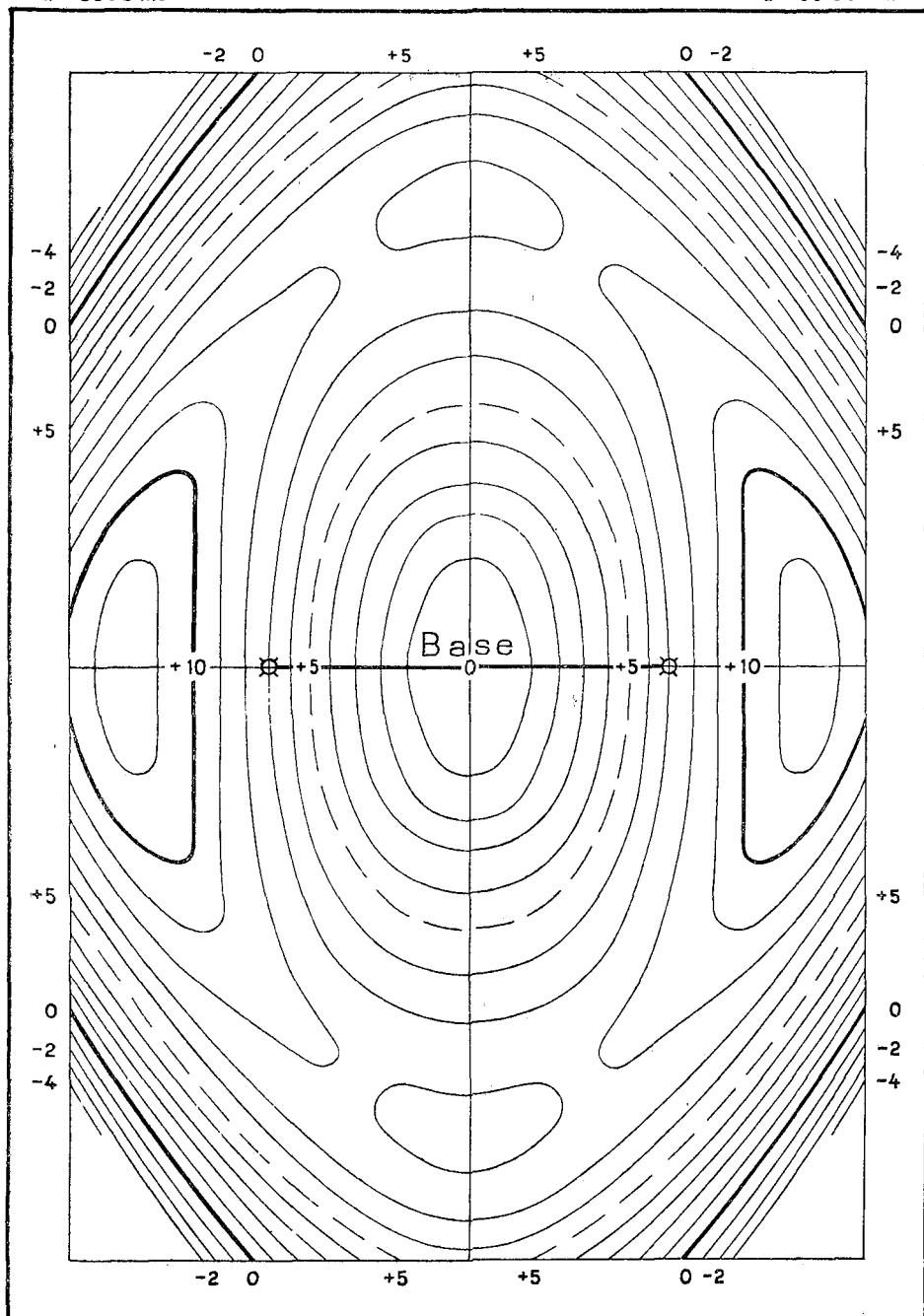
Curvas de êrro da distorção ótica

Câmaras Zeiss R. M. K. P. 10

(Chassi com chapa plana no quadro focal)

$h = 3500 \text{ ms}$

$a = 60.00 \text{ mm}$



As curvas são de metro em metro

Fig. 5

Em uma pequena publicação do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro, intitulada *Exposição sucinta sobre a aparelhagem original de estereofotogrametria do Serviço Geográfico do Exército e sobre a sua técnica de emprêgo* está descrita, pormenorizadamente, a maneira de realizar tais operações.

Ainda em 1938 o major WOLF instituiu o processo de corrigir os erros causados pela distorção do sistema ótico das câmaras fotográficas empregando, outra vez, gráficos de curvas de erro.

A figura 5 representa um desses gráficos. Neste caso, o valor a subtrair da leitura feita no aparelho é, para cada ponto, a soma algébrica das cotas correspondentes do gráfico das inclinações e do gráfico da distorção.

Em vários testes a que foi submetido o estereógrafo, no Gabinete, Técnico de Fotogrametria do Serviço Geográfico do Exército, verificou-se que com o emprêgo dos gráficos executados conforme a técnica estabelecida pelo major WOLF, o erro médio das medidas feitas com esse aparelho, mantém-se abaixo de 0,001 da altura de vôo, sempre que as fotografias tenham inclinações pequenas, sejam nítidas, e tenham sido tomadas com o recobrimento normal da câmara.

Este resultado mostra que o estereógrafo, nas medidas altimétricas, proporciona precisão mais que suficiente para a execução dos levantamentos comuns.

Gráficos como os mencionados são também de uso corrente na América do Norte, onde são executados conforme outra técnica, mais rápida, porém menos rigorosa.

Até aqui só vos falei da obra do major WOLF, de quem fui discípulo dedicado e grande admirador. Agora vou falar do meu trabalho, que é apenas uma continuação da obra notável daquele mestre.

Após o falecimento do major WOLF, em 1941, eu o substitui na chefia do Gabinete Técnico de Fotogrametria, de que ele, como consultor técnico, também era o chefe.

Preocupava-me o problema do rendimento no trabalho com o estereógrafo. A preparação do gráfico das curvas de erro das inclinações, a sua combinação com o da distorção, depois a correção das altitudes lidas no aparelho, feitas ponto por ponto, faziam perder muito tempo.

O estereógrafo, como os outros aparelhos congêneres, copia uma das fotografias do par estereoscópico, com todos os seus erros planimétricos. Nos terrenos movimentados, os acidentes de altitudes diferentes, são fotografados em escalas diferentes. É necessário, por isso, uniformizar a escala, realizando outras correções.

Desejando aproveitar as vantagens do aparelho, reduzindo os seus defeitos, imaginei dotá-lo de dispositivos que realizassem tôdas as correções automaticamente. Além disso, a sua maior falha, que é a de exigir grande trabalho de campo, seria afastada combinando-o com o "Aero-Multiplex" que, sendo um excelente aparelho, exigindo um trabalho de campo reduzido, apresenta a desvantagem de fornecer a carta topográfica em escala ampliada, obrigando a realizar um desenho

muito maior que o necessário. Dessa forma, o "Aero-Multiplex" forneceria apenas os pontos de altitude indispensáveis ao estereógrafo e este faria a carta topográfica em escala igual ou quase igual à das fotografias, dando um máximo de rendimento. A idéia dessa combinação não é minha, ela já tem sido posta em prática na América do Norte, com o "estereocomparágrafo Fairchild".

Tentando realizar o meu programa, projetei três dispositivos para, fundidos com o "estereógrafo", formarem um novo aparelho. Este recebeu o nome de "autoestereógrafo", para mostrar que é uma continuação do aparelho fundamental.

O Sr. general JOSÉ ANTÔNIO COELHO NETTO, diretor do Serviço Geográfico do Exército, ao tomar conhecimento do meu projeto, proporcionou-me todo o apoio, mandando construir o aparelho, o que foi feito na própria oficina mecânica da instituição que sãbiamente dirige.

O primeiro dos dispositivos mencionados corrige os erros altimétricos, causados tanto pelas inclinações das fotografias como pelas variações da altura de vôo e pela distorção; o segundo permite a leitura direta das altitudes, quaisquer que sejam os valores dos desníveis do terreno e o terceiro corrigirá a planimetria dos erros de escala e dos erros conseqüentes das inclinações.

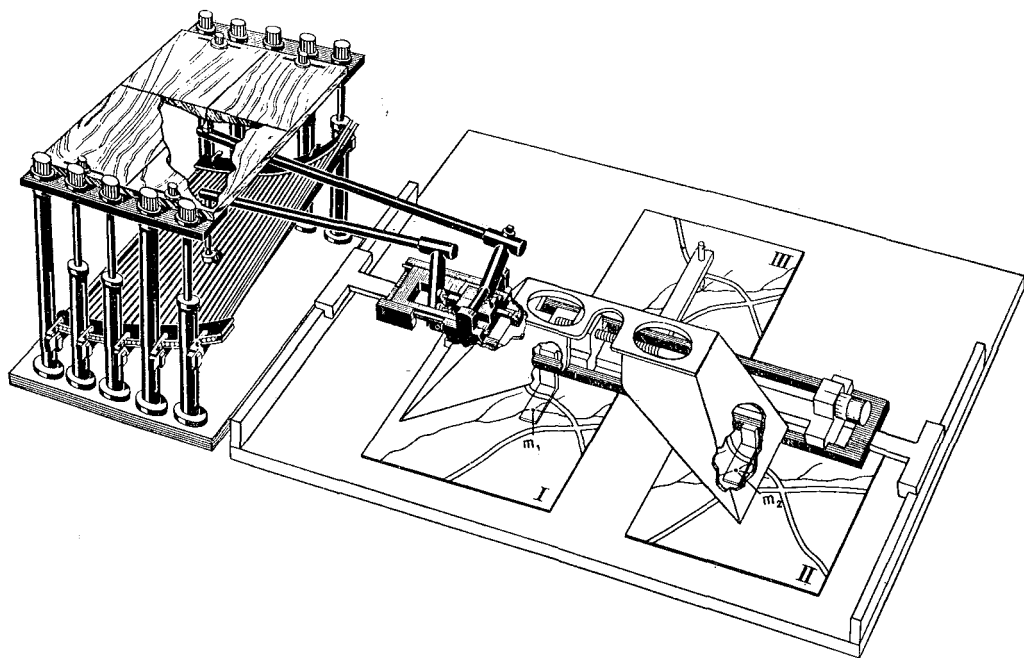


Fig. 6

O primeiro dispositivo é o que vemos à esquerda da figura 6. Ele reproduz, na parte de baixo, a superfície representativa dos erros das inclinações e das variações da altura de vôo, rigorosamente de acordo com as duas leis do major WOLF.

Esse dispositivo permite variar rapidamente a forma da superfície, de modo a adaptar-se a cada caso. Dessa maneira, não se perde mais que 20 minutos para preparar o aparelho para o trabalho.

Na parte de cima do dispositivo, é reproduzida, em um modelo rígido, a superfície representativa dos erros da distorção. Esse modelo serve para todo um aerolevantamento, onde sejam mantidos, com pequenas variações, o recobrimento e a altura de vôo.

As cotas de ambas as superfícies são ampliadas de cerca de 20 vezes de modo que pequenas imperfeições não provocarão erros sensíveis.

As correções decorrentes dessas superfícies são reduzidas às suas verdadeiras grandezas, somadas algèbricamente e transmitidas ao aparelho por meio de duas alavancas, cada uma, correspondendo, a uma das superfícies. Durante o desenho, ao passo que o aparelho vai percorrendo a paisagem vista em relêvo, no estereoscópio, as pontas das alavancas vão percorrendo os pontos correspondentes das superfícies de erros, e vão transmitindo as correções. Dessa maneira o "autoestereógrafo" fornece no seu micrômetro, a altitude de qualquer ponto. Ele percorre as curvas de nível sem necessitar de correção altimétrica alguma.

Antes de ser construído o aparelho aqui exposto, recém saído da oficina e, conseqüentemente, ainda não submetido a provas, foi feita uma construção de estudo, que ficou muito frágil, mas que funcionou satisfatoriamente. As experiências realizadas nessa construção provisória permitem admitir que o aumento de rendimento, em relação aos trabalhos com o "estereógrafo", será de 200 a 300%.

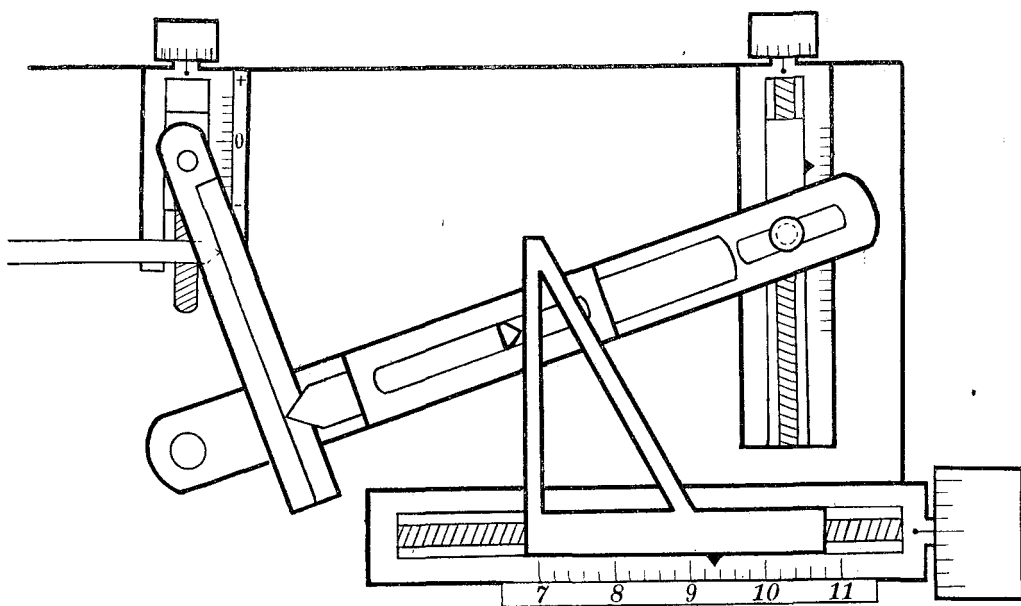
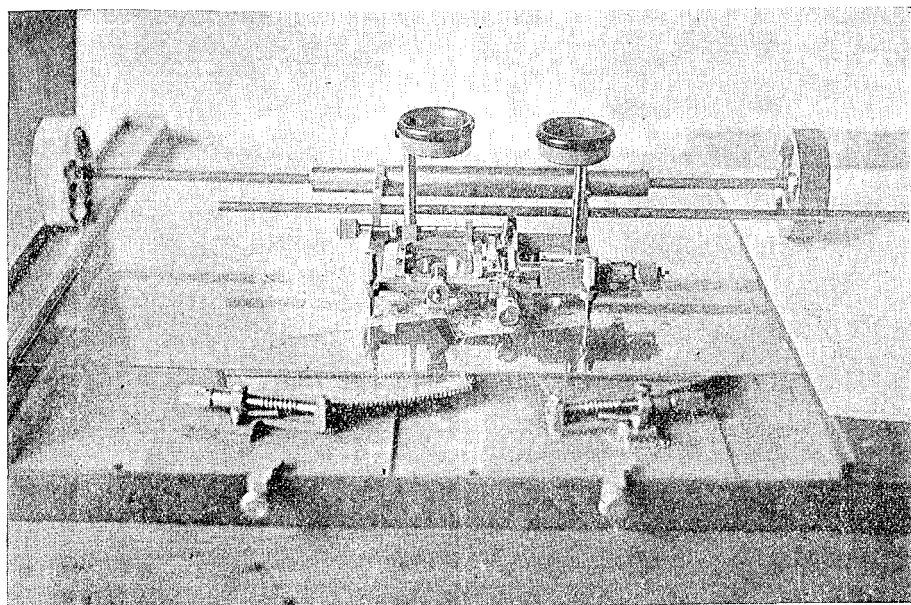
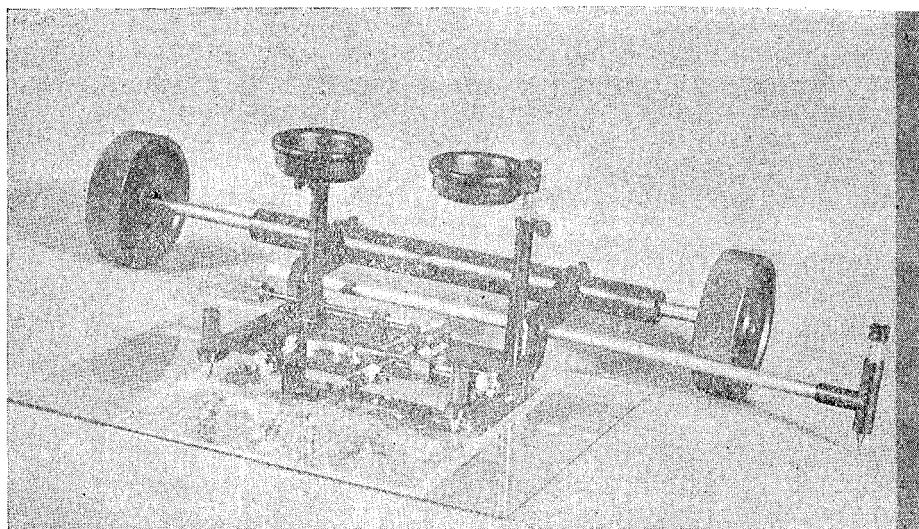


Fig 7

O dispositivo altimétrico do "estereógrafo", que é o característico desse aparelho, como expus inicialmente, só fornece as altitudes do ter-



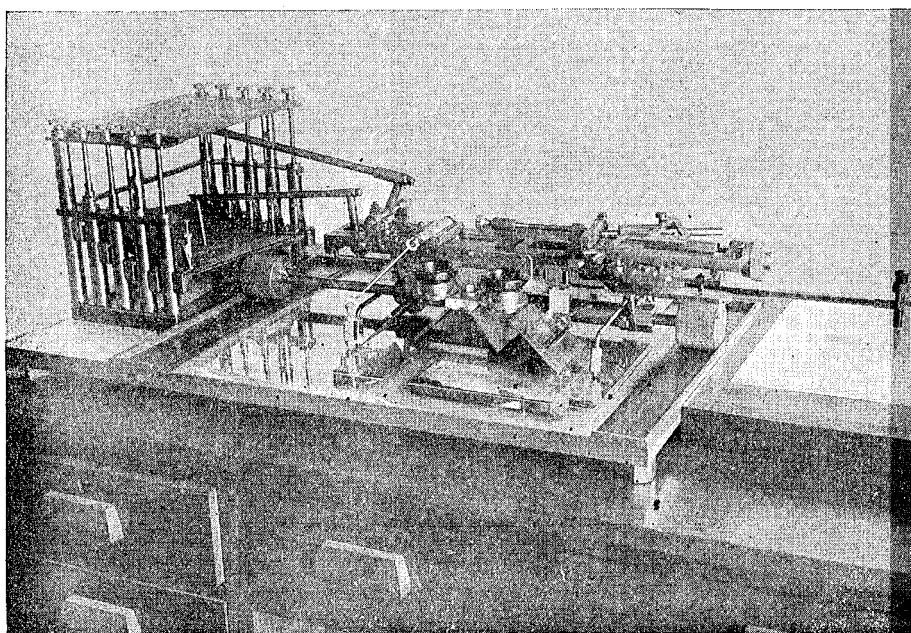
Fig 8



Estereógrafo tipo S G



Autoestereógrafo



reno, praticamente sem erros, enquanto as diferenças de altitude dêste não ultrapassam de 20% da altura de vôo. A partir daí, aparecem erros, que crescem rapidamente, quase em progressão geométrica

O 2.º dispositivo que projetei, o qual aparece em esquema na figura 7, fornece a altitude certa, na escala em que se queira representar esta altitude, quaisquer que sejam os desníveis do terreno. Também é mais complicado que o outro.

Ele constitui a ponte que permitirá a passagem para o terceiro dispositivo, que realizando a projeção mecânica de uma das fotografias, fará as correções da planimetria, realizando o desenho em escala igual, pouco maior ou pouco menor que a das fotografias. Esse terceiro dispositivo ainda não está construído, espera a sua vez. Será comandado pelo próprio micrômetro do 2.º dispositivo. Dessa maneira, o "autoestereógrafo" medirá as altitudes e corrigirá a planimetria, com um único comando altimétrico.

O aparelho aqui exposto, cuja fotografia aparece na figura 8, ainda sem o terceiro dispositivo, representa, então, apenas 2/3 do verdadeiro "autoestereógrafo"

Os pormenores sobre o funcionamento do aparelho são mencionados na publicação já referida.

Tenho a impressão de que o meu aparelho é bom e que será realmente útil. Aliás, se eu não tivesse essa convicção não teria tido ânimo para chegar até este ponto. Em todo caso, sou parte altamente interessada e por isso o meu julgamento pode ser tendencioso. Devo dar um passo ao lado e esperar a opinião autorizada dos técnicos que o examinarão. O general COELHO NETTO, diretor do Serviço Geográfico do Exército, vai mandar submetê-lo a provas definitivas.

O Dr. PENDLETON, topógrafo-chefe do U. S. Geological Survey, também pretende estudá-lo e experimentá-lo no departamento que dirige. Só depois disso, então, saber-se-á se foi dada ou não mais uma contribuição útil à estereofotogrametria.

Agradeço muito penhorado aos senhores Delegados e às demais pessoas, aqui presentes, que muito me honraram vindo assistir esta comunicação.

*

RÉSUMÉ

Monsieur le Major EMILIO WOLF, Consultant Technique en Photogramétrie du Service Géographique de l'Armée du Brésil, commença, à la fin de 1932, à faire des recherches dans le sens de construire un appareil photogramétrique de petites dimensions, pour faciliter le dessin des cartes topographiques.

Il présenta au début de 1933, le petit appareil qui apparaît à la figure n° 1. Les figures 2 et 3, montrent un autre appareil que l'auteur présente, en 1933, et qu'il a nommé Estéréographe. Ce sont des petits estéréocomparateurs appliqués à la mesure des altitudes. L'estéréographe donne directement les altitudes en mètres ou en pieds.

Lorsque les photographies utilisées n'ont pas été prises dans une direction rigoureusement verticale et d'une même hauteur de vol, ces appareils, ainsi que d'autres analogues qui ont été construits dans d'autres pays, donnent les altitudes avec des grandes erreurs. En 1934, le Major WOLF découvrit les lois qui permettent de faire la détermination de la surface représentative de ces erreurs, arrivant ainsi à la construction des graphiques de correction. La figure 3, représente une de ces surfaces et la figure 4, un graphique de correction. L'altitude d'un point quelconque du terrain est donnée par la différence entre la lecture faite avec l'instrument et la cote correspondante du graphique de correction.

En employant des graphiques analogues à ceux qui viennent d'être mentionnés, le Major WOLF, en 1938, introduisit un nouveau procédé pour faire la correction des erreurs provoquées par la distorsion optique. La figure 5, représente un de ces graphiques.

La précision obtenue dans la mesure des altitudes au moyen des estéréographes en utilisant les graphiques de correction, est de l'ordre de 0,001 de la hauteur du vol, ce qui est bien suffisant pour les relevés communs.

Après le décès du Major Wolf, en 1941, l'auteur de cette communication, afin d'augmenter le rendement du travail fait avec l'Estéréographe, a construit des dispositifs mécaniques auxiliaires, de fabrication facile, qui permettent de faire toutes les corrections automatiquement, sans exclure celles de la planimétrie. Les figures 6 et 7, représentent les dispositifs utilisés pour la correction altimétrique. L'instrument complet a reçu le nom de Autoestéréographe, il apparaît à la figure 8, sans les dispositifs auxiliaires pour faire les corrections de planimétrie, qui se trouvent être encore en fabrication.

Pour travailler avec l'Autoestéréographe il faut avoir 8 points d'appui, pour chaque paire de photographies estéréoscopiques, disposés comme l'indique la figure 3. Le dessin topographique est fait dans la même échelle que celle des photographies, ou dans une échelle un peu plus petite ou plus grande que celle des photographies.

RESUMEN

En fines de 1932, el Consultor Técnico de Fotogrametría del Servicio Geográfico del Ejército Brasileño, Mayor EMILIO WOLF, empezó estudios e investigaciones con la finalidad de construir un pequeño aparato estereofotogramétrico para el dibujo de cartas topográficas.

En mediados de 1933 presentó el pequeño aparato que aparece en la figura 1. En 1934, presentó otro, que llamó Estereógrafo y que aparece en las figuras 2 y 3. Son pequeños estereocomparadores aplicados a la medida de alturas. El estereógrafo da las altitudes directamente en metros o en pies.

Cuando los fotos utilizados no son rigurosamente verticales y sacados a la misma altitud de vuelo, esos aparatos, como los semejantes que han sido contruidos en otros países, dan las altitudes con errores muy grandes. El Mayor WOLF, aun en 1934, descubrió las leyes que permiten definir la superficie representativa de esos errores, permitiendo la construcción de gráficos de corrección. Un ejemplo de esa superficie aparece en la figura 3. La figura 4 es un gráfico de corrección. La altitud de cualquier punto del terreno es la diferencia entre la lectura hecha en el aparato y la cota correspondiente del gráfico de corrección.

En 1938, aun el Mayor WOLF, creó el proceso para la corrección de los errores causados por la distorsión óptica, empleando gráficos análogos. La figura 5 representa uno de esos gráficos.

La precisión en las medidas de altitud hechas con el estereógrafo, utilizando los gráficos de corrección, es la más o menos 0,001 de la altura de vuelo, lo que es más que suficiente para los levantamientos topográficos comunes.

Después del fallecimiento del Mayor WOLF, en 1941, el autor de esta comunicación, para aumentar el rendimiento de los trabajos con el estereógrafo, proyectó dispositivos mecánicos complementarios, de fácil fabricación, para efectuar automáticamente todas las correcciones, incluso las de planimetría. Las figuras 6 y 7 representan dispositivos de corrección altimétrica. El aparato completo ha recibido la designación de Autoestereógrafo y aparece en la figura 8, todavía sin el dispositivo para la corrección de la planimetría, que está en construcción.

El autoestereógrafo requiere ocho puntos de apoyo en cada par estereoscópico de fotos dispuestos como lo indica la figura 3. El dibujo topográfico es ejecutado en la escala de las fotografías, en escala poco mayor o poco menor que ellas.

RIASSUNTO

Verso la fine del 1932, il consulente tecnico di fotogrammetria del Servizio Geografico dell'Esercito Brasiliano, maggiore EMILIO WOLF, cominciò studi e ricerche, coll'intento di costruire un piccolo apparecchio stereofotogrammetrico, per il disegno di carte topografiche.

Verso la metà del 1933 presentò il piccolo apparecchio che appare nella figura 1. Nel 1934 ne presentò un altro, che chiamò Stereografo, illustrato nelle figure 2 e 3. Sono piccoli stereocomparatori, applicati alla misura di altezze. Lo Stereografo dà le altezze direttamente in metri o piedi.

Quando le fotografie utilizzate non sono perfettamente verticali e prese ad altezza di volo costante, le altezze indicate da questi apparecchi, come da quelli costruiti in altri paesi, sono affette da gravi errori. Il maggiore WOLF, nel 1934, scoprì le leggi secondo le quali si determina la superficie rappresentativa di questi errori, così che poté procedere alla costruzione di grafici di correzione. La figura 3 dà un esempio di questa superficie. La figura 4 è un grafico di correzione. L'altezza di qualsiasi punto del terreno è uguale alla differenza tra la quota data dall'apparecchio e la quota corrispondente nel grafico di correzione.

Nel 1938 il maggiore WOLF determinò anche un metodo per correggere gli errori derivanti dalla distorsione ottica, mediante analoghi grafici. La figura 5 rappresenta uno di questi grafici.

Nelle misure di altezza eseguite con lo Stereografo, col sussidio dei grafici di correzione, la precisione è di circa 1 millesimo dell'altezza di volo, ossia più che sufficiente per le levate topografiche comuni.

Dopo la morte del maggiore WOLF, avvenuta nel 1941, l'autore di questa comunicazione, per aumentare il rendimento dell'applicazione dello Stereografo, progettò dispositivi meccanici complementari, di agevole fabbricazione, che eseguono automaticamente tutte le correzioni, comprese quelle di planimetria. Le figure 6 e 7 rappresentano dispositivi di correzione altimetrica. L'apparecchio completo fu chiamato Autostereografo e appare nella figura 8, ancora sprovvisto del dispositivo per la correzione della planimetria, che è in costruzione.

L'Autostereografo necessita 8 punti d'appoggio per copia stereoscopica di fotografie, disposti come indica la figura 3. Il disegno topografico è eseguito nella scala delle fotografie, o in scala poco maggiore o minore.

SUMMARY

At the end of 1932 Major EMÍLIO WOLF, Photogrammetry Technical Adviser to the Geographical Service of the Brazilian Army, started out studies and research with an aim to building a little stereophotogrammetric apparatus for drawing topographic charts

In mid 1933 Major WOLF presented the little apparatus which is seen in figure 1 In 1934 Major WOLF presented another one, having named it *Estereógrafo* and it can be seen in figures 2 and 3 These are small stereocomparators, applied for measuring altitudes The *Estereógrafo* supplies heights directly either in metres or in feet

When photographs used are not strictly vertical and taken at the same flight altitude, these apparatus as similar ones that have been built in other countries, show heights with considerable errors Major WOLF discovered still in 1934 the laws that permit a definition of the surface representing such errors, thus making it possible to construct correction graphs An example of said correction can be seen in figure 3 Figure 4 is a correction graph The altitude of any point of the ground is the difference between the readings on the apparatus and the corresponding annotation of the correction graph

In 1938 Major WOLF established the process for the correction of errors caused by optical distortion using similar graphs; figure 5 represents one of these graphs

Precision in altitude measuring made with *Estereógrafo* and using the correction graphs is more or less 0.001 in the height of flight, being more than enough for any common survey work

After Major WOLF was dead in 1941 the author of this communication, in order to increase the value of works with the *Estereógrafo* has planned complementary mechanical outfits of easy construction, for automatically making every corrections, planimetric ones included Figures 6 and 7 represent altimetric correcting devices The complete apparatus was given the name of *Autoestereógrafo* and it appears in figure 8, yet without its planimetric correction device which is under construction

The *Autoestereógrafo* requires 8 basing points per stereoscopic pair of pictures as arranged in accordance with figure 3 The topographic drawing is made in the same scale of the photographs, in a scale either a little larger or somewhat smaller than these

ZUSAMMENFASSUNG

Ende des Jahres 1932 begann der technische Berater für Photogrammetrie des Erdkundendienstes des brasilianischen Heeres, Major EMÍLIO WOLF, seine Studien und Nachforschungen zu dem Zwecke, einen kleinen estereophotogrammetrischen Aparat zu bauen um Topographische Landkarten zeichnen zu können

Mitte 1933 stellte er den kleinen Aparat, welcher auf Figur N° 1 erscheint, vor Im Jahre 1934 zeigte er einen anderen, welchen er Estereograph nannte, und der auf Figuren N° 2 und 3 erscheint. Es handelt sich bei diesen Aparaten um kleine Vergleichstereographen, welche zur Höhenmessung angewendet werden Der Estereograph gibt die Höhen sofort in Metern oder Füße an

Wenn die benutzten Photographien nicht ganz genau vertikal und in genau derselben Höhe des Flugzeuges sind, so geben diese Apparate, wie auch die ähnlichen die in anderen Ländern konstruiert wurden, die Höhen mit recht grossen Fehlern an Schon im Jahre 1934 entdeckte Major WOLF die Gesetze, welche es erlauben, die repräsentativen Oberflächen dieser Fehler zu definieren und dadurch die korrekten Graphiken zu erhalten Ein Beispiel dieser Oberflächen erscheint in der Figur N° 3 Die Zeichnung von Figur N° 4 ist eine Graphik der Korrektur Die Höhe irgendwelchen Punktes des Terrains ist der Unterschied zwischen den angegebenen Zahlen, welche am Aparat gelesen werden und die korrespondierende note des Graphiks der Korrektur

Im Jahre 1938 stellte Major WOLF den Prozess auf, der es erlaubte, Korrekturen von Fehlern, welche durch optische Täuschungen entstanden waren, zu machen, indem er analoge Graphiken anwand Die Zeichnung von Figur N° 5 stellt eines dieser Graphiken dar

Die Genauigkeit in der Messung von Höhen, wenn der Estereograph und die Graphiken der Korrektur angewandt werden, ist ungefähr 0,001 der Höhe des Fluges, und ist mehr als zufriedenstellend um gewöhnliche topographische Messungen zu machen

Nach dem Tode von Major WOLF im Jahre 1941, projektierte der Schreiber dieses Aufsatzes, komplementäre mechanische Dispositive, um die Genauigkeit des Estereographes zu erhöhen Diese Apparate, die leicht fabriziert werden können, dienen dazu alle Korrekturen, einschliesslich die des Planimeters, zu machen Die Zeichnungen der Figuren N° 6 und 7 stellen diese Dispositive der altimetrischen Korrekturen dar Dieser vervollständigte Aparat wurde Autoestereograph genannt Er erscheint auf der Zeichnung der Figur N° 9, noch ohne das Dispositiv um Korrekturen des Planimeters zu machen, da dieses Dispositiv noch in Konstruktion ist

Der Autoestereograph benötigt 8 Stützpunkte für jedes Paar der estereoskopischen Photographien, welche wie die Zeichnung der Figur N° 3 zeigt, angewandt werden Die topographische Zeichnung ist in dem Masstab der Photographien, in einem Masstab etwas grösser oder kleiner wie dieser, ausgeführt

RESUMO

Ĉe la fino de 1932, la Teknika Konsilanto de Fotogrametrio de la Geografia Servo de la Brazilo Aimeo, Majoro Emilio Wolf, komencis studojn kaj esplorojn kun la celo konstrui malglandan stereofotogrametrian aparaton por desegni la topografiajn kartojn.

En la mezo de 1933 li prezentis la malglandan aparaton kiu apeias sur la figuro 1, en 1934 li prezentis alian, kiun li nomis Stereografo, kiu apeias sur la figuroj 2 kaj 3. Ili estas malglandaj stereokompariloj aplikitaj al la mezurado de altecoj. La Stereografo donas la altecojn rekte je metioj aŭ futoj.

Kiam la fotografaĵoj utiligitaj ne estas rigore vertikalaj prenitaj je la sama flugalteco, tiuj aparatoj, same kiel la similaj konstruitaj en aliaj landoj, donas al ni altecojn kun tie grandaj eraroj. Majoro Wolf, ankoraŭ en 1943, eltrovis la leĝojn kiuj permesas difini la suprajn prezentantan tiujn erarojn kaj fari la konstruadon de korektadaj grafikoj. Ekzemplo de tiu supraĵo apeias sur la figuro 3. La figuro 4 estas korektada grafiko. La alteco de iu ajn tempunkto estas la diferenco inter la legado farita sur la aparato kaj la kvoto responda al la korektada grafiko.

En 1938 Majoro Wolf kreis procedon por korekti la erarojn kaŭzitajn de la optika distordo uzante analogajn grafikojn. La figuro 5 prezentas unu el tiuj grafikoj.

La precizeco ĉe la altecaj mezuradoj faritaj de la Stereografo, uzante la korektadajn grafikojn, estas pli malpli 0,001 de la flugalteco, kaj tio estas pli ol sufiĉa por la komunaj topografiaj planfaradoj.

Post la morto de Majoro Wolf, okazinta en 1941, la aŭtoro de tiu ĉi komunikajo, por pligrandigi la profiton de la laboroj fare de la Stereografo projektis komplementajn meĥanikajn aranĝojn, facile konstrueblajn, por aŭtomate realigi ĉiujn korektojn, inkluzive tiujn de altimetria korektado. La figuroj 6 kaj 7 montras aranĝojn de altimetria korektado. La kompleta aparato ricevis la nomon Aŭtostereografo kaj apeias sur la figuro 8, ankoraŭ sen la aranĝo por la korektado de planimetrio, kiu estas en konstruado.

La Aŭtostereografo postulas 8 apogpunktojn por stereoskopia paro, ordigitajn laŭ la figuro 3. La topografia desegno estas farata je la skalo de la fotografaĵoj, aŭ je skalo malmulte pli granda aŭ malmulte pli malgranda ol tiu ĉi.



Joaquim Nabuco

JOAQUIM NABUCO

(1849-1910)

O LITÍGIO anglo-brasileiro, acêrca de um território de mais de 30 mil quilômetros quadrados de área, constituía o assunto nuclear em tórno do qual JOAQUIM AURÉLIO NABUCO DE ARAÚJO consagrou em certo período de sua vida — tóda a sua exuberante atividade intelectual, ao serviço do Direito e da Geografia do Brasil

A propósito da grande zona contestada — cuja largura máxima correspondia ao trecho entre a foz do rio Cotíngio e o monte Anai, e cujo maior comprimento ia, aproximadamente, do monte A. angcana às nascentes do rio Rupununi — preparou JOAQUIM NABUCO, como advogado do Brasil, uma volumosa obra constante de 18 volumes, na qual demonstrou, com exuberância, não só os direitos do seu país, como, outrossim, um inestimável cabedal de conhecimentos a propósito da geografia e da história da região litigiosa

Quer sustentando, em favor do Brasil, a doutrina do inchoate-title, quer apresentando provas numerosas e cabais da posse completa e contínua de seu país sobre a região contestada pela Grã-Bretanha, NABUCO se houve, em qualquer das emergências, como um apóstolo do Direito escudado no seguro conhecimento da Geografia que a fundo estudara

Em sua portentosa obra patentearam-se a solidez da cultura, a comprovada habilitade e a experiência do trato diplomático, tendo dela dito RUI BARBOSA: "O trabalho do nosso advogado foi gigantesco. Eu o percorri todo, e, nesse gênero de literatura, não lhe conheço coisa comparável. Nosso direito ali resplandece à luz do meio-dia. Se não logramos convencer o nosso juiz, convencemos a opinião científica européia. Haja visto na Revista Geral de Direito Internacional Público, os admiráveis estudos ali exarados pelos mais sábios internacionalistas que do assunto se ocuparam"

Considerando o trabalho de JOAQUIM NABUCO "porventura a mais notável expressão do seu talento", RUI BARBOSA destacou, ainda, as qualidades de crítica, argumentação, lógica, bom senso, clareza, tino, amenidade e elegância desenvolvidas pelo advogado brasileiro nas afaçadas memórias que sobre o assunto cuidadosamente redigiu "Bastaria êle só — acrescentou — para lhe honrar a vida e fazer o nome"

JOAQUIM AURÉLIO NABUCO DE ARAÚJO nasceu na cidade de Recife, em 19 de agosto de 1849

Bacharel pelo Colégio Pedro II em 1865, ingressa, no ano seguinte, na Faculdade de Direito de São-Paulo onde não chega a terminar o curso, porque em 1869, volta a Recife a fim de freqüentar o quarto ano jurídico. Forma-se, então, em Recife, a 28 de novembro de 1870

Seus primeiros ensaios foram escritos no período de sua vida compreendido entre 1871 e 1875 e sua primeira viagem ao estrangeiro realizou-se em 1873

Iniciando-se, em 26 de abril de 1876, na carreira diplomática como adido de legação, serviu primeiro, em Washington e depois em Lisboa

A morte de seu pai — JOSÉ TOMÁS NABUCO DE ARAÚJO — fê-lo regressar ao Brasil, onde ingressa na vida política

Se, literariamente, a formação de JOAQUIM NABUCO sofreu decisiva influência da cultura francesa, sob o ponto de vista político, foi incontestável discípulo do pensamento britânico. "Tôda sua preferência no que diz respeito às obras de sociologia e política, escreveu A. T. BANDEIRA DE MELO, era para os autores ingleses, nomeadamente para BAGEHOT, cujas idéias imenso concorreram para fortalecer seu pendor pelo liberalismo"

Sua estréia parlamentar, como deputado, deu-se em meados de novembro de 1878 De 1882 a 1884 — devido a circunstâncias políticas — esteve exilado na Europa, em Londres, onde levou uma vida de trabalho, estudando e aprendendo sempre Em 1885 voltou ao Parlamento, eleito deputado pela então Província de Pernambuco Derrotado nas eleições de 1886 foi, entretanto, novamente eleito em 1887 Sua última aparição na Câmara (11 de junho de 1889) proporcionou-lhe mais uma oportunidade para reafirmar a sua fé monarquista

A proclamação da República concorreu para cristalizar-lhe a meditação: "Os últimos dez anos (1889-1899) são assim o período em que o interesse político cederá gradualmente o lugar ao interesse religioso e ao interesse literário até ficar reduzido quase somente ao que tem de comum com eles Quando digo interesse político — frisou em Minha Formação — quero dizer o espírito político, porquanto a emoção, a parte que tomo na sorte do país, aumenta com as peripécias, as contingências, os vértices dos novos dramas. O autor e o ator desaparecem; o espectador, esse, porém, sente a sua ansiedade crescer e tornar-se angustiosa Posso portanto terminar aqui a história de minha formação, porque das novas influências que me vão dominar no resto da vida, a religião já se encontrou na infância e a das letras na mocidade As letras lutaram em mim anos seguidos, como se viu, contra a política, sempre com superioridade, até vir a Abolição, que durante os dez anos as relegou, como tudo mais, a imensa distância Extinto este grande foco de atração, nenhum outro teria o mesmo poder contra elas Ainda assim talvez tenha apenas havido entre elas e a política uma verdadeira fusão A história é com efeito o único campo em que me seria dado ainda cultivar a política, porque nêle não terei o perigo de faltar à indulgência, que é a caridade do espírito, nem a tolerância, que é a forma da justiça a que eu posso atingir São essas duas faces, a que há pouco aludi, sob que meu espírito cristalizou"

Durante esse decênio de meditação, elaborou NABUCO, o Estadista do Império; escreveu no Jornal do Comércio e colaborou na Revista Brasileira, na qual aparecem os primeiros capítulos da obra que contém a biografia do pai e também o retrato de toda uma época Naquele período, ajudou, por outro lado, a fundar a Academia de Letras, proferecendo, por ocasião de ser inaugurada, o seu mais célebre discurso literário da fase de seu retraimento cívico

Na Vida de Joaquim Nabuco, por sua filha CAROLINA NABUCO (2ª edição, 1929, Comp. Editôra Nacional, São-Paulo), lê-se: "O feito intelectual de NABUCO impelia-o para a História Um Estadista do Império — escreveu JOSÉ VERÍSSIMO — é o documento vivo da dualidade fecunda desse espírito fundamentalmente político e profundamente literário Aquela feição levou-o naturalmente, quando voltou à literatura, à história, de todos os gêneros literários, o que mais se entendem com a política"

"Estadista de raça e de vocação — continuou CAROLINA — NABUCO era um historiador que falava de cadeira Seu amor ao trabalho, seu apêgo ao passado, davam-lhe paciência para o esforço tenaz da pesquisa, da documentação, e, para que nada faltasse, tinha a serenidade de juízo, a visão do conjunto, a perícia do escritor e o dom da imaginação, a eterna renovadora"

Homem de pensamento, escreveu as máximas e impressões que compõem Pensées Détachées, a maioria escrita em Petrópolis em 1893 e em 1894

A reconciliação de JOAQUIM NABUCO com a República operou-se justamente com o próximo desfecho da questão de limites entre o Brasil e a Grã-Bretanha Convidado para advogado do Brasil, após ressaltar as suas conhecidas idéias monárquicas, patrioticamente, aceitou o encargo de defender os direitos em jogo do seu país natal "Tratando-se, porém, de uma questão de caráter todo nacional, como é a reivindicação de território brasileiro,

contra pretensões estrangeiras — acentuou NABUCO — seria faltar mesmo à tradição do passado, que há anos procuro recolher e cultivar, invocar em uma disidência política acima da qual o próprio governo republicano tivera o nobre desprendimento de elevar-se. Em tais condições, Sr. Ministro — escrevia a 5 de março de 1899 ao Dr. OLINTO DE MAGALHÃES — não me resta senão pôr-me inteiramente às ordens de V. Excia. agradecendo-lhe, bem como ao Presidente da República, a confiança que mostra na minha lealdade para com o país”

O trabalho gigantesco levado a cabo pelo eminente brasileiro relativo à questão de limites, foi realizado no curto prazo de um ano; compreendia texto, mapas, documentos, todos eles examinados e selecionados pessoalmente por JOAQUIM NABUCO. “Sobre o valor de sua obra, resultado de um esforço que lhe abalou para sempre a saúde e lhe encurtou a vida, tinha uma única dúvida — conforme esclareceu a filha — se a não poderia ter feito mais curta. Deu-lhe, além da força e clareza essenciais, as qualidades supérfluas que, sendo ele mesmo, não poderia deixar de dar a tudo em que tocasse, os coloridos de sua imaginação, a harmonia cadenciosa da forma que são o cunho do artista”

O título geral da obra de JOAQUIM NABUCO referente ao memorável assunto foi “Fronteiras do Brasil e da Guiana Inglesa questão submetida ao arbitramento de S. M. o Rei da Itália”

A primeira Memória fez-se acompanhar de seis volumes anexos: I — Documentos de Origem Portuguesa (Texto português) — Primeira série; II — Documentos de Origem Portuguesa (Texto português) — Segunda série, compreendendo o Diário de Viagem de F. X. Ribeiro de Sampaio em 1774 e 1775, o Apêndice a esse mesmo Diário, e a Relação Geográfico-Histórica do Rio-Branco da América Portuguesa do mesmo autor; III — Documentos de Origem Portuguesa (tradução francesa) Primeira série; IV — Documentos de Origem Portuguesa (Tradução francesa) — Segunda série, compreendendo ainda o Diário de Viagem de F. J. Rodrigues Barata (1799); V — Documentos diversos; VI — Atlas demonstrativo dos direitos do Brasil ao território contestado pela Grã-Bretanha

A segunda Memória compõe-se de três volumes destacados: 1º A pretensão inglesa; 2º Notas sobre a parte histórica da primeira memória inglesa; 3º A prova cartográfica. Estes três volumes de estudos e de discussão foram também acompanhados de documentos ou Anexos, os dois primeiros correspondendo ao tomo I da segunda Memória e o terceiro ao tomo II. Além de duas gravuras ilustrativas, NABUCO fez imprimir duas cartas apresentadas pelo Governo de Sua Majestade Britânica ao Tribunal Arbitral de Paris no ano de 1887 e à Sua Majestade o rei da Itália em 1903. Exibiu também uma pequena carta das Fazendas Nacionais brasileiras do Rio-Branco. O terceiro volume da segunda Memória, intitulado — A prova cartográfica — encerra dois capítulos e, ainda, uma Conclusão mais uma Nota Suplementar. O Capítulo I denomina-se A prova cartográfica inglesa e contém: 1 — Observações gerais: a) geografia física, b) fronteiras; 2 — Notas sobre as cartas anexas à presente Memória (Memória Inglesa). O capítulo II intitula-se A prova cartográfica do Brasil e contém: 1 — O Atlas Brasileiro; 2 — Carta dos séculos XVI e XVII e da primeira parte do século XVIII; 3 — Cartas de HORTSMAN e de LA CONDAMINE; 4 — Cartas de D'ÁNVILLE e de VAUGONDY; 5 — Cartas holandesas; VI — Cartas inglesas desde a ocupação inglesa do Essequibo até Schomburgk; VII — Cartas diversas; VIII — Cartas portuguesas, brasileiras e espanholas

A terceira Memória de NABUCO encerra 4 volumes respectivamente intitulados: 1 — A construção das memórias inglesas; 2 — História da zona contestada segundo a contra-memória inglesa; 3 — Reprodução dos documentos ingleses seguidos de breves observações; 4 — Exposição final

Após o laudo arbitral, foi JOAQUIM NABUCO nomeado, em 1905, embaixador junto ao Governo dos Estados-Unidos. Como nosso primeiro embaixador na grande República do Norte, NABUCO muito fez para a aproximação do Brasil com a União Americana.

RAÚL FERNANDES — eminente democrata patricio — focalizou-lhe a obra americanista: “divisou no pan-americanismo e particularmente na estreita inteligência do Brasil com os Estados-Unidos, um programa tão necessário nos seus pressupostos quanto largo nos seus desdobramentos”

Mas para que destacar conceitos sobre a obra pan-americanista de NABUCO? Para realçá-la, basta rememorar um trecho do discurso protocolar com o qual teve a honra de depositar nas mãos de presidente TH. ROOSEVELT as cartas que o acreditaram na qualidade de embaixador extraordinário e plenipotenciário junto ao Governo dos Estados-Unidos-da-América: “O fato é que a posição deste país no mundo lhe faculta grandes iniciativas ainda nessa direção do nosso comum ideal americano”

“Pela nossa parte o veremos sempre tomá-las com o mesmo interesse continental e a mesma seguridade nacional que até hoje. Todos os votos do Brasil, são, com efeito, pelo aumento da imensa influência moral que os Estados-Unidos exercem sobre a marcha da civilização e que se traduz pela existência no mundo, pela primeira vez na história, de uma vasta zona neutra de paz e de livre competição humana”

“Nós imaginamos esta influência ainda mais largamente benfazeja no futuro, não só para as duas Américas como para o mundo inteiro”

Quem assim falava, em 25 de maio de 1905, diria também, como disse, em 25 de fevereiro do ano seguinte, em Filadélfia, a propósito do maior acontecimento do ano, a Conferência Pan-Americana, a realizar-se no Rio-de-Janeiro: “A consciência americana é o sentimento de nossa órbita especial, inteiramente separada da européia, com a qual se movem a Ásia e África, sem falar da Austrália. Com toda nossa simpatia e interesse pela Europa, cónscio do que devemos ao influxo europeu, produtos que somos do transbordamento das raças européias, duvidando mesmo que em nosso solo as hastes da cultura européia possam produzir os mesmos frutos ou as mesmas flores que em seu próprio solo, somos todavia um sistema político inteiramente desligado da órbita da Europa

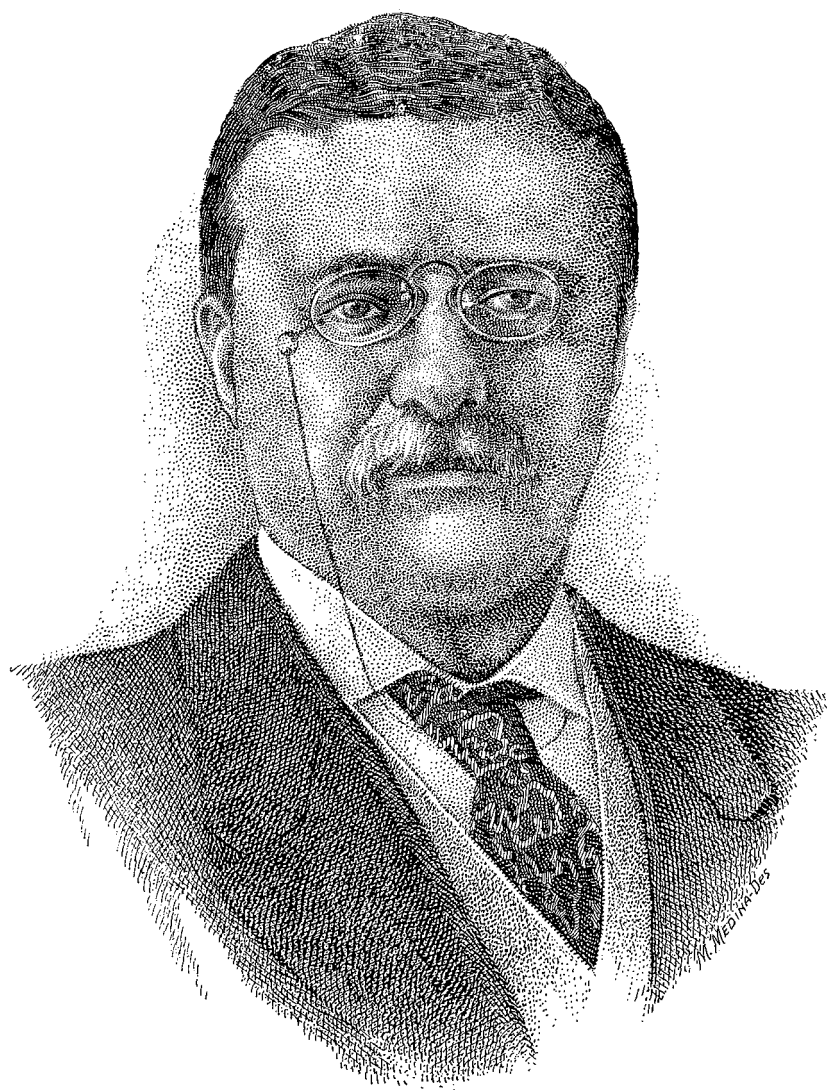
é necessário que as Repúblicas Americanas não julguem o papel que os Estados-Unidos tiveram e têm que representar para defender a doutrina de Monroe, como opressivo de modo algum, ao orgulho e dignidade de qualquer delas, mas, ao contrário, como um privilégio que todos devem apoiar, ainda que seja só com sua simpatia e gratidão. Isso será, sem dúvida o resultado final da Conferência Pan-Americana

“Essas Conferências são os meios de comunicação, enquanto não se tornam a comunhão das Repúblicas Americanas”

Depois de ter sido o presidente da Terceira Conferência Pan-Americana, realizada no Rio-de-Janeiro, em 1906, JOAQUIM AURÉLIO NABUCO DE ARAÚJO regressou aos Estados-Unidos, onde faleceu a 17 de janeiro de 1910, cercado de todo o carinho e da mais profunda admiração

Seus restos mortais, transportados com excepcionais honras e acolhidos em seu país com o calor tropicalmente objetivo dos brasileiros, repousam na gloriosa terra pernambucana conforme manifesto desejo de seus filhos e a própria aquiescência do extinto: “Se Pernambuco pedir os meus ossos — dissera certa vez à esposa — tu não os podes negar” E, assim, voltou o corpo do grande NABUCO para o seio da terra natal, após uma vida que, realmente, foi “um belo sonho realizado por um especial favor da Providência”

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA



Theodore Roosevelt

THEODORE ROOSEVELT

1858 - 1919

Há na vida de THEODORE ROOSEVELT — nascido na cidade de New-York a 27 de outubro de 1858, e falecido em Sangamore-Hill, a 6 de janeiro de 1909 — aspectos tais de variada e eficiente atividade, que o consagráram não apenas como o estadista, mundialmente renomado, mas, outrossim, como o autoi, o naturalista, o soldado, o explorador, acatado e celebrado por todos quantos deles tomaram conhecimento e com suficiência nêles se enfronharam

Não é, pois, sem razão que autores, como BENNETT, BURROUGHS, DOUGLAS, GREENE, HALTEAD, LEUPP, LODGE, MORGAN, JAMES, RIIS, SHAW, MOORE, COLTON e tantos outros, lhe focalizaram a vida e a individualidade em páginas de maior ou menor felicidade, numa escala variável também de proporções

Enciclopédias renomadas como The Encyclopedia Americana e Encyclopaedia Britânica respectivamente lhe dedicam 8 e 14 colunas, recheadas de seguros informes sôbre a sua polimórfica situação nos diferentes cenários onde, aliás, sempre se houve com característico revigor

Graduado em 1880 pela Universidade de Harvard, já dois anos depois, era membro do legislativo do Estado de New-York, aí permanecendo até 1884

Em 1889, nomeado pelo presidente HARRISSON, foi membro da junta dos serviços civis dos Estados-Unidos, tendo anteriormente ocupado outra destacada função pública, dessa vez na própria cidade de New-York

Sub-secretário da Marinha, no governo de MAC-KINLEY; organizador do 1.º regimento de cavalaria dos Voluntários dos Estados-Unidos (roughriders) ao principiar a guerra hispano-americana; popularíssimo após a guerra de Cuba; nomeado governador do Estado de New-York; 1.º vice-presidente da República, eleito em 1900 — THEODORE ROOSEVELT desempenhara, assim, inúmeras e importantes funções políticas antes de ser chamado à Presidência devido à morte trágica de MAC-KINLEY

Quer combatendo o regime financeiro dos trusts, quer atenuando — na medida do possível — o dissídio racial, o fato é que ROOSEVELT foi, pouco a pouco, exercendo crescente poder pessoal sôbre a política norte americana, em geral

Candidato à Presidência, em 1904, advogou a necessidade de um maior exército e de uma poderosa armada para os Estados-Unidos, não escondendo, absolutamente, o seu desejo de ver a expansão política e econômica de seu país ampliada, sôbre o Grande Oceano

Atos políticos importantes do seu primeiro período como Presidente, eleito, constituem o reconhecimento da independência da República do Panamá e o impedimento da ação militar da Colômbia contra a sua antiga província, aos quais se deve juntar, também, a assinatura da convenção de arbitragem com a França e outros Estados, em 1904 e 1905

Em junho deste último ano, toma a iniciativa de uma aproximação entre a Rússia e o Japão, em guerra. E com feliz resultado, devido à cessação das hostilidades e à assinatura da Paz de Portsmouth, que lhe valeu a obtenção do Prêmio Nobel, em 1906, ano em que também realizara a intervenção em Cuba

Quanto à política interna dos Estados-Unidos, ROOSEVELT consolida o apoio dos democratas, desenvolvendo, outrotanto, a luta contra os trusts financeiros e industriais; intervém nas greves frequentes com o propósito de obter o desejado acôrdo entre patrões e operários

Sua popularidade é, então, cada vez maior. Em 4 de março de 1909, transmite o poder a TAFT e, pouco depois, parte para a África onde realiza caçadas, a propósito das quais escreve o livro *African Game Trails*

De 1909 a 1910 além de aproveitar a folga, viajando em terras selvagens e vivendo ao ar livre, esteve também na Europa onde percorreu vários países e proferiu importantes discursos

Derrotado nas eleições presidenciais de 1912, visita em 1913 o Brasil, acêrca do qual escreveu o conhecido trabalho *Through the Brazilian Wilderness*, que o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura do Brasil deu à publicidade em língua portuguesa, o ano passado, numa tradução, devidamente autorizada, de LUÍS DE GUIMARÃES JÚNIOR, sob o título *Nas selvas do Brasil*

A viagem à América do Sul era um propósito antigo de THEODORE ROOSEVELT: data de 1908 quando se aproximava o término de seu período governamental. A ela acha-se ligado o nome do padre ZAHM, religioso de suas relações, então, recém-regressado de uma viagem que empreendera nos Andes e na Amazônia

O objetivo de sua excursão pelo Brasil interior, conforme o próprio ROOSEVELT explica no prefácio de *Nas selvas do Brasil*, era "fazer inicialmente uma expedição dedicada ao estudo de mamíferos e aves para o Museu Americano de História Natural, de New-York. Essa tarefa foi empreendida sob os auspícios dos Srs OSBORN e CHAPMAN em benefício do Museu"

No decorrer de "*Through the Brazilian Wilderness*" explica ROOSEVELT como foi ampliada a finalidade da expedição a ponto de se revestir de um caráter geográfico e zoológico em consequência da proposta do então ministro LAURO MÜLLER, à frente das Relações Exteriores do Brasil. "Meu verdadeiro plano de ação não estava definitivamente assentado, porém, ao chegar ao Rio-de-Janeiro, o ministro do Exterior, Dr LAURO MÜLLER, que gentilmente havia demonstrado grande interesse pela minha excursão, informou-me de que já tomara as necessárias providências para que eu me encontrasse, na cidade de Cáceres, à margem do Paraguai, com o oficial do Exército brasileiro de sangue indígena Cel RONDON".

"Mais importante ainda, continuou, foi que LAURO MÜLLER — que aliava às qualidades de homem público uma sólida cultura, fazendo-me lembrar JOHN HAY — ofereceu-me auxílio para que a minha excursão se tornasse de muito maior amplitude do que havia inicialmente imaginado. Tinha êle enorme interesse na exploração e no desenvolvimento do interior do Brasil e estava convencido de que a minha expedição seria de grande alcance para tornar o país mais conhecido no exterior. Disse que cooperaria comigo de toda a maneira possível se eu quisesse assumir a direção de uma expedição de grande vulto, através das regiões desconhecidas do oeste de Mato-Grosso, afim de tentar descer um rio de que ninguém sabia o curso, porém tido pelos mais entendidos como de grande volume, mas completamente ignorado pelos geógrafos. Aceitei gostosamente o oferecimento, mesmo porque, com o auxílio proposto, a expedição se tornaria de muito maior valor científico, além das possibilidades de serem aumentados os conhecimentos geográficos de uma das regiões menos exploradas da América do Sul"

Em certo trecho de seu livro ROOSEVELT teve ocasião de frisar: "A nossa viagem não foi planejada como uma simples caçada e sim na forma de uma expedição científica"

Rendendo justas homenagens ao intemerato sertanista brasileiro — general RONDON — bem assim aos seus intrépidos companheiros, ROOSEVELT por várias vezes destacou a grande e patriótica obra realizada, até à época, pelos valorosos soldados do sertão ínvio. "Entre os oficiais do Exército brasileiro e os cientistas que os acompanharam, recordou o ex-Presidente, havia cartógrafos, fotógrafos e telegrafistas, assim como astrônomos, geólogos, botânicos e zoólogos. Seu relatório, feito publicar pelo governo brasileiro em magnífica impressão, constitui uma série de volumes de alto valor, que dignifica os seus realizadores e honra ao próprio governo"

O livro de ROOSEVELT sobre grande parte de nosso país, não é somente mera descrição de viagem. Encerra, inúmeras vezes, trechos de marcante observação por parte de quem tinha o hábito da administração pública

Ao subir o rio das Antas teve oportunidade de se referir à região e ao seu futuro: "Toda a região ao longo desse rio é uma excelente pastagem natural e estou certo que no futuro terá grande desenvolvimento. Havia sido desbravada pelo Cel RONDON somente

há uns cinco ou seis anos Já se observa, ao longo das margens, uma ou outra fazenda de gado Quando se constituírem estradas de ferro até essas parações de Mato-Grosso, toda a região prosperará maravilhosamente, assim como as próprias estradas Este desenvolvimento não deverá ser apenas no sentido material Muito tem de ser realizado no campo da educação — usando-se o termo no seu sentido mais lato — isto é intelectual, abrangendo homens e crianças”

Bastaria a transcrição desse trecho do livro de ROOSEVELT para mostrar quão útil foi a sua atuação em nosso país e quanto justa é a homenagem que a Revista Brasileira de Geografia hoje presta ao eminente cidadão das Américas

Em pleno sétimo tiveram-se debates relativamente ao assunto: “O Cel RONDON não é apenas um desbravador Tem sido e continua a ser — escreve ROOSEVELT — o chefe das iniciativas em favor dos seus coestaduanos, do povo de Mato-Grosso

A gente pobre do interior sofre por causa de leis rígidas e inoperantes de crédito Na prática essas leis estabelecem um verdadeiro sistema de sujeição tal como aconteceu também no meu próprio país Torna-se indispensável uma mudança radical desse sistema e o coronel está envidando todos os seus esforços nesse sentido Em matéria de educação, RONDON está perfeitamente identificado com os mais conspícuos especialistas no assunto CHERRIE, além de naturalista dedicado, desbravador dos trópicos e excelente chefe de família, é também o presidente da junta escolar da cidade de Newfane, em Vermont Ele, o coronel, KERMIT (filho de ROOSEVELT) e eu conversávamos longamente sobre assuntos educacionais e éramos perfeitamente acordes no que dizia respeito à necessidade premente de instrução para o Brasil e Estados-Unidos; necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre o desenvolvimento intelectual e o ensino prático industrial, estendendo-se a todas as camadas populares e cujos ônus deveriam pertencer exclusivamente ao governo, pois que se trata de função puramente oficial, sem quaisquer interferências partidárias, políticas ou religiosas”

Uma idéia do estilo de ROOSEVELT, na descrição da paisagem, temos-la na seguinte passagem de seu livro, onde nos dá o aspecto geral de uma das margens do Sepotuba: “A região era plana, formada por um imenso prado natural, revestido de vegetação arbórea muito esparsa, constando de árvores baixas e retorcidas, e que faziam lembrar ligeiramente as matas enfezadas do Texas e do Oklahoma Era um sítio apropriado à criação de gado, tal como no Oklahoma, e onde havia também ótimas terras agricultáveis e ainda mais com a vantagem de se poder transformar as quedas d’água em energia Trata-se, sem dúvida, de excelente região para colonização O calor é ali bastante forte durante o dia, mas as noites são bem agradáveis Já estávamos em plena estação das chuvas, porém, até o momento, os dias, em seu maior número, eram estáveis, sucedendo-se aos chuviscos”

Filosofando sobre a atuação dos exploradores, em geral, acentuou: “O verdadeiro explorador das selvas, deve ser homem de ação e de observação Necessita possuir físico para fazer e suportar, assim como “olhos de ver” e inteligência para observar e anotar”

Que pregam atualmente os partidários da geografia de campo senão aquilo mesmo que há tantos anos ROOSEVELT já dissera?

A “Exposição Científica Roosevelt - Rondon” serviu de pretexto para muitas discussões científicas da parte dos brasileiros, entre elas, a que foi travada entre RONDON e o tenente LIRA, a respeito do curso e da embocadura do rio da Dúvida:

Os resultados da Expedição Científica Roosevelt - Rondon foram resumidos pelo próprio ROOSEVELT, em poucas palavras: “Sob o ponto de vista zoológico, nossa expedição foi coroada do melhor êxito CHERRIE e MILLER coligiram para mais de 2 500 aves, cerca de 500 mamíferos, alguns répteis, batráquios e peixes, muitos dos quais novos para a ciência, pois que grande parte da região não havia sido visitada por colecionadores científicos Contudo, o nosso principal trabalho foi de ordem geográfica, representado pela exposição de um rio desconhecido, feito sob os auspícios do governo brasileiro e em colaboração com seus representantes Realizações dessa natureza não se executam sem uma prévia e demorada pre

paração Segundo já me referi alhures, o que realizamos se limitou apenas à colocação da cúpula de um edifício que fôra construído pelo Cel RONDON e seus auxiliares da Comissão Telegráfica, durante seis anos Sua exploração no Chapadão, o levantamento da bacia do Juruena e sua descida pelo Gi-Paianá possibilitaram-nos a solução do mistério do rio da Dúvida No mapa anexo apresento um traçado da minha excursão na América do Sul O curso do novo rio se adca em esbôço à parte"

"Colocamos no mapa um rio de cêrca de 1 500 quilômetros de extensão, cujo alto curso sôbre ser absolutamente desconhecido, nem ao menos era suspeitado, ao passo seu baixo curso, embora desvendado há alguns anos por uns poucos seringueiros, permanecia inteiramente ignorado dos geógrafos Trata-se do principal afluente do Madeira, que, por seu turno, é o mais importante tributário do Amazonas"

Nas Selvas do Brasil termina com dois apêndices: A tarefa do zoólogo e do geógrafo na América do Sul e Minha carta de 1º de maio ao general LAURO MÜLLER

O livro abrange X Capítulos: I A partida; II — Subindo o Paraguai; III — Uma caçada de Jaguar no Taquari; IV — As cabeceiras do Paraguai; V — Subindo o rio das Antas; VI — Atravessando o planalto selvagem do Oeste Brasileiro; VII — Na Terra dos Nhambiquaras; VIII — O rio da Dúvida; IX — Descendo um rio desconhecido na floresta equatorial; X — Em direção ao Amazonas para o regresso à pátria; resultados zoológicos e geográficos da expedição

A 7 de maio de 1914, THEODORE ROOSEVELT despediu-se dos amigos brasileiros, regressando, via Barbados, aos Estados-Unidos, de onde partira, em outubro de 1913, para viajar pela América do Sul

Novamente em sua pátria, ROOSEVELT opôs-se ao Presidente Wilson e, relativamente à Guerra Mundial, pugnou pela entrada dos Estados Unidos na mesma

Foi um adepto fervoroso do pan-americanismo Quando Presidente, ao receber JOAQUIM NABUCO como 1º embaixador do Brasil nos Estados-Unidos, ROOSEVELT após ouvir o discurso protocolar do nosso embaixador, e depois de ter enfaticamente lido o seu, com sua espontaneidade característica e cativante — narrou CAROLINA NABUCO — dobrando o papel mas sem terminar o discurso, continuou: "Vou agora fazer o que não costumo, acrescentar ao que li" "E manifestou novamente seu prazer na criação da Embaixada, na aproximação mais íntima dos dois países, seu vivo desejo de uma colaboração efetiva no sentido de realizar o que NABUCO indicara pela expressão Zona neutra, sua convicção nos grandes destinos do Brasil no século vinte, sua confiança em que a Nação brasileira seria outra guarda da doutrina de Monroe; terminou declarando que guardaria a melhor recordação desse primeiro encontro que excedia sua expectativa"

A atividade intelectual de THEODORE ROOSEVELT foi também memorável Além dos inúmeros discursos, artigos em revistas e publicações ocasionais, escreveu The Winning of the West, uma história da colonização pioneira dos estados norte-americanos do além Alleghany; Vidas de THOMAS HARTT BENSON do governador MORRIS e de OLIVER CROMWELL, History of New-York; Autobiography; African Game Trails; Through the Brazilian Wilderness; Naval War of 1812; American Ideals; New Nationalism, etc , etc

Muitos trabalhos seus contêm suas próprias teorias ou narram suas experiências como naturalista e como caçador Outros expõem seus pontos de vista sôbre problemas morais, sociais ou econômicos Alguns são dedicados a assuntos de natureza política

Homem de ação, orador fluente e vigoroso, escritor prolixo THEODORE ROOSEVELT possuía, por outro lado, uma grande intepidez física e uma remarcada coragem intelectual "Era violento com clarividência, imprevisito sem indiscreção, autoritário com bondade — assim no-lo descieveu, em poucas palavras, CAROLINA NABUCO, em seu livro — A vida de Joaquim Nabuco

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA

AS RESOLUÇÕES DA II REUNIÃO PAN-AMERICANA DE CONSULTA SÔBRE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

As Resoluções aprovadas pela II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia, resultaram de cuidadosos estudos, processados segundo plano orgânico e uniforme.

Para o estudo e debate das questões técnicas, foram estabelecidas cinco Comissões Técnicas, a saber: 1.^a) "Comissão de Geodésia e Astronomia de Campo"; 2.^a) "Comissão de Topografia e Fotogrametria", 3.^a) "Comissão de Cartas Aeronáuticas"; 4.^a) "Comissão de Cartas Hidrográficas", 5.^a) "Comissão de Geografia e Cartografia. Assuntos Gerais".

Na organização do programa obedeceu-se ao princípio, que se poderia chamar de "unidade científica de reunião", segundo o qual nunca coincidiram no tempo duas reuniões, técnicas ou não, dos delegados, por tal forma que cada delegado pôde participar de todos os trabalhos previstos no programa, quer das reuniões do plenário, quer das reuniões das Comissões Técnicas, quer das visitas às repartições técnicas e reuniões sociais.

Em cada Comissão Técnica, inicialmente se fez a consulta aos países americanos, um a um: solicitada pelo presidente da Comissão, a delegação de cada país informou o que nêle se fazia quanto aos assuntos técnicos e científicos da Comissão e esclareceu os métodos empregados, as regiões levantadas e os resultados obtidos.

Depois das consultas, no seio da Comissão, as delegações debateram as questões que afloraram nos entendimentos anteriores e examinaram os temas incluídos no programa oficial, resultando daí projetos de Resoluções que refletiam o pensamento comum.

Deliberou o plenário da II Reunião criar uma "Comissão de Coordenação e de Resoluções", iniciativa feliz e oportuna que veio permitir o exame dos projetos de Resolução provindos do plenário e das Comissões Técnicas e coordená-los em um conjunto harmônico, que representasse o corpo de doutrina aceito pela Reunião Pan-Americana.

Assim, na última sessão plenária da Reunião foram aprovadas as 52 Resoluções a seguir transcritas, que envolvem 61 disposições de interesse e atualidade sôbre os assuntos estudados pelo certame internacional em aprêço.

Sob o ponto de vista quantitativo, as 61 disposições aprovadas refletem uma equitativa distribuição dos esforços; basta examinar a estatística das deliberações: sôbre assuntos gerais = 9, sôbre geodésia = 9, sôbre mapas topográficos = 10, sôbre cartas aeronáuticas = 10; sôbre cartas hidrográficas = 7; sôbre geografia e cartografia = 5, sôbre geografia aplicada = 11.

Sob o ponto de vista qualitativo, as deliberações aprovadas denunciam um sentido geral, que se pode definir nas três pronunciadas tendências: a modernização dos métodos, a intensificação dos trabalhos e a uniformização internacional dos planos.

Minuciando a apreciação qualitativa, e levando-a à consideração do que estudaram as Comissões Técnicas, verifica-se que predominaram:

1.^o) em assuntos de geodésia, uma preocupação muito firme para a uniformização dos símbolos e especificações técnicas e a ligação das sedes dos trabalhos nacionais de geodésia, astronomia, nivelamento e gravimetria; 2.^o) em assuntos de mapas topográficos, a adoção preferencial e intensiva do método aerofotogramétrico, 3.^o) em assuntos de cartas aeronáuticas, uma solidariedade muito expressiva ao que estão realizando os técnicos e autoridades norte-americanas, 4.^o) em assuntos de cartas hidrográficas, o estudo da plataforma continental, 5.^o) em assuntos de geografia, um vivo intercâmbio cultural entre as nações americanas.

E' evidente o propósito de se realizar obra duradoura, tanto assim que, além de se dirigir aos governos dos países americanos, solicitando providências em favor dos respectivos serviços especializados, a II Reunião determinou ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História, organização internacional permanente custeada pelos governos americanos, várias medidas, entre as quais sobressalta a criação dos seguintes cinco órgãos executivos técnicos permanentes: a) uma nova Comissão de "Geografia Aplicada"; b) na Comissão de Cartografia, os seguintes novos Comitês permanentes 1) de "Aerofotogrametria" agregado ao de Mapas Topográficos; 2) de Hidrografia; 3) de "Cartografia e Geografia"; 4) de "Mapa Oficial das Américas".

A criação da nova "Comissão de Geografia Aplicada" foi particularmente defendida pela delegação brasileira que, em nome do Governo, ofereceu ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História para que o Brasil instale a Comissão e lhe dê realidade funcional.

Tudo indica que os entendimentos nesse sentido chegarão a bom termo; nessas condições, das Resoluções da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia tirará o Brasil, além de outros, o grande proveito de liderar um imponente movimento cultural interamericano, cujos excelentes resultados são imprevisíveis.

ATA DAS RESOLUÇÕES APROVADAS

Sessão plenária de encerramento

Rio-de-Janeiro, 25 de agosto de 1944

A II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, promovida pela Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, organizada pelo Conselho Nacional de Geografia do Brasil, integrada por delegações das nações americanas e reunida em sessão plenária, resolve:

I — Submeter à consideração dos Governos das nações americanas:

EM ASSUNTOS DE GEODÉSIA

1) A ligação, por meio de triangulações de primeira ordem, das redes ou cadeias de triangulação geodésica existentes nos diversos países da América, pondo-se em contacto, por intermédio do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, com a antecipação necessária, os governos dos países fronteiriços

2) A adoção dos símbolos e especificações recomendados pela União Internacional de Geodésia e Geofísica, na sua assembléia geral, realizada em Washington, em 1939

3) A adoção geral do Elipsóide Internacional, de acordo com o aprovado pela Assembléia Geral da União Internacional de Geodésia e Geofísica, reunida em Madri em 1924

4) A constituição de comissões ou serviços dentro das organizações geográficas existentes, que se encarreguem de medidas gravimétricas, sejam elas absolutas ou relativas, recomendando-se a colaboração do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, para a escolha e determinação de pontos básicos gravimétricos

5) A criação de serviços para estudos magnéticos e sismológicos, concentrando-se os dados e observações no Instituto Pan-Americano de Geografia e História, a fim de serem coordenados e publicados para uso de todos os países.

6) A instalação de marégrafos nas costas, lagos e rios, para a determinação de níveis de referência a serem utilizados nos nivelamentos continentais, relacionando-se, por meio de nivelamento de precisão, o nível de referência do marégrafo a um ou mais vértices da triangulação terrestre nacional, e bem assim, ligando-se os nivelamentos dos países limítrofes

7) A expedição de leis para que seja possível o estabelecimento e conservação dos monumentos, marcos geodésicos e de nivelamento, assim como outros sinais permanentes nos lugares requeridos pelas operações de campo.

EM ASSUNTOS DE MAPAS TOPOGRÁFICOS E AEROFOTOGRAMETRIA

8) A intensificação do uso dos métodos aerofotogramétricos nos levantamentos topográficos

9) A aceleração do conhecimento das regiões ainda desconhecidas topograficamente, por meio de levantamento dessas regiões por métodos aerofotogramétricos, para a produção de mapas de reconhecimento ou "pré-cartas", até o momento em que se possam executar mapas mais precisos

10) Um efetivo intercâmbio do material cartográfico produzido

11) Que se tomem as necessárias providências, com a maior brevidade possível, para a criação de facilidades educacionais destinadas à formação de pessoal especializado em cartografia, topografia e fotogrametria

12) Que se dêem instruções aos respectivos organismos topográficos e cartográficos, no sentido de que a projeção cartográfica adotada seja indicada em cada um dos trabalhos que se editem

EM ASSUNTOS DE CARTAS AERONÁUTICAS

13) O intercâmbio de suas cartas aeronáuticas.

14) Que se intensifique a preparação das cartas aeronáuticas, conforme os modernos métodos expeditos de aerofotografia, apoiada num sistema adequado de referência terrestre.

15) Que se adote, como carta aeronáutica normal, a escala 1:1 000 000 e em folhas de 55 x 72 cm (22 x 29 polegadas), cabendo ao Comité Permanente de Cartas Aeronáuticas da Comissão de Cartografia o estudo das especificações tendentes à uniformidade das mesmas.

16) Que publiquem periodicamente "Avisos aos Pilotos" para maior segurança da navegação aérea, e também que se informe sobre as correções que devem ser executadas nas cartas de aeronavegação.

17) Resolução Geral:

A II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia reconhece e aplaude os esforços desenvolvidos pelo Governo dos Estados- Unidos-da-América para o estabelecimento das cartas aeronáuticas da América, mediante a aplicação da aerofotografia, e recomenda aos governos dos distintos países a continuar cooperando e estimulando os ditos esforços, por meio de seus órgãos técnicos.

EM ASSUNTOS DE CARTAS HIDROGRÁFICAS E OUTRAS

18) Que todas as informações essenciais à segurança da navegação, tais como informações relativas à profundidade, perigo e avisos à navegação, sejam públicas e tenham divulgação rápida, e que somente informações sobre instalações navais e militares sejam classificadas como confidenciais.

19) Que os serviços hidrográficos dos países americanos estendem seus levantamentos hidrográficos precisos fora da plataforma continental.

20) Que, em qualquer programa de levantamentos aerofotográficos, se considere, onde a prática permitir, a obtenção de cobertura vertical sobre a linha da costa, incluindo perigos afastados da mesma.

EM ASSUNTOS DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

21) Que seus institutos geográficos e cartográficos prestem ampla ajuda à Comissão de Cartografia: a) no aperfeiçoamento de um Vocabulário de Termos Cartográficos, com os correspondentes nos quatro idiomas oficiais das Américas; b) na preparação de um Glossário de Termos Técnicos de Geografia e Cartografia; c) na preparação do Dicionário Geográfico das Américas.

22) Que adotem como norma o uso dos nomes geográficos estrangeiros no idioma de origem; e, naqueles casos em que fôr consagrada uma tradução, que se inscrevam as duas formas.

EM ASSUNTOS GERAIS

23) O mais íntimo contacto entre as respectivas organizações geográficas e o Instituto Pan-Americano de Geografia e História, a fim de que tornem efetivas as resoluções tomadas.

24) Que, a respeito da assistência financeira ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História:

a) incluam no orçamento nacional, a partir de 1945, a quota anual ao Instituto, computando-se a população de acordo com os censos atuais;

b) estudem a forma adequada para o preenchimento dos gastos específicos da Comissão de Cartografia, dependente do Instituto, mediante uma contribuição extraordinária, de acordo com as necessidades que lhes faça presentes o referido Instituto.

II — Sugerir à Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

EM ASSUNTOS DE GEODÉSIA

25) A reiteração ao Comité Permanente de Geodésia da Comissão de Cartografia, da Resolução III, aprovada na I Reunião Pan-Americana de Consulta, sobre a conveniência de se uniformizarem as especificações geodésicas dos países da América, a fim de se obterem redes de triangulação básica em cada país e um ponto "datum" comum para toda a América do Sul.

26) Que solicite ao Comité Permanente de Geodésia o estudo do método ou métodos mais adequados aos países equatoriais, para a determinação do azimute astronômico, em combinação com as observações de medida de ângulos geodésicos.

EM ASSUNTOS DE MAPAS TOPOGRÁFICOS — AEROFOTOGRAMETRIA

27) Que encarregue ao seu Comité Permanente de Mapas Topográficos a apresentação de um plano de uniformização dos sinais convencionais, mediante a comparação das cartas até agora publicadas, para ser oportunamente apresentado em consulta aos Governos das nações americanas

28) Que encarregue ao seu Comité Permanente de Mapas Topográficos a apresentação de um plano de classificação dos trabalhos cartográficos, indicando, para cada classe, suas denominações nos quatro idiomas do Instituto, seus objetivos, características e as escalas usadas. Esse plano estudará, ademais, a conveniência de uniformizar os tamanhos das folhas para cada classe de trabalho

29) Que proponha as tolerâncias de precisão para cada uma das escalas usadas.

30) Que recomende os sistemas de projeção mais apropriados para cada classe de cartas e mapas, de acôrdo com a posição geográfica das distintas nações americanas, e, tendo em conta a compilação do Mapa das Américas, a escala 1 1 000 000

31) Que considere a conveniência de ampliar o nome do seu Comité Permanente de Mapas Topográficos para incluir também a "Aerofotogrametria"

EM ASSUNTOS DE CARTAS AERONÁUTICAS

32) Que, de acôrdo com as possibilidades do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, se agregue ao Comité Permanente de Cartas Aeronáuticas um secretário técnico itinerante.

33) A padronização de símbolos, côres, escalas, projeções e demais características das cartas aeronáuticas

34) Que encomende ao seu Comité especial o estudo de métodos de conversão, nas cartas aeronáuticas, do sistema inglês ao sistema métrico decimal e vice-versa

35) Que empregue seus bons ofícios no sentido dos Estados-Unidos-da-América imprimirem as cartas aeronáuticas levantadas nos países americanos; e, se as condições impostas pela guerra retardarem essas impressões, que estude a possibilidade de ser feita a entrega das matrizes (*color pulls*) para facilitar a impressão no país interessado.

36) Que fomente a cooperação na formação e aperfeiçoamento do pessoal técnico entre os diferentes países do continente.

EM ASSUNTOS DE CARTAS HIDROGRÁFICAS E OUTRAS

37) Que a Comissão de Cartografia organize um Comité Permanente de Hidrografia.

38) Que o Comité de Hidrografia tenha poderes, dentro dos regulamentos do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e sob seus auspícios, para considerar todos os assuntos concernentes ao preparo de cartas hidrográficas.

39) Que o Comité de Hidrografia considere e recomende planos para o intercâmbio de informações hidrográficas e de cartas publicadas

40) Que o Comité de Hidrografia faça um estudo sobre sinais convencionais e símbolos para cartas hidrográficas, com o propósito de sugerir oportunamente ao "Bureau Hidrográfico Internacional" as mudanças julgadas convenientes aos serviços hidrográficos das Américas.

EM ASSUNTOS DE CARTOGRAFIA E GEOGRAFIA

41) A criação de um "Comité de Cartografia e Geografia", cuja finalidade será o estudo das correlações e utilidades que existem entre a Cartografia e a Geografia.

42) Que promova a intensificação do uso de mapas topográficos e fotografias aéreas nas investigações geográficas.

SÓBRE O MAPA OFICIAL DAS AMÉRICAS

43) Que considere a criação de um Comité especial para o estudo, planeamento e execução do mapa oficial das Américas, ao qual serão encaminhadas as sugestões da II Reunião.

III — *Sugerir ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História*

EM ASSUNTOS DE GEOGRAFIA APLICADA

44) A criação de uma "Comissão de Geografia Aplicada", que se encarregue dos estudos de interpretação geográfica.

45) Que, enquanto não se efetuar tal criação, o Instituto considere as seguintes proposições:

a) A expansão dos trabalhos geográficos relativos aos recursos físicos, económicos e humanos da América;

b) O intercâmbio de especialistas e estudantes para maior desenvolvimento das investigações geográficas;

c) A publicação de uma "Seleta de Cartografia Histórica Americana dos Séculos XVI, XVII, XVIII e XIX,

d) A criação de um "Bureau Permanente de Intercâmbio de Documentação Geográfica e Cartográfica" dos países americanos;

e) A obtenção e a distribuição, nos países americanos, de mapas murais e atlas para o ensino de Geografia;

f) A recomendação aos países americanos para que se institua nos diferentes graus do ensino a cadeira de Geografia da América;

g) A organização e publicação de uma bibliografia geográfica da América;

h) A organização de um serviço de microfilmagem para o intercâmbio de cartas e documentos geográficos,

i) A difusão dos conhecimentos da Geografia americana nos meios populares, especialmente mediante o cinematógrafo;

j) O entendimento com o Instituto Interamericano de Estatística, a propósito do preparo dos mapas necessários aos censos nacionais em geral e ao censo de 1950 em especial, estabelecendo-se a possível padronização, dentro de requisitos mínimos, mapas nos quais figurem as divisões políticas e administrativas, cujos limites se recomenda sejam fixados segundo planos periódicos

IV — *Aprova as seguintes*

RESOLUÇÕES GERAIS

46) Apresentar seus agradecimentos ao Governo do Brasil pelas facilidades de toda ordem que prestou à realização desta II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, mostrando assim, o alto espírito de solidariedade americana de que estão possuídos seus altos mandatários.

47) Expressar seu reconhecimento ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História, e muito especialmente à sua Comissão de Cartografia, por haver promovido esta II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, que deu uma nova e feliz oportunidade para prosseguir no entendimento indispensável de todos os países americanos na ciência cartográfica.

48) Agradecer de maneira especial ao Conselho Nacional de Geografia do Brasil por haver realizado a feliz idéia de convocar a II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, cujo resultado influirá, de agora em diante, na aproximação ideológica efetiva, no vasto campo científico da Cartografia americana; e ao tradicional Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que generosamente ofereceu sua sede para a celebração da Reunião

49) Apresentar votos de aplauso e agradecimentos à Mesa Diretora, que tão brilhantemente tem dirigido as atividades da II Reunião.

50) Consignar nos Anais da II Reunião Pan-Americana, como preito de gratidão, os nomes das autoridades e instituições brasileiras que tanto cooperaram para o brilhantismo do certame, mencionando-se as contribuições oferecidas.

51) Congratular-se com o Governo do Brasil por ter sido este país um dos primeiros a reconhecer a importância da estereofotogrametria nos levantamentos topográficos.

52) Render uma sentida homenagem a todos os homens dos países americanos que no passado dedicaram seus esforços à ciência cartográfica, facilitando assim o trabalho do presente, e contribuindo para o engrandecimento da América.

NOVA METODOLOGIA NO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

O X Congresso Brasileiro de Geografia revelou aos geógrafos do Brasil os resultados benéficos trazidos pela renovação filosófica iniciada sistematicamente pelo Conselho Nacional de Geografia e pelos elementos saídos da ex-Universidade do Distrito-Federal e da Faculdade de Filosofia de São-Paulo e as faculdades recentemente fundadas.

Desde as primeiras reuniões das diversas Comissões Técnicas começou a campanha pela introdução dos princípios geográficos modernos. Muitas reuniões foram transformadas em verdadeiros seminários, onde as bases científicas da geografia foram longamente esclarecidas. Trinta anos depois de ter lançado a semente, DELGADO DE CARVALHO pôde ver o seu sonho de renovação metodológica no caminho da realidade.

Das teses apresentadas somente as aprovadas constituem alguma contribuição real à geografia nacional. Destaca-se dentre estas o trabalho de LAMEGO FILHO, *O Homem e a Restinga*, que mereceu a 1.^o prêmio José Boiteux.

A maior contribuição deste Congresso foi a revelação de que algo de novo se está fazendo na geografia brasileira. Também ficou claro que as organizações geográficas privadas e os futuros Congressos precisavam adaptar-se à realidade científica dos nossos tempos.

Como repercussão de caráter imediato foi o movimento esboçado para a renovação dos princípios filosóficos da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro e da aprovação de uma recomendação que sugere nova organização para os futuros Congressos, refletindo assim a vitória da corrente moderna, alinhando de um modo definitivo os geógrafos do Brasil ao lado de seus colegas dos países mais adiantados do mundo. É tão importante esta proposta que aí segue a sua publicação integral:

“Considerando a conveniência de serem bem classificados os trabalhos dos Congressos Brasileiros de Geografia, à luz da moderna orientação filosófica da geografia,

“Considerando que as atuais Secções Técnicas do Congresso, exagerando a tendência topicalista, compreendem setores de difícil justificação, tais como os de Geografia das Calamidades e de Geografia Médica, os quais de fato nada mais são do que ramos da geografia física e da geografia humana;

Considerando que o objetivo principal desses Congressos é, indubitavelmente, o fomento de estudos sobre assuntos geográficos brasileiros, de modo que tratando fundamentalmente de geografia aplicada, os Congressos deverão necessariamente tender para a escola regionalista, que presentemente caracteriza a preferência dos geógrafos modernos;

PROPOMOS que se recomendem à benemérita Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro

1.^o) que, na organização dos futuros Congressos, considere a subdivisão da matéria científica nas seguintes secções técnicas:

A — Série Geral do Brasil

- a) Secção Técnica de Geografia Física,
- b) " " " " Humana,
- c) " " " " Matemática e Cartografia;
- d) " " " " Metodologia e Ensino da Geografia,

B — Série Regional (de acordo com a divisão oficial)

- e) Secção Técnica da Região Norte,
- f) " " " " Nordeste;
- g) " " " " Leste;
- h) " " " " Sul;
- i) " " " " Centro-Oeste,

2º) que se mantenha nos Congressos a "Comissão de Coordenação e Iniciativas", presidida pelo presidente da Comissão Organizadora Central para, em ligação direta com as Comissões Técnicas, cuidar do exame das teses e trabalhos apresentados ao Congresso e coordenar a sua discussão em plenário,

3º) que se mantenha o excelente critério do exame técnico das teses por técnicos especializados, à escolha da Comissão Organizadora Central,

4º) que a Comissão Organizadora Central promova a elaboração de estudos, de preferência sob a forma de "Symposium", acerca dos temas recomendados ao certame, mediante a colaboração planificada de profissionais especializados nos respectivos assuntos"

Com a organização acima, secundada por uma compreensão verdadeira e integral dos princípios modernos da ciência e dos problemas geográficos de nossa terra, a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, o Conselho Nacional de Geografia e o Brasil muito podem esperar dos futuros Congressos de Geografia.

EXPOSIÇÕES: DE CARTOGRAFIA PAN-AMERICANA E DE ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO BRASIL E DE GEOGRAFIA

Presentes as delegações junto à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, técnicos e professores brasileiros, bem como numeroso público, instalou-se na tarde de 17 de agosto p.p, no 21.º andar do Edifício Serrador, a Exposição de Cartografia Pan-Americana e Aspectos Geográficos do Brasil.

Presidindo a cerimônia inaugural, falou o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, chefe da delegação brasileira e presidente da II Reunião de Consulta.

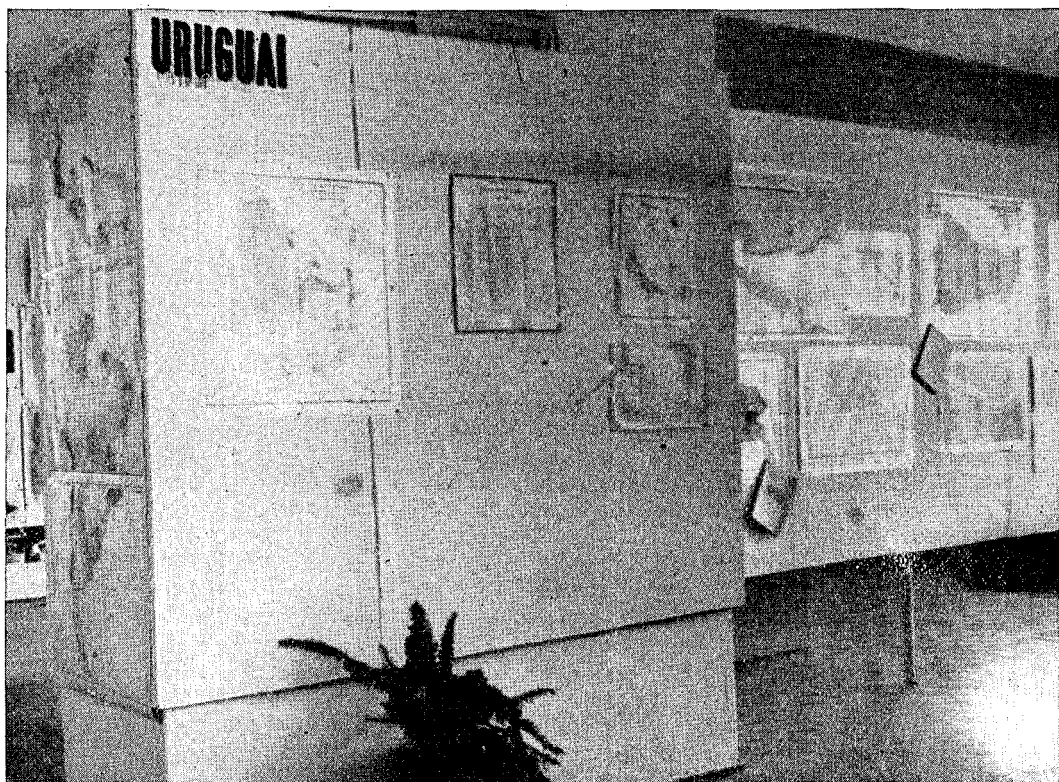
Em nome de demais representantes a êsse importante certame, usou da palavra o professor Dr. CARLOS MORALES MACEDO, diretor da Sociedade Geográfica de Lima e chefe da delegação peruana ao conclave

Instalada de acôrdo com as exigências da sua finalidade, essa Exposição alcançou grande êxito e larga repercussão nos meios técnicos e culturais da capital da República, graças ao valioso material cartográfico apresentado, cujo exame criterioso permitiu aos especialistas um perfeito balanço das realizações geodésicas, topográficas, aerofotogramétricas e cartográficas, de todos os países do novo mundo.

É evidente que a diversidade dos recursos financeiros e até mesmo do desenvolvimento cultural dos povos representados, necessariamente se refletiriam de modo mais ou menos claro nos trabalhos expostos. Não obstante, e a despeito dessa marcada diversidade, a Exposição de Cartografia Pan-Americana deu testemunho vigoroso do grande interesse com que se vêm empenhando os países irmãos no conhecimento maior e melhor dos respectivos âmbitos territoriais.



Detalhe do stand do Serviço Gráfico do Exército na Exposição Pan-Americana de Geografia e Cartografia que funcionou durante a realização da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia



Um aspecto do stand do Uruguai



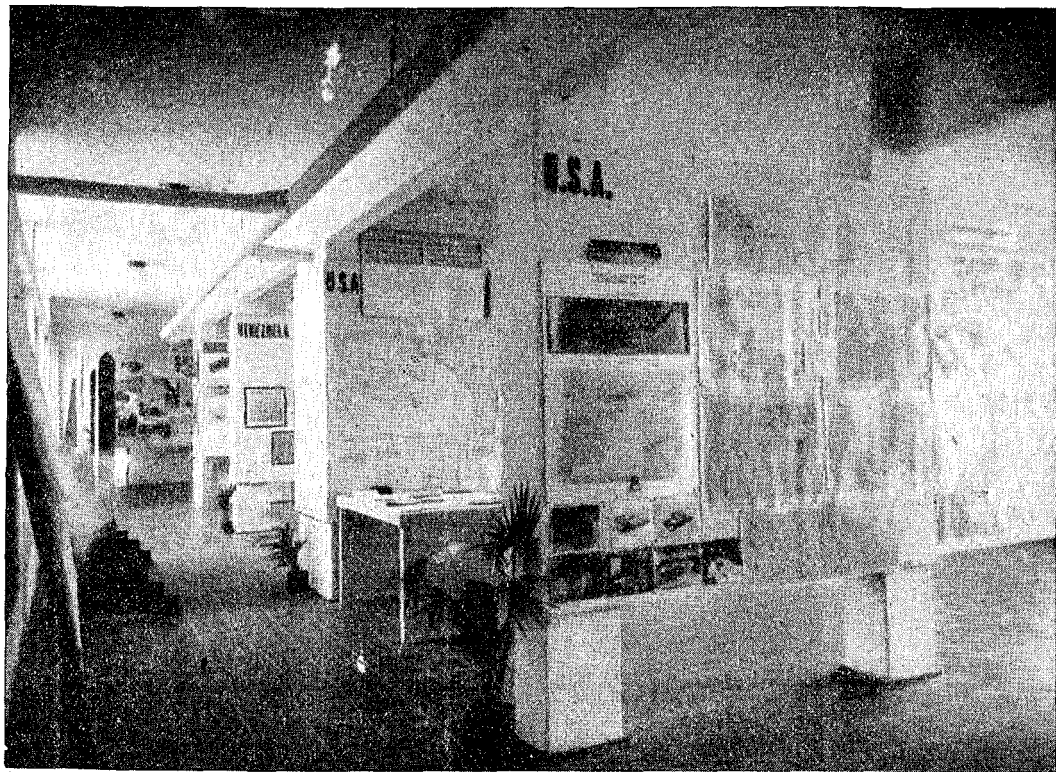
Vista do salão de entrada ao recinto da Exposição Pan-Americana de Geografia e Cartografia, vendo-se, ao lado o "Diagrama em Perspectiva do Distrito-Federal" organizado pelo Prof FRANCIS RUELLAN.

Para nós brasileiros, o certame constituiu surpreendente e construtiva revelação.

É que se, sob o ponto de vista quantitativo, descontada a vastidão territorial do país, mal encetamos a imensa tarefa, todavia, pela qualidade e apresentação dos trabalhos já realizados, dentro dos moldes clássicos, conquistou o Brasil posição destacada na grande mostra cartográfica.

Dos países americanos, apenas três, Nicarágua, Honduras e Haiti, não se fizeram nela representar.

Os demais, o Brasil inclusive, conforme o espaço que lhes fôra reservado nos painéis mostruários, apresentaram um total de 723 elementos, entre cartas, planos e esquemas demonstrativos. Só o Brasil, compareceu com 276 elementos selecionados. Dêsses, despertaram particular interesse, os expostos pelos Serviço Geográfico do Exército, Serviço Hidrográfico da Marinha, Departamento Geográfico de Minas-Gerais e Instituto Geográfico e Geológico de São-Paulo, pela excelência de apresentação cartográfica de seus trabalhos



Aspectos dos stands dos Estados-Unidos e da Venezuela

Do mesmo modo a Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas, merece especial destaque através de uma das folhas do levantamento do rio São-Francisco, que essa Inspetoria vem procedendo mediante o emprêgo da técnica aerofotogramétrica.

Outras instituições governamentais, prepararam mostruários condignos que sob vários aspectos puderam dar índice expressivo, do desenvolvimento da cartografia no país. Assim, o Departamento Nacional de Estradas de Ferro, Serviço de Ultimeação da Carta de Mato-Grosso, Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Prefeitura do Distrito-Federal e Prefeitura do Estado de São-Paulo.

O Conselho Nacional de Geografia, que tomou a seu cargo a tarefa de organizar e mostrar a exposição em aprêço, compareceu ao certame com um painel cartográfico, e 5 fotomontagens de sínteses fotográficas acêrca de geografia regional do Brasil.

No primeiro, exibiram-se reproduções fotostáticas de algumas das folhas em 1 500 000, da edição preparatória da Carta Geral do Brasil ao milionésimo; exemplar do mapa do país em edição comemorativa da II Reunião Pan-Americana de Consulta; Cartograma Indicativo das coordenadas geográficas deter-

minadas no país, tanto pelos técnicos do C. N. G. como de outras repartições filiadas a este órgão, e aceitas pelo mesmo

Além desses, o C. N. G. expôs ainda o cartograma geral dos levantamentos realizados pelos técnicos a seu serviço, e o esquema dos trabalhos preliminares de medida da rede de triangulação geodésica efetuada na região sul de Goiânia, bem como outras cartas executadas no Serviço de Geografia e Cartografia, sua Repartição Central.

As fotomontagens, referidas, de grande efeito como síntese representativa da Geografia Regional do Brasil, foram executadas pelo artista brasileiro DEL NEGRÍ, com a supervisão técnica do professor LÚCIO DE CASTRO SOARES, da Secção de Estudos do S. G. C

O stand das paisagens brasileiras ganhou significativa expressão geográfica com a mostra de objetos, produtos e modelos de utilidades regionais, pertencentes ao Museu do referido Serviço, — de que é encarregada a funcionária D. CACILDA FERNANDES — conjunto esse de grande êxito na exposição da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia. Como curiosidade, para aquilatar-se do esforço despendido na organização das fotomontagens em aprêço, basta a apresentação do total de 9 754 fotografias coletadas entre os múltiplos serviços federais e particulares, sediados nesta capital, afim de servirem àquele trabalho

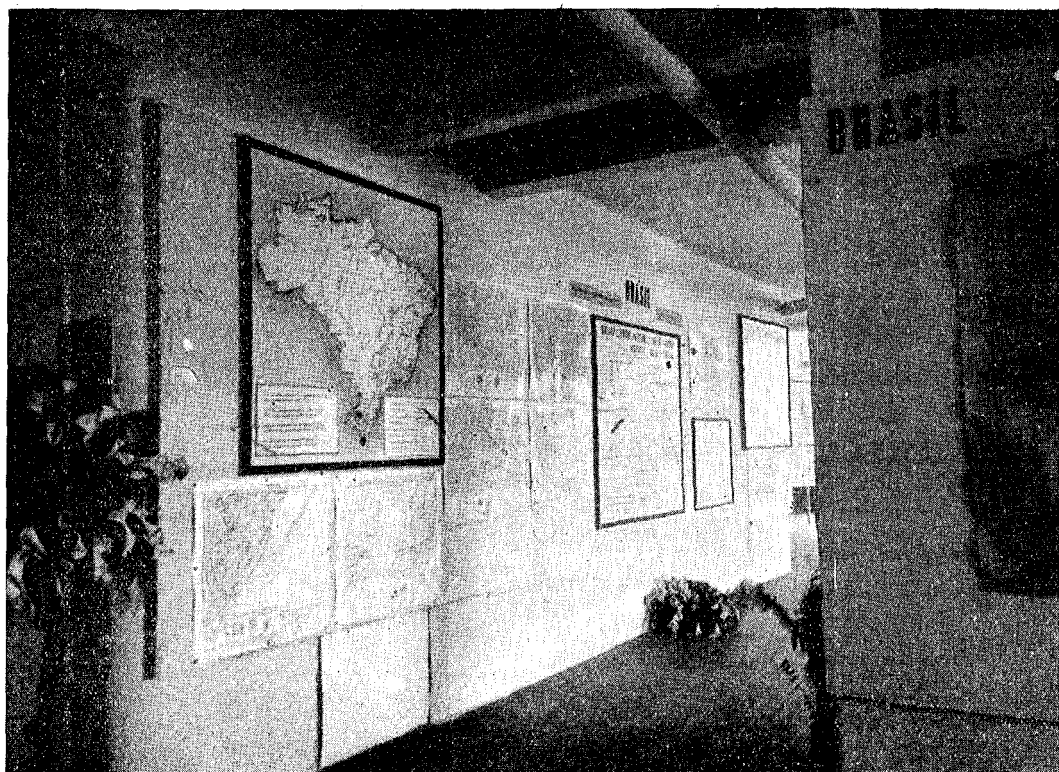
Entre as organizações brasileiras de atividades privadas, que compareceram ao certame, cumpre assinalar a Transportes Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda, cujos trabalhos cartográficos, decorrentes do levantamento aerofotogramétrico, que esta entidade vem executando no município sul-riograndense de Porto-Alegre, provocaram o elogio dos técnicos que os puderam examinar

No tocante à representação de outros países americanos nesta primeira grande exposição continental de cartografia, é de justiça o registro do desenvolvimento que esses trabalhos vêm tendo em quase todos eles

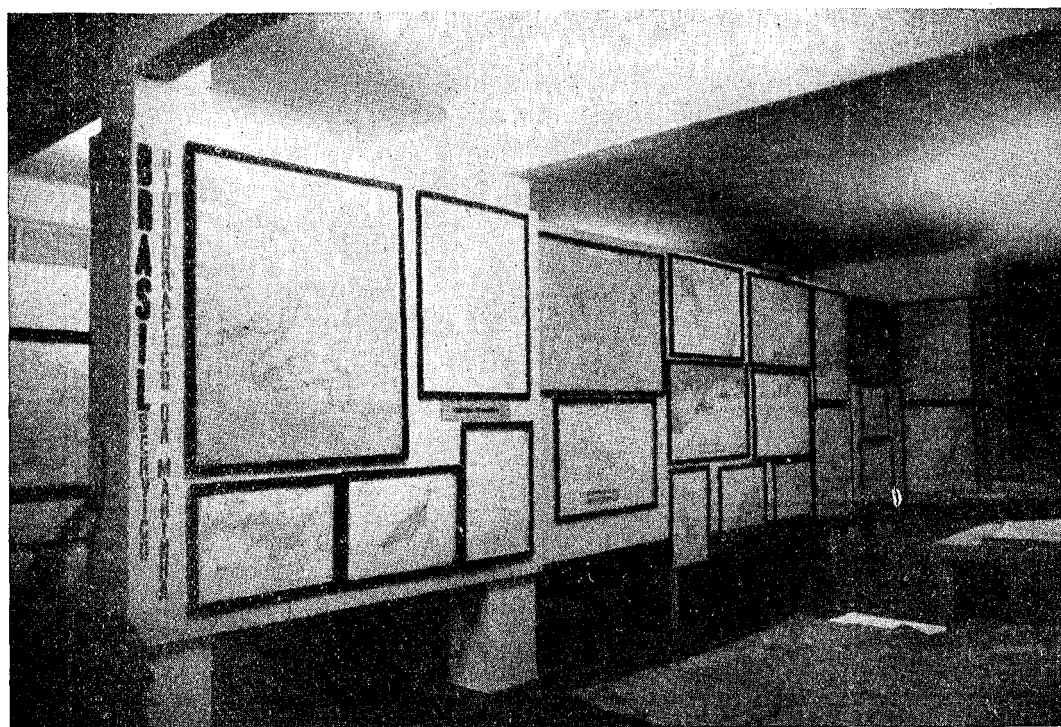
A Argentina, cuja rede de triangulação geodésica é talvez a maior da América Latina, apresentou uma das melhores séries de trabalhos que figuram na Exposição.



A foto acima foi tomada durante a visita que o Sr embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES realizou ao stand do Serviço Geográfico do Exército vendo-se o presidente da II Reunião de Consulta em companhia do Sr general CÔELHO NETO, diretor daquele Serviço e presidente da "Secção de Fotogrametria" do referido certame



Detalhes do stand do Brasil na Exposição Pan-Americana de Geografia e Cartografia que funcionou em todo o 5º andar do Edifício Serrador, durante a realização da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia



Além do cuidado com que suas cartas foram preparadas para o mostruário, os elementos expostos, cartas na escala de 1:25 000, 1:50 000 e 1:100 000 representaram com grande relevo a Cartografia argentina, onde a execução das cartas hidrográficas, encontra-se a cargo de seu Instituto Geográfico Militar.

A Bolívia independentemente dos exemplares de fôlhas de sua Carta Topográfica na escala de 1 25 000, apresentou ainda como trabalho digno de nota, esplêndido mapa na escala de 1:1 000 000 em 4 fôlhas, organizado sob os auspícios do Ministério da Guerra e Colonização, além de bons mapas em relevo.

No painel reservado ao Chile apreciavam-se exemplares de fôlhas da carta geral do país nas escalas de 1 25 000 e 1 100 000, levantadas por seu Instituto Geográfico Militar, bem como cartas hidrográficas, levantadas e organizadas pela Armada Nacional chilena

A Colômbia, diferentemente, expôs razoável coleção de cartas topográficas de vários de seus municípios nas escalas de 1:25 000 e 1:50 000. Muito bem adaptadas e ôtimamente impressas, mereceram grandes louvores

Do Equador e Peru, suas fôlhas expostas, respectivamente em 1.25 000 e 1:200 000, despertaram particular atenção, já pela uniformidade do trabalho, já pelo montante do mesmo, refletido no número delas, publicadas até 1944, tendo-se em vista as dificuldades do terreno onde operam seus técnicos, e estabelecido o devido confronto com o mesmo trabalho, produzido em outros países do continente.

O Paraguai apresentou apenas algumas cópias heliográficas de trechos em várias escalas de levantamento do rio Paraguai, feito pelo Departamento de Marinha desse país.

Quanto ao Uruguai e à Venezuela, só elogios podem merecer os respectivos dirigentes, pela atenção dedicada a esses assuntos que tão relevantes serviços prestam à administração pública, conforme foi possível deduzir-se através dos trabalhos apresentados



Aspecto do stand da Bolívia

De fato, tanto as cartas topográficas e hidrográficas expostas pelo Uruguai como os trabalhos aerofotogramétricos realizados pela Venezuela, dos quais, estiveram expostos alguns exemplares grandemente representativos, dizem bem de seu interesse pelos mesmos.

Da América Central, destacaram-se apenas a representação da República Dominicana, composta de vários esquemas e planos dos trabalhos em curso naquele país, e da Guatemala, através de suas cartas da fronteira com Honduras e Salvador em escala de 1 200 000.

Costa-Rica apresentou sua carta geral na escala de 1 400 000, e o Panamá expôs, além de duas pouco detalhadas cartas gerais, uns tantos fotos, relativos à terra e ao homem panamenho.

Dos países do hemisfério norte, como é perfeitamente compreensível, os Estados-Unidos e o Canadá ocuparam situação privilegiada no conjunto das representações, pelo montante, qualidade e variedade do material exposto.

Assim, do primeiro, foram apresentados ao exame dos técnicos, cerca de 100 cartas, entre topográficas e geográficas; geológicas, hidrográficas e aeronáuticas, quer de seu próprio território, quer da Europa ou do Japão.

Enfim, uma extraordinária diversidade de Cartas, como unicamente os Estados-Unidos poderiam apresentar, através de seus inúmeros organismos especializados como: o Geological Survey, Geodetic Survey, Army Map Service, Army Air Forces, U S Navy American Geographic Society, etc.

Em complemento, numerosos gráficos, esquemas e cartogramas, bem como fotografias, foram apresentadas, no sentido, todos, de ilustrar e esclarecer o observador quanto aos métodos, aparelhamento e planos em realização na pujante nação norte-americana.

O Canadá, mais sóbrio, e não obstante, com igual relêvo, apresentou exatamente 50 cartas que reunidas em 4 painéis juntamente com diversos gráficos e fotografias, constituíram sem dúvida, o mais harmonioso conjunto entre quantos se apresentaram durante a monumental Exposição de Cartografia, anexa à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia.

Tanto as folhas de sua carta geral em 1 63 360, 1:126 720, 1 253 440, 1 506 880, do Department of Mines and Resources, como as cartas hidrográficas em várias escalas do litoral canadense, reafirmavam convincentemente, o princípio de que a cartografia de um povo, como ciência e como arte, expressa-lhe de modo seguro, a civilização e a cultura.

O México, onde tem sede o organismo idealizador das Reuniões Pan-Americanas de Consulta sobre Geografia e Cartografia, o Instituto Pan-Americano de Geografia e História, também contribuiu para o brilho do certame, apresentando os trabalhos mais representativos de sua desenvolvida cartografia.

A semelhança de quase todos os outros países participantes da Exposição, o México apresentou as melhores folhas da sua Carta Geral na escala de 1 100 000, bem como cartas hidrográficas, descritivas do seu litoral. Além disso, como particularidade única, trouxe ao exame dos técnicos, cartas topográficas de alguns de seus Estados, com cerca de 4 m² de extensão.

Eis o bosquejo do que foi a Exposição de Cartografia, anexa à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, cujos planos de organização e montagem estiveram a cargo de uma Comissão composta do Prof. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, presidente, coadjuvado por dois secretários-executivos, ARMANDO SÓCRATES SCHNOOR e PAULO AUGUSTO ALVES, respectivamente, chefe interino da Seção de Cartas Regionais e Encarregado da Mapoteca, ambos da Repartição Central do Conselho Nacional de Geografia.

EXPOSIÇÕES ANEXAS AO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

Ainda nesse local e sob a orientação da mesma Comissão, realizou-se a exposição do X Congresso Brasileiro de Geografia, sendo instalada solenemente às 18 horas do dia 9 de setembro, sob a presidência do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES.

No ato inaugural, falou o engenheiro BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS, diretor do Departamento Geográfico de Minas-Gerais e representante desse Estado no certame em apêço.

Dessa Exposição, além dos mesmos Serviços Federais que haviam contribuído para o êxito da representação brasileira na Exposição anexa à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, participaram quase todos os Departamentos Estaduais de Estatística e Geografia.

Através de gráficos e cartogramas onde se fixavam os aspectos administrativos, econômicos, sociais e culturais, das respectivas Unidades, tais Órgãos, de um modo geral, muito contribuíram para que essa Exposição viesse a constituir síntese expressiva do Brasil de nossos dias.

Excetuadas aquelas entidades oficiais que anteriormente haviam marcado o ponto alto da representação brasileira em matéria de cartografia, como o Serviço Geográfico do Exército, Diretoria de Navegação, Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso, Instituto Geográfico e Geológico de São-Paulo, Departamento Geográfico de Minas-Gerais, e mais alguns outros, obtiveram particular relevo, as contribuições do Estado do Pará, Setor Norte da Comissão de Fronteiras, Estado de Santa-Catarina, Bahia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e o Território Federal do Rio-Branco, este por ser a única das novas unidades recém-criadas, no quadro administrativo do país, que participou objetivamente da Exposição em aprêço

O Estado do Pará, além da série de cartogramas estatísticos, expôs com apresentação artística, reproduções fotográficas, de folhas da carta do litoral brasileiro executada em 1640 pelo cosmógrafo — João TEIXEIRA, bem como de objetos de valor etnográfico, recolhidos pelo Museu Goeldi. Disponham-se ainda em seu *stand*, inúmeras fotografias documentárias da cidade de Belém

A Comissão de Limites do Setor Norte, a cargo do comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR, conseguiu particular destaque com sua monumental carta da Região Norte brasileira, explorada pela referida Comissão, onde se assinalavam todos os trabalhos astronômicos, geodésicos e topográficos realizados aí, desde o início de suas atividades, a serviço da relevante tarefa de demarcação das fronteiras do Brasil. Valiosa coleção de fotografias completavam de modo expressivo, os painéis da Comissão de Limites

O Estado de Santa-Catarina em 12 grandes quadros, comendo técnica e harmoniosamente, esquemas, cartogramas e fotografias selecionados com rigor, apresentou sínteses caracteristicamente geográficas, de todo o Estado. O trabalho que logrou notável repercussão, foi organizado pelos engenheiros NICOLAU BORN e VÍTOR PELUSO, ambos da Diretoria de Geografia e Terras de Santa-Catarina, do qual, em comentário a seguir, fará completa descrição, o Eng. PELUSO

A Bahia, por sua vez, reunido as contribuições de seus Departamentos especializados de Geografia e Estatística, bem como da Prefeitura da Cidade do Salvador, apresentou expressivo conjunto, donde se destacavam com particular realce, algumas folhas de sua Carta Geral, na escala de 1 500 000, executadas sob a direção do engenheiro LAURO SAMPAIO

Do mesmo modo, a ala estatística do I B G E também prestou o seu eficiente concurso à Exposição, apresentando seis ótimos cartogramas, focalizando os mais sugestivos aspectos nacionais

De resto, figuraram ainda na Exposição de X Congresso Brasileiro de Geografia, os aspectos e paisagens regionais brasileiras, e o diagrama perspectivo do Distrito-Federal, na escala de 1:50 000 de autoria do professor FRANCIS RUEL-LAN, orientador técnico das tertúlias realizadas pelo Conselho Nacional de Geografia

No propósito construtivo de dar aos delegados estaduais, uma visão panorâmica da Cartografia pan-americana, foi composto e apresentado na Exposição, um painel especial onde se reuniram os melhores trabalhos de cada país participante da Exposição anterior, anexa à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia

Exposições de Oceanografia e de Didática de Geografia e Cartografia

Além dessa, contou o X Congresso com duas mais, de alto valor técnico e vivo interesse cultural e noticiadas noutro local (vd págs 436 e 437)

Foram, respectivamente, a Exposição de Oceanografia, patrocinada pelo Ministério da Educação, com a assistência direta do Prof RAJA GABAGLIA, no externato Pedro II, e a de Didática de Geografia e Cartografia, realizada com o patrocínio da Prefeitura do Distrito-Federal, no Instituto de Educação e sob os auspícios do Cel JONAS CORREIA, secretário da Educação

Do que foram estas exposições, melhor do que nós, fala o parecer da Comissão de Julgamento, transcrito a seguir

“A Comissão nomeada pelo meritíssimo Presidente do X Congresso Brasileiro de Geografia em a sessão plenária de 13-9-944, para julgar os trabalhos expostos, vem dar conta do resultado das suas observações

Três exposições foram submetidas a exame

a) EXPOSIÇÃO DIDÁTICA DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA, realizada sob o patrocínio da Prefeitura do Distrito-Federal e sob os auspícios do secretário da Educação Cel JONAS CORREIA, no Instituto de Educação.

Organizador: professor GERALDO DE SOUSA SAMPAIO

b) EXPOSIÇÃO DE OCEANOGRAFIA, realizada sob o patrocínio do Ministério da Educação, com assistência direta do professor FRANCISCO RAJA GABAGLIA, diretor do Colégio Pedro II, em uma das salas desse Externato.

Organizadores professor JOÃO RAJA GABAGLIA e Comte ARMANDO DE AZEREDO PINA, como técnico executivo.

c) **EXPOSIÇÃO DE CARTOGRAFIA**, realizada na vigência da II Reunião de Consulta sobre Geografia e Cartografia, modificada pela substituição das representações americanas (salvo a dos Estados-Unidos — que persistiu) por outras representações de entidades nacionais, remodelada para a vigência do X Congresso Brasileiro de Geografia. Organizada sob os auspícios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sob a assistência direta do Conselho Nacional de Geografia

Organizador professor JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, auxiliado pelos Srs Dr ARMANDO SÓCRATES SCHNOOR e Dr PAULO AUGUSTO ALVES

A Comissão efetuou sua primeira reunião ontem, 15 do corrente, às 11 horas da manhã, deliberando fazer imediatamente uma visita coletiva à Exposição de Oceanografia e à Exposição de Cartografia, a fim de que cada um dos seus membros presentes pudesse consolidar suas impressões, realizando osmose de idéias com os colegas. Não foi renovada a visita ao Instituto de Educação por isso que o bem elaborado catálogo facilita a evocação das impressões obtidas individualmente pelos membros da Comissão em visitas anteriores

Reunida novamente no edifício do Silogeu, depois das visitas acima referidas, a Comissão passou a discutir o assunto em espécie e resolveu

1º) Considerar insuficientes os exames para uma classificação regular de todas as entidades concorrentes. Alguns membros da Comissão e especialmente o seu presidente, já se achavam com encargos delicados no Congresso quando surgiu a nomeação. Não coincidiam os momentos livres de cada um dos membros — que aliás não se conheciam — de maneira que ontem, 15, devendo ser entregue o relatório dos exames que momentos antes foram efetuados, seria mister ser brevíssimo o relatório de apreciação (Esse relatório ficou em suas linhas gerais para exposição verbal mas a alteração do programa permite sua entrega hoje — 16)

2º) Fazer uma apreciação genérica sobre cada uma das exposições

3º) Propor uma modificação no programa atual, para aplicação no XI Congresso — de maneira a dar à futura Comissão julgadora das Exposições, contingências de tempo, organização, recursos, etc., semelhantes às das outras Comissões

Apreciação

a) **EXPOSIÇÃO DIDÁTICA DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA**

A Comissão não pode esconder o seu entusiasmo ante o material exposto. Pondo de lado o exame dos livros didáticos que julga escapar à sua apreciação, reconhece que a exposição abre francas esperanças para o ensino da Geografia, porque já constitui começo de realidade aquilo que haveremos de chamar Laboratório de Geografia e mais ampliadamente — para um futuro que não está longe — Instituto de Fisiografia

Sendo a Geografia a mais humanística de todas as disciplinas ensinadas nos cursos secundários e mesmo nos cursos superiores, ela só pode ceder precedência às noções de higiene e aos processos de eugenia, para que prevaleça o princípio aristotélico "Primum vivere — deinde philosophare". Assegurada ao aluno a condição de existência, os seus olhos têm de se abrir para o mundo que o cerca e o grau de utilidade da sua vida depende da boa aplicação da sua energia na execução do gênero de atividade que escolher. Todas elas, mesmo as religiosas, estão na dependência da sua contingência de habitante do planeta Terra.

A Comissão verificou com prazer que já estão adotados mapas murais escolares no gênero dos que se preparam na Alemanha evidenciando de maneira clara, com exageração, os acidentes principais do terreno

Muito estimou ver os mapas mudos impressos sobre a tela de oleado negro, em tal forma que o aluno fica obrigado a reter de memória a forma dos continentes, países, ilhas, rios, etc., cabendo ao professor completar o mapa em cada caso, quando a lição o exija e isto de forma a apagar depois os seus acréscimos, ficando o mapa sempre a pedir novas alterações ocasionais. Dignos de interesse são os modelos de fisiografia: os vários gêneros de dobras do terreno — sinclinais e anticlinalis —, explicação de falhas, etc

De um modo geral a geografia estática está bem representada

A Comissão assinala entretanto o quanto seria útil acrescentar a esse laboratório os aparelhos que explicam o dinamismo terrestre — rios que correm, formação dos deltas e dos estuários, dunas e outros efeitos sólicos, etc

A Comissão termina por um voto de congratulações com os Srs prefeito e secretário da Educação e com aplausos para os professores de Geografia do

Instituto de Educação, pela compreensão da utilização de ambientar em miniatura, nas salas de aula, os panoramas do mundo, aplausos que envolvem em particular o organizador da exposição.

b) EXPOSIÇÃO DE OCEANOGRAFIA.

Cremos que é a primeira vez que se tenta, entre nós, embora em moldes modestos, uma Exposição Didática de Oceanografia

O mostruário está enriquecido com modelos escolares de Meteorologia, aparelhos de pesca, utensílios de toda ordem ligados à Biologia Marítima

É deveras interessante a exposição que se completa com a Carta Geral dos Oceanos levantada pelo Instituto de Mônaco, cartas batimétricas gerais e particulares de valor, como a do lago Lemann ou Genebra, etc

Entre os espécimes da fauna ictiológica, já numerosos, seria interessante que se pudesse destacar as principais espécies de peixes que costumam aparecer em nosso mercado de consumo É um detalhe que a Comissão indica para mostrar o interesse em que tem a bela iniciativa A exposição é útil e não só para o ensino como para os homens do mar em geral, que poderão colaborar para o seu futuro engrandecimento e desenvolver ao mesmo tempo suas faculdades profissionais

Ela tem parentesco estreito com a Exposição Didática de Geografia A Comissão se congratula com o Sr ministro da Educação e com o diretor do Colégio Pedro II, e especialmente com os dois incansáveis organizadores a quem cabem muitos encômios

A Comissão sugere um pedido aos Srs. ministros da Educação e da Marinha no sentido do encorajamento de tão útil empreendimento

c) EXPOSIÇÃO DE CARTOGRAFIA.

Ao juízo dos membros da Comissão que visitaram a exposição anexa ao IX Congresso de Geografia, a presente exposição representa uma enorme superioridade sobre aquela

Várias cartas de levantamentos de descobertas, feitas em regiões dantes nunca penetradas, cartas de levantamentos em regiões pouco acessíveis — cartas murais expressivas, feitas especialmente para a Exposição, desenhos originais de cartas, de grande perfeição, executados com certos toques de arte, cartas com excelentes sistemas convencionais, para especializações diversas do estudo do solo, bem impressa, etc, tudo trazendo magnificência ao cenário

O material que representa enriquecimento da cultura ou novas aquisições técnicas para o domínio da geografia é bastante vasto e prova que aos técnicos brasileiros nada mais falta que *constante apoio oficial e continuados recursos*, para que tudo consigam

O material das modalidades da expressão, até mesmo nos casos em que os dados são perfunctórios, também é muito bom

Alguns Estados se conservam em relativo atraso e outros, como é o caso do Rio Grande do Sul, não se apresentam em plenitude, por isso que não chegaram a tempo algumas remessas de cartas que teriam de compor o mostruário.

Fotografias, artefatos, desenhos de tipos e feições regionais, muito contribuíram para enriquecer a exposição

A bela contribuição norte-americana pode ser destacada como mostra de um estado de perfeição técnica invejável São outras as condições em que tais serviços são executados e a sua citação aqui, não infringe a regra que se impôs a Comissão, por isso que não há competição entre ela e os nossos trabalhos

A Comissão reconhece os esforços do Prof JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA e dos seus auxiliares Dr ARMANDO SÓCRATES SCHNOOR e Dr PAULO AUGUSTO ALVES, aos quais felicita pelo êxito da boa distribuição dos trabalhos nos diversos stands e paredes Além dos calorosos parabéns às entidades oficiais que se apresentaram com raro brilhantismo, por vêzes, julga a Comissão que quem está de parabéns através da feliz iniciativa do Conselho Nacional de Geografia, é o Governo da República, é todo o Brasil

Sala das sessões, 16 de setembro de 1944

FRANCISCO JAGUARIBE GOMES DE MELO, Presidente — ADOLEO AMBRÓSIO FILHO — D. ALCUINO MEYER, O S B.

SANTA-CATARINA

NA EXPOSIÇÃO DO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

Destacada por visitantes e professores, a exposição com que Santa-Catarina se apresentou ao X Congresso Brasileiro de Geografia diferenciou-se das demais por seu caráter interpretativo da paisagem geográfica da terra catari-nense Interessante se torna, assim, uma descrição deste trabalho Tendo feito parte da Comissão¹ designada pelo Exmo Sr Interventor de Santa-Catarina para a organizar, estamos em condições de dar sobre ela algumas informações.

Preliminarmente, sentimos que a própria comissão poderia apresentar trabalho mais científico Lutando, porém, contra prazo demasiadamente curto e falta de material fotográfico decorrente do estado de guerra, ela se viu limitada ao uso de fotografias dos arquivos da Diretoria de Geografia e Terras e Departamento Estadual de Estatística, o que lhe desculpa a deficiência que se possa apontar

O espaço colocado à disposição da Comissão ditou a conveniência de se apresentar 10 painéis capazes de constituir, com suas fotografias e cartogramas, uma visão geográfica de que é o Estado de Santa-Catarina, visto em seus diferentes aspectos, de leste para oeste, isto é, da orla marítima para o interior Foram apresentados também 2 outros quadros de cartografia antiga, com a intenção de ilustrar a representação que tem tido o seu território

Ai foram expostos os mapas de MIGUEL JOSÉ DE BRITO, VAN LEEDE, BELLEGARD e barão de TEFÉ, todos confeccionados no século XIX

Encerrada a exposição, a descrição do que ela foi contém sérias dificuldades Contudo, com o duplo fim de informar aos que não tiveram ocasião de a visitar, e mostrar qual a sua interpretação aos numerosos visitantes, notadamente a estudantes cujos professores os incumbiram de realizar semelhante tarefa, vamos descrever cada painel, enumerando-os pelos títulos que ostentavam, fazendo em seguida a relação de todos os quadros e cartogramas, e terminando pela interpretação do quadro.

CLIMA E VEGETAÇÃO (2)

Mapa demonstrativo da posição do Estado de Santa-Catarina

Cartograma intitulado — Região de chuva de relêvo

1 — Fotografia de Laguna, cidade na orla marítima, com a legenda de que, dominando em Santa-Catarina o clima temperado brando, esta cidade goza de inverno doce, enquanto que São-Joaquim, (fotografia 2), a 1 360 metros de altitude, conhece, anualmente as nevascas

Vistas do Salto-do-Pilão, no rio Itajaí-Açu (ns 3 e 4) destinadas a exibir a redução da precipitação no inverno, pois que o volume d'água do verão (foto 3) se reduz consideravelmente no inverno (foto 4)

Mapa fito-geográfico do Estado, com as áreas em que dominam a mata costeira, a mata de araucárias e o campo As fotografias que ilustram o mapa foram colocadas em redor, na seguinte ordem

- 5 — vegetação subxerófila na planície arenosa do sul;
- 6 — vegetação hidrófila que obstrui os rios de planície (rio Matias);
- 7 — vegetação higrófila típica da mata costeira (Brusque),
- 8 — faxinal nas cabeceiras do rio Urubici, a 1 600 metros de altitude,
- 9 — pinheiral, associação de *araucaria brasiliensis* e *ilex paraguayensis* (Canoinhas)

DESTRUIÇÃO DA FLORESTA

- 10 — Campos e mata ciliares (Lajes),
- 11 — toras de pinheiros às margens da via férrea (Canoinhas),
- 12 — substituição da mata costeira por pastos e lavouas no vale do rio Itajaí-Norte,
- 13 — exploração de caivão com mina em céu aberto, onde não é possível a abertura de galerias.

¹ A referida comissão foi composta do Eng JOSÉ NICOLAU BORN, Sr. AROLDO CALDEIRA e o autor, que contaram com a eficiente colaboração dos cartógrafos JOSÉ BAIÃO, MILTON LEHMKEHL, VALDIR GIL e B FERNANDES

² Com o objetivo de mostrar como foram organizados os painéis é reproduzido o quadro intitulado "Clima e vegetação"

Interpretação — O Estado de Santa-Catarina, situado ao sul do trópico de Capricórnio, goza de clima temperado brando, que possui particularidades ditadas pelo relevo. A divisão do território catarinense em duas regiões distintas, litoral e planalto, terminando este nos taludes que constituem a serra Geral, é a responsável por essas diferenças de tipos climáticos. Contra os paredões da serra Geral, que corre em sentido N-S, e portanto apresenta suas escarpas voltadas para leste, os ventos do mar fazem acumular-se nuvens, originando as “chuvas de relevos”, do que resulta ser essa escarpa a região de maior precipitação pluviual do Estado.

A influência sobre a temperatura decorre da diferença de altitude. Duas cidades situadas quase no mesmo paralelo, como Laguna e São-Joaquim, (fotos 1 e 2)³ apresentam aspectos diversos no mesmo inverno, porque estando a primeira na orla marítima, goza de inverno doce, enquanto a outra, no planalto, a 1 360 metros sobre o nível do mar, conhece anualmente as nevascas.

É digno de registro, por sua ação sobre o homem, a redução da precipitação no inverno.

Conquanto não se dê na amplitude suficiente para caracterizar o clima de inverno seco, tal fenômeno, por sua intensidade, chega a manifestar-se no regime d'água dos rios. Exemplos evidentes são as duas vistas tomadas no salto do Pilão, no rio Itajaí-açu (fotos 3 e 4) em que é impressionante a redução de volume que o rio apresenta na estação invernosca, prejudicando o abastecimento d'água das populações urbanas e a produção de energia elétrica.

A influência do clima se manifesta exuberantemente sobre a vegetação. Na região do litoral reina a mata costeira, que exige umidade e calor, e no planalto a mata de araucária e o campo, que não necessitam desses fatores na mesma proporção. A representação fitogeográfica em escala reduzida, se limitam esquematicamente os tipos de vegetação a três somente, não deve ser aceita com exclusão de outras formações menos importantes e isoladas.

No litoral sul, por exemplo, são encontradas constituições florísticas nitidamente sub-xerófilas, decorrentes de solos em terrenos de formação marinha (foto 5), e ainda nessa região há vegetações hidrófilas que obstruem os rios de planície (foto 6). A mata costeira é vista em todo seu esplendor nas encostas das montanhas e nos vales dos rios, em formações hidrófilas que exerceram influências consideráveis sobre o povoamento (foto 7).

No planalto, a mata de araucária e o campo não se excluem de maneira completa. São frequentes as associações dessas formações, em faxinais, cujos exemplares mais típicos podem ser encontrados junto às cabeceiras do rio Urubici, a 1 600 metros de altitude (foto 8). Dentre as florestas de araucária, onde se dá a associação da *araucaria brasiliensis*, *ilex paraguayensis* e *phoebe porosa*, destaca-se mais frequentemente a das duas primeiras espécies, como na região de Canoinhas e todo planalto norte do Estado (foto 9).

A distribuição da mata de araucária e do campo não se deve a agentes climáticos diretamente, mas a fatores edáficos. Em geral o campo domina as áreas pouco irrigadas, perdendo para a floresta nos vales profundos e mesmo nos pequenos ribeiros que são cobertos por matas ciliares, vistas com abundância na região de Lajes (foto 10).

No meio das múltiplas relações existentes entre o homem e a floresta, destacam-se a de subordinação aceita pelas sociedades em estágio primitivo de civilização, e a reação contra seu domínio ostentada pelo homem civilizado, que a ataca, obtendo dela o que necessita para suas necessidades. Contudo, a destruição das matas por vezes passa dos limites a desejar, violada por numerosos inimigos tanto mais ferozes quanto melhor providos tecnicamente dos elementos que a civilização fornece. Ressaltemos somente três aspectos deste problema. A indústria da madeira, pela sua extensão, é a que se destaca com maior evidência. Onde ela é melhor aparelhada, em Canoinhas (foto 11) com via férrea própria, são comuns as imensas pilhas de toras de pinheiros acumuladas às margens da via férrea, testemunhando o assalto sofrido pela floresta. A lavoura, por sua intensidade, é igualmente digna de ser lembrada. É típica a paisagem do vale do rio Itajaí-do-Norte, onde prosperam os lavradores mais ativos do Estado, que substituíram a paisagem da mata costeira pelas plantações de pastos e lavouras a que se dedicam (foto 12).

Onde, porém, a mais completa destruição atinge o revestimento florístico é na mineração de carvão. Este ocorre, comumente, entre camadas de arenito, que assim favorece a abertura de galerias. Quando, porém a laje é atingida por fatores de decomposição, é necessário remover a terra que cobre o carvão e

³ Na impossibilidade de se reproduzir todas as fotografias que figuravam na exposição, foram destacadas algumas somente. Assim, a alusão às diferentes fotos que aqui se faz, não diz respeito às reproduções, mas às que receberam os números citados e que constam da relação que precede à interpretação.

explotá-lo em mina a céu aberto. Grandes máquinas atiram-se contra a floresta, arrancando as árvores com o solo em que vivem, até deixarem reluzir ao sol o minério cobinado (foto 13).

POPULAÇÃO

Cinco cartogramas formaram este quadro:
 demonstração da população e da superfície;
 distribuição da densidade de população por municípios segundo o censo de 1940,
 demonstração da procedência e expansão da população de origem portuguesa em Santa-Catarina;
 situação das colônias de imigrantes europeus no século XIX em Santa-Catarina;
 expansão das colônias situadas pelo cartograma anterior.

Interpretação — Excluindo-se o município de Xapacó, incorporado ao Território Federal de Iguaçu, o Estado de Santa-Catarina tem 1 256 223 habitantes, que se espalham por 80 596 quilômetros quadrados. Essa distribuição, naturalmente, não é feita uniformemente, havendo regiões de maior concentração e outras onde a ocupação humana é rarefeita. De uma forma geral, pode afirmar-se que o litoral e os vales dos grandes rios apresentam maior densidade de povoamento que as zonas daí retiradas.

A população catarinense descende de núcleos portugueses estabelecidos nos séculos XVII e XVIII, e de colônias povoadas por imigrantes de outras regiões da Europa no século XIX.

De São-Vicente, no século XVII, saíram as bandeiras povoadoras que ocuparam o litoral de Santa-Catarina, lançando os alicerces de São-Francisco, Des-têrro (Florianópolis) e Laguna.

As populações das duas últimas póvoas foram aumentadas pela imigração madeirense e açoreana, chegadas no século XVIII. Foi a época da ocupação da orla marítima. No mesmo século desgarrou-se de São-Paulo nova bandeira colonizadora, que fundou Lajes. Tratava-se de homens atraídos pelos campos favoráveis ao estabelecimento de fazendas, que assim estenderam o povoamento às regiões que se prestavam ao gênero de vida pastoril.

No século XIX iniciou-se a colonização com imigrantes alemães, italianos, polacos, russos, suecos, suíços, belgas e franceses. Situados a leste do planalto, os núcleos fundados destinaram-se a preencher o vazio existente entre a população da orla marítima e a da região de Lajes.

No século XX, a pouco mais de meio século de seu estabelecimento, essas colônias apresentaram extraordinária capacidade de expansão, índice de que seus habitantes abandonaram processos agrícolas dominantes na Europa, em zonas densamente povoadas, pelos adotados no Novo-Mundo e orientados pela dispersão. A comparação entre as rotas seguidas pelas correntes assim formadas e a maneira de se expandir da população de origem portuguesa, mostra que se tratava de homens de gêneros de vida diversos. Os primeiros povoadores, no litoral, entregaram-se à pesca, tratando subsidiariamente da lavoura, razão porque se adensaram junto às praias. No planalto foi a pecuária que ditou a expansão, assim se explicando o motivo de se evitar os rios, domínio da floresta, e preferir as regiões de campo. As correntes saídas das colônias de imigrantes europeus, constituídas por lavradores, procuraram justamente os vales dos rios por aí encontrarem solos florestais favoráveis à agricultura.

AS ILHAS

Painel composto com os seguintes elementos:
 cartograma demonstrativo das ilhas no litoral catarinense;
 planta da ilha de Santa-Catarina;

- foto 1 — relêvo típico da ilha de Santa-Catarina;
- foto 2 — lagoa da Conceição, que junto aos morros graníticos e à planície, mostra a constituição geológica da ilha de Santa-Catarina, planta esquemática da cidade de Florianópolis;
- foto 3 — ponte Hershilio-Luz, que liga a ilha de Santa-Catarina ao continente;
- foto 4 — palácio do governo, expressão da função política de Florianópolis;
- foto 5 — vista de Florianópolis; mapa da ilha de São-Francisco; planta esquemática da cidade e do porto de São-Francisco;
- foto 6 — morros em cuja aba se encontra a cidade;
- foto 7 — cidade e porto de São-Francisco;
- foto 8 — madeira que aguarda embarque no porto de São-Francisco.

Interpretação — A depressão existente na parte oriental do Brasil, e que se agrava de Rio-de-Janeiro para o sul, criou, em Santa-Catarina, um litoral cheio de ilhas das quais as maiores são as que receberam os nomes de Santa-Catarina e São-Francisco. Na primeira, predominam as montanhas orientadas para N S (foto 1) e como demonstração de que foram, outrora, diversas ilhotas que a ação do mar ligou, é comum encontrarem-se lagoas que evoluíram das restingas, e planícies que crescem com o seu atêrro sistemático e contínuo, em paisagens dominadas por elevações graníticas que foram os seus primeiros elementos (foto 2). É na ilha de Santa-Catarina que está situada a cidade de Florianópolis, ligada ao continente pela ponte Hersílio-Luz (foto 3).

Cidade—pôrto, nascida na enseada existente entre a ilha e a terra firme, Florianópolis destaca-se por sua função política de capital do Estado (fotos 4 e 5).

A ilha de São-Francisco, igualmente de natureza granítica, distingue-se tanto por sua extensão como por conter a cidade de São-Francisco, importante pôrto da região norte do Estado. A cidade está situada na aba do morro junto ao qual se encontra a abrigada enseada que favoreceu o estabelecimento do pôrto (fotos 6 e 7), notável por ser o maior escoadouro de madeira no território catarinense (foto 8).

A COSTA

Diversos aspectos dêste tema são focalizados
Praia de veraneio, contendo

- 1 — praia de Laguna, refúgio de verão dos habitantes do sul,
 - 2 — Cabeçudas, praia freqüentada pela população do vale de Itajaí
- Cartograma com indicação de outras praias de veraneio

Praia de pesca:

- 3 — Piçarras, praia de pesca e de veraneio,
- 4 — vila de Garopaba, na qual dominam os pescadores, mostrando ao fundo plantações de mandioca;
- 5 — pescaria na praia de Imbituba,
- 6 — lavradores que compram peixe na praia de Barra-Velha

Litoral construído por ação marítima

- 7 — pôrto e barra de Laguna, mostrando ao fundo o braço de mar e a planície a leste,
- 8 — rio obstruído no canal Laguna-Araranguá;
- 9 — fixação de dunas na Laguna,
- 10 — trabalhos de fixação de dunas na Laguna;
- 11 — pôrto e lagoa de Jaguaruna;
- 12 — canal Laguna-Araranguá;
- 13 — construção do canal Laguna-Araranguá,
- 14 — lagoa de Figueirinha

A casa e a costa:

- 15 — casas que fazem frente para a enseada na vila de Guaporanga,
- 16 — casas em restingas, protegidas do vento pela vegetação;
- 17 — casas de pescadores na praia de Araranguá;

Interpretação — Diversas são as relações entre o homem e a costa. As aprazíveis praias de veraneio, com sua população ociosa, são índices de suas proximidades a centros urbanos prósperos. A fundação da praia de Laguna é servir de refúgio contra o verão aos habitantes de cidades como Laguna, Tubarão e outras da região meridional do Estado (foto 1). A população das cidades do vale de Itajaí acorre a Cabeçudas, que com seus palacetes mostra o elevado nível econômico da região a que se encontra ligada (foto 2). Outras praias notáveis são dignas de assinaladas, como as que estão unidas a Florianópolis, Joinville e São-Francisco.

É freqüente a praia servir à pesca e ao veraneio. Piçarras exemplifica êste fato, com sua população primitiva dedicada à pesca e os veranistas de Blumenau, Itajaí e Joinville a consumir o produto dessas pescarias (foto 3).

O gênero de vida mais antigo a dominar entre a população de origem portuguesa em Santa-Catarina é o da pesca. Não é de estranhar êsse fato, quando

se observa que a colonização do século XVIII, obrigada a disseminar o povoamento, mas condenada a não intentar qualquer indústria que pudesse concorrer à de Portugal, e a não manter qualquer contacto com navios estrangeiros que chegassem aos portos, estava limitada a extrair, do meio ambiente, os elementos de sua economia. O peixe seco e a farinha de mandioca foram, através do tempo, os produtos a que se dedicaram estas populações

O progresso e o aumento da densidade de povoamento não alteraram essas atividades

Se no passado dependiam do comércio com outros portos brasileiros para sua colocação, atualmente êsses artigos têm bons mercados no próprio Estado. Encontram-se, assim, povoados e vilas constituídos de pescadores, como Garopaba, em que se deparam, próximas, plantações de mandioca para o fabrico de farinha (foto 4), formando sociedades que mostram as mesmas ocupações de há dois séculos passados.

Evidentemente a indústria da pesca não é limitada ao abastecimento das cidades. Há, por vezes, lances de milhares de peixes, que são arrastados às praias, como em Imbituba (foto 5) e que os deficientes meios de transportes não permitiriam o aproveitamento se não houvesse a salga que os preserva da decomposição. Outro destino dado ao pescado é a venda do mesmo aos lavradores que residem nas proximidades do mar. Como em Barra-Velha, é comum se ver os lavradores, na praia, à tarde, à espera que os pescadores voltem do mar com o resultado da pescaria (foto 6).

O litoral construído por ação marítima constitui, em Santa-Catarina, uma das suas regiões mais típicas. Em Laguna, por exemplo, são sugestivas as elevações, antigas ilhas, que foram ligadas entre si e o continente pela ação construtiva do mar, de maneira a isolar um braço deste entre elas e o antigo litoral (foto 7). Ao sul do cabo de Santa-Marta, porém, foi criada a zona mais digna de destaque. A costa, destituída de seu anteparo granítico, inflete para sudoeste em forma retilínea, e apoiada em antigas ilhotas, foi construindo restingas, lagos e planícies, que se estendem até o limite sul do Estado. As lagoas se unem por pequenos rios, obstruídos por vegetação hidrófila (foto 8), e este fato sugeriu a abertura de um canal que ligasse Laguna a Araranguá, através das lagoas, obra em construção assaz adiantada (fotos 12 e 13).

As dunas, próprias a semelhante tipo de litoral, são abundantes perto da cidade de Laguna. O porto é interessadíssimo na fixação das mesmas (fotos 9 e 10). Os ventos que incidem sobre esta região atiram-nas sobre o canal, e as marés as arrastam para a barra, prejudicando grandemente a função do porto de Laguna.

As lagoas, por sua extensão, influem sobre núcleos urbanos, como Jaguaruna, que possui porto lacustre (foto 11). Normalmente todas elas vão sendo aterradas, mesmo quando apresentam o belo aspecto da de Figueirinha (foto 14) evoluindo para os pantanais comuns na região.

A relação mais visível entre as casas e a enseada é o fato daquelas fazerem frente para o mar. Assim se encontram numerosas vilas, entre as quais Guaporanga, que se fixaram nesses locais por encontrarem, aí, abrigo para as embarcações (foto 15). Nas restingas, existentes em costas retilíneas, já as casas evitam o mar, abrigando-se do vento entre a vegetação (foto 16).

As casas dos pescadores, localizadas nas praias, merecem atenção. Pobres, cobertas de palha, mostram a função que exercem em determinados detalhes que apresentam. Na fachada, é estendida a rede, após a pesca. Na frente, é firmada a roda para traçar o fio com que se conserta o material de pesca (foto 17). A comparação entre a casa na praia de Araranguá e as que estão na vila de Garopaba focaliza, porém, notável diversidade na maneira das populações se dedicarem ao mesmo gênero de vida. Em Garopaba encontram-se construções acessórias para guarda de embarcações, que largam da enseada para o alto mar. Essas não são vistas na praia de Araranguá, costa retilínea sem abrigo, na qual a altura das ondas não permite o uso de canoas.

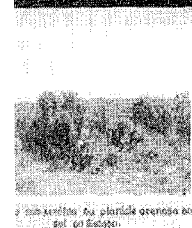
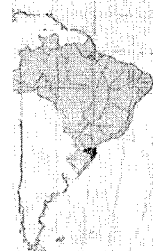
RELEVO E HIDROGRAFIA

1 — Mampituba, rio de planície,
o relevo e hidrografia do Estado, e as seguintes fotografias

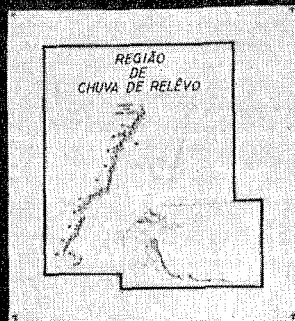
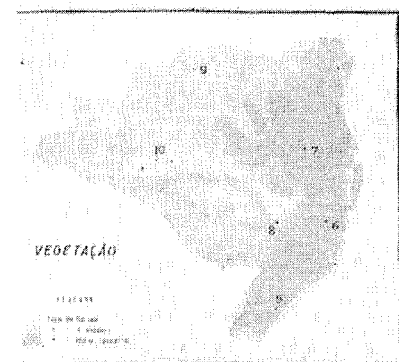
- 1 — Mampituba, rio de planície,
- 2 — elevações de arenito triássico na região da Rocinha,
- 3 — planalto de São-Joaquim, em que aparece a linha que constitui o vértice da serra Geral;
- 4 — morro da Igreja, face da escarpa da montanha de ruptura chamada serra Geral;
- 5 — serra da Farofa, no limite das áreas sedimentar e basáltica do planalto;

CLIMA E VEGETAÇÃO

MAPA GEOGRÁFICO



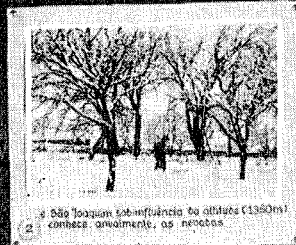
Vegetação densa na planície arenosa do sul do Estado.



PARTICULARIDADES GEOGRÁFICAS DO CLIMA



Engenho, com clima temperado, com o goiá de inverno suave.



O São Joaquim sob influência da altitude (1350m) conhece anualmente as neves.



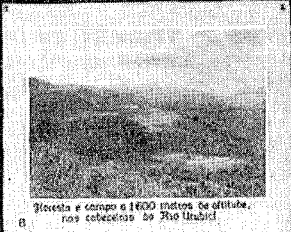
Vegetação densa na planície arenosa do sul do Estado.



Montanhas a beira da precipitação no inverno, verões o Sudoeste do Pádo, no Rio Itaipava, com seu volume de água normal.



e a eliminação da massa líquida que o mesmo Sudoeste do Pádo apresenta no inverno.



Flora e campo a 1600 metros de altitude, nas cabeceiras do Rio Urubici.

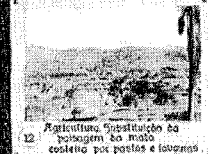
DESTRUIÇÃO DA FLORESTA



Indústria madeireira floresce ao longo da margem do rio Itaipava.



Flora de araucária (parque de conservação de Mata Atlântica).



Agricultura substituiu a policultura do modo costeiro por pastos e fazendas.



Campo de planície costeira, sob o efeito de águas calientes.



Miserável aproveitamento da floresta para exploração de madeira, onde não se tem a cultura de madeira.

Painel intitulado CLIMA E VEGETAÇÃO. Note-se a separação entre os assuntos pertencentes a temas diferentes, indicados por títulos apropriados, e a localização das fotografias nos pequenos cartogramas que representam o Estado de Santa Catarina, e no que focaliza a vegetação no mesmo território.

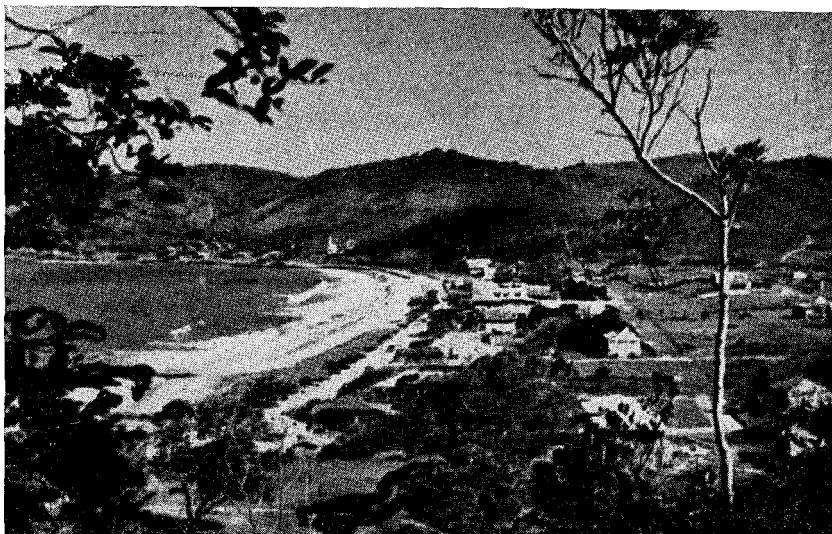


Foto n.º 1 do quadro "A COSTA" — Praia de Cabeçudas, freqüentada por habitantes do vale do Itajaí

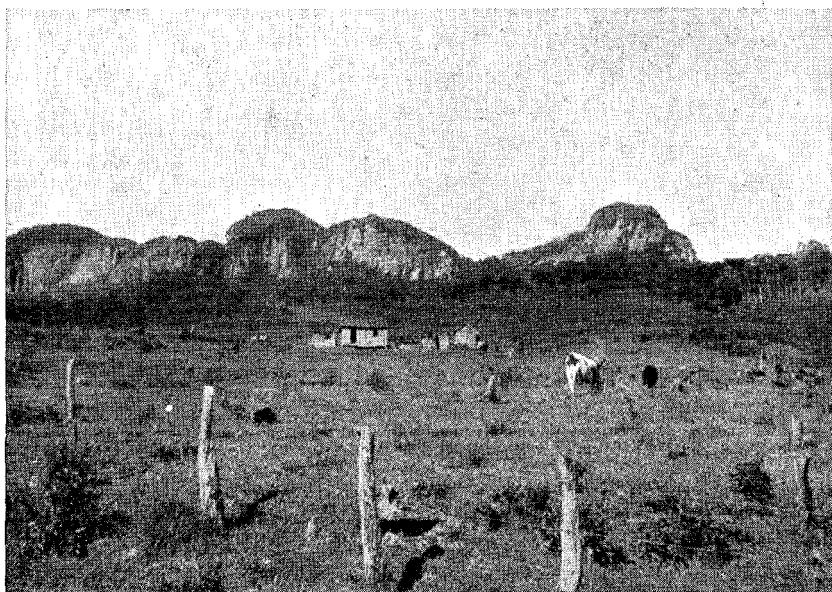


Foto n.º 2 do quadro "RELÊVO E HIDROGRAFIA" — Elevações de amento triássico na região do rio Rocinha



Foto n.º 10 do quadro "PLA-
NALTO PASTORIL". Semi-
nomadismo Habitação
de verão.
(altitude de 1 750 metros)



Foto n.º 11 do quadro "PLA-
NALTO PASTORIL" — Tran-
sumância. Rebanho que,
indo o verão, volta às pas-
sagens de inverno. Foto ori-
ginado pela subdivisão do
latifúndio pastoril



Foto n.º 12 do quadro "PLA-
NALTO PASTORIL" — Casa
típica de fazenda nos cam-
pos de São-Joaquim
(altitude de 1 300 metros)

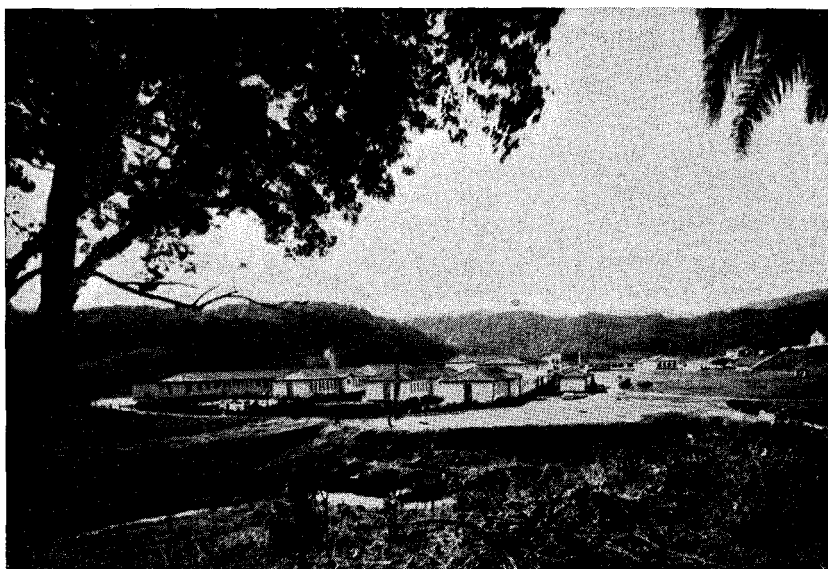


Foto n° 8 do quadro "OBRAS PÚBLICAS E A FUNÇÃO GEOGRÁFICA" — Colônia "Santana", para psicopatas, construída em 1941 Localizada na zona agrícola, trouxe a esta a função hospitalar

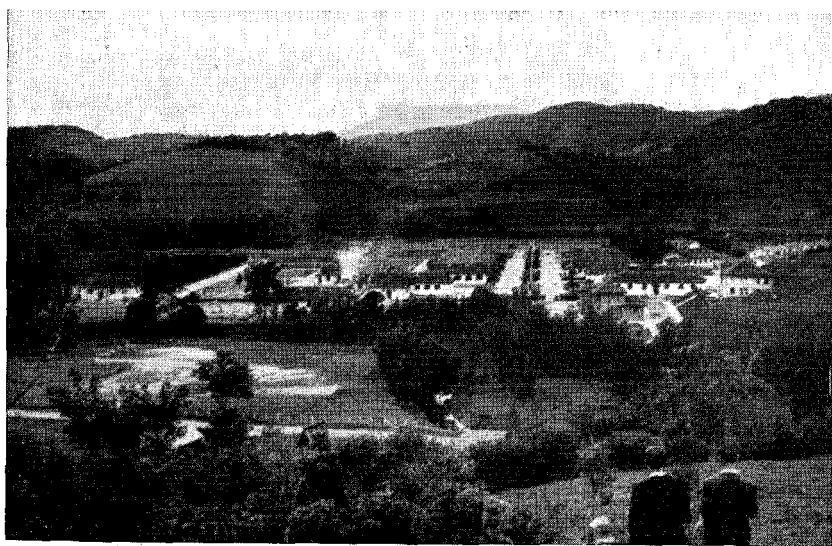


Foto n° 9 do quadro "OBRAS PÚBLICAS E A FUNÇÃO GEOGRÁFICA" — Colônia "Santa Teresa", para leprosos, construída em 1940 O vale ocupado passou da função agrícola à hospitalar

- 6 — vale do rio Pelotas, no campo basáltico;
- 7 — relêvo na área sedimentar do planalto na vila de Ponte-Alta,
- 8 — rio do Peixe, vale no planalto basáltico;
- 9 — planalto basáltico na divisa das bacias do Uruguai e Iguaçu,
- 10 — planície do rio Iguaçu no planalto permiano (Pôrto-União),
- 11 — vale do rio do Cedro, de natureza granítica, dominado por terrenos sedimentares;
- 12 — divisor entre as bacias do Iguaçu e do Itajaí, em Paraguaçu;
- 13 — rio Canoas, na área sedimentar do planalto,
- 14 — planície aluvial do rio Itapocu;
- 15 — tipo de afluente do rio Itajaí na região arqueana,
- 16 — tipo de relêvo dos terrenos permianos da região de Lauro-Müller, vendo-se ao fundo a serra Geral;
- 17 — planalto da Boa-Vista, de natureza sedimentar, vendo-se ao fundo a serra Geral,
- 18 — rio Garcia, tipo de vale jovem nos terrenos arqueanos,
- 19 — rio Araçatuba, tipo de vale senil nos terrenos arqueanos;
- 20 — lagoa do Sombrio, típica da planície construída por ação marítima

Interpretação — A serra Geral, frente de erosão de antiga montanha de ruptura, que pela sua imponência se destaca no relêvo do território catarinense, divide o litoral e o planalto. Este é suavemente inclinado para oeste (foto 3), e a caracterização de sua borda oriental, a serra Geral, é feita pelos itaibés que encontram no morro da Igreja o seu exemplo mais belo e impressionante (foto 4). No litoral sul, onde montanhas não se erguem entre o mar e o altiplano, este deixou testemunhas de seu antigo domínio nas elevações triássicas (foto 2), por entre as quais correm cursos fluviais, que tendo nascido nas altas regiões, ganham logo as extensas planícies (foto 1).

O planalto catarinense estende-se por terrenos de idade triássica e permiana. Entre os primeiros, distinguem-se áreas de *trapp* e de formação sedimentar, cujo contacto é feito por relêvo movimentado (foto 5) em oposição ao das regiões sedimentar (foto 7) e de *trapp* (foto 9), onde dominam as colinas. No campo basáltico chama a atenção o poder erosivo dos rios, que correm em vales rasos nas proximidades de suas cabeceiras (foto 6) e em vales profundos, quando grande é o volume d'água (foto 8), ao passo que na zona sedimentar mesmo as grandes correntes fluviais jamais chegam à mesma intensidade erosiva (foto 13).

Passada a serra do Espigão, está o planalto permiano, a que se junta igualmente pequena área sedimentar triássica. A característica mais notável d'este altiplano é encontrada na ausência de escarpas em seus limites. O nível de base que determinou a erosão normal nessa região é o Iguaçu, rio de planalto em vale senil (foto 10), e assim a parte sul, que se limita com o vale de Itajaí, apresenta nitidamente a linha divisora entre as duas bacias, em terrenos da mesma formação geológica (foto 12), ou seus antigos limites aparecem ainda como testemunhas dominando nos que correm sobre rochas arqueanos (foto 11). É a leste d'este planalto que se vê a serra do Mar, com a característica de borda do extremo oriental do altiplano. Daí para o sul esta serra foi desagregada em sistemas que possuem nomes locais, tais como serra de Itajaí, de Tijucas etc, separadas por planícies (foto 14) e vales de diferentes tipos (fotos 15 e 18), desaparecendo nas proximidades de Laguna em vales amplos de águas quase serenas (foto 19).

Entre as serras assim destacadas e a serra Geral, estão Boa-Vista e as chapadas dos Faxinais, restos do antigo planalto permiano rebaixado pelas águas do rio Itajaí (foto 17), tendo ao sul o relêvo típico dos baixos terrenos permianos (foto 16) que confrontam com a planície arenosa construída por ação marítima (foto 20).

O RIO E O HOMEM

Diferentes aspectos d'esse tema foram focalizados no quadro

Navegação fluvial, com as seguintes fotografias:

- 1 — navegação no rio Itajaí-açu;
- 2 — barragem no Itajaí-d'Oeste, para permitir a navegação,

Cidades nascidas em torno de portos fluviais, contendo plantas das cidades de Blumenau e Brusque e as fotografias seguintes:

- 3 — Blumenau, cidade de rio, é o centro econômico do vale do Itajaí;
- 4 — cidade em que domina a função industrial (Blumenau),
- 5 — Brusque, cidade que perdeu a função de porto,
- 6 — Brusque, cidade industrial;

cartogramas com indicação de outras cidades semelhantes;
cidade de portos flúvio-marítimos, com plantas de Joinville e Itajaí, cartogramas com indicação de outras cidades semelhantes, e fotografias.

- 8 — Joinville, cidade criada às margens do rio Cachoeira, em local que sofre as variações da maré, sendo cidade industrial e comercial;
- 9 — cidade de Itajaí, cujo traçado obedeceu às sugestões do rio;
- 10 — rio Itajaí, vendo-se a cidade de Itajaí junto à foz,
- 11 — o porto, elemento de formação e de progressão de Itajaí

O rio e a casa, com a fotografia 7, de casa de índio Botocudo, construída com frente para o rio, que serve de via de comunicação.

Travessia do rio, com as fotografias 12, da balsa no rio Canoas, e 13, da ponte sobre o rio Tubarão

Interpretação — Os rios, as “estradas que andam”, são as vias de comunicação que primeiramente se impuseram ao homem. O Estado de Santa-Catarina mau grado possuir riquíssima rede hidrográfica, não foi dotado de grandes rios navegáveis. Poucos são aqueles em que embarcações que superem as pequenas lanchas podem transitar, como sucede em parte do rio Itajaí-Açu (foto 1). Digno de registro se torna a barragem construída no rio Itajaí-d'Oeste, com o objetivo de regularizar seu regime de maneira a permitir a navegação regular em seu curso (foto 2).

Relacionada à conexão entre o rio como via de comunicação e a casa, é interessante observar quando a corrente fluvial orienta a construção dos prédios. É comum se ver, nos vales povoados, as habitações fazerem frente para o rio, porém observação mais cuidadosa mostra que a orientação foi ditada pela estrada. Nos vales se acham as terras mais apropriadas às lavouras, e freqüentemente também as passagens mais fáceis para as estradas, que orientam a casa. Quando o rio aparece como via de comunicação, aí então é ele quem determina a localização do edifício. Entre os índios Botocudos (foto 7) desprovidos de estradas, as casas exibem nitidamente sua subordinação à corrente navegável por pequenas canoas, por sua localização sobre a ribanceira, sua orientação e proximidade ao porto de atracação, do qual sobe o caminho que lhe dá acesso.

Tão íntima quanto à da casa isolada que depende das comunicações fluviais, é a relação entre o rio e as cidades que lhe são ligadas pelo transporte. São as cidades de portos fluviais, de que Blumenau, em que predomina a função industrial (foto 4), é o exemplo típico, com suas construções às margens da rua principal que acompanha o curso do Itajaí-açu, e as vias secundárias perpendiculares a ele, demonstrando ser o que se denomina cidade de rio (foto 3).

É necessário, contudo, não generalizar. Há outros núcleos, que em sua fundação foram subordinados ao rio e por este parcialmente abastecidos, e pouca influência demonstram desta ação. Brusque, cidade industrial (foto 6), é um exemplo deste caso, pois que as comunicações por estradas, substituindo imediatamente as estabelecidas pelo rio, coloca-a na categoria de cidade de planície, por não se encontrar nela a marca exercida pelo transporte fluvial.

A região de contacto entre o rio e o mar não é menos importante para o homem que o seu curso médio. Há dois tipos a destacar neste caso. Por vezes encontram-se cidades que se localizaram na zona de contacto entre o rio e o mar, para daí alcançarem o porto marítimo, onde grandes navios realizam as comunicações com os portos distantes. Joinville, cidade comercial e industrial (foto 8) está neste caso. Fundada às margens do rio Cachoeira, pequeno ribeirão de planície que é tomado pelas marés, desenvolveu-se graças ao comércio que manteve com São-Francisco através de seu porto que tanto depende do rio como do mar.

Itajaí está em outro tipo de porto flúvio-marítimo. Sua importância tem residido, sobretudo, na sua situação de ponto terminal da navegação fluvial do rio Itajaí-açu. É porto que tanto recebe as pequenas embarcações fluviais como os vapores que fazem a navegação costeira, dada sua situação junto à foz do rio (foto 10). A cidade tem seu traçado orientado pelo rio (foto 9), e em toda sua existência se tem manifestado a influência que sobre ela tem exercido o porto, seu elemento de formação e de progressão (foto 11).

As estradas encontram freqüentemente os rios, que precisam ser atravessados. São as balsas (foto 12), onde o pequeno tráfego não aconselha a construção de obras de vulto, ou as pontes (foto 13), onde estas se fazem necessárias, que realizam a travessia.

UTILIZAÇÃO DO RELEVO

Possui êste painel diversos sub-títulos, abrangendo os assuntos que ilustra.

Planície arenosa, com as fotografias:

- 1 — planície pastoril (Maracajá),
- 2 — plantações de mandioca (Poço-do-Sertão);
- 3 — casa e engenho de farinha (Jaquaruna).

Planície aluvial, contendo as fotografias:

- 4 — aipim e fecularia (Trombudo Central);
- 5 — arrozeira;
- 6 — rodas para elevação de água destinada a arrozeiras,
- 7 — aproveitamento de planície formada pela confluência de dois rios (barra do rio do Tigre);
- 8 — Rio-do-Sul, cidade situada na planície dos rios Itajaí-do-Sul e Itajaí-d'Oeste;
- 9 — trigo no vale do rio do Peixe;
- 10 — milho na planície do rio Tubarão;
- 11 — tabaco na planície do ribeirão do Ferro;
- 12 — beneficiamento de linho (Canoinhas).

Chapadas e encostas, que expõe as fotografias:

- 14 — lavouras nas colinas da área sedimentar do planalto (Bocaina);
- 15 — grande serraria no planalto (Três Barras);
- 16 — galeria que atravessa as colinas na exploração de carvão (Uruçanga),
- 17 — lavouras de milho e tabaco nas encostas do rio do Cedro.

CIDADES DE COLINA

Com a fotografia 13 da cidade de São-Joaquim, planta da mesma cidade e cartograma indicativo de outros núcleos urbanos da mesma classificação geográfica

Interpretação — Inúmeros são os fatores que determinam o aproveitamento do relevo. Alguns se apresentam com grande evidência, como no caso da planície arenosa do sul, em que o solo indicou a pecuária para os terrenos ainda úmidos (foto 1) e a plantação da mandioca para aqueles inteiramente secos (foto 2), mantendo vasta população que conserva os costumes típicos da região de imigração açoreana, com sua casa e engenho tradicionais (foto 3).

Nas planícies aluviais, que constituem as melhores terras para a lavoura, notam-se, em sua utilização, influências do clima e da origem étnica dos lavradores. Em Trombudo-Central, região povoada por agricultores que descendem de imigrantes teutos e onde o solo, produto da decomposição de arenito, é extremamente ácido, não se vê a mandioca unida ao velho engenho de farinha, como na planície arenosa do sul. Ali são plantados mandioca e aipim, como matéria prima para as fecularias (foto 4).

A plantação em arrozeiras com obras de irrigação (foto 5) é típica das regiões de colonos de origem italiana. No ribeirão Santa-Maria, onde as arrozeiras foram feitas em andares, no vale de pequeno afluente cujo volume de água não era suficiente para irrigá-las, foram instaladas rodas hidráulicas destinadas a levantar a água que as alcançassem (foto 6), reprodução na nora mediterrânea, que na Itália era conhecida pelos antepassados dos povoadores dessa zona.

Há vales com solos ácidos que se tornam procurados para lavoura nas confluências de rios que dão nascimento a fertilíssimas planícies. Isto sucede na barra do rio do Tigre, que desce do planalto basáltico e se une com o rio Canoas no vale da área sedimentar do planalto (foto 7).

O trigo é lavoura que depende do clima, dedicando-se ao seu plantio, no planalto, lavradores de todas as origens (foto 9). Cultivado também por todos os lavradores, o milho encontra seu *habitat* em todo o território catarinense, com a particularidade de apresentar as mais antigas e viçosas plantações nas planícies do rio Tubarão. O tabaco é muito cultivado em Santa-Catarina, na região do rio Itajaí (foto 11) e na dos vales dos rios Uruguai e seu afluente Peixe.

Lavoura nova que encontra em Santa-Catarina solo e clima propício é o linho, acolhido, entre outros, por lavradores de origem polonesa (foto 12).

As planícies aluviais atraem também as cidades, notadamente na confluência de rios importantes, cujos vales, abrigando densa população, constituem fatores dos mais ponderáveis no crescimento de núcleos urbanos.

Tal foi a origem de Rio-do-Sul, cidade que nasceu na confluência dos rios Itajaí-do-Sul e Itajaí-d'Oeste

O planalto sedimentar, com vales e chapadas cobertos de pinheiro, é explotado pela indústria madeireira (foto 15). A lavoura, na área triássica do planalto sedimentar, é freqüentemente atraída pelas colinas (foto 14) e encostas das chapadas, beneficiadas pelo húmus carregado do alto das elevações. Na região arqueana, as encostas das montanhas despojam-se de seus revestimentos florestais para dar lugar às lavouras (foto 17) aí localizadas porque as planícies, bastante férteis, são de preferência ocupadas pelas casas e pastos destinados à pequena criação de vacas e aos cavalos de serviço do lavrador.

Na região de mineração, as galerias cruzam as colinas (foto 16), com os vagonetes que para fora trazem o minério explotado.

Finalmente, são vistas numerosas cidades se formarem nas colinas. Assim fez São-Joaquim, cidade residencial de fazendeiros, fundada no cruzamento dos antigos caminhos que se dirigiam para o Rio-Grande-do-Sul e para o litoral, em direção à serra Geral.

PLANALTO PASTORIL

Painel composto pelas seguintes fotografias

- 1 — a região de contacto entre o domínio da agricultura e o da pecuária é a que marca o limite entre o litoral e o planalto,
- 2 — campos de Lajes, com casa de fazenda em pleno campo (altitude 950 metros);
- 3 — fazenda em Curitibaanos, com casa no meio do campo (altitude 850 metros);
- 4 — casa de fazenda em Campos-Novos, edificada no alto de coxilha (altitude 900 metros);
- 5 — alto rio do Cedro, com população cujo gênero de vida oscila entre a agricultura de montanha e a criação na floresta,
- 6 — pialo;
- 7 — marcação de gado;
- 8 — rodeio;
- 9 — campos de altitude no morro da Igreja, procurado somente no verão (altitude 1 850 metros);
- 10 — semi-nomadismo, habitação temporária, fato originado pelo rigor do inverno (altitude 1 750 metros);
- 11 — transumância rebanho que, findo o verão, volta às pastagens de inverno, fato originado pela subdivisão do latifúndio pastoril,
- 12 — casa típica de fazenda no campo de São-Joaquim, situada em campo aberto (altitude 1 300 metros);
- 13 — lavoura de agregado de fazenda,
- 14 — influência de descendente de imigrante italiano na casa de fazenda;
- 15 — fazenda a 1 600 metros de altitude, localizada em depressão que a defende dos ventos

Interpretação — O litoral com suas florestas é a região da agricultura, e o planalto, em que domina o campo, o é da pecuária. A zona de contacto entre essas atividades será, portanto, o limite oriental do altiplano, a serra Geral (foto 1). Inúmeras são as formas de transição entre as economias agrícola e pastoril, visto ser freqüente a necessidade de associar ambas as atividades. No alto rio do Cedro (foto 5), em região florestal, é encontrada população que oscila entre a agricultura de montanha e a criação nas matas das chapadas impróprias para lavouras, onde o gado abre carreiros e se alimenta de brotos tenros de certas espécies vegetais ali existentes.

As fazendas de criação, espalhadas por toda a região de campo do planalto, possuem, comumente, a casa em situação pitoresca, no meio do campo (fotos 2 e 3) ou dominando colinas (foto 4) mesmo quando a altitude atinge 1 300 metros (foto 12), porém a 1 600 metros a tendência é abrigar as habitações em locais defendidos dos ventos (foto 15). No tipo da casa de fazenda é sensível, por vezes, a influência de tradição alienígena. Do rancho dos primeiros criadores ao edifício de madeira atualmente em uso, houve, sem dúvida, longo caminho palmilhado. Esta evolução, contudo, tem sido feita dentro da tradição do próprio povo (foto 12) quando não há imitação do *chalet* urbano (foto 4) ou influência do imigrante europeu (foto 14).

Findo o inverno inicia-se, no planalto pastoril, as atividades com o gado. Cuidam-se das reses que recebem sal, são vacinadas, etc. O laço do peão, em pialos soberbos, derruba os mais fortes touros (foto 6) deitando-os para a marcação (foto 7) ou vacina. As cenas do rodeio, em que o sal é espalhado em

pequena área do campo e aí se reúne o rebanho (foto 8), é igualmente das mais características dessa época do ano.

A influência da altitude na vida pastoril é bastante intensa. Os campos de altitude (foto 9), alguns a 1 850 metros, somente no verão são procurados pelo gado, que na estação fria vive no mato dos arredores. Este fato origina o semi-nomadismo, com regular contingente humano que vive, nas regiões mais baixas, de clima mais suave, e sobe aos campos altos somente no verão (foto 10) para "costear" o gado que sai dos matos, isto é, tratar e tirar leite para fazer queijo.

E' evidente, assim, que o rebanho não acompanha este movimento de população. Diferente é a migração de gado que ocorre em fins das estações quentes e frias, espécie de transumância ditada por motivos sociais. E' comum a partilha do latifúndio pastoril reduzir a fazenda à extensão de não oferecer pasto a mais de 30 ou 40 reses. Lutando contra esta limitação, o criador mantém nesse terreno 150 ou 200 cabeças durante o inverno, época em que o pasto seca e todo o rebanho emagrece, para transportá-las a terrenos arrendados no verão, onde o pasto permite engordá-las e fabricar queijo com a produção do leite (foto 11).

As fazendas pastoris não deixam, também, de cuidar da agricultura. E' trabalho de agregado, homem que vive em terreno de fazenda e nela presta serviço, obtendo permissão para plantar (foto 13) e lançar no campo algumas reses que possua.

TRANSPOSIÇÕES DA SERRA GERAL

Composição do painel

mapa da região sul de Santa-Catarina;
planta de detalhe e perfil do projeto de estrada Grão-Pará-Urubici,
planta de detalhe do projeto da estrada Grão-Pará-Urubici,
planta de trecho de projeto da estrada Aiurê - Urubici,
planta de trecho do projeto da estrada Rocinha-Bom-Jesus,
detalhe do projeto da estrada Rocinha-Bom-Jesus,
três fotografias de aspectos da estrada Rocinha-Bom-Jesus, já construída.

Interpretação — A importância da ligação entre o planalto e o litoral reside justamente na disparidade entre as duas regiões. Elas se completam, e onde não ocorre montanhas entre a orla marítima e o planalto, de maneira a se destacar a diversidade súbita de gêneros de vida por influência única do relevo, as comunicações se tornam mais necessárias.

A primeira ligação sistemática entre o litoral catarinense e o planalto foi feita na região sul do Estado. Ditou-a a necessidade de estabelecer o trânsito de gado regular entre o Rio-Grande-do-Sul e São-Paulo, e orientou-a a ignorância em que nas primeiras décadas do século XVIII se encontravam os governantes em relação ao território brasileiro. Por essa época, a estrada conhecida para Rio-Grande era a costa retilínea de Laguna para o sul, de onde se avistaram as imponentes escarpas da serra Geral. Desta praia partiram os primeiros exploradores que subiram o planalto e abriram os campos de Lajes. E' curioso constatar-se nesse fato um erro geográfico na confusão entre a serra do Mar, em São-Paulo, e a serra Geral, em Santa-Catarina. Vendo ambas se apresentarem como borda do planalto na linha norte-sul aproximadamente, o autor da ligação entre Viamão e Sorocaba imaginou que bastava subir o planalto na altura de Araranguá, para chegar a São-Paulo, seguindo sempre essa linha.

A evolução seguida pelas populações do Rio-Grande-do-Sul e Santa-Catarina fez perder o interesse que tinham pela estrada através da serra Geral. Esta fôra vencida pela ligação Florianópolis-Lajes e Blumenau-Lajes. Contudo, já-mais deixou de haver o trânsito entre as duas regiões, feito nos picadões primitivos com as mesmas dificuldades do século XVIII. Somente na última década do século em curso foi tomado o projeto de se realizar a estrada através dos paredões abruptos da serra Geral. Das antigas colônias do litoral atravessou-se formadas correntes de povoamento que aproveitava as terras agrícolas do planalto catarinense. A mineração de carvão, em progresso, exigia novas ligações com outras regiões capazes de lhe abastecer de gêneros alimentícios. Foram atacados, pelo Estado de Santa-Catarina, os estudos de três estradas nessa direção. A estrada Rocinha-Bom-Jesus, apresentando-se em melhores condições técnicas, foi logo construída, tendo galgado o planalto no Rio-Grande-do-Sul, onde o Governo deste Estado a prosseguiu até à cidade de Bom-Jesus.

A escarpa basáltica que constitui a serra Geral é verdadeiramente uma barreira. Os operários e engenheiros na construção da estrada da Rocinha trabalhavam amarrados pela cintura, muitas vezes sem apoio nos paredões lisos,

Subindo o altiplano, a estrada da Rocinha executa reversões caprichosas, pelas quais o engenheiro do século XX vence as mesmas dificuldades que bem junto dali venceu o empírico explorador do século XVIII que se dirigia para São-Paulo.

Das duas outras estradas, a de Gão-Pará não é exequível. A de Aiurê estabelecerá, em breve, mais uma ligação entre o litoral e o planalto, em território catarinense, marcando mais uma vitória do homem sobre as barreiras geográficas.

OBRAS PÚBLICAS E A FUNÇÃO GEOGRÁFICA

Compunha-se o painel das seguintes fotografias:

- 1 — Departamento de Saúde Pública, construído em 1940, em bairro que assim adquiriu a função administrativa; influuiu sobre o trânsito urbano, pela frequência do povo aos diferentes serviços de assistência que possui,
- 2 — Penitenciária, reformada e ampliada em 1940; sua construção em zona agrícola estendeu o limite da cidade,
- 3 — Abrigo de Menores, construído em 1940, onde funciona o Juízo de Menores, estende ao bairro agrônômico a função administrativa da cidade;
- 4 — Hospital "Nereu Ramos", para doenças infecto-contagiosas, construído em 1942, em bairro pouco povoado;
- 5 — Hospital "Nereu Ramos", que deu ao bairro a função hospitalar,
- 6 — Educandário "Santa Catarina", para filhos sadios de leprosos, construído em 1938, na zona agrícola de São-José, que adquiriu a função escolar,
- 7 — Posto de Defesa Sanitária Animal, construído em 1936, que trouxe a função administrativa à zona agrícola da cidade de São-José,
- 8 — Colônia "Santana", para psicopatas, construída em 1941, localizada na zona agrícola, trouxe-lhe a função hospitalar,
- 9 — Colônia "Santa Teresa", para leprosos, construída em 1940; o vale ocupado teve a função agrícola transformada em função hospitalar,
- 10 — Posto de Puericultura, de Laguna, construído em 1941, que aumentou a função da cidade em que está situado,
- 11 — Maternidade de Lajes, construída em 1943, elemento da função urbana de Lajes;
- 12 — Centro de Saúde, de Tubarão, construído em 1940, a assistência médico-sanitária do Estado constitui uma das funções da cidade em que o serviço está localizado;
- 13 — Residência da Diretoria de Estrada, em Tubarão, alarga a função urbana aos limites da repartição técnica,
- 14 — Grupo Escolar, na vila do Teste, construído em 1940, elemento de destaque na função escolar da localidade em que foi edificado,
- 15 — Delegacia Regional de Polícia, em Brusque, construída em 1941, que estende a função urbana.

Interpretação — Nas relações entre o homem e as ilhas, costa, rios e relevo, apareceu sempre o trabalho espontâneo das populações que reagiram ao ambiente e foram por ele influenciados. Tratemos agora de outra espécie de obras humanas, levantadas pelo Governo, que não representam adaptações, mas que possuem destaque na paisagem regional. Estudemos esses elementos pela função geográfica que exercem. E' inegável que estas divergem, até certo ponto, das obras espontâneas do povo. Estes últimos são ditados pelo meio físico e com a própria população evoluem; aquelas, pelo contrário, são inspiradas em princípios gerais de administração, e se destinam a agir sobre a coletividade.

Tomemos para primeiro exemplo o Departamento de Saúde Pública (foto 1), com seus serviços de assistência à infância, à maternidade, prevenção contra a tuberculose, a malária, etc. E' uma obra edificada em zona residencial da cidade de Florianópolis, que passou a participar da função administrativa. Não parou aí o traço que este Departamento imprimiu ao bairro. Antes de sua construção, o trânsito nessa rua intensificava-se somente nas horas dos homens saírem para o trabalho e dele voltarem; atualmente a concorrência é feita nas horas em que funcionam os serviços de assistência.

A Penitenciária do Estado, em Florianópolis (foto 2), foi levantada na zona agrícola imediata à cidade. Os funcionários que procuraram habitar junto à repartição, e a concentração de habitantes que disso resultou, alargaram até lá o limite urbano.

O Abrigo de Menores e o Juízo de Menores (foto 3), instalados em bairro residencial, espalharam a função administrativa da cidade, como fez o Departamento de Saúde.

A função do hospital "Nereu Ramos" (fotos 4 e 5), para doenças infecto-contagiosas, destaca-se por estar situado em bairro pouco povoado, no qual se isolou da zona residencial por vasto espaço vazio em seu redor

Na cidade de São-José são dignos de registro o Educandário "Santa Catarina" (foto 6) e o Posto de Defesa Sanitária Animal (foto 7). Os locais em que êstes edificios se elevam pertenciam ao *habitat* rural, e depois da sua construção foram encorporados ao *habitat* urbano, atingindo aí as funções administrativas e escolar da cidade.

As notáveis obras que são as colônias "Santana" (foto 8) e "Santa Teresa" (foto 9), para psicopatas e leprosos respectivamente, exerceram influências notáveis sobre as regiões em que foram situadas. Estão a menos de 30 quilômetros de Florianópolis, com a qual se ligam por boas estradas de rodagem. Outrora, a zona agrícola, de *habitat* disperso, ali se estendia. Atualmente a função hospitalar determinou maior concentração de população, dada a reunião de funcionários sadios nessas colônias, alterando-se profundamente a paisagem até então ostentada.

Certas obras, como a Maternidade de Lajes (foto 11), e o Pôsto de Puericultura de Laguna (foto 10), enriqueceram as funções urbanas, determinando movimentos de população dentro da cidade. Outras, porém, são mais importantes por alargar o âmbito de influência do núcleo urbano. O serviço de assistência do Departamento de Saúde é feito, no interior do Estado, em distritos sanitários, sendo eleita uma cidade para sede do distrito, na qual é edificado um Centro de Saúde (foto 12). O mesmo sucede com a Diretoria de Estradas (foto 13), que divide o território em residências, e em cada sede levanta um prédio para sua repartição, no que é imitado pela Secretaria da Segurança Pública com suas delegacias regionais (foto 15), em cujas sedes são construídos edificios próprios. Estas obras indicam, desta maneira, que os limites da função urbana atingem os das repartições estaduais especializadas.

Os grupos escolares (foto 15), constituem outro tipo digno de destaque. Substituem as escolas isoladas, determinando a concentração de estudantes. Nas cidades são edificados em bairros diferentes, e em todos os núcleos constituem o elemento de destaque na função escolar da localidade.

CONCLUSÃO — A exposição apresentada pelo Estado de Santa-Catarina foi além do mostruário de fotografias e cartogramas que focalizassem aspectos interessantes do território catarinense: Teve-se em vista expor, tão fielmente quanto possível, o que geograficamente é o Estado. Tal finalidade encerra, por certo, a cooperação do visitante para realizar a interpretação. Mas se o fim principal das exposições geográficas é seu caráter educativo, o que há de mais útil que pedir o esforço mental necessário à compreensão do material exposto?

Vimos que interpretar exposições não é tarefa difícil, e é de se desejar que em outras a se realizarem, apareçam tentativas do mesmo gênero, capazes de transformar o visitante em colaborador ativo dos organizadores dos certames culturais que são as exposições dos Congressos Brasileiros de Geografia.

Eng VITOR PELUSO JÚNIOR

II REUNIÃO PAN-AMERICANA DE CONSULTA SÔBRE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

Entre os dias 14 de agosto a 2 de setembro d'êste ano realizou-se, nesta capital e na cidade de São-Paulo, a II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia, promovida pela Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, sediado no México. Nesse certame, além de novos e numerosos assuntos especializados tratados, tiveram prosseguimento as conversações e os entendimentos iniciados na I Reunião, levada a efeito durante os dias 30 de setembro a 17 de outubro de 1943, em Washington, D C, sob os auspícios da American Geographical Society, de New-York.

A Reunião de Washington, que serviu de ponto de partida para a realização de certames dessa natureza, embora promovida por aquela instituição oficial da Geografia e da Cartografia do continente, não contou, propriamente, com representações oficiais dos países americanos e sim com a presença de técnicos oriundos da maioria das nações das três Américas, que ali foram representar as instituições técnicas de que faziam parte, convidados pela Comissão de Cartografia.

Essa II Reunião, entretanto, revestiu-se de cunho oficial, pois, contou com a adesão dos países americanos, cujos governos designaram suas respectivas delegações, a convite do governo brasileiro, feito por intermédio do seu Ministério das Relações Exteriores.

Tendo deliberado o plenário daquela I Reunião que êsse segundo certame da mesma série se realizasse nesta capital, sob o patrocínio do Conselho Nacional de Geografia, do Brasil, foi, pelo órgão geográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, organizada e efetuada êste ano, a II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia que tão marcantes e excelentes resultados técnicos colimou, a se inferir pelas 52 Resoluções de ordem técnica, tôdas elas adotadas depois de proveitosas discussões, no decorrer das quais predominaram o mais alto e cordial entendimento de confraternização por parte das delegações pan-americanas que, assim, exprimiram uma notável união de vistas, de pensamento, de ação e de sentimentos, em prol do desenvolvimento da ciência geográfica do Hemisfério Ocidental.

No trabalho redacional inserto na secção competente desta *Revista* en-

contrarão os leitores a relação das resoluções aprovadas pelo certame, recentemente encerrado.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DA II REUNIÃO PAN-AMERICANA DE CONSULTA SÔBRE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

O programa efetivo dos trabalhos da II Reunião foi o seguinte

14 de agosto — Segunda-feira, 15 horas 1ª sessão preparatória em que se fez a apresentação de credenciais e de instruções, na sede do Conselho Nacional de Geografia; 17 horas visita ao ministro das Relações Exteriores, no Palácio Itamarati; e 20 horas jantar de confraternização, no alto do morro da Urca.

15 de agosto — Terça-feira, 10 horas 2ª sessão preparatória, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; e 20,30 horas sessão solene de abertura no Palácio Tiradentes, na qual se fez a eleição da Mesa Diretora da Reunião, composta de Presidente, 1º Vice-Presidente, 2º Vice-Presidente, Secretário-Geral e Secretário-Assistente.

16 de agosto — Quarta-feira, 9 horas sessão plenária na qual foram constituídas as Comissões Técnicas e cada delegação fez sumariamente a entrega oficial das teses referentes aos problemas peculiares à geografia do seu país e outras contribuições a serem estudadas pelas Comissões, 15 horas: visita oficial ao Presidente da República, no Palácio do Catete; e 16 horas: passeio pela cidade do Rio-de-Janeiro, oferecido pelo prefeito da cidade, em automóveis, obediente ao seguinte itinerário: praia de Botafogo, Copacabana, Ipanema, Retiro-da-Saudade, Parque da Cidade, estrada Dona-Castorina, Vista-Chinesa, estrada do Redentor, Corcovado, estrada de Santa-Teresa.

17 de agosto — Quinta-feira, das 9 às 12 horas 1ª reunião da Comissão de Geodésia e Astronomia de Campo, 14 horas visita ao prefeito da cidade, no Palácio da Prefeitura, das 14½ às 17½ horas 1ª reunião da Comissão de Topografia e Aerofotogrametria, 18 horas inauguração solene da exposição de Geografia e Cartografia, no 21º andar do Edifício Serrador.

18 de agosto — Sexta-feira, 9 horas: 1ª reunião da Comissão de Cartas Aeronáuticas, 14½ horas 1ª reunião da Comissão de Cartas Hidrográ-

ficas; e 18 horas reunião facultativa no recinto da Exposição

19 de agosto — Sábado, das 9 às 12 ½ horas 1.^a reunião da Comissão de Geografia e Cartografia; das 14 ½ às 17 ½ horas: vista oficial ao Conselho Nacional de Geografia; 18 horas: reunião facultativa no recinto da Exposição, e 21 horas partida de foot-ball no estádio do Fluminense F. C.

20 de agosto — Domingo, 12 horas: almôço no Jôquei Clube, seguido de assistência às corridas, em cujo programa figurou o Prêmio "Geografia Pan-Americana"

21 de agosto — Segunda-feira, 9 horas visita oficial aos serviços especializados do Departamento Nacional da Produção Mineral (Divisão de Geologia e Mineralogia e Divisão de Águas), ao Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e aos serviços da Companhia Cruzeiro do Sul S. A.; 18 horas: comunicação do Prof. RUELLAN no recinto da exposição, e 21 horas: reunião da Comissão de Cartografia do I. P. G. H.

22 de agosto — Terça-feira, das 9 às 12 ½ horas: 2.^a reunião da Comissão de Geodésia e Astronomia de Campo, das 14 ½ às 17 ½ horas: 2.^a reunião da Comissão de Topografia e Aerofotogrametria, e 18 horas: reunião facultativa no recinto da Exposição.

23 de agosto — Quarta-feira, 9 horas: 2.^a reunião da Comissão de Cartas Aeronáuticas; 12 horas: cerimônia da entrega de livros às delegações; 13 horas: banquete oficial no Itamarati; 15 horas: visita oficial a serviços técnicos: Mapoteca do Itamarati, Diretoria de Navegação e Serviço Geográfico do Exército; e 17 horas: reunião no recinto da Exposição, com exibição de filmes.

24 de agosto — Quinta-feira, das 9 às 12 ½ horas: 2.^a reunião da Comissão de Cartas Hidrográficas; das 14 ½ às 17 ½ horas: 2.^a reunião da Comissão de Geografia e Cartografia, 18 horas: comunicações técnicas do major ARCOVERDE e do engenheiro GUSTAVO SENA e SILVA, no recinto da Exposição; e à noite: reunião da Comissão de Coordenação de Resoluções.

25 de agosto — Sexta-feira, 9 horas: última sessão plenária, 17 horas: sessão solene de encerramento, no Palácio Itamarati; e 20 horas: banquete de encerramento, no Automóvel Clube do Brasil, seguido de gravação de frases em discos

26 de agosto — Sábado — Excursão à ilha das Flores, visita à Hospedaria dos Imigrantes. Visita dos delegados estrangeiros militares ao ministro da Guerra. Inauguração da Exposição de Obras e Documentos de Geografia, História e Cartografia, promovida pelo Arquivo Nacional Subida a Petrópolis, estada na Quitandinha.

27 de agosto — Domingo, em Petrópolis, visita à catedral, à cidade, almôço oferecido pelo prefeito na fazenda Bonfim, visita ao Museu Imperial, volta ao Rio-de-Janeiro.

28 de agosto — Segunda-feira, 7 horas: viagem de trem a Volta-Redonda, e visita às instalações da Companhia Siderúrgica Nacional

29 de agosto — Terça-feira, 10 horas: viagem de Volta-Redonda a São-Paulo

30 de agosto — 9 horas: visita à cidade de São-Paulo: Catedral, Escola de Aeronáutica, Instituto Butantã, Estádio do Pacaembu, Campo de Marte (Parque Aeronáutico), 13 horas: almôço aos chefes de delegação oferecido pelo interventor federal; 15 horas: visita a serviços técnicos: Instituto Geográfico e Geológico, Companhia Litográfica Ipiranga, Instituto de Pesquisas Tecnológicas; e 21 horas: 2.^a reunião da Comissão de Cartografia, do Instituto Pan-Americano de Geografia e História

31 de agosto — 7 horas: excursão a Campinas e Rio-Claro, em trem especial da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Passeio nessas cidades e visita ao Instituto Agrônomo, Serviço de Sericicultura e fazenda Taquaral de Campinas, Hórto e Museu Florestal e oficinas da Companhia Paulista, em Rio-Claro; e 22 horas: manifestação ao embaixador MACEDO SOARES, em sua residência.

1 de setembro — Sexta-feira: 14 horas: excursão a Santos, visita à instalação hidro-elétrica da Light; e 22 horas: reunião geral de despedidas e entrega das Resoluções aprovadas. Pronunciamento da Comissão de Cartografia do I. P. G. H. sobre as Resoluções da Reunião. Exibição do filme "Geodésia nos Estados Unidos"

2 de setembro — Sábado. partida para o Rio-de-Janeiro, de avião, dos delegados que não quiseram voltar aos seus países, de São-Paulo.

4 de setembro — Recepção do ministro da Aeronáutica aos oficiais aviadores, delegados à Reunião.

NOTA: As reuniões, salvo indicação em contrário, foram realizadas na sede do tradicional e secular Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no edifício do Silogeu Brasileiro.

PRIMEIRA SESSÃO PREPARATÓRIA

A tarde do dia 14 de agosto, no Edifício Serrador, onde está situada a sede do Conselho Nacional de Geografia, realizou-se a primeira sessão preparatória do certame.

O Sr. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, assumindo a presidência dos trabalhos como presidente da Comissão Organizadora da Reunião e



Detalhe da sessão solene de instalação dos trabalhos da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, realizada no Palácio Tiradentes, mostrando parte da assistência à reunião

da delegação do Brasil, convidou para constituir a Mesa os chefes das delegações dos países representados no certame.

Discurso do embaixador MACEDO SOARES — Iniciados os trabalhos, o Sr. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES proferiu o discurso que se segue

“Meus senhores — Aqui estamos prazerosamente realizando uma promissora iniciativa do Instituto Pan-Americano de Geografia e História. Nesta II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia vamos tomar conhecimento da organização e da atividade geográfica e cartográfica de cada um dos Estados da América. Vamos examinar problemas especializados, procurando suas soluções mais satisfatórias. Vamos ouvir a opinião de cientistas e de técnicos sobre questões geográficas e cartográficas. O valor dos delegados aqui presentes e a qualidade do material já recebido para a nossa Exposição, constituem arras para o êxito completo do nosso certame.

Não podemos esperar comunicações espetacularmente surpreendentes.

Não me esqueço da lição do senador COELHO LISBOA, saudoso professor catedrático do Ginásio Nacional, quando lembrava que ERATÓSTENES, que nasceu no último quartel do III século antes de Cristo, atribuiu ao arco do meridiano compreendido entre os trópicos 47° e 42', e que vinte séculos depois a Academia de Ciências de Paris encontrava quase a mesma medida: 47° 40'. Instrumentos, métodos, processos mais modernos poderão ser examinados aqui E, devo dizer, não tenho dúvida alguma que nas reuniões das comissões técnicas, todos poderão aprender e levar para os seus países elementos novos para a continuação dos trabalhos já encetados. Vamos passar, meus senhores, à apresentação das credenciais dos membros das Delegações aqui presentes”.

Apresentação de credenciais — O engenheiro CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário da sessão, procedeu, a seguir, à chamada dos delegados ao certame, observando a ordem alfabética dos países representados:

ARGENTINA teniente coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA (Presidente), mayor RICARDO JORGE ARANDÍA; e capitán RODOLFO LIENDO SOULÁ.

BOLÍVIA: general ABELARDO PRIETO (presidente), teniente coronel WALTER SALINAS**, capitán EUFONIO GÓMEZ; capitán JOSÉ ORSINI ORIHUELA; e Ing UMBERTO CÁCERES.

BRASIL Eng.º ALÍRIO HUGUENEY DE MATOS; Eng.º ANTÔNIO JOSÉ ALVES DE SOUSA, capitão de mar e guerra BRÁS DIAS DE AGUIAR, general de divisão CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON; Prof CARLOS DELGADO DE CARVALHO; Eng.º

BEIRO; coronel RENATO BARBOSA RODRIGUES PEREIRA, coronel SEBASTIÃO CLAUDINO DE OLIVEIRA E CRUZ, Prof. SEBASTIÃO SODRÉ DA GAMA; Eng.º SÍLVIO FRÓIS ABREU; Eng.º VINÍCIUS CÉSAR SILVA DE BERREDO; Eng.º VALDEMAR LEFÈVRE; e Dr MÁRIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS

CANADÁ: Ing. FEDERIC HATHAWAY PETERS (presidente) **, e wing commander JAMES WALLACE BURTON.

CHILE general de brigada ENRI-



Foto tomada durante a visita que os membros da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, realizaram ao Presidente GETÚLIO VARGAS, no Palácio do Catete, vendo-se o chefe do Governo discursando em resposta à saudação dirigida a S. Excelência pelo Eng ROBERT H RANDALL, chefe da delegação dos Estados Unidos da América

CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO*; coronel DJALMA POLLI COELHO, brigadeiro do ar EDUARDO GOMES, Prof EVERARDO BACKHEUSER; Prof FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA; ministro HEITOR LIRA; contra-almirante JORGE DODSWORTH MARTINS, general de divisão JOSÉ ANTÔNIO COELHO NETO, ministro JOSÉ ROBERTO DE MACEDO SOARES, ministro JOÃO SEVERIANO FONSECA HERMES, coronel-aviador LÍSIAS AUGUSTO RODRIGUES, coronel FRANCISCO JAGUARIBE GOMES DE MATOS; embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES (presidente); ministro ORLANDO LEITE RI-

QUE BLANLOT REISSIG (presidente)**, capitán de fragata JORGE ARAOS SALINAS; mayor HUMBERTO DONOSO NOVO, mayor GERMÁN PIMSTEIN RIES; e capitán de bandada DANTE SILVA ESCOBAR

COLÔMBIA: Dr EDUARDO ALVAREZ GUTIÉRREZ (presidente); e Dr. JOSÉ IGNACIO RUÍZ *

COSTA RICA: Ing ARTURO TINOCO JIMÉNEZ (presidente), e Ing FEDERICO BALTODANO GUILLEN.

CUBA: Dr GABRIEL LANDA (presidente)

* Membro da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História

** Representante interino da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, até a nomeação oficial do membro pelo respectivo Governo.

* Membro da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História

** Representante interino da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, até a nomeação oficial do membro pelo respectivo Governo

EQUADOR mayor MARCO A BUSTAMANTE (Presidente)

ESTADOS-UNIDOS-DA-AMÉRICA: Ing. ROBERT H. RANDALL (presidente)*; Presidente da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, colonel GERALDO FITZ GERALD, captain (de navio) CLEMENT L. GARNIER, Dr OTTO E GUTHE; captain (de navio) CHARLES CHURCHILL SLAYTON, e REGINALD STEPHEN KAZANJIAN (secretário).

GUATEMALA: coronel de ingenieros FLORENCIO SANTISO (presidente)*

HONDURAS: professor GUSTAVO A CASTAÑEDA (presidente)

MÉXICO general ingeniero EUGENIO GARCÍA MALDONADO (presidente), e Ing MANUEL MEDINA*.

PANAMÁ Ing JUAN ALBERTO MORALES (presidente); e Dr. ANGEL RUBIO.

PARAGUAI capitán de corbeta S R AMÉRICO GONZÁLEZ MERZARIO (presidente); e 1º teniente de navio ARNULFO ROJAS ROTELA

PERU: Dr CARLOS MORALES MACEDO (presidente), general de aeronáutica FEDERICO RECAVARREN, teniente coronel PEDRO A. DELGADO*, capitán de fragata EMILIO BARRÓN; e Ing. ENRIQUE CÓN-GORA

REPÚBLICA DOMINICANA: Ing. VICENTE TOLENTINO ROJAS (presidente)*; e Ing de puentes y caminos SALVADOR A FERNÁNDEZ

URUGUAI general agrimensor EDUARDO ZUBÍA (presidente)**; coronel NICANOR PÉRDOMO BORCHES, teniente coronel ALBERTO BERGALLI, capitán de fragata ALFREDO AGUIAR; Ing DANIEL REY VERCESI; e Dra BLANCA MIERES DE BOTTO.

VENEZUELA: Dr FRANCISCO J. DUARTE (presidente)*; Dr LUIS FELIPE VEGAS, e Ing EDGAR LOYNAZ

INSTITUTO PAN-AMERICANO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA: Ing. PEDRO C. SÁNCHEZ, diretor, e Dr ANDRÉ C. SIMONPIETRI, Secretário-Geral, Comissão de Cartografia.

Observadores técnicos

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: commander IRWIN CHASE, colonel GEORGE G. NORTHRUP; lieutenant commander PAUL A. SMITH; e commander KENNETH T. ADAMS.

BRASIL: Engº ADEMAR BARBOSA DE ALMEIDA PORTUGAL, Dr ADOLFO AMBOS FILHO; Dr AFONSO ALMIRO RIBEIRO DA COSTA, Sr ALCION FONSECA DÓRIA, Prof ANTÔNIO JOSÉ DE MATOS MUSO, Engº ANTÔNIO HIRSCH MARCOLI-

NO FRAGOSO; Engº ALBERTO ILDEFONSO ERICHSEN; tenente-coronel ARMANDO DE CARVALHO DIAS, Engº AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA, Engº ARQ ARMANDO SÓCRATES SCHNOOR; Engº ALBERTO DE CERQUEIRA LIMA, comandante ARI DOS SANTOS RANGEL, Engº AXEL LÖFGREN; major BENJAMIM ARCOVERDE; tenente-coronel ADIR GUIMARÃES, Dr CARLOS SOARES PEREIRA, Sr CARLOS PEDROSA; Engº CÉSAR AUGUSTO CATALDO; Engº DALMI RODRIGUES DE SOUSA, Engº EUGÊNIO VILHENA DE MORAIS, Engº FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES; Engº FILÚVIO CERQUEIRA RODRIGUES; Prof FRANCIS RUELLAN; Engº GILBERTO CANEDO DE MAGALHÃES; Engº FLÁVIO VIEIRA; Engº GILVANDRO SIMAS PEREIRA, Sra. GILDA COSTA PEREIRA; Engº GUSTAVO DE SENA E SILVA FILHO, Engº FERNANDO JOSÉ SAMPAYO GUIMARÃES, Dr HEITOR BRACET, Dr HENRIQUE DIETRICH; Engº HENRIQUE VAZ CORREIA, Engº HONÓRIO BEZERRA, tenente-coronel JACINTO DULCARDO MOREIRA LOBATO, Engº JOSÉ CÉSAR BRANDÃO, Engº JOAQUIM LICÍNIO DE SOUSA ALMEIDA, Engº JOÃO CAPISTRANO RAJA GABAGLIA; Engº JÚLIO RAMOS DA MOTA, Engº JOSÉ DE OLIVEIRA DUARTE, Prof JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, Prof. JORGE ZARUR, major JOSÉ CARLOS BETIM PAIS LEME; major JOSÉ GUIMARDES DOS SANTOS, Dr JOSÉ AUGUSTO DE MACEDO SOARES; Engº JOSÉ CARLOS PEDRO GRANDE; major LUÍS ABREU; Engº LUÍS LÖFGREN, Engº LUÍS CAMILO DE OLIVEIRA NETO; Engº LUÍS BRIGGS; cônsul MURILO MIRANDA BASTO, cônsul MURILO OCTACEMA DE FIGUEIREDO PESSOA, Engº MOACIR FERNANDES MALHEIROS DA SILVA; Srta MARIA CAROLINA MAX FLEIUS; Engº MELGÁVIO DA SILVA RODRIGUES, Prof ORLANDO VALVERDE, Dr PAULO AUGUSTO ALVES, Dr PÉRICLES DE MELO CARVALHO, Engº PAULO CABRAL DA ROCHA WERNECK; Engº RUI DRUMMOND; Engº SAMUEL G. FERNANDES ALIFF, Engº VIRGÍLIO CORREIA FILHO, Engº VALDEMAR JOSÉ DE CARVALHO

SEGUNDA SESSÃO PREPARATÓRIA

Na manhã do dia 15 de agosto, sob a presidência do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, realizou-se no salão principal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no edifício do Sileceu Brasileiro, a segunda e última sessão preparatória com a qual ficaram definidas as diretrizes e as linhas gerais dos trabalhos do certame

SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO

Na noite do dia 15 de agosto, no Palácio Tiradentes, onde atualmente está instalado o Departamento de Imprensa e Propaganda, realizou-se a sessão solene de instalação da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia.

* Membro da Comissão de Cartografia do Instituto Panamericano de Geografia e História.

** Representante interino da Comissão de Cartografia do Instituto Panamericano de Geografia e História, até a nomeação oficial do membro pelo respectivo Governo



Flagrante tomado na visita que os membros da II Reunião Pan-Americana de Consulta levaram a efeito ao Eng HENRIQUE DODSWORTH, prefeito do Distrito-Federal

Na qualidade de presidente da Comissão Organizadora do certame assumiu a presidência da sessão o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, que depois de declarar aberta a reunião, convidou para constituírem a Mesa dos trabalhos os senhores comandante OTÁVIO DE MEDEIROS, sub-chefe da Casa Militar da Presidência da República e representante do Sr. Presidente da República, ministro ALEXANDRE MARCONDES FILHO, titular efetivo da pasta do Trabalho e interino da Justiça e Negócios Interiores, Eng^o D PEDRO SÁNCHEZ, diretor executivo do Instituto Pan-Americano de Geografia e História; Eng^o ROBERT H RANDALL, presidente da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e chefe da delegação norte-americana; general ENRIQUE BLANLOT REISSING, chefe da delegação do Chile e Eng^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia e da Comissão Organizadora da II Reunião

Depois de discursar o ministro MARCONDES FILHO, falaram os Srs. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES e general ENRIQUE BLANLOT REISSING, o primeiro, para dar as boas vindas aos delegados estrangeiros, e o segundo em

agradecimento. Falaram ainda os Srs. Engs ROBERT RANDALL e PEDRO SÁNCHEZ.

Eleição dos membros de honra e da Mesa Diretora dos trabalhos do certame

— Passando à segunda parte da sessão, o ministro MARCONDES FILHO comunicou que se ia proceder à eleição da Mesa Diretora dos trabalhos da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, dando a palavra ao primeiro delegado ao certame, que a solicitou — Prof CARLOS MORALES DE MACEDO, chefe da delegação do Peru, o qual, em nome deste, propôs que fôsse aclamado presidente honorário do certame o Sr. GETÚLIO VARGAS, chefe do Governo. Em face dos aplausos gerais com que foi acolhida a proposta, o ministro MARCONDES FILHO considerou a mesma unanimemente aprovada.

Anunciada a eleição dos vice-presidentes de honra, solicitou a palavra o tenente-coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA, chefe da delegação argentina, que sugeriu fossem igualmente aclamados para tais cargos os Srs. ministro OSVALDO ARANHA, titular da pasta das Relações Exteriores e Eng^o PEDRO SÁNCHEZ, diretor executivo do Instituto Pan-Americano de Geografia e Histó-

ria, sendo ambos êsses nomes aceitos com aplausos pela assembléia, pelo que foram pelo presidente considerados eleitos.

Anunciada a eleição dos demais membros da Mesa, o general EUGENIO GARCIA MALDONADO, chefe da delegação do México, sugeriu, inicialmente, que devia ser indicado para presidir os trabalhos efetivos da importante reunião um membro que possuísse o maior número de méritos e que já amplamente tivesse demonstrado habilidade na direção dos trabalhos de organização e preparatórios do certame, pelo que apresentou o nome do embaixador José CARLOS DE MACEDO SOARES que, uma vez eleito, ficaria com autoridade para indicar os seus companheiros de Mesa. Aprovada por aclamação a proposta do general EUGENIO GARCIA MALDONADO, o ministro MARCONDES FILHO declarou eleito o embaixador MACEDO SOARES, passando a êste a presidência e acentuando o prazer com que acolhia a deliberação da assembléia.

Assumindo a presidência da sessão, o embaixador MACEDO SOARES agradeceu a honrosa investidura, acentuando que seria fácil a sua missão, pois no seio de tôdas as delegações via nomes dos mais ilustres da ciência e da técnica do continente americano, capazes de resolverem os objetivos do certame.

Tratando da composição da Mesa, o embaixador MACEDO SOARES, indicou os nomes dos senhores Eng.^o ROBERT RANDALL, para 1.^o vice-presidente; ministro FLORENCIO SANTISO, para 2.^o vice-presidente; Eng.^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, para secretário-geral e Eng.^o ANDRÉ SIMONPIETRI, para secretário-assistente, verificando-se a eleição dos mesmos por aclamação.

Levantando os trabalhos da sessão, o embaixador MACEDO SOARES agradeceu a presença das altas autoridades civis e militares, do Corpo Diplomático e dos técnicos presentes.

SESSÕES PLENÁRIAS

Primeira sessão

Presidida pelo embaixador José CARLOS DE MACEDO SOARES, realizou-se a 16 de agosto, no edifício do Silogeu Brasileiro, sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a primeira sessão plenária.

Verificado número legal, o senhor presidente declarou abertos os trabalhos, mandando que o secretário-geral, Eng.^o LEITE DE CASTRO precedesse à leitura da ata, que foi aprovada, sendo após lido o expediente no qual figurou um telegrama do Sr. presidente da República comunicando que receberia os membros da Reunião naquele mesmo dia à tarde.

Franqueada a palavra, na parte referente à apresentação de moções e requerimentos, o ministro ORLANDO LEITE RIBEIRO, da representação brasileira, apresentou à Mesa requerimento solicitando que se prestasse uma homenagem especial aos Srs. generais AUGUSTO TASSO FRAGOSO, ALFREDO VIDAL e ALÍPIO VIRGÍLIO DI PRIMO, grandes obreiros da Geografia e fundadores da Geografia militar do Brasil, que por motivo de saúde, não puderam participar do certame.

Seguiu-se com a palavra o ministro José ROBERTO DE MACEDO SOARES, do Brasil, que pediu fôsse prestada uma especial homenagem à República Dominicana que naquele dia festejava a data da restauração da sua independência; fez sucinto discurso sobre a efeméride, concluindo por solicitar a remessa de um telegrama ao embaixador dêsse país. Aprovada a moção do ministro José ROBERTO DE MACEDO SOARES, o Eng.^o VICENTE TOLENTINO ROJAS, chefe da delegação dominicana, discursou em agradecimento.

O professor GUSTAVO CASTAÑEDA, delegado de Honduras, falando sobre as origens dos países sul-americanos e do centro da América, pediu fôsse prestada uma homenagem a Portugal e à Espanha, cujos filhos foram os descobridores da América, guardando-se um minuto de silêncio. Votando favoravelmente a moção, o almirante JORGE DODSWORTH MARTINS, do Brasil, lembrou que também fôssem homenageadas a Inglaterra e a França, grandes nações que, igualmente, colonizaram solo americano. Sobre ambas essas propostas manifestou-se o Prof. ANGEL RUBIO, do Panamá, para, apoiando as mesmas, falar a respeito dos grandes navegadores portugueses e castelhanos, entre os quais indicou os cosmógrafos que fizeram parte da armada comandada por FERNÃO DE MAGALHÃES e o cosmógrafo sevillhano ANDRÉ SAN MARTIN que, precisamente na baía do Rio-de-Janeiro, durante a noite de 7 de outubro de 1519, experimentou um novo método para determinar, talvez pela primeira vez, a longitude do Rio-de-Janeiro, observando, em determinada hora, a diferença de altura entre a Lua e Júpiter, terminando por solicitar uma homenagem aos referidos cientistas.

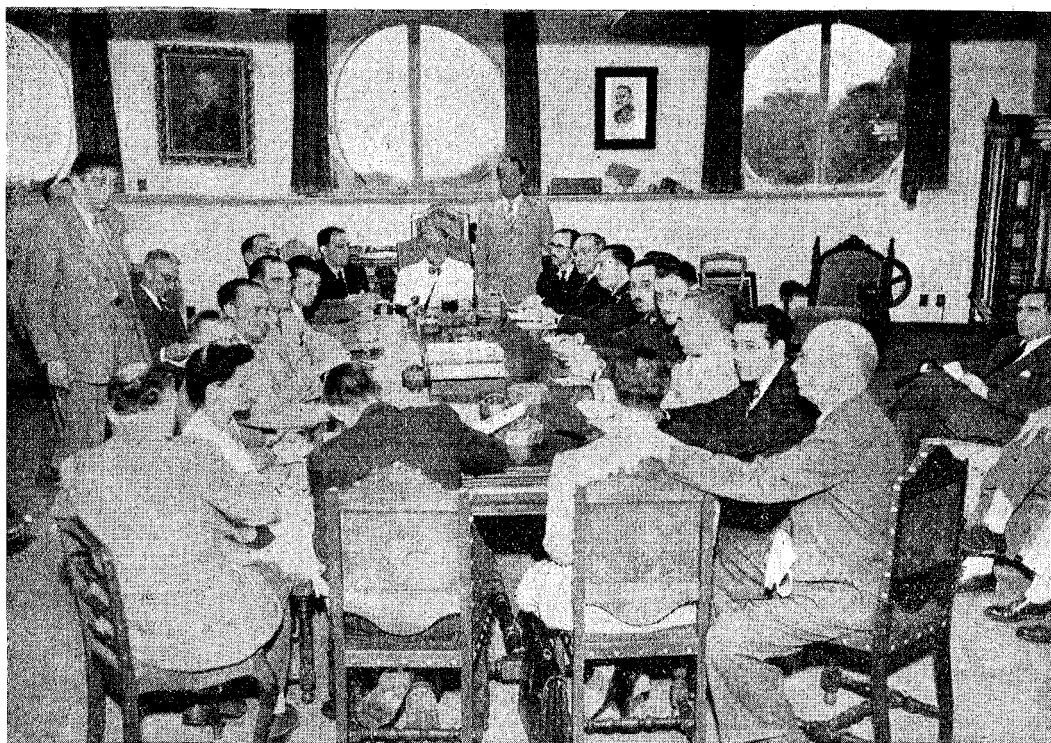
Tôdas essas propostas foram aprovadas.

Dada a palavra ao Eng.^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, êste agradeceu a sua eleição para secretário-geral da Reunião, propondo que, em face do volume dos trabalhos, fôsse eleito mais um secretário-assistente. O Eng. VICENTE TOLENTINO ROJAS, apoiando a proposta, sugeriu que o plenário autorizasse a presidência escolher o novo secretário-assistente.

Sendo aprovada a proposta, bem como seu aditivo, foi pelo presidente designado para tal cargo o professor JORGE ZARUR, da delegação do Brasil

Comunicado pelo presidente que se ia proceder à eleição dos presidentes das comissões técnicas, o Eng.^o LEITE DE CASTRO explicou que, ao invés das quatro, primitivamente programadas, em virtude das alterações constantes da deliberação adotada na sessão plenária, as comissões passaram a ser em número de cinco, pedindo por isso que a assembléia deliberasse a respeito. O assunto mereceu, inicialmente, a atenção do general ENRIQUE BLANLOT REISSIG, do Chile, o qual explicou que a Mesa possuía autoridade para desdobrar as comissões de acordo com as necessidades do certame, acentuando que a deliberação anteriormente adotada conferiu tal prerrogativa à Mesa Diretora. O Eng.^o ROBERT H. RANDALL, em face do que foi adotado, propôs que todos os presidentes das cinco comissões técnicas fossem escolhidos dentre os membros da delegação brasileira, ficando essa escolha a critério do presidente da Reunião. Essa proposta foi comentada pelo coronel SEBASTIÃO GONDIM DE OLIVEIRA CRUZ, o qual, afirmando que a delegação brasileira ficara sensibilizada com a homenagem prestada, salientava entretanto que, em se tra-

tando de uma conferência pan-americana, as comissões técnicas deviam ser presididas, indistintamente, pelos delegados presentes que mais tenham contribuído para o progresso e o desenvolvimento da ciência geográfica americana. Aberto debate em torno do proposta do Eng.^o ROBERT H. RANDALL manifestaram-se, em apoio da mesma os Srs professor CARLOS MORALES MACEDO, do Peru, general ENRIQUE BLANLOT REISSIG, do Chile, Eng.^o ANDRÉ SIMONPIETRI, do Instituto Pan-Americano de Geografia e História; tenente-coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA, da Argentina; capitão de corveta AMÉRICO GONZÁLEZ MERZARIO, do Paraguai, Eng.^o EDGAR LOYNAZ, da Venezuela; Eng.^o JUAN ALBERTO MORALES, do Panamá, Eng.^o ARTURO TINOCO, da Costa Rica, Eng.^o F. H. PETERS, do Canadá e EDUARDO ZUBÍA, do Uruguai, todos estes fazendo várias considerações em torno do assunto, sendo que o último pediu fosse a referida proposta submetida a votação, sendo a mesma aprovada. Em observância ao que ficou deliberado, o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES designou o professor ALÍRIO HUGUENY DE MATOS, para presidente da Comissão de Geodésia e Astronomia de Campo; general JOSÉ ANTÔNIO COELHO NETO, para presidente da Comissão de Topografia e Aerofotogrametria; coro-



Aspecto tomado durante a realização da última reunião dos coordenadores brasileiros dos assuntos técnicos programados na II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, sob a presidência do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES.

nel-aviador LÍSIAS AUGUSTO RODRIGUES, para presidente da Comissão de Cartas Aeronáuticas, almirante JORGE DODSWORTH MARTINS, para presidente da Comissão de Cartas Hidrográficas, e Prof CARLOS DELGADO DE CARVALHO, para presidir a Comissão de Geografia e Cartografia.

Passada à última parte da sessão destinada à apresentação de teses e trabalhos, por parte dos chefes de cada uma das delegações, o secretário-geral passou a fazer a chamada de cada um dos países. Antes o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, como chefe da delegação brasileira, apresentou as contribuições brasileiras. Responderam à chamada os representantes dos seguintes países: Argentina, Canadá, Chile, Costa-Rica, República Dominicana, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru, Estados Unidos, Uruguai e Venezuela.

Finda essa cerimônia, o embaixador MACEDO SOARES falou sobre o significado da mesma, agradecendo a todas as delegações as remessas das contribuições, que iriam merecer a atenção das comissões técnicas.

Continuando com a palavra, o presidente pediu que a assembléia deliberasse sobre a maneira da Mesa estabelecer articulação com as cinco comissões técnicas, propondo que o Eng^o ROBERT H. RANDALL fosse aclamado elemento de coordenação entre a Mesa e as referidas Comissões, sendo tal proposta aprovada, agradecendo por fim o eleito a confiança que mereceu da assembléia.

Encerrando os trabalhos o embaixador MACEDO SOARES comunicou que, no dia imediato, pela manhã, iria se reunir pela primeira vez a Comissão presidida pelo Prof ALÍRIO DE MATOS.

Segunda sessão

No mesmo local da sessão anterior, realizou-se a 21 de agosto, pela manhã, a segunda sessão plenária. Depois da leitura do expediente e da ata, pediu a palavra o general EDUARDO ZUBÍA para comunicar, em nome da comissão de que fez parte, haver esta se desempenhado da honrosa tarefa de visitar os generais AUGUSTO TASSO FRAGOSO, ALFREDO VIDAL e VIRGÍLIO DI PRIMO, eminentes brasileiros, cujas personalidades se acham ligadas à geografia americana.

O almirante JORGE DODSWORTH MARTINS, falando sobre a expressiva e justa homenagem tributada pela II Reunião Pan-Americana de Consulta aos técnicos brasileiros, propôs que na última sessão plenária do certame, fôsse prestada homenagem também aos geógrafos, geodestas, hidrógrafos e cartógrafos já falecidos ou retirados das atividades técnicas dos países representados na Reunião.

Para falar sobre a visita, anteriormente feita pelos membros da II Reunião, ao Conselho Nacional de Geografia, o tenente-coronel PEDRO QUIROGA pediu a palavra, agradecendo as atenções dispensadas, tecendo elogiosas referências ao pessoal técnico do referido Conselho, classificando este de "Órgão modelo do regime geográfico". Sobre o mesmo assunto falou o Eng^o VICENTE TOLENTINO ROJAS, que, secundando os conceitos emitidos, acrescentou que a visita foi particularmente interessante e de muito proveito para os membros da delegação da República Dominicana, pois levará ao Instituto Geográfico de São-Domingos as observações feitas, que serão ali utilizadas em benefício do progresso da geografia do seu país.

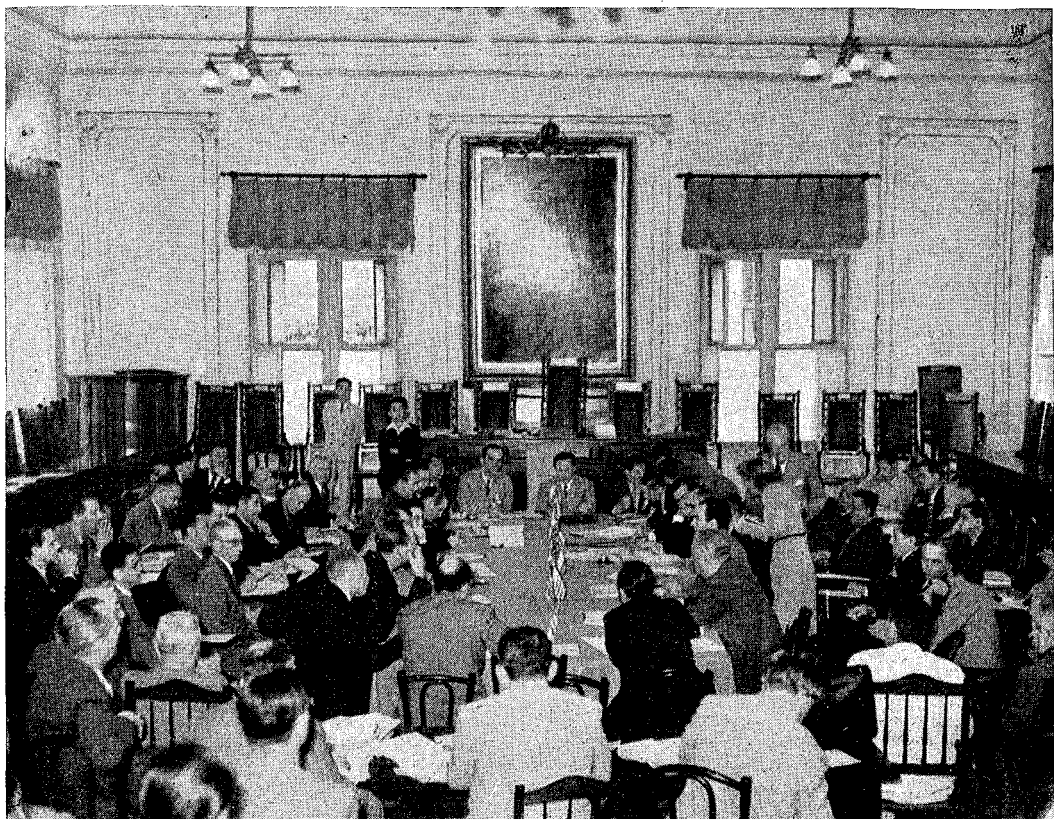
Ainda sobre o assunto manifestou-se o Prof CARLOS MORALES DE MACEDO que depondo a respeito do que lhe foi dado observar durante a visita realizada no Conselho Nacional de Geografia, disse:

"Seja-me permitido ampliar os agradecimentos apresentados pelo nosso companheiro da República Argentina, não me limitando apenas ao voto de alto apreço ao trabalho que tem realizado o Conselho Nacional de Geografia. Entendo que esse Instituto deve ser apontado às organizações geográficas dos países americanos como verdadeiro modelo.

Muitos Estados do Hemisfério Ocidental possuem serviço geográfico deficiente. Assim, torna-se indispensável que a Segunda Reunião Pan-Americana de Consulta recomende a criação de um organismo central, supervisor, coordenador e difusor dos conhecimentos geográficos da América. Do contrário, perderemos, fatalmente, valiosas iniciativas científicas.

Quando se tratou, em meu país — perdoem os colegas que o tome como exemplo — de organizar a Sociedade Geográfica de Lima, fui encarregado, pelo ministro das Relações Exteriores, de solicitar aos países da América elementos peculiares a um instituto geográfico.

A minha modesta mesa de trabalho afluíram regulamentos e disposições sobre o assunto, vindos de todas as partes do Continente americano. Entre eles, afinal, tive a verdadeira fortuna de ler o excelente trabalho que o nosso grande secretário-geral, doutor CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, havia apresentado ao VIII Congresso Científico Pan-Americano, reunido em Washington, no ano de 1941, mostrando como o Brasil havia resolvido o problema, criando o Conselho Nacional de Geografia, para desempenhar a função de órgão supervisor, coordenador e difusor dos conhecimentos geográficos do solo brasileiro.



Durante a primeira reunião da Secção de Cartas Aeronáuticas, presidida pelo coronel aviador LÍSIAS AUGUSTO RODRIGUES, foi tomada a fotografia acima

Confesso que encontrei nesse trabalho um modelo a seguir. A minha proposta ao governo do Peru se cingiu ao que posso chamar uma imitação do que se fez no Brasil.

Concretizando a minha idéia, acho que devemos votar conclusão salientando a necessidade de, em todos os países americanos existir uma entidade superior, vinculada às demais com o objetivo de concentrar toda a matéria pertinente ao solo de cada país, matéria que seria levada ao conhecimento de organização maior — o Instituto Nacional de Geografia e História, que funcionaria como Colégio Internacional, digamos assim, sob a direção do ilustre engenheiro PEDRO SÁNCHEZ

Assim procedendo, evitaremos que se dispersem as contribuições geográficas apresentadas em cada país

Pego, pois, ao Sr presidente, para, no momento oportuno, submeter ao voto da Segunda Reunião Pan-Americana de Consulta proposta recomendando aos países americanos ou mesmo ao Instituto de Geografia e História do México — não sei qual seja o melhor trâmite — a conveniência de

ser estabelecida a centralização dos conhecimentos geográficos

Não é preciso que se crie um órgão executivo. Pode ser apenas coordenador, uniformizador. Parece-me algo indispensável ao progresso da geografia na América”

O outro orador a debater essa mesma matéria foi o Eng^o ROBERT H RANDALL que dizendo já ser do seu propósito apresentar, na última sessão do certame, uma proposta expressando a alegria de todos pelo magnífico trabalho que está realizando o Conselho Nacional de Geografia, tinha por isso mesmo, a maior alegria em apoiar os conceitos dos Srs. tenente-coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA, Eng^o VICENTE TOLENTINO ROJAS e Dr CARLOS MORALES MACEDO

No entanto, aproveito a oportunidade para referir que o Dr CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, a par de trabalhos particulares e no Conselho Nacional de Geografia, fez, ultimamente, uma visita aos Estados Unidos, no sentido de colaborar com a Secção Geográfica da Biblioteca Nacional dos Estados Unidos. Também tivemos o grato prazer de contar, entre nós, durante dois ou três anos, o professor JORGE ZARUR, cuja

amizade muito prezo, e espero que volte ao meu país várias vezes, pois nos permitiu utilizar seus conhecimentos científicos e habilidade de organizador

Secundando os conceitos até agora emitidos, desejo dizer algo sobre a atividade desenvolvida pelo magnífico órgão geográfico que é o Conselho Nacional de Geografia do Brasil

Realmente, a era que atravessamos aconselha seja criado um organismo coordenador de todas as realizações da aerofotografia, com grande proveito para os países do Hemisfério Ocidental, sobretudo o Brasil com o seu imenso território, facilmente percorrido pelo avião

O fato de existir, no Brasil, um órgão geográfico que sabe afeiurar o máximo resultado do progresso da fotografia aérea, deve constituir motivo de grande júbilo para o país

Nós, representantes das demais nações do Continente, viemos ao Brasil para conhecer tão magnífico empreendimento. Estamos contentes por nos ter sido dada oportunidade de conhecê-lo bem

O embaixador MACEDO SOARES, resumindo os debates em torno da matéria disse que no dia seguinte, os membros da II Reunião de Consulta Pan-Americana, iriam ter a oportunidade de visitar outra instituição brasileira que, realmente, tem prestado grandes

serviços ao país, dando após, a palavra ao Eng^o LEITE DE CASTRO. O secretário-Geral do Conselho assim se expressou: "No sábado, o Conselho Nacional de Geografia viveu um dia glorioso, porque recebeu a visita dos membros da Segunda Reunião Pan-Americana de Consulta

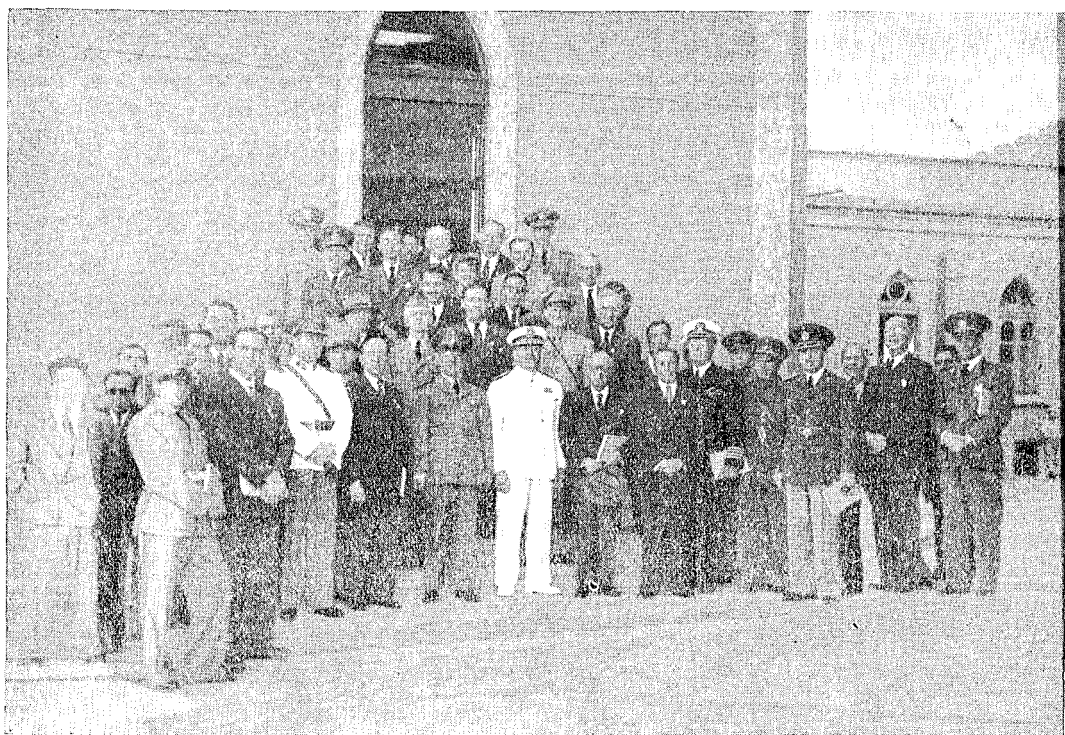
Hoje, as delegações, através o testemunho dos mais ilustres representantes, numa demonstração de alta nobreza, vêm manifestar, em atitude generosa, a sua grande lhanza, num gesto fidalgo, mesmo efusivo, exalçando aquêle acontecimento

Para agradecer essa manifestação, que muito sensibiliza o Brasil e em particular os cientistas de Geografia do meu país, peço licença para evocar aqueles instantes felizes da tarde de sábado

Recebendo tão eminentes personalidades, para dizer do funcionamento do Conselho Nacional de Geografia e de sua finalidade, usei de duas expressões

A primeira, atinente ao coração. Quero deixar que o coração fale, neste momento, traduzindo todos os meus agradecimentos para os quais não há palavras se não a voz do coração aberto

A segunda, relativa à finalidade do Conselho Nacional de Geografia. Sintetizando-a, disse que lhe cabia preci-



Os membros da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia levaram a efeito uma visita à Diretoria de Navegação do Ministério da Marinha. Na foto acima vê-se, ao centro, o almirante JORGE DODSWORTH MARTINS em companhia dos técnicos pan-americanos

puamente coordenar as iniciativas geográficas, de modo a facilitar, no Brasil, o conhecimento do solo e subsolo.

A minha memória não está bastante clara, diante do aluvião de compromissos da Segunda Reunião Pan-Americana de Consulta, mas, se me não engano, acrescentei que não competia ao Conselho, em rigor, uma missão executiva, apenas coordenadora, normativa de todos os esforços. E, ainda, se a memória me está sendo fiel, ponderei, naquela tarde memorável e gloriosa, ser expressão concreta do que afirmava as próprias instalações do Conselho, isto é, uma instalação pequena, modesta, pequenina como o coração deve ser, mas quente e dinâmica, porque a finalidade do Conselho não era executiva mas coordenadora.

Nessas condições, foi organizado um programa adequado de visitas aos serviços geográficos do Brasil e, a partir de hoje, os senhores Delegados irão percorrer as diferentes repartições técnicas que executam trabalhos geográficos. Não digo coordenando-os, porque essa missão cabe ao Conselho.

Hoje, teremos o prazer de visitar instituição tradicional e de grande prestígio cultural no país — o nosso glorioso Serviço Geológico do Brasil.

No dia 23, faremos outras visitas, sendo a primeira à Diretoria de Navegação da Armada — conceituada e renomada repartição técnica. Por fim, e propositadamente deixada para última, concretizando a famosa e graciosa legenda de *finis coronat opus*, teremos a visita ao glorioso, tradicional, renomado Serviço Geográfico e Histórico do Exército brasileiro, cheio de tradição e trabalho e de glórias, num *finis coronat opus*, para que todos os senhores Delegados sintam onde está o tópic do quadro executivo da Geografia do Brasil."

Sendo anunciada a eleição da Comissão de Resoluções, ainda em nome da presidência, o secretário-geral apresentou duas propostas, visando estabelecer a sistemática dos trabalhos — uma sobre o "Comité de Resoluções" e outra quanto à "Comissão de Coordenação". Falaram a respeito os Srs almirante JORGE DODSWORTH MARTINS e Prof CARLOS MORALES DE MACEDO. Sendo aprovadas as propostas formuladas pela presidência com os aditivos do almirante DODSWORTH MARTINS e Prof MORALES DE MACEDO, o presidente convidou os presidentes das Comissões Técnicas a apresentarem os delegados que devem integrar o "Comité de Resoluções". O Prof. ALÍRIO DE MATOS, indicou para a parte relativa à Geodésia e Astronomia de Campo os Srs. Eng^o MANUEL MEDINA (relator geral), Cap CLEMENT L. GARNIER, tenente-coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA, tenente-coronel PEDRO DELGADO e major LUÍS ABREU. O general

JOSÉ ANTÔNIO COELHO NETO indicou para os assuntos de Topografia, Aerofotogrametria e Mapas Topográficos os Srs. Eng^o THOMAS P. PENDLETON (relator geral), JOSÉ IGNACIO RUIZ, coronel NICANOR PÉRDOMO BORCHES, major RICARDO JORGE ARANDÍA e major BENJAMIM ARCOVERDE.

O almirante DODSWORTH MARTINS indicou para os assuntos de Cartas Hidrográficas os Srs Eng^o FEDERIC H. PETERS (relator geral), capitães CHARLES CHURCHILL SLAYTON, JORGE ARAOS SALINAS, EMILIO BARRÓN e ALFREDO AGUIAR.

O coronel LÍSIAS AUGUSTO RODRIGUES indicou os Srs coronel GERALD FITZ GERALD (relator geral), general FEDERICO RECAVARREN, coronel WALLACE BURTON, capitães DANTE SILVA ESCOBAR e JOSÉ ORSINI para os assuntos de Cartas Aeronáuticas.

O Prof CARLOS DELGADO DE CARVALHO indicou para os assuntos de Geografia e Cartografia os Srs Dr OTTO E. GUTHE (relator geral), Prof^a BLANCA MIERES DE BOTTO, general ENRIQUE BLANLOT REISSIG, professores CARLOS MORALES DE MACEDO e JORGE ZARUR. Formado assim o "Comité de Resoluções", é colocado à disposição dos presidentes das Comissões Técnicas o Prof JORGE ZARUR, secretário-assistente do certame, para servir de elemento coordenador.

Terceira sessão

A 25 de agosto, realizou-se, no mesmo local, a terceira sessão plenária.

Aberta a sessão e franqueada a palavra, falou, em primeiro lugar, o ministro HEITOR LIRA que, lembrando que a data assinalava mais um aniversário da República Oriental do Uruguai, convidou as demais delegações para, junto com a do Brasil, homenagear o povo uruguaio. Aprovada a moção, discursou em agradecimento, o general EDUARDO ZUBÍA, chefe da delegação do Uruguai.

Passando à ordem do dia, o presidente declarou que cumprindo a deliberação do plenário sobre a proposta anteriormente formulada pelo almirante DODSWORTH MARTINS, a qual foi unanimemente aprovada, ia dar a palavra a cada um dos chefes das delegações dos países representados, para que estes indicassem os nomes dos geógrafos e cartógrafos merecedores da homenagem proposta.

Dada a palavra ao general EDUARDO ZUBÍA para, como presidente da Comissão Geral e Coordenadora, relatar os trabalhos, foi pelo mesmo explicado à assembléia que a Comissão deu redação final aos temas presentes às comissões técnicas, estudando e compenetrando-se do verdadeiro alcance dos assuntos debatidos, achando por isso os membros da Comissão aconselhável dividir em dois grupos. O primeiro, encerran-

do os assuntos pertinentes a cada país em particular, e o segundo, reunindo a matéria da alçada do Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

O embaixador MACEDO SOARES deu a palavra ao secretário-geral para que este desse conhecimento e relatasse os trabalhos da Comissão de Coordenação e Resoluções, comunicando que a versão só seria feita para o idioma inglês, de vez que o idioma português é muito semelhante ao espanhol.

Procedeu, em seguida, o secretário-geral, à leitura das Resoluções e Indicações aprovadas pelo plenário.

Aprovadas todas as Resoluções, o general ENRIQUE BLANLOT REISSIG, fa-

legados, ao trabalho dos funcionários da Secretaria do Conselho Nacional de Geografia, do qual é secretário o nosso ilustre colega Dr. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO. Esses funcionários não têm dormido, e é sempre com esplêndida alegria e com sorrisos nos lábios, que eles vêm atendendo a todos os pedidos que lhes são feitos pelos senhores Delegados, fazendo todos os esforços para entregar a tempo e à hora todas as Resoluções e trabalhos desta Conferência. A estes funcionários da Secretaria do Conselho Nacional de Geografia quero apresentar o aplauso mais caloroso da Comissão e da Delegação do Chile.



Na visita realizada pelos membros da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia à Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura foi tomado o aspecto acima

lando sobre os árduos trabalhos levados a efeito pelos funcionários da Secretaria Geral do Conselho Nacional de Geografia, assim se expressou em resumo.

Nesta II Reunião Pan-Americana de Consulta têm sido apresentados trabalhos brilhantes, o que vem provar a grande capacidade de todos os elementos que aqui cooperam. Há também trabalhos que não aparecem, trabalhos obscuros mas que contribuíram grandemente e tiveram grande importância para o êxito da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia. Refiro-me, Srs De-

Falou, após, o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, que disse:

"Senhores Delegados — E' verdade e reconheço com grande satisfação o que o general BLANLOT acaba de dizer, mas devemos agradecer, em primeiro lugar, aos membros da Comissão de Coordenação, Srs general ENRIQUE BLANLOT REISSIG, EDUARDO ZUBÍA, CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, SIMONPIETRI e JORGE ZARUR, que trabalharam até altas horas da madrugada, a fim de dar redação definitiva às Resoluções. Tenho ainda um informe a fazer à Casa é que esta manhã não foram encontrados em suas respectivas residências

os Srs. general ENRIQUE BLANLOT REISIG, EDUARDO ZUBIA, CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, SIMONPIETRI e JORGE ZARUR, os quais trabalharam toda a noite e aqui estão sem terem dormido um só minuto. Esses eficientes membros da II Reunião não poderão contar como noite de repouso a noite de 24 de agosto de 1944.

Por fim o Eng^o LEITE DE CASTRO declarou que se sentia orgulhoso com as palavras do ilustre general ENRIQUE BLANLOT, do Chile, porque ele, como bom general testemunhou o bom soldado, que é, no caso, o funcionalismo do Conselho Nacional de Geografia. Assim, ele pôde melhor esclarecer que o trabalho que o Conselho Nacional de Geografia consegue fazer nada mais é do que o fruto da dedicação dos seus funcionários.

Não havendo mais quem apresentasse moções nem indicações, o presidente congratulando-se com todos os delegados pelo trabalho realizado, passou à última parte da Ordem do Dia, que era a escolha do local para a futura III Reunião Pan-Americana de Consulta.

Solicitando a palavra, o Prof. CARLOS MORALES DE MACEDO levantou-se para propor a cidade de Buenos-Aires, assim justificando a sua proposta. "Interpretando o desejo e opinião espontânea de um grupo seletivo de delegados, venho propor a essa Assembléia que se ofereça à República Argentina a sede da próxima Reunião Pan-Americana de Consulta a fim de que seja realizada na grande cidade de Buenos-Aires a próxima Reunião Pan-Americana de Consulta. Isso revela o nosso alto apreço pelos trabalhos científicos que realizam os geógrafos e cartógrafos argentinos e pela cooperação que acabamos de receber dos delegados daquele país amigo. Quero salientar também os laços de união e solidariedade americanas que nos unem, e que nos fazem desejar a próxima Reunião de Consulta seja realizada na grande República irmã."

O tenente-coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA, reportando-se à proposta anterior declarou: "É com profunda emoção que, como argentino e como soldado, acabo de ouvir as palavras do meu distinto colega Dr. MORALES DE MACEDO, do Peru—e agradeço, em nome da minha pátria—a sugestão para que a sede da III Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia seja Buenos-Aires."

Devo antecipar que esse certame na minha pátria não terá o brilho desse que acaba de ser realizado no Brasil, mas a nossa acolhida será muito carinhosa e o nosso coração será grande, tendo as suas portas sempre abertas de par em par para receber os nossos queridos irmãos da América."

O embaixador MACEDO SOARES encerrou a sessão com estas palavras: "Interpretando o sentimento de todas as delegações da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, teremos o prazer de nos reunir na bela cidade de Buenos-Aires, a fim de realizarmos a III Reunião de Consulta junto ao nobre povo argentino".

SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO

No dia 25 de agosto, à tarde, realizou-se, no salão de Conferências do Palácio Itamarati, a sessão solene de encerramento do certame.

Assumindo a presidência o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES convidou para constituírem a Mesa Diretora dos trabalhos os Srs. Eng^o PEDRO SÁNCHEZ, ministro FLORENCIO SANTISO, Eng^o ROBERT H. RANDALL, tenente-coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA, general CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON e Eng^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO.

Assim, inicialmente constituída a Mesa, o embaixador MACEDO SOARES, verificando a presença, no recinto, dos Srs. embaixador PEDRO LEÃO VELOSO, ministro interino do Exterior, e general FIRMO FREIRE DO NASCIMENTO, chefe da Casa Militar da Presidência da República e representante do chefe do Governo à solenidade, passou a seguir a presidência dos trabalhos à primeira dessas autoridades.

O ministro LEÃO VELOSO deu a palavra, em seguida, ao Eng^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, para, como secretário-geral da II Reunião Pan-Americana de Consulta, fazer o relato dos trabalhos da mesma.

O Eng^o LEITE DE CASTRO deu a conhecer, então, o relatório das atividades do certame, o qual passamos a transcrever.

"Na qualidade de secretário-geral, cabe-me a missão um tanto ingrata de relatar o que foi a II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, na hora mesmo do seu encerramento.

O Governo do Brasil, ao começo do ano, formulou convites, por via diplomática, aos Governos dos países das Américas, inclusive o Canadá, no sentido de enviarem representantes à Reunião, e, com o propósito de reunir técnicos especializados, foi adjunto ao convite o programa do certame — que está sendo cumprido com rigor — em o qual figura a agenda dos assuntos técnicos, já nessa hora bem discutidos e transformados em fecundas resoluções.

A convocação do Brasil foi bem compreendida, pois, dos 21 países convidados, somente três, por motivos superiores — o Haiti, a Nicarágua e São-



Aspecto tomado durante a visita que os técnicos pan-americanos realizaram ao Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O flagrante reproduz uma exposição das publicações elaboradas por aquela repartição

Salvador — deixaram de enviar representantes.

Aportaram, assim, ao Rio-de-Janeiro, vindos do mar, da terra e do ar, sessenta técnicos de subido valor para discutir assuntos científicos, com os seus vinte e seis colegas brasileiros, designados para isso por decreto presidencial.

A colegiada de geografia e cartografia foi portanto de oitenta e seis membros, porque nela se incluem os dois ilustres delegados do Instituto Pan-Americano de Geografia e História — seu diretor executivo, D PEDRO SÁNCHEZ, e o secretário de sua Comissão de Cartografia, Dr ANDRÉ SIMON-PIETRI.

As delegações, ao todo vinte, apresentaram-se pois com o número médio de 4,3 membros, média essa que baixa para 3,1 se se considerarem somente as delegações estrangeiras.

Entre os extremos de delegação de zero membros em número de três e de uma de 26 membros (a do Brasil), predominou como mais freqüente o caso da delegação de dois membros, com o qual compareceram sete delegações.

Entretanto, o que encanta no exame dos delegados à II Reunião Pan-Americana, mesmo sem a consideração

dos membros de honra, é a excelência deles 1 embaixador, 1 ministro de Estado, 4 ministros, 7 generais, 1 brigadeiro do ar, 1 contra-almirante, 7 coronéis, muitos engenheiros e professores, mas sobretudo numerosos técnicos altamente especializados nos variados setores da Geografia e da Cartografia.

De acordo com o programa preestabelecido — que, salvo pequenas adaptação de horários foi cumprido à risca — a II Reunião compreendeu uma fase de estudos, de 14 a 25 de agosto, e a partir de hoje até 2 de setembro se aplicará em excursões geográficas.

A fase de estudos gastou 12 dias, em os quais os delegados estiveram juntos durante 92 horas, sendo 23 horas em plenário, 24 em comissões técnicas, 22 horas em reuniões sociais e oficiais e 23 em visitas técnicas e na exposição. Duas particularidades sobre a distribuição do tempo de trabalho devem ser destacadas: 1ª) o elevado número de horas de trabalho, cuja média diária atingiu a 7,6 horas, computado o domingo, 20, de intercale; 2ª) a distribuição absolutamente uniforme das atividades coletivas.

Aos estatísticos e aos professores, aqueles ciosos dos números, esses da disciplina — e quantos deles possuímos aqui — estão de certo indagando, de

si para si, cheios de curiosidade — e qual teria sido a frequência dos delegados nas reuniões? Aquêles plenários, aquelas comissões, aquelas reuniões, aquelas visitas atrás mencionadas com que número funcionaram em média?

Deixemos que os próprios números falem. Em 14 reuniões, sendo apenas 4 plenárias e 10 de comissões, as listas de presença acusam um total de 613 assinaturas, o que dá a média de 44 presenças para cada reunião.

Mais uma questão desejo esclarecer, e esta, certamente, a mais importante de todas. E o que se fez?

Nas reuniões, os delegados discutiram numerosos problemas científicos, e da discussão surgiram 59 resoluções, sendo 7 de natureza protocolar e 52 de caráter técnico ou administrativo, das quais 28 resoluções relacionadas com os governos dos países e os seus serviços especializados, e as restantes 29 conetadas com o Instituto Pan-Americano de Geografia e História e os seus órgãos técnicos e consultivos.

No que toca à natureza dos assuntos a distribuição foi a seguinte: 10 resoluções se ocuparam de assuntos de “Geodésia e Astronomia de Campo”, 11 foram referentes a “Mapas topográficos”, 9 trataram de “Cartas aeronáuticas”, 9 cogitaram de “Cartas hidrográficas”, e as demais 13 de “Relações entre geografia e cartografia. Assuntos gerais”.

Conforme se verifica, pois, as 5 comissões técnicas trabalharam e trabalharam igualmente.

Habitando a agir e não a falar, dispenso-me de apreciar o mérito das questões aprovadas, o alcance das decisões tomadas, significado das resoluções consagradas.

Prefiro deixar a resposta ao vosso entusiasmo, senhores delegados, ao vosso labor fecundo e promissor, porque, em se tratando de reunião de consulta, as nossas decisões não foram, como não poderiam ser, teóricas, doutrinárias, filosóficas, senão objetivas, tendo em vista realizações práticas.

Portanto, desejo aplicar os poucos minutos de que disponho dizendo-vos, com orgulho, que o Brasil geográfico de hoje, no seu movimento renovador, está aparelhado e cada vez mais e melhor se aparelhando para cumprir as tarefas básicas que, por destino territorial e cultural, naturalmente lhe cabe.

Desejo declarar-vos apenas que a preocupação do Brasil nesta II Reunião de Consulta não foi somente dar-lhe sede, em uma cidade que é um capricho da natureza, proporcionar hospitalidade aos delegados, o que é tradição da terra, contribuir com a organização do certame, que absorveu esforços dedicados de muitos

Não, o Brasil geográfico anseia mais, olhando para a frente e para cima.

Por isso, tenho o orgulho de vos anunciar dois fatos importantes.

Um, que na manhã de hoje, dia 25 de agosto de 1944, o Exmo. Sr. Dr. GÉRULIO VARGAS, Presidente da República, assinou o Decreto-lei n.º 6 828, criando o “Serviço de Geografia e Cartografia”, como órgão executivo central do Conselho Nacional de Geografia, tendo por finalidade executar os trabalhos geográficos, cartográficos e fotogramétricos da alçada do mesmo Conselho.

Parece-me, senhores delegados, que essa foi a melhor homenagem que lhes preparou o Brasil — perpetuando no estatuto de um serviço da vossa especialização — de Geografia e Cartografia — a data do encerramento dos vossos trabalhos.

Outro fato, é a oferta que tenho a honra de formular ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História para que, quando se criar a Comissão de Geografia Aplicada, proposta pela II Reunião com a Resolução n.º 19, hoje de manhã aprovada, para que, dizia, deixe sob os auspícios do Conselho Nacional de Geografia do Brasil a instalação e o funcionamento da dita comissão.

Era o que tinha a dizer, neste relato sem sabor e sem colorido”.

Após a leitura desse relatório o ministro PEDRO LEÃO VELOSO, declarando interpretar o pensamento dos delegados presentes, congratulou-se com o Eng.º LEITE DE CASTRO, agradecendo ao mesmo o excelente trabalho que elaborou sobre os trabalhos do certame, convidando depois o general CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, que discursou, apresentando, em nome da Mesa diretora dos trabalhos da Reunião, as despedidas aos delegados estrangeiros.

Por fim falou o tenente-coronel PEDRO ROBERTO QUIROGA, chefe da delegação argentina, para, em nome dos seus companheiros das representações pan-americanas, agradecer as homenagens tributadas aos mesmos, tendo após encerrado os trabalhos da II Reunião Pan-Americana de Consulta o embaixador LEÃO VELOSO, ministro interino das Relações Exteriores.

COMUNICAÇÕES TÉCNICAS E CIENTÍFICAS E FILMAGEM REALIZADAS NO RECINTO DA EXPOSIÇÃO

Constando do programa a realização de palestras e comunicações técnicas e científicas, no recinto da Exposição de Cartografia Pan-Americana, essa parte cultural esteve a cargo do Prof. FRANCIS RUELLAN, da Faculdade Nacional de Filosofia, major BENJAMIM ARCOVERDE, técnico do Serviço Geográ-

fico do Exército e Eng^o GUSTAVO SENA E SILVA, técnico da Diretoria de Navegação do Ministério da Marinha.

A palestra do Prof. F. RUELLAN versou o tema "Um novo método de representação cartográfica". O conferencista ilustrou sua palestra com um grande diagrama em mural elaborado segundo o seu próprio método.

O major BENJAMIM ARCOVERDE, sendo inventor de um dos aparelhos de estereofotogrametria projetados e construídos no Serviço Geográfico do Exército, fez uma comunicação sobre o uso dos mesmos.

O técnico da Diretoria de Navegação, Eng^o GUSTAVO SENA E SILVA, falou sobre o método da sua invenção sobre a obtenção por aerofotogrametria, do relevo do fundo do mar, em pequenas profundidades, usando disposições e reativos químicos para fixar os raios ultra-vermelhos do espectro solar.

No recinto da Exposição foram igualmente, em dias diferentes, exibidos vários filmes técnicos.

VISITA AO CHEFE DO GOVERNO

Em audiência especial, no dia 16 de agosto, foram recebidos pelo presidente GETÚLIO VARGAS, os membros da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, que

compareceram perante o chefe do Governo para manifestar sua solidariedade e, ao mesmo tempo, comunicar haver Sua Excelência sido aclamado Presidente de Honra do certame.

A solenidade realizou-se à tarde daquele dia, no Salão Amarelo do palácio do Catete.

Ao dar entrada no salão, foi o chefe da nação recebido com aplausos, tendo o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES depois, comunicado o motivo da visita, apresentado o menino JOAQUIM AFONSO MAC-DOWELL LEITE DE CASTRO que fez a entrega do distintivo do certame ao presidente da República.

Falou em nome dos membros da Reunião o Eng^o ROBERT RANDALL que, de improviso, disse:

"Interpretando os sentimentos dos senhores Delegados à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia e na qualidade de presidente da delegação dos Estados Unidos, desejo expressar a V. Excia. os nossos agradecimentos pelo amparo dispensado a este conclave científico, amparo que garante o completo êxito dos nossos trabalhos.

Sei que V. Excia. e o presidente dos Estados Unidos são ilustres geógrafos e, como tais, compreendem muito bem o valor dos mapas e a sua influência na aproximação dos povos.



Quando os técnicos que tomaram parte na II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia visitaram o Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística foi servido aos visitantes um lunch durante o qual foi tomado o aspecto acima

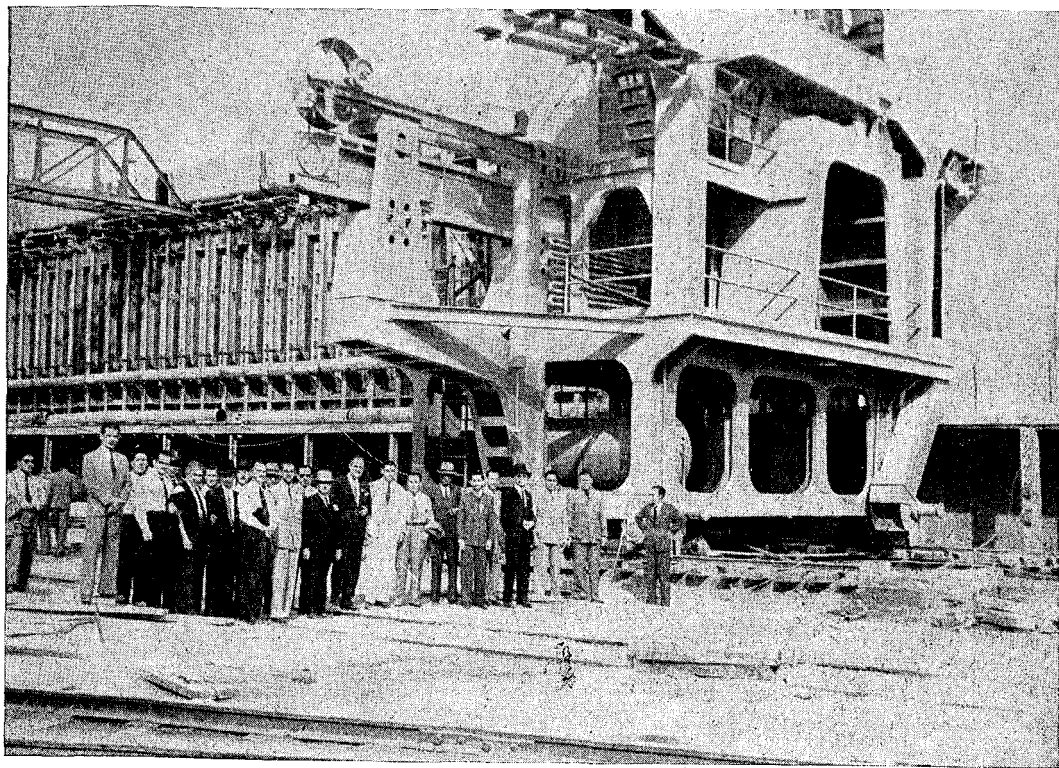
Senhor Presidente, encontramos-nos reunidos para estudar a maneira de organizarmos melhores mapas para as Américas. Quero também congratular-me com V. Excia. pela notável organização que é o C. N. G. e pelos serviços que tem prestado à Geografia pan-americana.

Mais uma vez, agradeço o privilégio de visitar o Brasil e saudar V. Excia., primeiro magistrado do país."

Agradecendo a homenagem de que era alvo, por parte dos técnicos pan-americanos, o Chefe do Governo, tam-

Tudo isso representará dados com que os estudos dos senhores irão contribuir para um melhor conhecimento dos países americanos e para que todos eles, reunidos, possam, de acordo com as características especiais de cada um, estabelecer a harmonia continental, tão necessárias às aspirações de todos.

O continente americano é, realmente, diferenciado dos outros, e diferenciado porque existe uma harmonia geral, que é o conjunto das aspirações, das idéias e dos interesses comuns. E'



Membros da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia em visita às instalações da Usina Siderúrgica Nacional em Volta-Redonda

bém de improviso, pronunciou o seguinte discurso:

"Recebo com a maior satisfação esta visita, e tanto maior é ela quando vejo aqui, reunidas, personalidades tão eminentes de quase todos os países da América Reunidas, para um objetivo comum que, embora de natureza realista, tem, pela sua finalidade, um fim altamente transcendente. Porque, se o trabalho de todos aqueles que se acham reunidos, para as investigações e estudos de natureza geográfica e de levantamento cartográfico da América possui esse objetivo realista, do resultado de tais trabalhos se poderá fazer deduções de alta natureza e estudos sobre os aspectos econômico, político e social da América

exatamente esse conjunto de aspirações que fazem respeitadas as instituições americanas, a sua organização, os princípios de ordem, de paz, de liberdade de todos os países do Hemisfério Ocidental

Pela realização desse objetivo, neste objetivo, neste instante, estamos combatendo, ou pelas armas ou pela solidariedade moral que emprestamos aos países que lutam contra a violência

Agradeço a visita que os senhores me fazem, declarando que o Brasil sente-se desvanecido com a honra de ter, como sede da II Reunião de Consulta, a sua capital.

Ao mesmo tempo, apresento meus cumprimentos e faço votos para o completo êxito dos vossos trabalhos."

Após o seu discurso, o Sr presidente GETÚLIO VARGAS, sendo apresentado a cada um dos participantes do certame palestrou com os mesmos acerca dos assuntos programados pela Reunião

VISITA AO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Realizou-se, à tarde do dia 14 de agosto a visita dos membros da Reunião ao Ministério das Relações Exteriores, onde foram inicialmente recebidos pelo ministro JOSÉ ROBERTO DE MACEDO SOARES, chefe do cerimonial, que conduziu os visitantes ao salão Vermelho do palácio Itamarati Logo após deu entrada no referido salão o embaixador LEÃO VELOSO, secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores que, no impedimento eventual do ministro OSVALDO ARANHA, titular daquela pasta, deu as boas vindas aos técnicos pan-americanos.

O embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente da Comissão Organizadora do certame, depois de trocar com o embaixador LEÃO VELOSO as primeiras impressões, apresentando ao mesmo cada um dos técnicos do continente, deu a palavra ao general EDUARDO ZUBIA, chefe da delegação do Uruguai, para como orador previamente designado, saudar o ministro OSVALDO ARANHA, tendo agradecido, em nome dêste, o embaixador PEDRO LEÃO VELOSO

VISITA OFICIAL AO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

Como parte integrante do programa da II Reunião Pan-Americana de Consulta, teve lugar à tarde do dia 19 de agosto a visita oficial dos membros do certame, ao Conselho Nacional de Geografia

Recebidos pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em companhia do Eng.^o LEITE DE CASTRO, secretário-geral do C. N. G., foram os técnicos pan-americanos saudados por êsse último, que proferiu a seguinte oração

“O Conselho Nacional de Geografia agradece, cheio de emoção, a visita dos senhores delegados à II Reunião Pan-Americana. Antes de começarmos a visita, quero fazer com os amigos o que faço com os meus filhos — contar uma história. Era uma vez

O atual governo brasileiro resolveu desenvolver, no país, as atividades geográficas. Então, fizeram-se estudos nesse sentido. Os estudos revelaram que havia, no Brasil, muitos órgãos que trabalhavam em geografia, uns pertencentes à administração federal, outros à administração estadual e ainda outros

à administração municipal. Nessa oportunidade, o Governo teve que examinar a solução a dar a êsses problemas, com a finalidade de desenvolver as atividades geográficas. Dois caminhos se apresentavam: agrupar tôdas as instalações que trabalhavam nesse serviço ou colocá-los sob a égide de um grande serviço nacional. O Governo, após metucioso estudo, entendeu que a primeira solução não era a mais adequada. Por isso, deliberou adotar uma outra, qual a de manter os vários serviços geográficos existentes, criando, porém, um sistema de supervisão, a fim de que as atividades geográficas dessempradas pelos diferentes serviços obedecessem a um ritmo nacional

Assim, foi criado o Conselho Nacional de Geografia, no Brasil, com a missão de coordenar as atividades geográficas, no país. Em linhas gerais, a missão do Conselho é articular todos êsses serviços, promover o aperfeiçoamento e desenvolvimento de cada um, providenciar a criação de novos serviços que se tornem necessários aos planos pré-estabelecidos de trabalho, estabelecer, cada ano, campanhas nacionais de geografia e, finalmente movimentar, de modo geral, todos os serviços para que se executem essas campanhas

Eis, senhores delegados, a história do Conselho Nacional de Geografia, feita em poucas palavras. Nessa história, como nas demais, quero referir-me ao princípio, meio e fim. O princípio — o princípio do Conselho é fazer com que os outros façam Geografia. O meio — o meio consiste num sistema de trabalho em que se dá no Conselho, uma centralização normativa e uma descentralização executiva. O fim. Evidentemente, para que se tenha no Brasil uma Geografia melhor e maior. Diante desta explicação, todos compreenderão agora a imagem que fazer: a Geografia, no Brasil, é um grande organismo. Êsse organismo tem um coração. Êsse coração é o Conselho Nacional de Geografia. Como vêem os senhores delegados, o organismo é grande, mas o coração é pequeno. O Conselho Nacional de Geografia é pequeno — ocupa apenas dois pavimentos de um edifício; os serviços são relativamente modestos. Portanto, os senhores delegados não irão visitar uma instalação grandiosa, não encontrarão também salas monumentais, não testemunharão movimentos fantásticos. E' o destino do coração — pequeno, mas vital.

Hoje, vereis o coração da Geografia brasileira, também, estou certo, sentireis pulsar, cheio de entusiasmo e de solidariedade fraterna, o coração brasileiro! Era o que eu queria dizer”.

Terminado o discurso do Eng.^o LEITE DE CASTRO, foram franqueadas aos visitantes as dependências do

C. N. G., sendo distribuídas aos técnicos pan-americanos as últimas publicações editadas

Na última sessão plenária da II Reunião Pan-Americana de Consulta, vários delegados estrangeiros externaram opiniões e conceitos acerca dessa visita, como poderá ser visto na notícia da mesma sessão, que publicamos na parte apropriada desta *Revista*

Depois da visita ao C N G, outras foram levadas a efeito a repartições técnicas, conforme o programa do certame

RECEPÇÃO NO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

No dia 14, acompanhados pelo coronel-aviador, LÍSIAS RODRIGUES, estiveram em visita ao Ministério de Aeronáutica os oficiais-aviadores membros das delegações estrangeiras. O ministro SALGADO FILHO, titular da pasta da Aviação, recebeu-os cordialmente, mantendo com os mesmos demorada palestra sobre os assuntos da aeronáutica

RECEPÇÃO NO MINISTÉRIO DA GUERRA

O Sr ministro EURICO DUTRA recebeu, no dia 26 de agosto, pela manhã, em seu gabinete, no Palácio da Guerra, a visita de cortesia dos militares que fizeram parte da II Reunião Pan-Ame-

ricana de Consulta sobre Geografia e Cartografia

Os congressistas foram apresentados àquele secretário de Estado pelo Sr. general COELHO NETO, diretor do Serviço Geográfico do Exército e um dos delegados do Brasil, sendo estabelecida entre todos uma cordial palestra, durante a qual os visitantes tiveram oportunidade de relatar os resultados da II Conferência.

EXPOSIÇÃO E OFERTA DE LIVROS SOBRE O BRASIL

Realizou-se, no dia 23 de agosto, na sala Varnhagen, do Instituto Histórico e Geográfico, a inauguração da exposição de livros sobre o Brasil. Esse certame cultural reuniu cerca de 700 publicações técnicas e econômicas sobre o Brasil, editadas ultimamente pelas instituições públicas e particulares

A solenidade, a que os próprios delegados gentilmente denominaram de "cocktail cultural", apesar de extra-programa, foi um acontecimento de marcante significação, por ter ali reunido, em momentos de fraterna convivência, todos os representantes pan-americanos, vultos notáveis da geografia e cartografia do continente

Inaugurando a pequena exposição bibliográfica, o embaixador MACEDO SOARES declarou que o Conselho Nacional de Geografia havia reunido cerca de



Chegada a São-Paulo de alguns membros da II Reunião

23 000 volumes, correspondentes a umas 650 obras, a fim de ofertar uma coleção completa a cada um dos países consultantes, e exemplares esparsos aos Srs. delegados, facultando-lhes a escolha naquele mostruário. Referindo-se ao incêndio que destruiu a Biblioteca Nacional de Lima, no Peru, salientou a necessidade da cooperação espontânea de todos os países pan-americanos no sentido de ofertarem tôdas as obras de que dispusessem em duplicata a fim de ajudar a recomposição daquela preciosa biblioteca. E, ao ensêjo, solicitava dos presentes o máximo esforço para que as instituições culturais de seus países fizessem doação das duplicatas disponíveis

Falou em seguida o general FEDERICO RECAVARREN, adido à Embaixada peruana nesta capital, que, em nome da delegação de seus pais e da representação diplomática dêste, agradeceu o nobre gesto do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, porque, com aquêlê incêndio, o Peru havia perdido muitos dos seus mais valiosos tesouros bibliográficos. Iria comunicar oficialmente ao seu governo o que ali se acabava de passar

O Eng^o ENRIQUE CÓNGORA, também do Perú, sugeriu um voto de louvor ao Comitê de Publicidade da II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia, organizador daquela pequena exposição bibliográfica.

EXPOSIÇÃO DE OBRAS E DOCUMENTOS DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E CARTOGRAFIA, NO ARQUIVO NACIONAL

Promovida pelo professor EUGÊNIO VILHENA DE MORAIS, representante do Ministério da Justiça à Reunião, efetuou-se, no dia 26 de agosto, a instalação da Exposição de Obras e Documentos de Geografia, História e Cartografia, na qual figuraram documentos originais em reprodução fotográfica, livros raros de roteiros, viagens e explorações, documentação relativa aos pleitos internacionais de fronteiras advogados pelo Barão do Rio Branco e JOAQUIM NABUCO, Carta Geral do Império e das operações no Rio-Grande do Sul, mandada executar pelo Duque de CAXIAS, e outras mais, bem como outros interessantes documentos sôbre a cartografia brasileira. Discursou na solenidade o Prof VILHENA DE MORAIS, tendo cortado a fita simbólica, dando como inaugurada a Exposição o ministro MARCONDES FILHO

BANQUETE OFERECIDO PELO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Oferecido aos membros da II Reunião pelo ministro LEÃO VELOSO, titular interino da pasta das Relações Exterio-

res, realizou-se, no Itamarati, a 23 de agosto, um grande banquete

Saudando os técnicos pan-americanos, falou o ministro LEÃO VELOSO, proferindo o seguinte discurso:

"Quero dizer-vos da satisfação e do prazer que o Itamarati experimenta ao ver-vos aqui, reunidos em torno desta Mesa, onde, por hábito, festeja as pessoas ilustres que visitam o Brasil

Quero, também, apresentar, em nome do Itamarati, os agradecimentos mais sinceros ao excelentíssimo senhor embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, pela dedicação com que organizou e dirigiu os trabalhos da II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia.

Outro dia, por ocasião da primeira visita dos senhores delegados, tive ensejo de assinalar os laços que existiam entre esta Casa e Sua Excelência, onde desenvolveu brilhante gestão Daí, durante a Reunião de Consulta, acompanharmos, com a maior alegria, a atuação de Sua Excelência, inspirada sempre no amor de servir ao país

Quero, ainda, neste brinde, fazer menção especial ao nosso ilustre convidado doutor PEDRO SÁNCHEZ, presidente do Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

Independentemente de sua projeção nos labores da presente Reunião, a Sua Excelência vai caber a árdua tarefa de coordenar as Resoluções do importante conclave geográfico. Estou certo de que os senhores delegados se regozijam, pois tal missão não poderia ser melhor entregue, isto é, à pessoa mais ilustre e capaz

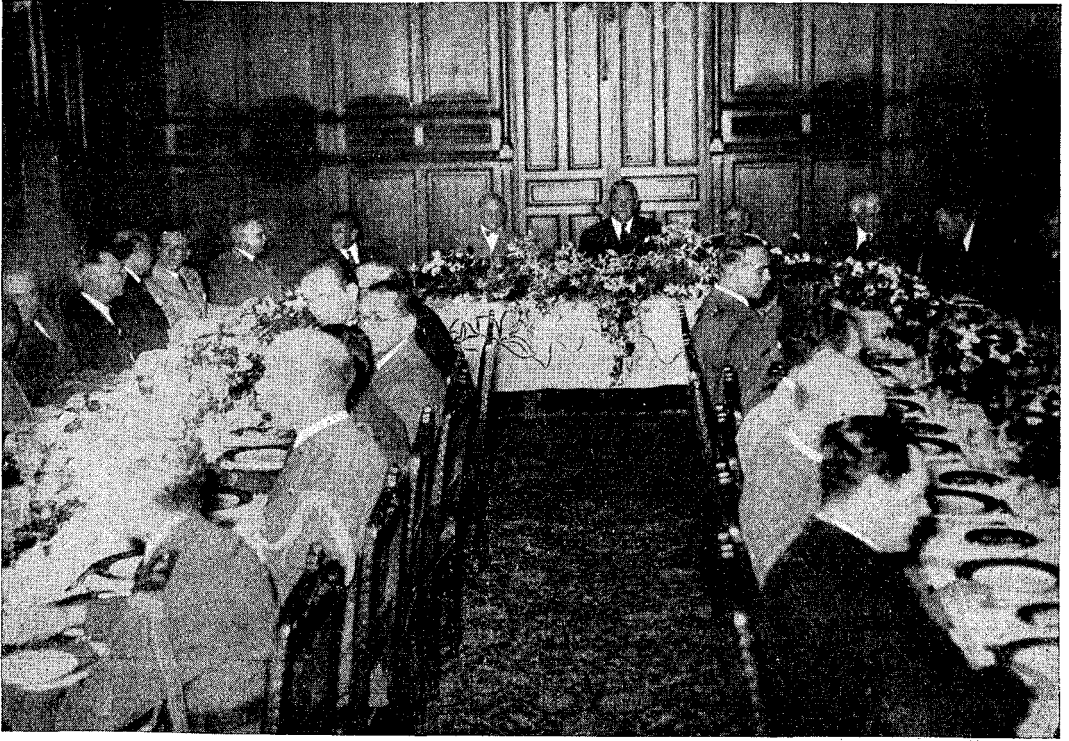
Neste meu brinde, também não poderia deixar, em hipótese alguma, de render homenagem muito especial ao nosso general CÂNDIDO RONDON, figura tradicional, tipo por excelência — não sei se me expressei bem — de geógrafo-desbravador, a quem o Brasil tanto deve, pelo conhecimento prático do território e sua gente

Como disse, o Itamarati acompanhou, com o máximo interesse, os trabalhos da II Reunião de Consulta, que acaba de se realizar no Rio-de-Janeiro

Por isso, posso afirmar que o Itamarati está convencido da importante contribuição que tais trabalhos representarão para a concretização dos ideais pan-americanistas

Felizmente, o mundo aproxima-se do termo desta guerra, que, durante cinco anos, conturbou a vida universal. Assim, a Humanidade, dentro em pouco, vai entrar — são nossos votos e esperanças — numa era de Paz, que todos têm razão para supor seja longa

Nesta era de Paz, espero, ficarão assinalados, como inestimável benefício prestado à América e quem sabe se ao próprio Mundo, à ciência, os conhecimentos, de modo geral, enfim, os tra-



Aspecto tomado durante a realização do banquete oficial oferecido aos membros da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, no Palácio dos Campos Elíseos, pelo Chefe do Governo do Estado de São-Paulo. Ao centro o Sr. FERNANDO COSTA, Interventor Federal naquele Estado, ladeado pelos Srs. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES e Eng. D. PEDRO SÁNCHEZ

balhos realizados pela atual II Reunião de Consulta, trabalhos que, acredito, serão continuados nas futuras conferências, devendo a próxima realizar-se, segundo informes obtidos, na cidade de Buenos-Aires

Senhores delegados,

Na esperança de que a curta estada entre nós lhes tenha sido agradável, ergo a minha taça, em nome do Itamarati, para saudar a II Reunião Pan-Americana de Consulta e desejar dias venturosos a todos os senhores congressistas "

Agradeceu em nome dos membros da II Reunião, o Prof. ANGEL RUBIO Levantou o brinde de honra ao Sr. GETÚLIO VARGAS, chefe do governo, o general ABELARDO PRIETO

BANQUETE DE ENCERRAMENTO OFERECIDO PELO EMBAIXADOR JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

No dia 9, à noite, realizou-se um banquete oferecido pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES aos delegados estrangeiros à II Reunião Pan-Americana

O banquete que se realizou no salão principal do Automóvel Clube, de-

correu num ambiente de muita cordialidade, nêle tomando parte, além dos representantes das nações americanas e as senhoras que vieram integrando várias delegações, avultado número de técnicos

Presidiu o jantar o embaixador MACEDO SOARES que à sobremesa ressaltou que tão agradável quão fraternal e espiritual reunião constituía uma afirmação marcante de pan-americanismo.

EXCURSÃO A PETRÓPOLIS

Os membros da II Reunião de Consulta Pan-Americana sobre Geografia e Cartografia estiveram em 25 de agosto, à tarde em Petrópolis, partindo desta capital, à tarde do dia 24 em automóveis, encabeçada a Comitiva pelo Sr. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES. Pernoitaram no Hotel da Quitandinha, onde foram homenageados com um programa especial, de *show*, após o banquete que ali lhes foi oferecido

Pela manhã, estiveram na Catedral de Petrópolis, onde ouviram a missa dominical, visitando, em seguida, os mausoléus dos últimos imperador e imperatriz do Brasil

Percorreram, após, a cidade, em longo passeio, admirando todos os seus pitorescos recantos

Finalmente dirigiram-se à fazenda Bonfim, do Sr. FRANKLIN SAMPAIO, visitando demoradamente essa bela propriedade particular, onde lhes foi oferecido um almôço tipicamente brasileiro

Saudou os visitantes, interpretando a satisfação da cidade em recebê-los o prefeito de Petrópolis, Dr. MÁRCIO DE MELO FRANCO ALVES, enaltecendo a bela obra de coesão continental que representa a II Reunião de Consulta sobre assuntos técnicos, a qual iria prosseguir, em anos sucessivos, em outros países, consolidando o espírito de fraternidade de todos os povos das três Américas. E sentia-se feliz em pensar que todos os presentes levariam para sempre a recordação de Petrópolis

Respondeu a essa saudação, em nome dos delegados estrangeiros, a professora D. BLANCA MIERES DE BOTTO.

Após a visita à fazenda e suas dependências, instalações e seus arredores, dirigiram-se, acompanhadas do prefeito, as delegações ao Museu Imperial de Petrópolis, onde, recebidas pelo seu diretor e demais funcionários percorreram todas as seções do estabelecimento, manifestando a excelente impressão que ali colheram

VISITA AS INSTALAÇÕES DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL

Os delegados à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia visitaram, no dia 28 de agosto, em Volta-Redonda, as instalações da Companhia Siderúrgica Nacional. Depois da impressão turística de Petrópolis, foi dado aos representantes americanos conhecer uma expressão econômica das mais importantes do Brasil

Em carros especiais da Central do Brasil, partiu a caravana às 6 horas e 50, encabeçada pelo Sr. embaixador MACEDO SOARES, presidente efetivo da II Reunião de Consulta e pelo Sr. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, seu secretário-geral

A chegada a Volta-Redonda verificou-se às 10,40. Na estação local, aguardavam os visitantes o coronel EDMUNDO DE MACEDO SOARES, diretor técnico da C. S. N., engenheiros da grande organização e suas famílias as quais, desde logo, passaram a fazer as honras da cidade às senhoras que tomaram parte na comitiva

Feitas as primeiras apresentações, dirigiram-se os visitantes à sala de conferências onde o Cel. MACEDO SOARES fez em português, vertendo, ele próprio, trecho por trecho, para o in-

glês, uma exposição relativa à grande usina, esclarecendo que desde 1938 o plano se achava amadurecido nas intenções do governo federal. História, a seguir, os motivos da localização da grande siderurgia brasileira no vale do Paraíba, centro de gravidade das duas maiores massas de população do Brasil

Expôs as razões por que será empregado ali o carvão mineral nacional como agente térmico e será produzido ferro gusa em grande escala, levando-se o progresso e a riqueza a vários pontos do país

Uma parte que causou funda impressão nos circunstantes foi a relativa à flexibilidade da usina, o diretor técnico da C. S. N. fez sentir com segurança que essa flexibilidade, fruto de um plano seriamente estudado e cuidadosamente desenvolvido, está fora e acima de quaisquer conjecturas sobre o futuro da siderurgia no Brasil, terminando por afirmar que em Volta-Redonda se travará para os brasileiros a "luta pelo legítimo direito de progredir".

Foram, a seguir, visitados detidamente todos os diversos departamentos com suas plantas, laboratórios, oficinas, biblioteca, seções de expediente, orçamento, publicidade, etc.

Em todos eles, o Cel. MACEDO SOARES proporcionava largas explicações aos visitantes. Todos os dados técnicos foram esmiuçados, explicando-se o que será possível fazer em Volta-Redonda, fazendo com que o Brasil utilize material 100% nacional, compreendendo estruturas de aço para construção civil, material para as indústrias naval, pesada, bélica, química e automobilística

No Hotel Bela-Vista, situado a cavaleiro do vale onde se acha instalada a usina, foi servido o almôço, em salão ornamentado, ostentando as pequenas mesas bandeirinhas dos países americanos

As 20 horas, no salão nobre do Hotel, realizou-se o jantar solene oferecido pela Companhia Siderúrgica Nacional aos delegados visitantes

O recinto achava-se artisticamente ornamentado com flores naturais e bandeiras dos países americanos

A mesa, em forma de U, tomaram lugar o Cel. MACEDO SOARES, embaixador MACEDO SOARES, e os chefes das delegações à cabeceira, seguindo-se os demais, senhoras e senhorinhas

Ao "champagne" o diretor técnico saudou os delegados estrangeiros

Em nome desses falou o capitão EMILIO BARRON, da delegação Peruana, que iniciou sua oração com as seguintes palavras

"Nada podia satisfazer mais ao espírito dos delegados, que vir a este lugar, no próprio coração do Brasil e

pôr-se em contacto com a alma brasileira, representada por êsses trabalhadores, vir a esta colméia, com os operários, os técnicos e os dirigentes em harmoniosa conjugação de ideais americanos Orgulhamo-nos desta grande e transcendental obra que êste país irmão está realizando

Seja-me permitido neste soene momento e no mesmo lugar em que se executaram os trabalhos, prestar a homenagem justiceira de nossa admira-

EM SÃO-PAULO

Conforme era previsto no programa da II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia, a parte final dos trabalhos do certame desenvolveu-se no Estado de São-Paulo Com essa finalidade todos delegados seguiram para a capital paulista, por via férrea, onde chegaram a 29 de agosto, sendo considerados hóspedes oficiais do govêrno paulista



Aspecto tomado durante a realização da sessão solene de encerramento dos trabalhos da II Reunião Pan-Americana de Consulta sôbre Geografia e Cartografia, vendo-se, além da Mesa que presidiu a solenidade, o Tte Cel PEDRO ROBERTO QUIROGA, chefe da Delegação da Argentina, discursando em nome dos representantes estrangeiros ao certame, apresentando as despedidas dos mesmos

ção, a seu criador e propulsor, o Exmo Sr. Presidente GETÚLIO VARGAS, grande figura da América, que com tenaz e patriótico empenho tem sido o incansável organizador desta realidade e que breve terá a satisfação de ver coroados seus esforços"

Ambos os oradores foram longamente aplaudidos

Antes de terminar o banquete com que a direção da Companhia Siderúrgica Nacional homenageou os delegados à II Reunião, em Volta-Redonda, o coronel FLORENCIO SANTISO, delegado àquele certame científico, ergueu, sob vivos aplausos, o brinde de honra ao Sr. Presidente GETÚLIO VARGAS

Chefiou a comitiva o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente da Reunião No dia imediato pela manhã, os técnicos pan-americanos tomaram contacto com a cidade, realizando longo passeio durante o qual tiveram oportunidade de visitar a escola Técnica de Aviação, o "Campo de Marte" onde está instalado o Parque Aeronáutico, o Instituto Butantã, o Estádio do Pacaembu e as obras da nova catedral

Almôço oferecido pelo govêrno paulista — No palácio dos Campos Elíseos à tarde do dia 30 de agosto, o interventor FERNANDO COSTA ofereceu aos chefes das delegações ao certame, um almôço, tendo tomado parte

no mesmo, além dos delegados convidados, todo o secretariado e ainda altas autoridades federais

Oferecendo o banquete falou o Sr FERNANDO COSTA, tendo agradecido, por parte dos homenageados o capitão GONZÁLEZ MERZARIO, chefe da delegação do Paraguai. O brinde de honra ao Presidente da República, foi levantado pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

Visita a instituições técnicas — A tarde desse mesmo dia foi consagrada à visita às seguintes instituições técnicas: Instituto Geográfico e Geológico, Companhia Litográfica Ipiranga e Instituto de Pesquisas Tecnológicas

Reunião da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História — Na noite de 30 de agosto, sob a presidência do Eng^o ROBERT RANDALL reuniram-se, no Hotel Excelsior, os membros da Comissão de Cartografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História. Nessa reunião foi discutido o aumento da quota, correspondente a cada país, visando o desenvolvimento dos trabalhos técnicos

Excursão ao interior do Estado — No dia 31 de agosto os técnicos integrantes do certame realizaram, em trem especial, uma excursão ao interior do Estado de São-Paulo, demonstrando-se inicialmente na cidade de Campinas, onde foram recebidos pelo prefeito local e demais autoridades. Depois de longo percurso pela cidade os excursionistas visitaram o Instituto Agrônomo, seguindo depois para o Serviço de Sericicultura. Outra visita realizada em Campinas foi à fazenda Taquaral, de propriedade particular.

Visita a Rio-Claro — Partindo de Campinas, os delegados prosseguiram viagem a Rio-Claro. Nessa cidade foi visitado primeiramente o Hórto Florestal da Companhia Paulista, sendo percorrido todo o parque de eucaliptus, bem como o museu, que contém farto material sobre todas as espécies daquela planta, bem como as essências extraídas da mesma e espécimes da variada fauna e flora da região. Voltando à estação da Companhia Paulista dirigiram-se os excursionistas às oficinas da referida Companhia, que foram percorridas com natural interesse, por ser modelar

Saudando os dirigentes da Companhia Paulista falou o major MARCO BUSTAMANTE, tendo, em nome da Diretoria, de que é um dos membros principais, agradecido o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES.

Havendo regressado à noite daquele mesmo dia, os membros da Reunião se dirigiram à residência do embaixador MACEDO SOARES, onde tomaram parte na manifestação que as delega-

ções da Bolívia e do Paraguai tributaram ao mesmo, por haver, como embaixador extraordinário do Brasil, feito a pacificação da chamada guerra do Chaco, na qual se empenhavam aqueles países. Compareceram a essa solenidade todos os delegados que tomaram parte no certame. Discursaram, agradecendo a mediação do preclaro brasileiro, os chefes das delegações da Bolívia e do Paraguai, respectivamente, Srs general ABELARDO PRIETO e capitão GONZÁLEZ MERZARIO. Em nome das outras delegações pan-americanas discursou o Prof CARLOS MORALES MACEDO, chefe da representação do Peru. Por fim, encerrando a cerimônia, falou o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

Excursão a Santos — Partindo à tarde do dia 1 de setembro da capital paulista, os técnicos empreenderam uma excursão à cidade portuária paulista de Santos. Detendo-se primeiramente no Monumento do Ipiranga continuaram após, viagem à serra do Cubatão, onde visitaram as instalações hidroelétricas da Light & Power. Chegados à tarde na cidade de Santos, foram os técnicos recebidos na Prefeitura Municipal, onde os saudou o Dr. GOMIDE RIBEIRO DOS SANTOS, prefeito local, tendo agradecido em nome dos seus companheiros o eng.^o EDUARDO ALVAREZ GUTIÉRREZ, da Colômbia

Sessão de encerramento — O encerramento do certame efetuou-se, como estava previsto, na noite de 1 de setembro

Terminado o jantar de confraternização os participantes do certame reuniram-se no salão principal do Hotel Excelsior, sob a presidência do Eng^o D PEDRO SÁNCHEZ

Falou inicialmente o Eng^o ROBERT RANDALL, que em rápidas palavras, congratulou-se com o governo brasileiro pelo êxito do congresso, tendo palavras de louvor à hospitalidade brasileira e enaltecendo a figura do embaixador MACEDO SOARES, que presidiu e deu apoio irrestrito ao Congresso, o general EUGENIO GARCÍA MALDONADO, chefe da Delegação do México, propôs um voto de louvor ao Eng.^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário-geral da II Reunião Pan-Americana e do Conselho Nacional de Geografia, pelo modo brilhante com que o Conselho se desincumbiu da realização do certame

Em nome da Secretaria Geral usou da palavra o Eng^o LEITE DE CASTRO.

A seguir, foi feita aos presentes a entrega das resoluções aprovadas no conclave

O Prof. ROBERT RANDALL pediu, por fim, sugestões à assembléia, a fim de que ela declinasse os nomes que de-

veriam compor os futuros comitês do Instituto Pan-Americano de Geografia e História. Ficou resolvido, depois de vários debates, que cada delegação,

em época oportuna, enviará ao comitê organizador da III Reunião, os nomes dos representantes de seus respectivos países.

CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

O Sr. Presidente da República, pelo Decreto-lei 2 828, baixado a 25 de agosto deste ano e inserto no *Diário Oficial* no dia imediato, em atenção às deliberações tomadas pela Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, constantes da Resolução n.º 127, de 9 de julho de 1942 e tomando em consideração os elevados propósitos da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, reunida naquele mês, nesta capital, criou o Serviço de Geografia e Cartografia, cujo regulamento está em elaboração.

Sendo função principal do novo órgão, a de servir como repartição central executiva do Conselho Nacional de Geografia, colégio especializado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em substituição ao Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, antes de transcrever o decreto referido, em sua íntegra, passamos a historiar o desenvolvimento da repartição executiva de Geografia, paralelamente ao do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pode-se dizer que o órgão recém-criado encontra suas origens na Secção de Estatística Territorial da extinta Diretoria de Estatística da Produção (DEP) do Ministério da Agricultura, ao ser atribuído àquela secção tarefas geográficas e cartográficas, conforme definiu o Regulamento do mesmo Ministério, baixando naquela época, no que diz respeito aos serviços a cargo da Secção referida.

Com o desenvolvimento rápido dos trabalhos programados e a posterior criação do Conselho Nacional de Geografia, primitivamente denominado Conselho Brasileiro de Geografia, por Decreto n.º 1 527, de 1937, conheceu o governo a necessidade de transformar aquela secção em uma repartição autônoma, subordinada ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dando-lhe então, o nome de Serviço de Coordenação Geográfica, atribuindo-lhe a função de órgão técnico dos trabalhos geográficos do Recenseamento Geral da República, segundo estabeleceu o Decreto-lei n.º 782, de 13 de outubro de 1938.

O Decreto-lei n.º 1 360, de 20 de junho de 1939 que estabeleceu disposições padronizadoras para o conjunto das Repartições Centrais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de-

terminado no seu artigo 2º que o Serviço de Coordenação Geográfica passasse à denominação de Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, com as atribuições não somente de repartição executiva central do C. N. G. como também a de seu órgão de estatística geral incumbida dos serviços fisiográficos ou territoriais até à conclusão dos trabalhos do Recenseamento Geral de 1940.

O decreto-lei, pelo qual foi criado o Serviço de Geografia e Cartografia em substituição ao Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica está assim redigido.

DECRETO-LEI N.º 6 828, DE 25 DE AGOSTO DE 1944

Cria o Serviço de Geografia e Cartografia no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e dá outras providências

O Presidente da República, usando atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, e

Considerando as deliberações da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, aprovadas com a Resolução n.º 127, de 9 de julho de 1942,

Considerando os elevados propósitos da "II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia", ora reunida nesta capital, e tomando em grande apêço suas recomendações, decreta:

Art. 1º — Fica criado o Serviço de Geografia e Cartografia (S. G. C.), no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e destinado a funcionar como órgão executivo central do Conselho Nacional de Geografia.

Art. 2º — O Serviço de Geografia e Cartografia terá como finalidade a execução de trabalhos geográficos, cartográficos e fotogramétricos que lhe forem determinados pelo Conselho Nacional de Geografia.

Art. 3º — O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em colaboração com o Departamento Administrativo do Serviço Público, estudará o regimento do Serviço de Geografia e Cartografia, a ser baixado por decreto executivo.

Art 4º — Sempre que tiverem de ser executados trabalhos fotogramétricos em zona interdita à navegação aérea, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se entenderá previamente com as autoridades militares competentes

Art 5º — Revogam-se as disposições em contrário

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1944, 123º da Independência e 56.º da República

GETÚLIO VARGAS

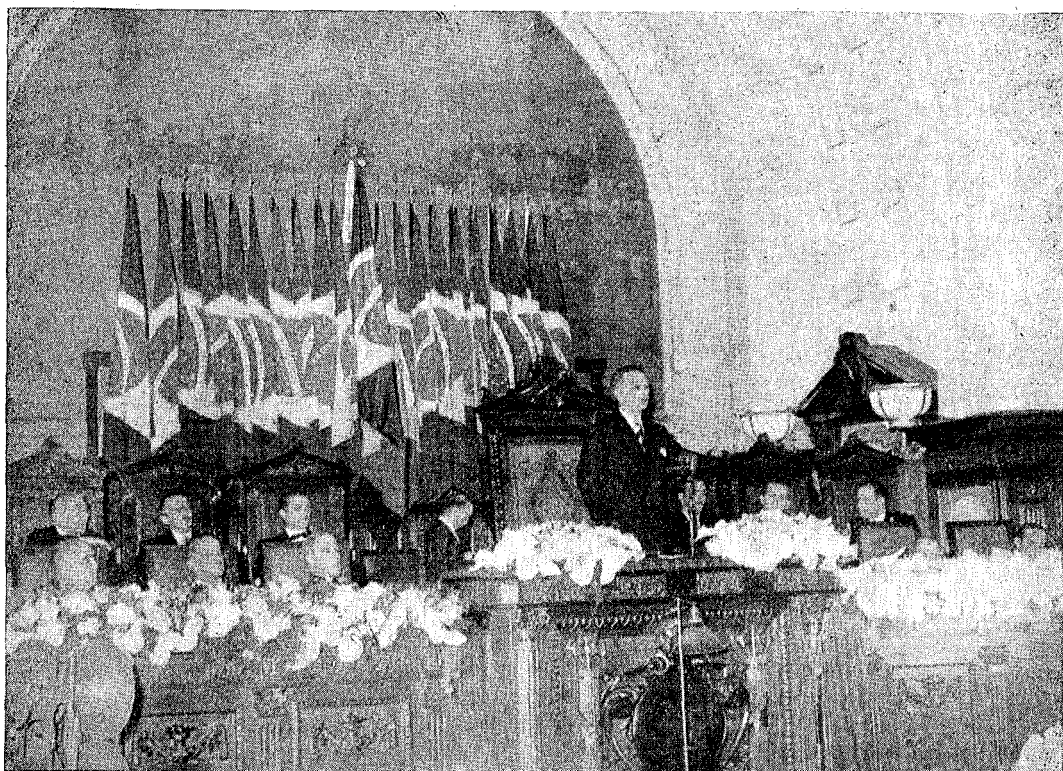
Alexandre Marcondes Filho

X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

Solenemente instalado no dia 7 de setembro corrente, realizou-se, nesta capital, a partir daquela data até o dia 16 do mesmo mês, o X Congresso Brasileiro de Geografia, promovido pela Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, contando com o patrocínio do Ministério da Educação, da Prefeitura do Distrito-Federal e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Sessão preparatória — Em sessão plenária, a fim de deliberar quanto às diretrizes dos trabalhos programados, reuniram-se, à tarde de 16 daquele mês, na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob a presidência do Prof FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA, as Comissões Organizadoras Central e Local do certame

Declarando aberta a sessão, o seu presidente Prof RAJA GABAGLIA agradeceu, em nome daquelas comissões, a quantos colaboraram na organização do Congresso acentuando a fraternal acolhida dispensada pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, oferecendo a sede dessa instituição cultural para servir de sede aos trabalhos do certame Explicando os motivos porque deixava o certame de ser levado a efeito em Belém do Pará, como estava primitivamente previsto, o Prof. RAJA GABAGLIA enumerou as dificuldades que impediram a sua realização ali, declarando, entretanto, que o Pará seria magnificamente representado por uma brilhante delegação chefiada pelo pró-



A foto acima mostra a Mesa que dirigiu os trabalhos da sessão solene de instalação dos trabalhos do X Congresso Brasileiro de Geografia, realizada no Palácio Tiradentes, vendo-se o Sr ministro ALEXANDRE MARCONDES FILHO quando fazia o discurso inaugural em nome do Presidente GETÚLIO VARGAS

prio interventor federal naquele Estado, Cel MAGALHÃES BARATA. Na impossibilidade de enumerar todas as pessoas e instituições que colaboraram e concorreram para que o certame se realizasse, o presidente da sua Comissão Organizadora Central referiu-se apenas a três nomes, que, ao seu ver, foram os melhores coadjuvadores dos trabalhos da Comissão: o Presidente GETÚLIO VARGAS, o ministro GUSTAVO CAPANEMA e o prefeito HENRIQUE DODSWORTH.

Os organizadores do Congresso, disse por fim, que procuraram atender às verdadeiras finalidades da ciência geográfica, organizando um programa onde estão presentes todos os problemas geográficos brasileiros.

Chegado ao fim do seu discurso, foi anunciado que se iria proceder à eleição do presidente da Mesa diretora dos trabalhos do X Congresso Brasileiro de Geografia, indicando para esse cargo o Sr embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, pois esse preclaro brasileiro reunia tais títulos de benemerência conquistados em benefício da geografia pátria que o seu nome contaria, por certo, com a aprovação dos presentes.

Sendo unanimemente aclamado para presidir os trabalhos do Congresso, o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, a convite do Prof. RAJA GABAGLIA, deixou o seu lugar no plenário para tomar assento na presidência dos trabalhos. Depois de agradecer sua aclamação, o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES deu a palavra ao Eng.º CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário-geral da Comissão Organizadora Central que, indicou sob aclamações dos congressistas o Presidente GETÚLIO VARGAS para presidente de honra, o prefeito HENRIQUE DODSWORTH e o coronel MAGALHÃES BARATA para vice-presidentes de honra; general CÂNDIDO RONDON, ministro BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA, ministro JOÃO SEVERINO DA FONSECA HERMES JÚNIOR, Prof. FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA, comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR e Eng.º ÉDISON PASSOS, para presidentes beneméritos; general EMÍLIO FERNANDES DE SOUSA DOCA, coronel JONAS DE MORAIS CORREIA FILHO e capitão AMÍLCAR DUTRA DE MENEZES, para vice-presidentes beneméritos. Aclamados esses nomes para os cargos indicados, o ministro JOÃO SEVERIANO DA FONSECA HERMES JÚNIOR propôs, ainda mais, sendo igualmente aclamado, o nome do Eng.º CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO.

Passando-se à eleição dos restantes membros da Mesa diretora dos trabalhos do presente certame, o ministro BERNARDINO DE SOUSA pediu a palavra, indicando o almirante RAUL TAVARES, o general JOSÉ ANTÔNIO COELHO NETO e

o almirante JORGE DODSWORTH MARTINS para 1.º, 2.º e 3.º vice-presidentes, respectivamente, e os engenheiros CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, VALDEMAR LEFÈVRE, LAURO DE ANDRADE SAMPAIO e professor MÁRIO DA VEIGA CABRAL, sendo o primeiro desses para secretário-geral e os restantes para 1.º, 2.º e 3.º secretários, na ordem em que estão colocados.

Composta dessa forma a Mesa diretora dos trabalhos, o embaixador MACEDO SOARES declarou que iria receber sugestões sobre a composição das 10 comissões técnicas do Congresso, pedindo aos presentes que indicassem nomes de acordo com as especializações de cada um.

Depois de indicados os nomes dos especialistas para comporem as dez comissões técnicas, o embaixador MACEDO SOARES declarou que iria indicar, oportunamente, os membros da Comissão de Coordenação e Iniciativas, devendo serem membros natos da mesma os presidentes das comissões organizadoras central e local do Congresso.

MESA DIRETORA

Presidente — embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES.

1.º vice-presidente — almirante RAUL TAVARES

2.º vice-presidente — general JOSÉ ANTÔNIO COELHO NETO.

3.º vice-presidente — almirante JORGE DODSWORTH MARTINS.

Secretário-geral — Eng.º CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO.

1.º secretário — Dr. VALDEMAR LEFÈVRE

2.º secretário — Eng.º LAURO DE ANDRADE SAMPAIO.

3.º secretário — Prof. MÁRIO DA VEIGA CABRAL.

Comissão de Coordenação e Iniciativas — Min. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA HERMES, presidente; Min. MURILO MIRANDA BASTO, Prof. JORGE ZARUR e Prof. ORLANDO VALVERDE, secretário.

COMISSÕES TÉCNICAS

1ª Comissão

Presidente — general EMÍLIO FERNANDES DE SOUSA; vice-presidente — coronel FRANCISCO JAGUARIBE GOMES DE MATOS; 1.º secretário — Eng.º VIRGÍLIO CORREIA FILHO; e, 2.º secretário — Dr. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS

2ª Comissão

Presidente — Prof. ALÍRIO HUGUENEY DE MATOS; vice-presidente — comandante ARI DOS SANTOS RANGEL; 1.º secretário — Eng.º BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS; e, 2.º secretário — Eng.º ANTÔNIO BATISTA RIBAS

3ª Comissão

Presidente — Prof. EVERARDO BACHHEUSER; vice-presidente — AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA, 1º secretário — Engº PEDRO MOURA; 2º secretário — Dr. AROLDO CALDEIRA

4ª Comissão

Presidente — Prof. CÂNDIDO MELO LEITÃO; vice-presidente — Prof. FERNANDO DA SILVEIRA, 1º secretário — Dr. JOSÉ LACERDA DE ARAÚJO FEIO; e, 2º secretário — Prof. EMÍDIO DE MELO FILHO

5ª Comissão

Presidente — ministro ORLANDO LEITE RIBEIRO, vice-presidente — Engº MOACIR MALHEIRO FERNANDES DA SILVA; 1º secretário — FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, e, 2º secretário — Prof. FELTE BEZERRA

6ª Comissão

Presidente — Engº HILDEBRANDO DE ARAÚJO GÓIS, vice-presidente — Comandante FELICIANO CÉSAR XAVIER, 1º secretário — Engº INOCÊNCIO BENTES, e, 2º secretário — Prof. JOAQUIM RAMALHO

7ª Comissão

Presidente — Prof. AFONSO MACDOWELL; vice-presidente — Prof. HENRIQUE DE ARAGÃO, 1º secretário — Dr. LUÍS PALMIER; e, 2º secretário — Dr. NÉLSON CORREIA

8ª Comissão

Presidente — Engº DULFE PINHEIRO MACHADO, vice-presidente — Dr. ALVARO ADOLFO DA SILVEIRA, 1º secretário — Dr. GILENO DE CARLI, e 2º Secretário — Engº VÍTOR ANTÔNIO PELUSO JÚNIOR.

9ª Comissão

Presidente — Prof. FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA, vice-presidente — Prof. GERALDO SAMPAIO DE SOUSA; 1º secretário — Prof. LUÍS DE MORAIS RÊGO, e, 2º secretário — Prof. OTACÍLIO ALVES PEREIRA.

10ª Comissão

Presidente — comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR; vice-presidente — Prof. MÁRIO CAMPOS RODRIGUES DE SOUSA, 1º secretário — Dr. JOSÉ BUENO DE OLIVEIRA AZEVEDO FILHO, e, 2º secretário — Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES

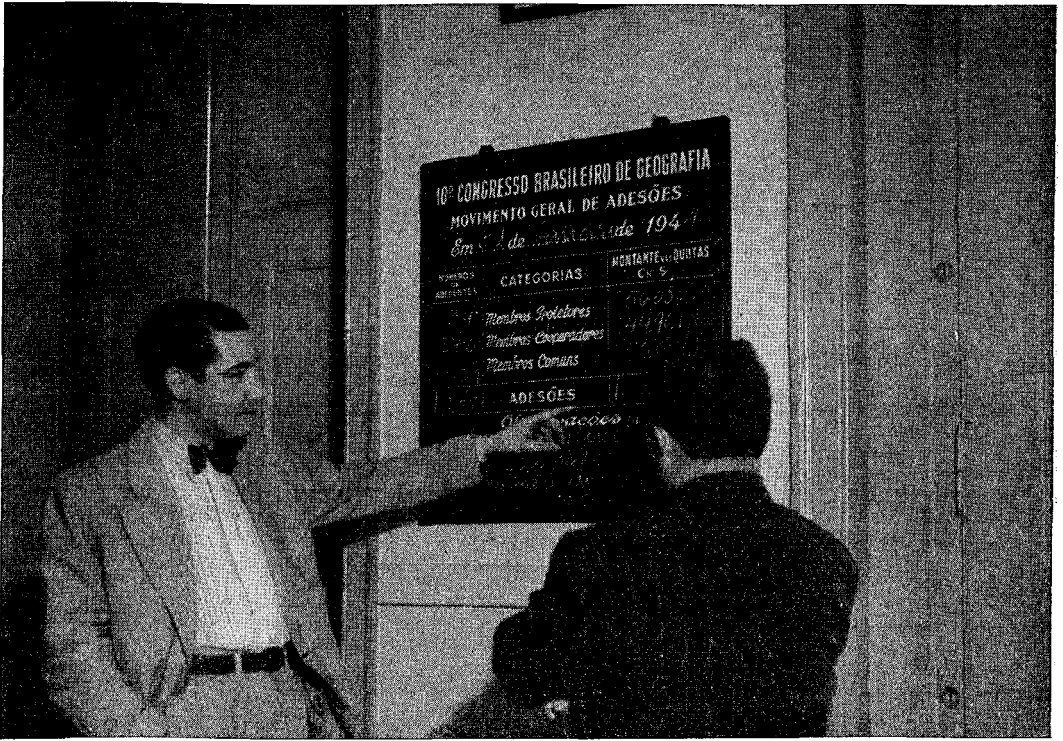
Sessão solene de instalação No Palácio Tiradentes, no dia 7 de setembro, à noite, teve lugar a cerimônia solene de instalação dos trabalhos do X Congresso. O ato contou com a presença de todos os congressistas, altas autoridades civis e militares, intelectuais, professores e técnicos, tendo tomado assento à mesa os Srs. Dr. ALEXANDRE MARCONDES FILHO, ministro do Trabalho e interino da Justiça, que a presidiu; comandante OTÁVIO DE MEDEIROS, representante do Presidente da República, D. JAIME DE BARROS CÂMRA, Arcebispo do Rio-de-Janeiro, capitão AMÍLCAR DUTRA DE MENESES, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda; embaixador MACEDO SOARES, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Prof. RAJA GABAGLIA, reitor do Colégio Pedro II e presidente da Comissão Central Organizadora do X Congresso Brasileiro de Geografia, almirante RAUL TAVARES, coronel MAGALHÃES BARATA, interventor no Estado do Pará, coronel HÉLIO DE MACEDO SOARES E SILVA, secretário da Viação e Obras Públicas do Estado do Rio-de-Janeiro, Prof. MÁRIO DA VEIGA CABRAL, engenheiro CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, engenheiro VALDEMAR LEFÈVRE, ministro ORLANDO LEITE RIBEIRO e Sr. MÁRIO MELO.

Iniciando os trabalhos, falou o embaixador MACEDO SOARES, que passou a presidência da Mesa ao ministro MARCONDES FILHO, o qual declarando instalado o X Congresso de Geografia, proferiu as seguintes palavras:

“Em nome do Exmo. Sr. Presidente da República, tenho a honra de apresentar-vos os votos de boas vindas e declarar instalado o X Congresso Brasileiro de Geografia, que se reúne sob a presidência do Sr. embaixador José Carlos de Macedo Soares, brasileiro ilustre cujo incansável esforço, patriotismo e inteligência tão relevantes serviços têm prestado ao país.

A data escolhida para a sessão inaugural deste certame não podia ser mais significativa, nem mais propícia. Ainda há poucos instantes, falando no estádio do Vasco da Gama, por entre aclamações do povo brasileiro, o presidente GETÚLIO VARGAS assinalava que este aniversário da Independência encontra a Nação no ponto mais alto de sua existência política. Nesse memorável discurso existem algumas considerações que poderiam ser inscritas no pórtico deste Congresso, como um roteiro.

Já não somos uma comunidade semi-colonial — declarou o presidente GETÚLIO VARGAS — preocupada com a exploração de três ou quatro produtos tropicais. Já demos relêvo aos nossos valores produtivos, já iniciamos a exploração das grandes riquezas do sub-



O cônsul MURILO MIRANDA BASTO, secretário da Comissão Organizadora Central do X Congresso Brasileiro de Geografia, mostra a um representante o expressivo número de adesões ao certame

solo, dantes tão louvadas, mas esquecidas e abandonadas

Estas palavras, senhores, indicam a conveniência de incentivarmos, cada vez, mais, o estudo da geografia econômica do Brasil contemporâneo, para abrir caminho à industrialização do país através do estudo do solo e dos seus produtos, e das riquezas que se ocultam no seio da terra, a fim de que nossas fábricas, relativamente aos problemas da matéria prima, se libertem dos mercados estrangeiros e apressem a consolidação da autonomia econômica

Abrem-se, assim, aos geógrafos brasileiros novos e largos horizontes para atividades úteis ao engrandecimento e prosperidade do Brasil, bem como a solução de problemas que se acham inscritos na agenda deste Congresso. Do seu êxito, a garantia nós a temos na cultura, na inteligência, no patriotismo e na dedicação dos senhores Congressistas, que, sobre tal matéria, representam uma elite do Brasil.

Declaro, senhores, aberta a sessão"

A seguir, em nome da Comissão Central Organizadora, falou o professor RAJA GABAGLIA, apresentando as boas vindas aos congressistas.

Finda a oração do professor FERNANDO RAJA GABAGLIA, usou da palavra

o Sr. MÁRIO MELO que, em nome dos congressistas, agradeceu à saudação.

Antes de ser encerrada a sessão, foi feita, pelo Sr. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário-geral do X Congresso Brasileiro de Geografia, a leitura da relação geral das declarações e representações ao certame

Dando por encerrada a sessão de instalação do Congresso, o ministro MARCONDES FILHO pronunciou as seguintes palavras:

"Congratulando-me com os senhores congressistas, pelo extraordinário brilho desta sessão inaugural, em que se fizeram ouvir dois magníficos discursos, que tanto enriqueceram o nosso espírito.

Agradecendo, ainda, a honrosa presença do Sr. Arcebispo Metropolitano, e reconhecendo estar finda a matéria da ordem do dia, declaro encerrada esta sessão solene"

Reunião conjunta das Comissões Técnicas

Na sede do Instituto Histórico e Geográfico, realizou-se, na ma-

nhã do dia 8 de setembro, a sessão conjunta das dez Comissões Técnicas do Congresso, sob a presidência do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES que, dando começo aos trabalhos, em observância ao programa, designou os membros da Comissão de Coordenação

e Iniciativas, cuja função foi a de coordenar os trabalhos das 10 comissões técnicas e de tomar as iniciativas necessárias ao bom andamento e desenvolvimento dos trabalhos afetos às mesmas

Convidando o Sr ministro SEVERIANO DA FONSECA HERMES JÚNIOR para ocupar o cargo de presidente da Comissão de Coordenação e Iniciativas, o Sr embaixador MACEDO SOARES proclamou a seguir os nomes dos restantes membros dessa comissão, passando a presidência da sessão ao ministro FONSECA HERMES JÚNIOR. Este começou por prestar esclarecimentos acerca das tarefas atribuídas à comissão. A propósito do assunto o secretário-geral do Congresso, Eng^o LEITE DE CASTRO, esclareceu que tal comissão constituía uma inovação na norma dos trabalhos até aqui observada pelos congressos brasileiros de Geografia. Foi concedida após, sucessivamente, a palavra aos presidentes das comissões técnicas, que passaram a relatar os nomes componentes das mesmas, conforme está publicado noutro local.

Sessões plenárias Realizaram-se, nos dias 11, 13 e 15 de setembro, as três sessões plenárias programadas. Nessas reuniões foram dis-

cutidos os assuntos constantes da Ordem do Dia, previamente elaborada, tendo o Congresso tomado conhecimento de várias comunicações, bem como da apresentação das moções, indicações e recomendações de que os *Anais* darão notícia oportunamente.

A primeira reunião compareceu o Eng^o ROBERT H. RANDALL, chefe da delegação dos Estados Unidos à II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, sendo homenageado com o convite para tomar assento à Mesa diretora dos trabalhos. Saudado pelo Eng^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, o homenageado agradeceu.

A terceira sessão foi honrada com a presença de dois ministros de Estado — o general EURICO GASPAR DUTRA, titular da pasta da Guerra e ministro GUSTAVO CAPANEMA, titular do Ministério da Educação e Saúde. Comunicando oficialmente a presença do ministro EURICO GASPAR DUTRA, o primeiro a visitar o Congresso, o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES disse da honra dos presentes em ser distinguido com a presença, no certame, do ilustre cidadão e militar, designado, após, o Eng^o VIRGÍLIO CORREIA FILHO para, em nome dos congressistas, saudar o visitante. Depois de demorar cerca de uma



Durante a visita que o Sr GUSTAVO CAPANEMA, ministro da Educação e Saúde realizou ao Congresso foi tomada a foto acima, focalizando Sua Excelência discursando em agradecimento à saudação que lhe foi feita pelo Sr JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MENEZES, em nome dos congressistas

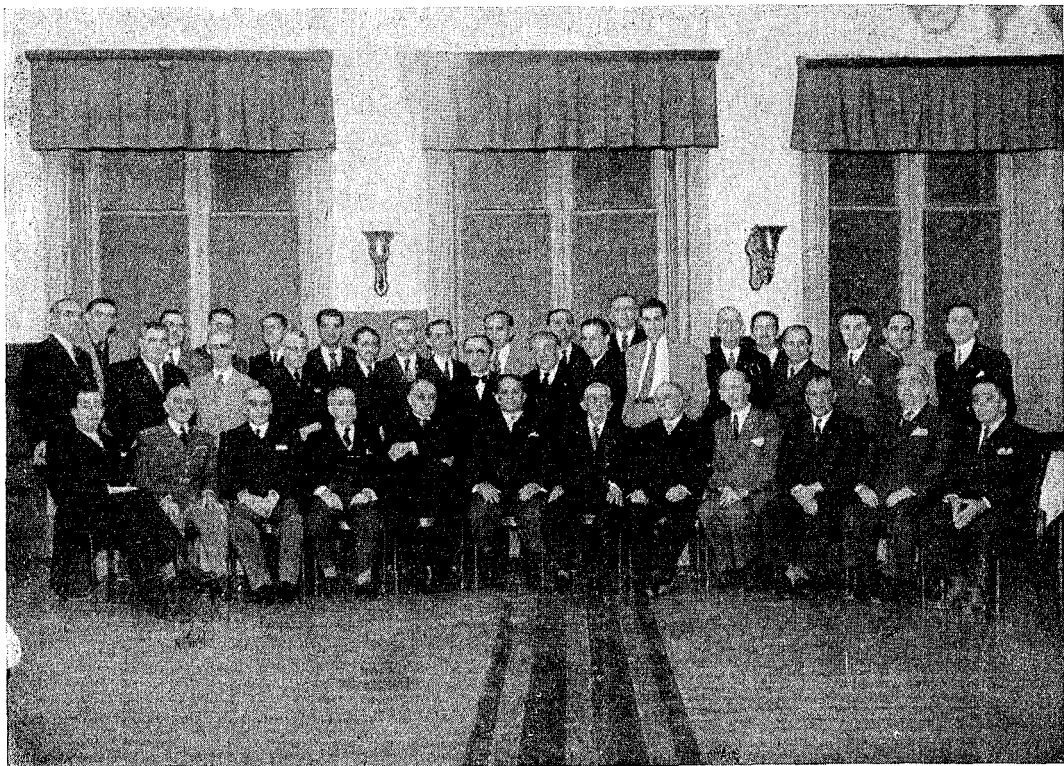
hora, assistindo os debates suscitados no certame, o general EURICO GASPAR DUTRA retirou-se, tendo agradecido a homenagem de que foi alvo.

Proclamando o prazer dos congressistas em receber a visita do ministro GUSTAVO CAPANEMA, o embaixador MACEDO SOARES declarou que ia dar a palavra ao Dr JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MENESES, tendo êste, em nome dos presentes, saudado o ilustre visitante. Agradecendo, o ministro GUSTAVO CAPANEMA, em longo improviso, falou sobre a moderna metodologia do ensino

grafia, tendo por deliberação unânime ficado resolvido que o próximo certame da mesma série se reúna em Belém, capital do Estado do Pará.

Sessão solene de encerramento No auditório do Ministério da Educação, com a presença de altas autoridades civis e militares e altas personalidades e congressistas, realizou-se a sessão solene de encerramento do Congresso.

A sessão foi presidida pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES



Após a realização do banquete oferecido pelo Sr embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES aos congressistas, na sala de festas do Automóvel Clube, foi tomada a fotografia acima, na qual figuram todos os membros do Congresso que compareceram àquela solenidade

da geografia, detalhando as diretrizes do Ministério de que é titular, no tocante ao ensino dessa matéria. Comunicou as providências em elaboração, entre as quais a confecção do novo programa secundário, adiantando que no curso superior seriam separados o Curso de História do de Geografia.

Além das três sessões plenárias programadas, realizou-se, no dia 16 mais uma sessão extraordinária. Nessa sessão foram dados a conhecer os pareceres elaborados pela Comissão de Coordenação e Iniciativa, para a necessária deliberação do plenário.

Outro assunto tratado nessa última reunião foi o referente à sede do futuro XI Congresso Brasileiro de Geo-

Tomaram assento à mesa, além dos membros das comissões diretoras do certame, o capitão BRUNO RIBEIRO, representante do Sr. Presidente da República, o qual ocupou a Presidência de Honra, ministro ORLANDO LEITE RIBEIRO, representante do Sr. ministro das Relações Exteriores, coronel JAGUARIBE DE MATOS, representante do Sr. ministro da Guerra; e coronel MAGALHÃES BARATA, interventor federal no Estado do Pará.

Falaram os Srs. coronel MAGALHÃES BARATA, Dr. COLEMAR NATAL E SILVA e almirante JORGE DODSWORTH MARTINS, o primeiro agradecendo a escolha da cidade de Belém para sede do XI Congresso; o segundo para apresentar des-

pedidas em nome dos delegados e o último para, em nome dos organizadores do certame, agradecer a colaboração dos técnicos que tomaram parte no mesmo

Encerrada a sessão, falou o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, ressaltando os excelentes resultados obtidos com a realização do certame, agradecendo, por fim, o comparecimento das altas autoridades presentes

Série de conferências geográficas

Iniciando a série de conferências programadas, o professor JORGE ZARUR, no dia 8 de setembro fez uma conferência no auditório do Ministério da Educação, na qual abordou o tema: "A Geografia — uma ciência moderna a serviço do homem", tendo mostrado um filme O conferencista foi apresentado pelo Eng.^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO

No dia 11 do mesmo mês o professor SÍLVIO FRÓIS ABREU realizou, no próprio recinto onde se efetuaram as reuniões do Congresso, uma conferência focalizando os aspectos mais característicos do Nordeste

Nesse mesmo dia, à noite, o Prof. JAIME CORTESÃO, no auditório do Ministério da Educação, abordou, em conferência, o tema "A cartografia antiga e os fundamentos pré-históricos da nação brasileira". Durante a sua conferência o Prof. JAIME CORTESÃO exibiu 16 mapas da cartografia antiga do Brasil, especialmente confeccionados para aquele fim.

Logo depois da sessão plenária realizada a 13 daquele mês, pronunciou uma conferência sobre a "Amazônia brasileira", o Sr. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, tendo abordado flagrantes da formação e da atualidade daquela região.

A noite ainda desse dia, no auditório do Ministério da Educação, debatendo o tema "Rio-de-Janeiro, cidade *sui generis*", o Prof. EVERARDO BACKHEUSER realizou uma conferência, sendo apresentada ao auditório pelo Prof. MAURÍCIO JOPPERT DA SILVA

Durante a excursão que os congressistas levaram a efeito à Baixada Fluminense, o Prof. ALBERTO RIBEIRO LAMEGO fez uma erudita e interessante preleção relativa à região visitada.

Encerrando tão importante série cultural o comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR, no Auditório do Ministério da Educação fez uma conferência sobre a região amazônica, sendo apresentado pelo ministro ORLANDO LEITE RIBEIRO

Exposições de Cartografia, de Oceanografia e de Didática da Geografia

Como parte integrante do Congresso, estiveram abertas aos estudiosos em geral, instaladas em locais diferentes, três exposições científicas e culturais, que conseguiram despertar vivo interesse de quantos técnicos especialistas que as visitaram

O primeiro desses certames a ser inaugurado foi a Exposição de Cartografia Brasileira, que ocupou todo o vasto 21.^o pavimento do Edifício Serenador

A abertura solene da Exposição efetuou-se na tarde de 9 de setembro, depois da realização do coquetel oferecido no terraço daquele prédio aos congressistas pelas comissões organizadoras do Congresso

Iniciando a solenidade presidida pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, falou o Eng.^o BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS que fez o discurso oficial. Passando-se ao ato inaugural, o embaixador MACEDO SOARES falou sobre a importância e oportunidade da Exposição que ia ser aberta ao público, dizendo que a fita simbólica que vedava a entrada da mesma, devia ser cortada por quem já estava integrado na História e na Geografia do Brasil, no seu campo mais árduo qual o da demarcação das fronteiras nacionais convidando, por isso, o comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR, considerando após, inaugurado o certame

A Exposição Cartográfica Brasileira, para a qual concorreram todas as entidades geográficas dos Estados, dos Territórios Federais e das instituições públicas e particulares, constou de 18 *stands* adequadamente dispostos. Além de copioso material cartográfico, relativo a todas as regiões, figuraram, em foto montagem, painéis com aspectos regionais das grandes regiões brasileiras, bem como amostras de produtos econômicos e outros elementos de natureza geográfica

Exposição de Didática da Geografia

Pela manhã do dia 12 de setembro, foi solenemente inaugurada, em um dos salões do Instituto de Educação da Prefeitura Municipal, a Exposição de Didática da Geografia, organizada pelo Prof. GERALDO SAMPAIO DE SOUSA, sob o alto patrocínio dos Srs. Dr. HENRIQUE DODSWORTH e coronel JONAS CORREIA, respectivamente, prefeito do Distrito Federal e secretário-geral da Educação e Cultura da Municipalidade. Falou no ato inaugural o Dr. NESTOR LIMA, tendo, após, o prefeito HENRIQUE DODSWORTH cortado a fita simbólica, dando como inaugurado o certame, que passou a ser percorrido pelos presentes

O certame, que constituiu uma contribuição da Secretaria Geral de Educação e Cultura, da Prefeitura do Distrito-Federal, foi grandemente visitado, durante o Congresso, sobretudo por professores de geografia.

A Secção Didática teve como objetivo apresentar aos professores de Geografia os elementos necessários à realização dos diversos cursos da referida matéria, assim como também, mostrar exemplares de mapas, cartas e livros de utilidade para o magistério e constituiu de quatro subsecções:

a) Livros didáticos; b) Mapas, Atlas e Cartas geográficas; c) Instrumentos e modelos geográficos, d) Trabalhos realizados pelos alunos

Exposição de Oceanografia

Com a presença dos Srs ministro ARISTIDES GUILHEM, titular da pasta da Marinha, embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do Congresso, autoridades e congressistas, inaugurou-se, à tarde do dia 12 de setembro, a Exposição de Oceanografia, instalada num dos salões do Colégio Pedro II, (Externato) e organizada pelo comandante ARMANDO PINA. Depois de, a convite do Prof F. A. RAJA GABAGLIA, percorrerem as dependências do Colégio, padrão do ensino secundário, os congressistas reuniram-se na sala da diretoria do Colégio Pedro II.

Convidado pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, o almirante ARISTIDES GUILHEM cortou a fita simbólica que vedava a entrada do certame, falando na ocasião o Prof JOÃO CAPISTRANO RAJA GABAGLIA que, como orador oficial, discorreu sobre a solenidade, após, o almirante ARISTIDES GUILHEM enalteceu a iniciativa, congratulando-se, por fim, com os organizadores do Congresso.

A Exposição, que foi a primeira da América do Sul, reuniu uma parte do material oceanográfico, hidrográfico, da fauna e da flora aquáticas, bem como aparelhos e instrumentos de meteorologia, de pesca e trabalhos de estudos de biologia e bacteriologia das águas, pertencentes ao Instituto Osvaldo Cruz.

Também foi exposta uma coleção de cartas batimétricas e hidrográficas levantadas pela Marinha de Guerra do Brasil e outro conjunto de cartas oceanográficas completas organizadas e levadas a efeito pelo governo francês para o serviço de pesca local.

Figuraram na Exposição, além de grande cópia de material especializado, dois projetos de aquário e uma carta com o assinalamento do provável planalto continental do Brasil e da linha de cem milhas de mar territorial necessário a cobrir completamente todo esse

planalto, campo natural de pastagem e cultura dos nossos peixes.

Visita ao chefe do Governo

No dia 8 de setembro, os congressistas foram, incorporados, ao Palácio do Catete, em visita ao presidente GETÚLIO VARGAS. Recebidos no Salão Amarelo da Casa de Despachos do Governo, pelos altos funcionários da Presidência, momentos depois deu entrada no recinto o presidente GETÚLIO VARGAS, sendo entregue a Sua Excelência o diploma de presidente de honra e o distintivo do X Congresso. Como orador oficial da solenidade, discursou o Prof. RAJA GABAGLIA. Respondendo à saudação feita, o presidente GETÚLIO VARGAS agradeceu a homenagem, formulando votos para que o certame atingisse as suas finalidades.

Visita ao Instituto de Educação do Distrito-Federal

Os participantes do certame, conforme estabelecia o programa, estiveram, às 9 horas do dia 12 de setembro, no Instituto de Educação, da Prefeitura do Distrito Federal, sendo ali recebidos pelos Dr. HENRIQUE DODSWORTH, coronel JONAS CORREIA, Frofs VEIGA CABRAL e LEONEL GONZAGA.

No auditório daquele Instituto realizou-se uma sessão, presidida pelo governador da cidade, na qual tomaram parte, além dos visitantes, professores e alunos do Instituto, tendo saudado os congressistas o Prof. VEIGA CABRAL. Em agradecimento falou o Dr. NESTOR LIMA.

Excursão à Baixada Fluminense

Os delegados ao Congresso dedicaram o dia 14 de setembro para uma excursão à Baixada Fluminense, durante a qual tiveram a oportunidade de apreciar os trabalhos de saneamento e de aproveitamento daquela região. Tomaram parte na excursão, além dos congressistas acompanhados pelo Sr. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, o Eng.º HILDEBRANDO DE ARAÚJO GÓIS, diretor do Departamento Nacional de Obras e Saneamento e demais técnicos dessa instituição.

As 8 horas da manhã deixaram a cidade os ônibus especiais, computando mais de 150 delegados, rumo às terras fluminenses, hoje, em grande parte, adquiridas e completamente incorporadas à produção nacional.

Junto às obras do canal de Sarapuí realizou-se a primeira parada, explicando o diretor do D. N. O. S., com absoluta precisão de detalhes, o difícil problema de saneamento de um terreno situado, às vezes, quase meio metro abaixo do nível do mar.

Falou, inicialmente, o Eng.º HILDEBRANDO DE ARAÚJO GÓIS para explicar



Aspecto tomado por ocasião do ato inaugural da Exposição de Cartografia que funcionou durante a realização do X Congresso Brasileiro de Geografia, vendo-se o Sr embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, fazendo o discurso franqueando aquele certame ao público

as dificuldades ali encontradas com a escavação para construção de canais, referindo-se as variações do nível durante as cheias e a função das bombas ali colocadas Detalhou, também, os trabalhos executados pelo D N O S em Goitacás, Araruama, na Guanabara e em Sepetiba.

Adiantou o Eng^o HILDEBRANDO GÓIS que, até à data de 31 de julho do corrente ano, foi executada a construção de pontes de natureza diversa, num total de 45, com cerca de 4 524,85 metros

Em Iguaçu, os visitantes puderam observar, em funcionamento, uma das chamadas bombas *Murphy Diesel*, dissertando nessa ocasião o Sr HILDEBRANDO GÓIS sobre a formação geológica da Baixada, tôda dos períodos terciário e quaternário, justificando a salubridade pela constituição preponderante no terreno do feldspato, mica e quartzo

As 12 horas, na "Cidade das Meninas" realizou-se o almoço oferecido aos excursionistas, que decorreu num franco ambiente de alegria. Em nome dos congressistas falou o desembargador HENRIQUE DA SILVA FONTES.

Findo o almoço, após as palavras do diretor do D. N. O. S., referindo-se aos trabalhos do Congresso de Geografia, fez uma bem fundamentada prele-

ção sobre a Baixada, o Prof Dr ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

Subordinando a sua palestra a dois trechos, o "grande sistema de falhas" e "dessecamento e ampliação da Baixada", o Sr ALBERTO RIBEIRO LAMEGO subdividiu-a em vários temas, falando sobre a grande escarpa da serra do Mar, e erosão quanto aos trabalhos dos rios e à erosão, trabalho do mar.

Os congressistas visitam o prefeito Henrique Dodsworth

Os membros do certame, no dia 8 de setembro, à tarde, tendo à frente o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, estiveram no Palácio da Prefeitura Municipal, em visita ao prefeito HENRIQUE DODSWORTH. Saudou o governador da cidade o Eng.^o CÍCERO DE MORAIS, tendo o prefeito DODSWORTH agradecido.

Jantar oferecido aos congressistas pelo embaixador J. C. de Macedo Soares

No salão de banquetes do Automóvel Clube do Brasil, o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES ofereceu, na noite de 9 de setembro, aos congressistas um jantar, no qual além dos participantes do certame, tomaram parte altas autoridades da administra-

ção civil e das classes militares, tendo falado, em primeiro lugar, o embaixador MACEDO SOARES que, acentuando o alto significado da fraternal reunião, disse da satisfação que sentia em ver congregada ali a comunhão geográfica pátria, terminando por saudar os presentes em nome do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em nome dos congressistas falou o Dr. NESTOR LIMA, do Rio-Grande-do-Norte, que agradeceu a homenagem.

Os congressistas em visita ao Conselho Nacional de Geografia

O Conselho Nacional de Geografia recebeu, oficialmente, a 9 de setembro, pela manhã, a visita dos participantes do certame. Recebidos pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES e Eng.^o LEITE DE CASTRO, respectivamente, presidente e secretário-geral desse órgão, foram aos visitantes franqueadas as dependências da instituição, bem como da sua repartição executiva central, o Serviço de Geografia e Cartografia.

Antes da realização da visita, o Eng.^o LEITE DE CASTRO falou, no gabinete da diretoria, aos congressistas, fazendo uma preleção sobre o desenvolvimento da geografia no Brasil.

Depois dessa palestra os visitantes percorreram as dependências do Conselho, demorando-se, particularmente na Seção da Carta Geral do Brasil ao milionésimo.

Almôço oferecido pelo prefeito do Distrito-Federal

No restaurante da Prefeitura Municipal, situado na Praia Vermelha, realizou-se, a 17 de setembro, o almôço que o Sr. HENRIQUE DODSWORTH, prefeito do Distrito-Federal, ofereceu aos congressistas. Oferecendo o ágape, falou o Sr. HENRIQUE DODSWORTH, tendo o Prof. NÉLSON DE SENA agradecido em nome dos homenageados.

Passeio pela cidade — Visita à Fortaleza de Santa Cruz e ao marco inicial da cidade

Os congressistas realizaram, no dia 18 de setembro, um longo e interessante passeio pela cidade, visitando os pontos mais pitorescos por seus aspectos geográficos e paisagísticos.

Durante esse passeio, estiveram em visita à Fortaleza de Santa Cruz, a convite do ministro EURICO GASPAR DUTRA, titular da pasta da Guerra. Recebidos ali pelo coronel AFONSO DE CARVALHO, foram os visitantes saudados por esse oficial, tendo agradecido em nome dos congressistas o general AZEVEDO CASTRO.

Após essa visita, os participantes do certame foram visitar o marco inicial da cidade, que se situa perto do morro Cara-de-Cão.

Visita ao Serviço de Documentação do Itamarati

Realizou-se, na tarde de 12 de setembro, a visita programada, ao Palácio Itamarati, especialmente ao seu Serviço de Documentação. Recebidos pelo embaixador PEDRO LEÃO VELOSO, titular interino da pasta das Relações Exteriores, depois de breve permanência no gabinete ministerial, os participantes do Congresso foram ao Serviço de Documentação, onde eram aguardados pelo Dr. JORGE LATOUR, chefe do mesmo Serviço, sendo-lhes, então, exibidos os documentos, bem como os mapas pertencentes àquele Ministério. Além dessa documentação, foram apresentados aos visitantes os livros mais raros da biblioteca, os quais constituem verdadeiras preciosidades bibliográficas. O Dr. JORGE LATOUR fez minuciosa e erudita exposição explicativa acerca da documentação exibida.

Interpretando o sentir dos congressistas, falou o coronel JAGUARIBE DE MATOS, tendo o Dr. JORGE LATOUR agradecido as referências feitas à excelência do trabalho que ali vem se realizando sob a sua chefia.

Missa votiva

Celebrada pelo Sr. Arcebispo Metropolitano, realizou-se, a 10 de setembro, na Catedral Metropolitana, uma missa votiva pelo êxito do certame, com o comparecimento de todos os componentes.

Missa solene e almôço no Mosteiro de São Bento

Perante numerosos congressistas realizou-se, pela manhã do dia 17 de setembro, uma missa em ação de graças, por iniciativa de D. ALCUINO MEYER e por ele próprio oferecida.

Finda a celebração da missa os congressistas, a convite de D. TOMÁS KELLER, abade dos beneditinos, visitaram o convento, e, após, almoçaram.

Homenagem ao Cel. Magalhães Barata, chefe da delegação paraense

No auditório do Ministério da Educação realizou-se a solenidade de homenagem ao coronel MAGALHÃES BARATA, interventor federal no Estado do Pará e chefe da delegação paraense ao certame.

A solenidade foi presidida pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES. Fez o discurso oficial o ministro JOÃO SEVERIANO DA FONSECA HERMES, tendo agradecido o coronel MAGALHÃES BARATA.

Inauguração da placa comemorativa do Congresso na sede do Instituto Histórico e Geográfico

Geográfico Brasileiro, a solenidade da inauguração de uma placa comemorativa da realização do X Congresso

A solenidade foi presidida pelo professor RAJA GABAGLIA, presidente da comissão Organizadora Central daquele certame, o qual, reunidos na sala de acesso à sede do importante sodalício todos os componentes, acentuou o cunho comemorativo de cerimônia, enaltecendo o acolhimento dispensado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que bem era a "Casa do Brasil", falando depois sobre a personalidade do Sr embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, a quem o Congresso devia, em primeiro lugar, o brilhantismo de que se revestiu Aquela solenidade, disse o professor RAJA GABAGLIA, bem traduzia os agradecimentos da Comissão Organizadora Central, pelo acolhimento dispensado pelo presidente perpétuo do Instituto, o preclaro brasileiro, embaixador MACEDO SOARES

Foi dada, após, a palavra ao Dr M A TEIXEIRA DE FREITAS, para, em

A tarde do dia 16 de setembro realizou-se, na sala da Portaria do Instituto Histórico e

nome da Comissão, fazer o discurso inaugural da placa, sendo esta oficialmente inaugurada, tendo descerrado a bandeira brasileira, que a cobria, a Prof^a MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO

Em nome do Instituto Histórico e Geográfico falou, agradecendo a homenagem, o escritor Sr GUSTAVO BARROSO

Comissão dos Anais do Congresso

O Prof. FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA, presi-

dente da Comissão Organizadora do certame, de acordo com o Regulamento, designou os Srs ministro João SEVERIANO DA FONSECA HERMES JÚNIOR, Eng^o CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, cônsul MURILO DE MIRANDA BASTO e Dr CARLOS DOMINGUES, para constituírem a comissão que, sob a sua direção, se encarregará da elaboração dos "Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia".

Teses premiadas

Reunidos na tarde do dia 19 de setembro, na Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, os presidentes das dez comissões técnicas do Congresso, deliberaram sobre a concessão dos prêmios aos autores das teses mais importantes.



A foto acima foi tomada durante a visita que o ministro da Guerra EURICO GASPAR DUTRA fez ao X Congresso Brasileiro de Geografia, vendo-se Sua Excelência na mesa que presidiu os trabalhos, ao lado do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do certame

Depois de demorado exame das dez contribuições que mereceram louvores do certame, a comissão resolveu conferir ao Eng^o ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, autor da monografia *O Homem e a Restinga*, o "Prêmio José Boiteux" (medalha de ouro) e medalhas de prata aos Srs Eng^o VÍTOR ANTÔNIO PELUSO JÚNIOR, Dr SAMUEL BENCHIMOL e Prof. JAIME CORTESÃO, respectivamente, autores das teses *Lajes, a rainha da Serra*, *O cearense na Amazônia* (inquérito antropeo-geográfico sobre o tipo de imigrante), e *A Cartografia e os fundamentos prehistóricos da Nação Brasileira*.

Também a comissão resolveu premiar com medalhas de bronze os seguintes congressistas, dentre os que enviaram trabalhos ao Congresso Srs Dr BOLÍVAR BORDALO DA SILVA e ARMANDO BORDALO DA SILVA, autores da tese *A Costa Oriental do Pará*, Prof AGNELO BITENCOURT, autor da tese *Perfil do*

Homem da Amazônia, Prof. CARLOS MARIE CANTÃO autor da contribuição *Programa-tipo de excursões geográficas para fins didáticos*, ministro João SEVERIANO DA FONSECA HERMES JÚNIOR, autor da memória *O Rio Javari — Uma carta geral, aspecto físico e expedições demarcadoras* e Dr. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, autor da tese *Sertanistas, Missionários e Demarcadores da Revelação Geográfica da Amazônia*.

Essas resoluções da Comissão designada para conferir tais prêmios foram dadas a conhecer na sessão solene comemorativa do 61^o aniversário da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro. Assinaram o parecer geral os Srs general EMÍLIO FERNANDES DE SOUSA DOCCA, ministro ORLANDO LEITE RIBEIRO, Prof^o FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA, Eng^o HILDEBRANDO DE ARAÚJO GÓIS, comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR e Prof. ALÍRIO DE MATOS.